



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO
CARLOS CENTRO DE EDUCAÇÃO E
CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LITERATURA

Livraria “independente” na era digital:

Um estudo de caso da Barsa Livros como rugosidade

Thiago Barsalobres Bottaro

São Carlos

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO
CARLOS - CENTRO DE EDUCAÇÃO E
CIÊNCIAS HUMANAS -
DEPARTAMENTO DE LETRAS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LITERATURA

Livraria “independente” na era digital:

Um estudo de caso da Barsa Livros como rugosidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos, como requisito obrigatório para obtenção do título de mestre em Estudos de Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado

São Carlos

2025

Bottaro, Thiago Barsalobres

Livraria “independente” na era digital: Um estudo de caso da Barsa Livros como rugosidade / Thiago Barsalobres Bottaro -- 2025.
162f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Luciana Salazar Salgado
Banca Examinadora: Rejane Cristina Rocha, José de Souza Muniz Jr.
Bibliografia

1. Rugosidade. 2. Livraria independente. 3. Espaço banal. I. Bottaro, Thiago Barsalobres. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Thiago Barsalobres Bottaro, realizada em 06/10/2025.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar)

Profa. Dra. Rejane Cristina Rocha (UFSCar)

Prof. Dr. José de Souza Muniz Júnior (CEFET-MG)



Documento assinado digitalmente
LUCIANA SALAZAR SALGADO
Data: 13/01/2026 10:39:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Às cabeças interessadas.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit) – UFSCar, à coordenação deste curso, estendendo à pessoa da Profa. Dra. Carla Alexandra Ferreira, sempre um exemplo de luta e disponibilidade em favor dos discentes.

À minha orientadora Luciana Salazar Salgado, pela paciência, compreensão e disposição frente às dificuldades encontradas durante meu período do curso de mestrado, mas principalmente pelo conhecimento compartilhado e ideias proporcionadas.

Ao corpo docente do programa, que apresentou temas atuais e relevantes sob uma didática e interesse pelo ensino de qualidade visível. Aos colegas de curso, pelas trocas; em especial à Júlia Martins Ferreira, que apontou a luz do norte no momento de maior dificuldade desta caminhada.

Ao grupo de pesquisa Comunica, pelo suporte e fonte mais rápida de informações essenciais para minha pesquisa.

À banca composta pela Profa. Dra. Rejane Cristina Rocha e pelo Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr., pela seriedade da leitura e crítica realizada no processo de defesa e qualificação, assim como pela vontade e visão de fazer com que esta pesquisa conquistasse de fato uma contribuição ao campo da literatura.

Rosângela, Pedro, Bruna, Carla, Laura, Lucas e toda família estendida: agradeço-lhes pela referência. À Lina, pelo exemplo de vontade e dedicação, assim como pela parceria.

Às amigas até aonde os agradecimentos podem chegar.

Em memória dos memoráveis, em especial ao Jorge. Salve, Jorge!

E de bucho mais cheio comecei a pensar
Que eu me organizando posso desorganizar
Que eu desorganizando posso me organizar
Que eu me organizando posso desorganizar.

(Chico Science & Nação Zumbi: Da Lama ao Caos. 1994)

Livraria “independente” na era digital:

Um estudo de caso da Barsa Livros como rugosidade

Dissertação vinculada à Linha de Pesquisa 2: Literatura, linguagens e meios, do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura – Mestrado – da Universidade Federal de São Carlos (PPGLIT/CECH - UFSCar)

Resumo: para formular sua hipótese basilar, esta pesquisa parte da seguinte pergunta: a Barsa Livros, livraria independente, apresenta-se como elemento de rugosidade dentro das dinâmicas de relações verticais e horizontais da organização social? A Barsa Livros é uma livraria independente de Ribeirão Preto/SP. Iniciou suas atividades em 2020, sendo criada e posta em funcionamento de forma digital e sob um sistema de vendas baseado em encomendas. Em seu desenvolvimento, passou a atuar de forma híbrida: lidando com livros impressos e montagem de acervo; com participação em feiras realizadas em espaços culturais diversos; e, posteriormente, também com espaço físico e fixo, onde hoje se dão suas atividades e onde se encontra a totalidade de seu acervo. Através de um estudo de caso, proporemos uma análise do mercado editorial – notadamente o setor livreiro – em sua particularidade histórica atual, com a presença da digitalidade e o poder exercido pelo uso da informação, vistos no quadro empírico de John B. Thompson (2021) e através da teoria dos campos, de Bourdieu (2018), para assim definir o campo editorial e livreiro e posicionar a livraria estudada dentro deste. Além disso, à luz da tese de José De Souza Muniz Júnior (2016), estudaremos a posição de “independente” dentro deste campo editorial, assim como a polissemia do termo e suas características possíveis a fim de entendermos a possibilidade de a Barsa Livros se apresentar como uma livraria independente nesse campo. Posteriormente, via teoria geográfica de Milton Santos (2023), serão analisadas as dinâmicas das verticalidades e horizontalidades que compõem o espaço banal, com o propósito de verificar se a Barsa Livros se apresenta como um elemento de rugosidade nesse. Por fim, testaremos a hipótese de que esta livraria funciona como *médium* e materializa tal rugosidade no espaço através da metodologia da organização materializada e da matéria organizada (OM/MO) vistas em Régis Debray (2000), ademais de analisar o acervo da livraria como tecnema: técnica que o faz apontar para organizações reticulares e/ou contíguas, bem como, em seu duplo-corpo, relacionar-se com sensibilidades hegemônicas e/ou populares (Santos, 2022).

Palavras-chave: rugosidade, livraria independente, espaço banal, técnicas, globalização.

ABSTRACT

In order to formulate its basic hypothesis, this research starts from the following question: does Barsa Livros, an independent bookstore, present itself as an element of friction [rugosidade] within the dynamics of vertical and horizontal relationships of the social organization? Barsa Livros is an independent bookstore in Ribeirão Preto, state of São Paulo, Brazil. It began its activities in 2020, initially operating digitally and with a sales system based on orders. As it developed, it adopted a hybrid approach: dealing with printed books and building its inventory; participating in fairs held in various cultural spaces; and, subsequently, also establishing a physical location, where its activities now take place and where its entire collection is housed. Through a case study, we propose to analyze the publishing market – notably the bookselling sector – in its current historical particularity, with the presence of digital technology and the power exerted by the use of information, presented within the empirical framework of John B. Thompson (2021) and through Bourdieu's (2018) field theory, in order to define the publishing and bookselling field and position the studied bookstore within it. Furthermore, in light of José De Souza Muniz Júnior's thesis (2016), we will study the position of "independent" within this publishing field, as well as the polysemy of the term and its possible characteristics in order to understand the possibility of Barsa Livros presenting itself as an independent bookstore in this field. Subsequently, using Milton Santos' geographical theory (2023), the dynamics of verticalities and horizontalities that compose the banal space will be analyzed in order to verify whether Barsa Livros presents itself as an element of friction within it. Finally, we will test the hypothesis that this bookstore functions as a medium and materializes this friction in space through the methodology of materialized organization and organized matter (OM/MO) as seen in Régis Debray (2000), in addition to analyzing the bookstore's collection as a technema: a technique that makes it point to reticular and/or contiguous organizations, as well as, in its double-body, relate to hegemonic and/or popular sensibilities (Santos, 2022).

Palavras-chave: friction [rugosidade], independent bookstores, vulgar space, technics, globalization.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1- Manifesto "Em Defesa do Livro"	23
Imagem 2- Mapa das livrarias de Ribeirão Preto.....	54
Imagem 3- Crédito (capital indireto) disponibilizado à Barsa Livros pela Distribuidora Catavento	66
Imagem 4- Mapa de consignação da Barsa Livros com a Distribuidora Catavento.....	67
Imagem 5- Estande da Barsa Livros na festa da ATARI DJ's no Antro.....	69
Imagem 6 - Banner Barsa Livros.....	71
Imagem 7- Banca com o zine "Defenda o Sesc"	72
Imagem 8- Estande Barsa Livros no Cursinho Popular CAPQuintino 2.....	72
Imagem 9- Custo para participação na FIL.....	73
Imagem 10- Carrinho da Barsa Livros na FIL.....	75
Imagem 11- Carrinho da Barsa Livros no relógio da Praça XV.....	76
Imagem 12- Banca da Livraria Travessa na FIL 2023.....	78
Imagem 13- "Quantidade ou diversidade?".....	78
Imagem 14- Diversidade presente na banca da Barsa Livros.....	79
Imagem 15- BSJ às 11:53h somente com as bancas da Barsa Livros e Livraria Levante.....	81
Imagem 16- Banca da Livraria Travessa 1 minuto após o início do evento.....	81
Imagem 17- Editoras mais pedidas pela Barsa Livros na Distribuidora Catavento.....	104
Imagem 18- Foto do sistema de pedido didáticos da Barsa Livros.....	107
Imagem 19- Foto do sistema de vendas da livraria.....	108

Sumário

Introdução.....	12
1. A Barsa Livros no campo editorial.....	21
1.1 Teoria dos campos.....	21
.....	33
1.2 O campo editorial.....	34
1.3 Livraria independente online.....	53
1.4 Trabalho com livros impressos.....	63
1.5 Feiras criativas e Feira Internacional do Livro de Ribeirão Preto.....	67
1.6 Espaço físico.....	82
1.7 Posição atual no campo.....	86
2. A Barsa Livros como rugosidade no espaço banal.....	88
2.1 Espaço banal.....	94
2.2 Verticalidades e horizontalidades.....	99
2.3 Rugosidade.....	112
3. A rugosidade pelo acervo da Barsa Livros, livraria independente.....	121
3.1 O acervo da Barsa Livros.....	121
3.2 Barsa Livros, livraria independente, como médium.....	133
3.3 OM/MO e rugosidade pelo acervo.....	146
Considerações finais.....	156
Referências.....	159

Introdução

A Barsa Livros é uma livraria autointitulada “independente” de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo com sede administrativa, operacional e comercial situada à Rua Florêncio de Abreu, 804, Centro. Digitalmente, a livraria pode ser encontrada no Instagram¹, onde leva a efeito seu principal meio de comunicação, de relação com seus consumidores finais pessoas físicas e de vendas – neste momento sob o @brsalivros² –; além disso, há o website barsalivros.com.br, onde se encontram suas comunicações institucionais, e também o e-mail thiago@barsalivros.com.br, por meio do qual se dão as relações e vendas com os consumidores finais pessoas jurídicas; e via ligação e mensagem pelo Whatsapp³, que se apresenta como plataforma híbrida de relações e vendas tanto com pessoas físicas, quanto com jurídicas, ambas em menor grau quando comparadas às anteriores.

A presente pesquisa surge a partir da profissão de livreiro deste pesquisador dentro desta livraria – a Barsa Livros, autointitulada independente e fundada em 2020 – e visa pôr em foco e iluminar um dos principais aspectos de sua atividade, qual seja, a relação que esta mantêm dentro do espaço geográfico com diversas agentes – pessoas, empresas, órgãos públicos etc. – a fim de estudar a complexidade de fatores e relações que moldam sua atividade e de que forma estas configuram o que Milton Santos (2022) aponta como *verticalidades* e *horizontalidades* para assim ser analisada a hipótese específica de que a livraria funciona como *rugosidade* no espaço geográfico (Santos, 2023), ou seja, como elemento produzido pela influência de ambas as dinâmicas – das verticalidades e das horizontalidades -, em graus diversos, numa síntese com características próprias a partir das escolhas, necessidades e valores da referida livraria.

O objetivo geral desta pesquisa, num primeiro momento, é situar a livraria dentro do campo editorial (Bourdieu, 2018), estudando a configuração atual deste campo junto às particularidades dessa livraria, ademais de indicar de que forma elas se assemelham ao molde geral do mercado editorial e definindo a posição que esta livraria ocupa dentro deste campo. Ou seja, de que forma esta livraria lida com as imposições deste sistema e em quais aspectos ela consegue adotar e praticar suas características próprias, relacionando-se com a diversidade de agentes que compõem o espaço geográfico onde ela se insere e de que forma o campo posiciona e determina esta livraria, considerando os capitais acumulados por ela (Bourdieu, 2018).

Como objetivo específico, cabe a esta pesquisa analisar a hipótese de que o campo editorial emana imposições verticais, bem como se a livraria em questão recebe essas normas

¹ Aplicativo constituído em rede social baseada em compartilhamento de fotos e vídeos

² “brsalivros” sem o “a”, por questão de disponibilidade do termo

³ Aplicativo de mensagens privadas, com funções tanto relacionais entre pessoas, quanto comerciais

reticulares – e de que forma e em que grau – para então verificar se a mesma produz e recebe resistências na forma de dinâmicas de relações horizontais no espaço geográfico que ocupa, de forma a funcionar como rugosidade, ou seja, como elemento que não aceita integralmente os valores e regras emanados pelas agentes dominantes do mercado editorial, assim como do sistema capitalista e se tais escolhas criam problemas ou não para este sistema.

Como comércio varejista de livros, a livraria representa a conexão entre os produtores e distribuidores de livros, como a dita “ponta final” da cadeia, que é constituída por pessoas e instituições, privadas ou públicas: o consumidor final. Desta forma uma livraria entra em contato com múltiplas agentes dentro do que se chama mercado editorial. Por este mercado ser representado por agentes diversos entre si, o que se propõe trazer à luz é que tal diversidade de agentes irá se traduzir em uma mancha de relações emanadoras de dinâmicas também diversas. Trazendo a teoria de Milton Santos à análise, a intenção é comparar essa complexidade de relações e identificar nelas características que as classificam como relações de dinâmicas verticais e/ou horizontais.

Em suma, as principais relações mantidas pela livraria são, pelo lado da produção e do acesso aos livros, aquelas com distribuidoras – o comércio atacadista de livros –, com editoras, com autoras e autores. Já pelo lado da circulação e das vendas, são mantidas relações com pessoas físicas (em termos jurídicos) também variadas, assim como as pessoas jurídicas, que podem ser escolas, universidades, bibliotecas, ONG’s, empresas privadas que não têm o livro como atividade principal ou recorrente, e também com outras livrarias (aqui normalmente não como consumidores finais, mas numa relação de cooperação e extensão horizontal da cadeia distributiva) e a mais variada gama de empresas.

Cada agente neste campo possui uma relação diferente com a livraria, trazendo intenções, valores e formas de relação que se assemelham e se diferem umas em relação às outras em maior ou menor grau. Cada uma dessas relações exige a adoção de técnicas variadas, sejam elas administrativas, comerciais, contábeis, financeiras, curatoriais, logísticas, políticas, sociais etc. Todas essas relações são realizadas tendo o livro como objeto central, já que tais contatos são realizados com o fim praticamente único de por o livro em circulação, através da compra e da venda dos mesmos.

Iniciando em 2020, em um período pandêmico de Coronavírus, as atividades da Barsa Livros se davam exclusivamente no meio digital. Todos os trâmites burocráticos de constituição da empresa, passando por toda a criação de identidade visual, estudos de mercado e público-alvo, definição de meios de comunicação, assim como os contatos com as empresas a fim de oferecer os serviços de fornecimento de livros foram realizados de forma digital. Assim, antes da própria

constituição formal da livraria, a digitalidade foi usada para a realização das pesquisas e preparações formais prévias.

O estudo da presença do digital também está proposto nesta pesquisa, já que é um marco revolucionário do campo (Thompson, 2021), que adotou profundamente o uso do digital e provocou profundas mudanças e reposicionamentos nesse.

A proposta desta dissertação é analisar essa visão por meio de um quadro teórico. Onde antes era percebida uma relação pela perspectiva comercial, passa-se a entender que cada relação permite sua análise por diversos pontos de vista, como o já dito comercial, mas também o social, o político, o logístico, entre outros exemplos. Contudo, em contato com a teoria de Milton Santos, passa-se a enxergar uma conjuntura por outra lente: a existência de algo que antes era despercebido, desconhecido, não cogitado, mas que sempre esteve ali, compondo todas estas relações no desenvolvimento histórico desta livraria – a visão geográfica.

Através desta visão geográfica, será propiciada a apropriação da visão de técnicas diversas na execução deste empresário, já constituído por técnicas científicas de áreas diversas – jurídicas, contábeis, administrativas – e outras técnicas não apreendidas pela via científica, mas sim pela prática, como a curatorial, a logística e a social. Então o que se propõe com esta pesquisa é adicionar a esta família de técnicas uma visão consistente na análise de como essa livraria ocupa, molda e é moldada por um campo, sendo este composto por um espaço físico e também digital – ou seja, entende-se como necessária a visão científico-geográfica ao sistema de técnicas manejados por esta agente do mercado editorial.

Dado o atual contexto histórico das livrarias, em que parece existir uma crise constante e já existente há algum tempo, aliada à percepção geral de sempre aparecerem novas ameaças, representadas tanto pelo surgimento de novas tecnologias como o livro digital, os audiolivros, as “autorias” de inteligências artificiais, assim como o surgimento de novas agentes e novas estruturas extremamente competitivas disputando o espaço de venda de livros no mundo, resta-nos analisar este campo e essas novas tecnologias de forma a observar como tais alterações posicionam a Barsa Livros no campo editorial, assim como através da perspectiva geral do campo, e também desta livraria independente, como este campo se estrutura no atual período histórico. Essas ameaças existem há um bom tempo, e através delas tais agentes sempre apresentaram novas técnicas, estruturas, estratégias, comportamentos, capitais etc. Contudo tanto o mercado do livro, quanto as livrarias e, mais especificamente, as livrarias independentes continuam presentes na história dos livros. Claro que com sua ocupação no mercado de venda de livros passando da dominância até o início e meio do século XX (Thompson, 2013), a uma participação ao nível da quinta parte do mercado (2013), mas aparentando obter uma estabilidade

no período presente, ciclando constantemente entre altos e baixos. Cabe ressaltar que essa análise feita por Thompson abarca os mercados editoriais do Reino Unido e dos Estados Unidos da América, de todo modo esta referência se revela oportuna, dada a similaridade com o mercado editorial brasileiro. Neste sentido vemos o grande aumento de livrarias no Brasil no ano pandêmico de 2020⁴, ano em que a Barsa Livros iniciou suas atividades. Inclusive, o livreiro que a põe em funcionamento iniciou esta atividade a partir da demissão da Livraria Cultura, livraria de rede desde 2018 em Recuperação Judicial e que chegou a fechar todas suas lojas físicas para ter sua operação totalmente no formato digital, e que hoje conta com apenas uma unidade física, aberta no fim de 2024⁵.

A percepção acima suscita de início uma alteração marcante no espaço geográfico, pondo em relação o fato de que a livraria independente começou a operar exclusivamente no formato digital e posteriormente passou a ocupar também o espaço físico; em oposição, a livraria do tipo *megastore* se retraiu ao ponto de seu contato com o consumidor final se dar apenas de forma online. Ainda que hoje tenha retornado ao contato presencial com uma loja, percebe-se a grande variação no campo, já que a Livraria Cultura, uma das principais livrarias da história recente nacional, já chegou a ter mais de 17 lojas em diferentes estados do Brasil⁶. Um ponto importante é que, tendo o livro como objeto central de suas atividades, não se pode falar que a Livraria Cultura chegou a ter sua operação apenas no meio digital, pois há que se compreender que a mesma sustenta um acervo físico e portanto uma operação também física, ou seja, com o livro impresso a materializando. No outro ponto, a Barsa Livros, entrando no mercado com zero livro, inicia apenas operando digitalmente. Tal condição durou até a sua primeira venda, feita no meio digital, que suscitou a circulação do livro impresso, um objeto técnico físico, que por sua característica material, permitiu a operação física desta livraria – que solicitou, recebeu, reconcionou e entregou os livros à consumidora final.

Nota-se a grande alteração no espaço geográfico, muito mais impactado pela não existência das *megastores* da Livraria Cultura, do que pela ocupação móvel de alguns espaços físicos e posterior ocupação de um espaço fixo por essa livraria independente. Já indicando, de modo introdutório, a posição central – mesmo com a atual crise – da marca Livraria Cultura em oposição à posição periférica, irrelevante (quando colocada em contraste) que a Barsa Livros

⁴ Matéria da Publishnews: <https://www.publishnews.com.br/materias/2020/12/23/2020-e-o-mercado-dos-livros>. Acesso em 20 de Janeiro de 2025

⁵ Matéria da Revista PGN: <https://revistapegn.globo.com/negocios/noticia/2024/11/editoras-descartam-voltar-a-fazer-negocios-com-a-livraria-cultura-que-abriu-nova-loja-em-sp-nao-tem-credito.ghtml>. Acesso em 20 de Janeiro de 2025

⁶ Matéria da Revista Bula: <https://www.revistabula.com/12390-a-fantastica-historia-da-livraria-cultura/>. Acesso em 20 de Janeiro de 2025

ocupa.

O ponto é: para existir, a livraria independente precisa cumprir com algumas exigências burocráticas, jurídicas e fiscais, quais sejam, a criação de uma estrutura legal imposta pelo Estado e requisitada pelas empresas do mercado editorial a fim de poder participar desta estrutura, com o objetivo de ser reconhecida como integrante deste mercado e obter acesso às operações deste sistema e com ele poder lucrar e se manter. E para isto exige-se uma organização saudável e lógica, pois neste ciclo alternado de “booms” e derrocadas de livrarias independentes, as que conseguem se manter são aquelas que executam técnicas e estratégias que façam com que elas se estabilizem nos períodos de crises e floresçam nos períodos de fartura. É o que vemos em Thompson ao narrar que na década de 1960

a venda de livros nos Estados Unidos e no Reino Unido foi dominada, de um lado, por uma enorme quantidade de pequenas livrarias independentes espalhadas pelo país e, de outro, por uma multiplicidade de varejistas não ligados a livros, como drogarias, lojas de departamento e agências de notícias (2013, p. 34).

Tal organização se alterou após o surgimento dos *shopping centers*, que na década de 1970 “marcou o apogeu de livrarias localizadas em shopping centers” (2013) e novamente no decorrer da década de 1990, quando as mesmas empresas dominantes passaram a suas expansões baseadas num modelo diferente, de *megastores*:

Geralmente localizadas em regiões urbanas de alto nível, as megastores de livros foram projetadas como espaços varejistas agradáveis e convidativos, em que os clientes eram estimulados a folhear os livros – eram lojas muito limpas, espaçosas, bem iluminadas, com sofás e cafeterias, além de áreas para relaxamento e leituras (2013, p. 36).

Já a década de 2000 marca a derrocada do modelo de megastores frente ao desafio oferecido pelas “varejistas *on-line*, como a Amazon, e de comerciantes do mercado de massa” e o declínio das livrarias independentes:

Em 1958, livreiros independentes, proprietários de apenas uma loja, vendiam 72% dos livros comercializados nos Estados Unidos; em 1980, esse percentual havia caído para menos de 40% das vendas comerciais. Conforme as redes abriam novas megastores nas áreas metropolitanas em todo o território norte-americano na década de 1990, mais e mais livreiros independentes fechavam as portas, forçados pela pressão dupla das despesas crescentes (e sobretudo os custos crescentes dos imóveis) e da redução da receita.

[...]

[Em 1993] a participação de livreiros independentes no mercado caiu de 24% para 16%. Esse declínio continuou no início do século XXI, de forma que em 2006 as livrarias independentes respondiam por cerca de apenas 13% das vendas a varejo nos Estados Unidos. (2013, p. 39)

Contudo, apesar “da atividade expansionista predatória das redes” (2013), várias livrarias independentes continuam com suas atividades sendo exercidas de forma saudável, e justamente um dos motivos é a profissionalidade com que estas livrarias são administradas.

Se por um lado

Muitos dos independentes que fecharam as portas tinham negócios mal administrados, que

não atendiam aos clientes de maneiras satisfatória. Suas lojas eram desorganizadas, seu estoque era errático, não havia contabilidade, e eles pouco faziam para tornar a compra de um livro uma experiência agradável e gratificante para o cliente (2013, p. 40).

Pelo outro,

As livrarias independentes que sobreviveram foram aquelas que eram bem administradas e que construíram fortes laços com suas comunidades locais, organizando e sediando eventos de vários tipos; também ajudava se esses livreiros fossem proprietários dos espaços das suas lojas, ou se fossem protegidos por regulamentações de zoneamento que restringiam atividades das redes” (2013).

Então, para esta organização, como indica Milton Santos (2022), essas agentes independentes se apropriam de técnicas que permitem a adaptação, a manutenção e a ocupação de territórios físicos e digitais. Tal ocupação suscita uma alteração do espaço geográfico, já que este é composto por “conjuntos de sistemas de objetos indissociáveis de conjuntos de sistemas de ações” (Santos, 2023, p. 21). Ou seja, tanto objetos como técnicas – estas representando o sistema de ações – compõem o espaço geográfico de forma conjunta, sendo que um sistema produz o outro, assim como de forma síncrona e integrada produzem o próprio espaço geográfico. Desta forma temos que as técnicas criam os objetos, ao mesmo tempo que estes são necessários para que as primeiras tenham sua existência.

Contudo, tanto a ocupação, quanto a alteração não são livres em relação ao agente que as executa, pois devem se relacionar com as demais agentes que preenchem cada território, sejam eles representantes, ou emanadores de dinâmicas verticais e horizontais, em graus variados a depender de suas posições no campo editorial.

Este território preenchido de diversas formas, por múltiplas agentes, produz o que Milton Santos, a partir de Michael Pechaux, chama de espaço banal, que é o “espaço de todas as pessoas, de todas as empresas e de todas as instituições, capaz de ser descrito como um sistema de objetos animado por um sistema de ações” (Santos, 2023, p. 283). E este espaço, preenchido por diversas dinâmicas e do conjunto mais variado de agentes, faz com que estas se apresentem como elementos rugosos, ou seja, elementos que não recebem as verticalidades de modo liso, objetivo, sem recusas. Tal rugosidade é o resultado do conflito e da conjunção tanto das verticalidades, quanto das horizontalidades nesta presente agente, que a partir de escolhas e exigências pode se moldar e se reposicionar no espaço geográfico que ocupa, resultando também no molde desta.

Ou seja, as livrarias recebem influências verticais e horizontais a todo momento; a questão que se coloca, entretanto, é: de que forma elas recebem tais relações? Com mais ou menos receptividade, cedendo ou não a cada uma delas, moldando ou deixando se moldar? E a que nível? E quanto ao espaço que ocupam? Para o estudo de caso, como previamente

observado, iremos estudar a Barsa Livros, livraria independente de Ribeirão Preto, SP.

Junto a isso, nota-se que não existem muitos trabalhos científicos que coloquem as livrarias no cerne das análises, sendo mais comuns aqueles que põem o livro como destaque, assim como as editoras e suas variadas funções, como o tratamento do texto, a edição do livro impresso e a revisão dos textos, por exemplo. É muito comum, quando se trata de livrarias, apontar números do mercado, na forma de vendas, aberturas e fechamentos de livrarias, expectativas e preocupações com as projeções do mercado etc. Desta forma este trabalho visa produzir conhecimento científico que permita situar a livraria estudada no campo editorial, identificar as dinâmicas de verticalidades e horizontalidades que a permeiam a fim de identificar se esta livraria atua como elemento rugoso no espaço geográfico e se também materializa esta rugosidade através da característica de *médium* (Debray, 2000) que esta livraria pode apresentar, sendo também interessante analisar o acervo dela, como uma das técnicas que a constituem, como o propósito de observarmos se a curadoria dos livros também é constituída através destas dinâmicas citadas para então testar a hipótese de que tal acervo também funcionaria como elemento rugoso, inclusive materializando esta rugosidade e apontando para o que Debray estuda como sendo matrizes de sociabilidade – organizações com culturas compartilhadas – através de uma característica de vetor de sensibilidade – matérias organizadas, objetos, com o fim de transmissão destas culturas (2022).

Assim este trabalho foi pensado para analisar a hipótese comentada em três capítulos. O primeiro capítulo visa qualificar, identificar o objeto do estudo de caso, qual seja, a Barsa Livros, livraria independente de Ribeirão Preto, SP, e descrevê-la a partir de sua posição no campo editorial (também identificando e descrevendo este). Para tanto, iremos utilizar a teoria dos campos de Bourdieu (2018) e do quadro empírico de John B. Thompson (2021), que trabalha o atual panorama do mercado editorial frente às profundas mudanças sofridas por este através da revolução digital, que trouxe a digitalidade e o poder da informação para o centro do mercado, produzindo novos formatos de livro, como o digital e o audiolivro, mas, sobretudo, alterando os modos como as agentes deste mercado se estruturam e se comunicam dentro deste campo editorial através de meios digitais, que também proporcionaram novos modelos de negócios, atraindo novas agentes para tal mercado. Aqui surgem outras questões e, através dela, nova hipótese: teria a revolução digital propiciado as condições técnicas e o espaço no mercado editorial para que a Barsa Livros pudesse iniciar suas atividades? E de que forma, mais ou menos próxima às novas agentes predominantes do mercado, como a Amazon, por exemplo, tais condições se aproximam? Qual posição estas empresas, incluindo a Barsa Livros, ocupam no campo editorial, o que e quem as determina?

Oportunamente, através da tese de José De Souza Muniz Júnior (2016) estudaremos a posição de “independente” dentro deste campo editorial, assim como a polissemia do termo e suas características possíveis a fim de entendermos a possibilidade da Barsa Livros se apresentar como uma livraria independente neste campo e sob quais características.

Já no segundo capítulo aprofundaremos o entendimento do espaço geográfico utilizando a teoria de Milton Santos (2023), que define tal espaço como “um conjunto de sistema de ações indissociáveis de um conjunto de sistema de objetos”. Assim, será levada a efeito a análise do espaço banal, composto pelas diversas agentes, com diversos capitais, estruturas, valores etc.; das técnicas hegemônicas do mercado editorial junto às técnicas utilizadas pela Barsa Livros, assim como o espaço digital e físico ocupado por esta, a fim de identificar fluxos verticais e continuidades horizontais (Santos, 2013) com o objetivo de verificar como a livraria estudada recebe tais dinâmicas, se em maior ou menor grau, com resistência ou não e com quais agentes se relaciona e de que forma se dão esses relacionamentos, para então identificarmos se tal objeto de estudo se configura como elemento de rugosidade no espaço banal, ou seja, como elemento que recebe as verticalidades, contudo de forma parcial, recusando ou cedendo a tais influências conforme suas escolhas, valores e necessidades.

Novamente através da análise das verticalidades e horizontalidades, no terceiro capítulo testaremos a hipótese de que a Barsa Livros constitui elemento rugoso e materializa tal rugosidade dentro do sistema editorial, se apresentando então como médium (Debray, 1993), para através da metodologia das organizações materializadas e das matérias organizadas (OM/MO) (Debray, 2000) notarmos se e como esta livraria se apresenta com a característica de duplo corpo (2000), que aponta tanto para matrizes de sociabilidades, como para vetores de sensibilidades, materializando ambas. Tal metodologia nos proporcionará identificar se esta livraria se relaciona a organizações estruturadas em redes verticais ou a organizações estruturadas de forma contínua, horizontais e também verificar se as sensibilidades materializadas se relacionam a lógicas hegemônicas ou a valores populares, para então podermos novamente testar a hipótese de que a Barsa Livros é um elemento rugoso na ocupação do espaço geográfico, contudo, neste último capítulo, através de sua característica hipotética de médium.

Em última análise, procederemos ao estudo do acervo à pronta entrega desta livraria como tecnema, ou seja, o estudo deste acervo a fim de entender sua montagem como uma das técnicas que compõem a hipótese de esta livraria ser um médium, que se apresenta como um sistema de técnicas. Não que tal acervo seja destacado, exógeno em relação à hipotética rugosidade da livraria, contudo, ao separar a análise em capítulo próprio, poderemos focalizar a constituição desta montagem dos livros que ficam responsáveis pelo contato direto e a pronta

entrega da livraria com as consumidoras finais, e assim discutir também através do esquema OM/MO este acervo como um conjunto de livros que situa a livraria em uma das categorias do ser independente – termo complexo com diversas configurações, como veremos adiante nesta pesquisa.

Por fim, as considerações finais darão um parâmetro geral da pesquisa, indicando quais hipóteses foram confirmadas, ainda que parcialmente, ou mesmo quais foram rejeitadas, nos trazendo uma visão científica de como uma livraria independente situada no interior do estado de São Paulo se constitui no campo editorial, presente de forma global e de que forma ela recebe ou recusa as imposições do sistema e se esta mantém relações outras, com agentes diversas daquelas que compõem o domínio e o controle do mercado de livros, tanto numa visão global, quanto num recorte nacional.

1. A Barsa Livros no campo editorial

A Barsa Livros é uma livraria. Deste modo integra a cadeia produtiva e distributiva do livro ao ter em suas atividades a venda do objeto livro ao consumidor final, sejam pessoas físicas ou jurídicas. Esta cadeia é integrada por diversas agentes, com característica mais produtivas, como as autoras, autores, editores e editoras, ou com características mais distributivas, como por exemplo as distribuidoras, *e-commerces* e as próprias livrarias. Também integram esta cadeia os consumidores, sejam eles pessoas ou empresas.

Por ser uma cadeia complexa, para além do rol acima, com uma variedade de agentes atuantes e cada uma com uma especificidade característica – ainda que não exclusiva – e devido à integração e à interdependência destes alinhados a um mesmo fim, qual seja, a comercialização de livros, trata-se de um mercado, o chamado mercado editorial. Cabe ressaltarmos que iremos acompanhar nossas referências teóricas do campo editorial – Thompson e Bourdieu – e considerarmos as livrarias, ou mesmo o campo livreiro, como integrantes deste campo editorial, permeado por agentes diversas e mais bem apresentadas a partir do tópico 1.2 deste estudo.

E para compreendermos melhor de que forma este mercado editorial se organiza, se materializa e se constitui, cabe-nos considerá-lo a partir do estudo de caso de uma de suas agentes atuantes, a Barsa Livros. Tal estudo, além de nos trazer uma noção maior de como se configura e se organiza o mercado editorial, também poderá nos mostrar de que forma esta livraria se constitui e qual lugar ela ocupa no mercado editorial e de que forma.

Para tal objetivo recorreremos à teoria dos campos, formulada por Bourdieu (2018, 2019) a fim de entendermos melhor o que é um campo, o que é o campo editorial e como ele se organiza e, por fim, como a Barsa Livros ocupa esse campo e como o campo posiciona esta livraria. Nesta linha também recorreremos ao quadro empírico de Thompson (2021, 2013), que estuda as principais mudanças sofridas pelo mercado editorial e suas agentes a partir da revolução digital; Thompson também se baseia na ideia de campo de Bourdieu, portanto seus apontamentos sobre o mercado serão essenciais para complementar a noção do campo editorial aqui proposta.

Assim poderemos produzir uma noção de campo editorial a partir da perspectiva de uma livraria independente, tanto para entendermos melhor as estruturas gerais do campo, do campo editorial, quanto as estruturas da Barsa Livros.

1.1 Teoria dos campos

De início, para entendermos o que é e como se configura o campo editorial, devemos nos ater à ideia de campo. Segundo Bourdieu “um campo é um universo no qual as características dos

produtores são definidas pela sua posição nas relações de produção, pelo lugar que ocupam em certo espaço de relações objetivas” (2019, p. 81). Podemos extrair a ideia de que um campo é produzido pelas relações a ele intrínsecas. Ou seja, o “campo” não é algo previamente estabelecido, feito, que aguarda ser ocupado por agentes interessadas; mas sim algo que se autoconstitui conforme são realizadas em si interrelações entre agentes que compartilham um fim próprio. No caso do campo editorial, por exemplo, o fim próprio é a produção e a circulação do objeto livro.

Observa-se que um agente responsável pela circulação de um livro produzido por outro agente também é considerado um produtor de um campo, pois traz amplitude a este campo e permite ao agente produtor do livro a possibilidade do aumento de seu alcance e possibilidade de venda do livro produzido. Ainda que cada produtor possa realizar o comércio diretamente às consumidoras finais, tal prática está longe de ser dominante fazendo com que este mercado necessite, assim como qualquer outro, de agentes que possam ampliar a circulação do livro para o maior número de pontos de vendas possível e assim colocar mais pessoas em contato com o livro. Essas agentes responsáveis pela circulação, mesmo não participando diretamente na produção do objeto foco do mercado editorial, qual seja, o livro, também produzem o campo, pois nele se constituem e nele constroem, desenvolvem e mantêm relações com outras agentes do mesmo campo.

No caso de uma livraria, para que o livro seja vendido ao consumidor final é necessário que essa mantenha relações com os produtores e os distribuidores do livro, a depender de qual livro necessita, assim como manter relações, em menor grau, com demais agentes que não fazem parte do campo editorial, mas que mantêm relação com este e se mostram importantíssimas para a manutenção do mesmo, como as empresas de logística, por exemplo, que fazem o trabalho de movimentar o livro entre as agentes do campo editorial, desde a produção, passando pela distribuição e varejo até chegar ao consumidor final.

Tais relações são realizadas tanto entre pessoas físicas, como jurídicas, alterando no espaço e no tempo, tanto quantitativa, quanto qualitativamente, as formas das relações, assim como as agentes com que se relaciona. Esse aspecto aponta para a mutabilidade de um campo, já que suas agentes estão em constante reposicionamento e alteração entre suas relações internas. Seja lidando com agentes novas, ou mesmo alterando a frequência e o modelo de relacionamento com agentes já antes relacionados. Assim temos que um campo não é algo estático, mas sim um espaço em constante deliberação e mutação interna. Outras características de um campo são, ainda que influenciado pelas dimensões e instâncias exteriores a ele, o econômico, o político, o social etc.; cada campo possui uma autonomia própria, desenvolvida através da história a partir das decisões, dos problemas e das próprias deliberações ocorridas dentro de seus quadros de relações. É que

mesmo com as mudanças sociais externas, um campo específico – incluindo, é claro, o campo editorial – consegue absorver tais forças externas e readequar suas próprias atividades com base em seus princípios (Bourdieu, 2018). É o que vimos durante o período da pandemia de Covid-19, aliado aos recorrentes ataques do Governo Federal (mandato 2018-2022, do então presidente Jair Bolsonaro), a partir de ameaças do então ministro da economia ao livro⁷, que colocaram as agentes do campo editorial numa posição de necessidade de deliberações internas, tanto dentro do campo, como dentro de cada organização em si, a fim de lidar da melhor maneira possível com estas situações. Seja através de comunicações específicas para cada caso, seja na forma da reorganização do mercado, como a adoção de trabalho remoto, foco e facilitação nas compras online (já que o presencial estava limitadíssimo)⁸, assim como na união do campo para produção de comunicações políticas e pressões organizacionais que afastaram o ataque ao livro, que consistia na intenção de retirar o livro de posições favoráveis em relação aos tributos federais⁹, apresentando um risco de aumento exponencial de custos fiscais a este campo, de forma total, seja por incidência específica em algumas empresas, seja pelo efeito dominó a que os campos específicos estão sujeitos.

Imagem 1- Manifesto "Em Defesa do Livro"



Fonte: Abrelivros. Disponível em: https://abrelivros.org.br/site/wp-content/uploads/2020/08/20200805_manifesto_em_defesa_do_livro.pdf. Acesso em: 13 de agosto de 2025

⁷ Paulo Guedes, ministro da economia do governo Bolsonaro (2018-2022) propôs incluir as empresas do mercado editorial no CBS, imposto que pretendia substituir e unificar o PIS e o Cofins, medida que aumentaria as alíquotas de imposto pagas pelas agentes produtoras do livro, causando um efeito em cascata no mercado editorial, inclusive encarecendo o livro: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/11/reforma-tributaria-pode-fazer-livro-ficar-mais-caro>. Acesso em 22 de Janeiro de 2025.

⁸ Reportagem do portal Lamparina, dos alunos da UFOP sobre os impactos da pandemia na atuação de livrarias: <https://sites.ufop.br/lamparina/blog/os-novos-rumos-do-mercado-liter%C3%A1rio-pelo-com%C3%A9rcio-virtual-durante-pandemia-da-covid>. Acesso em 22 de Janeiro de 2025

⁹ Manifesto “Em Defesa do Livro”, publicado por várias agentes do mercado editorial, incluindo a ABL: <https://abrelivros.org.br/site/manifesto-em-defesa-do-livro/>. Acesso em 22 de Janeiro de 2025

Também, através de deliberações de dentro do próprio campo, e aqui de forma até mais específica – dentro do campo de livreiros – este subcampo atuou de forma política com outras agentes a fim de defender a manutenção dos Correios como empresa pública¹⁰, frente às intencionalidades do então ministro da economia de privatizar tal empresa, tão importante a todo o mercado editorial, como veremos à frente. Ou seja, tanto em questões externas mundiais, assim como nacionais, o campo editorial conduziu seu próprio ritmo, leis de evolução, crises e cronologia, sob a autonomia como uma das “leis gerais dos campos (2018)”:

Se queremos evitar cair nessa outra forma de fatalismo que consiste em atribuir tudo o que acontece no mundo da edição às forças econômicas fora de controle (“a mundialização”) ou à manifestação dessas forças no interior do mundo da edição (“os dois grandes grupos”), é necessário delimitar o objeto campo editorial como um espaço relativamente autônomo – ou seja, capaz de retraduzir segundo sua própria lógica as forças externas, principalmente as econômicas e políticas – no qual as estratégias editoriais firmam seus princípios (Bourdieu, 2018, p. 205).

E como espaços estruturados, os campos se organizam a partir de propriedades específicas de cada posição no campo, onde cada agente irá assumir tais propriedades a partir da posição que ocupa. Isto é, as propriedades não são das agentes, mas sim das posições. O que acontece é que cada agente irá assumir as características de cada posição e, pelas características destas, ser determinada no campo. Tal apresentação segue imutável em todos os campos, como uma lei geral (Bourdieu, 2019, p. 109), e para Bourdieu cada posição é definida, ocupada, a partir de dois tipos de capitais diversos: o econômico e o simbólico (2018, p. 198). O que irá determinar a ocupação no campo é a quantidade de capital que cada agente possui. As que possuem mais capital, nas duas formas, serão consideradas as grandes empresas, as dominantes. Normalmente essas empresas são as que detêm a maior quantidade de capital tanto econômico quanto simbólico. As demais posições no campo serão estipuladas a partir das variações de concentração destes capitais.

No campo editorial a importância de ambos capitais é ainda mais explícito, pois é um campo que lida com um objeto de duas faces: a econômica e a simbólica (Bourdieu, 2018), realçando a importância da combinação e acumulação destes capitais na determinação de cada agente dentro deste campo. Quanto mais acúmulo de capital, normalmente mais antiga e dominante é a empresa, ainda que não seja uma verdade absoluta (e aqui o grande paradigma mundial é a Amazon, como veremos). Corriqueiramente as empresas ingressantes são aquelas com capital econômico e simbólico menores, já que com o tempo ou a partir de transmutações de capital o simbólico é trocado pelo econômico e vice-versa, assim esta acumulação vai incidindo no posicionamento de uma empresa pelo campo. Então as diversas agentes ocuparão, a depender da acumulação e da disposição destes diferentes capitais, posições diferentes dentro do campo, o que determinará e

¹⁰ Publicação compartilhada por várias livrarias em defesa dos Correios: https://www.instagram.com/p/CrznK-eNzt3/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em 22 de Janeiro de 2025

situará essas empresas nesse mesmo campo. Assim as agentes são organizadas e moldadas com base nas relações que mantêm com toda a variedade de agentes diversas atuantes no campo; este por sua vez, apontará os lugares que tais agentes ocupam de forma objetiva e de que modo: se dominante, dominada, central ou periférica a partir do “volume global do capital possuído” (Bourdieu, 2018, p. 219). Capital este, seja econômico, seja simbólico, se opondo em maior ou menor grau às demais agentes do campo, mesmo que compartilhem um objetivo único, que, no caso do mercado editorial, é a venda de livros.

Importante esclarecer também que, para Bourdieu (2018, 2019), o capital simbólico se divide em outros dois tipos de capital: o social e o cultural. Quanto ao capital social, não se trata de capital monetário, mas daquele “que supõe uma profissão e, portanto, um aprendizado, e um dispêndio de tempo e energia” (Bourdieu, 2019, p. 57), baseado na capacidade de se relacionar com as demais agentes do campo, realizando contatos sociais, na forma de eventos, caridade, lançamentos etc., de maneira a transformar esta capacidade de influência, de articulação dentro de um campo em capital econômico, sendo que o contrário também se mostra como habilidade, como capital social. Ou seja, a destreza para fazer com que um capital econômico disponível possa ser utilizado de forma a aumentar o fator relacional, social, dentro do campo, através de clubes, associações e outros para acumular, reproduzir e transmitir, entre agentes inclusive, tal capital (2019). Já em relação ao capital cultural, é aquele mais dotado de caráter intrínseco e subjetivo, que corresponde à qualidade, à tradução da sociedade no objeto foco de determinado campo, no nosso caso, o próprio livro. Então o capital cultural no campo editorial é aquele que se relaciona com o valor do livro como cultura, como tradutor dos valores da sociedade, em oposição a um valor puramente comercial do objeto.

Vistos o conceito de campo e seus capitais em Bourdieu, nos é propício analisar a produção de John B. Thompson, que também se utiliza do conceito de campo para montar seu quadro empírico baseado no atual momento do mercado editorial a partir da incidência da dita revolução editorial. Este autor se baseia no mesmo conceito de capital acumulado, a fim de determinar as posições que cada agente ocupa dentro do mercado, contudo com uma ampliação quanto aos tipos de capitais. Thompson, em uma primeira oportunidade, classifica os capitais como: econômico, humano, social, intelectual e simbólico (2013, p. 11). Cabe trazer a definição adaptada de Thompson à discussão a fim de enriquecer a noção de campo aqui mobilizada:

Um campo é um espaço estruturado de posições sociais, que pode ser ocupado por agentes e organizações e no qual a posição de qualquer agente ou organização depende do tipo da quantidade de recursos ou “capital” que eles têm à sua disposição. Qualquer área social – um setor de negócios, uma esfera da educação, um departamento esportivo – pode ser tratada como um campo, no qual agentes e organizações estão interligados em relações de cooperação, competição e interdependência. Os mercados são uma parte importante de alguns campos; porém, os campos são sempre mais do que mercados. Eles se constituem de

agentes e organizações de diferentes tipos e diferentes níveis de poder e recursos, de uma variedade de práticas e de formas específicas de concorrência, colaboração e recompensa. (Thompson, 2013, p. 10)

Como podemos observar, este autor amplia e adapta o conceito a fim de explicar melhor a complexidade de posições de um campo e trazer à luz que este é composto por diversos agentes e organizações. Também explicita que o termo “capital” usado tanto em Bourdieu como na própria teoria se aproxima do conceito de recurso disponível e não necessariamente – mas também não excluindo – ao conceito de exploração de mais-valia, ainda que as agentes dominantes do mercado editorial sejam todas de base capitalista. Thompson esclarece também que as agentes de um campo estarão sempre interligadas por cooperação, competição e interdependência, variando o nível de cada valor a depender de cada local no campo que cada agente ocupa – apontando para a noção já trazida por Bourdieu. Thompson também refere que o capital é poder e possibilidade. Tal poder é traduzido em práticas mais ou menos comuns a depender da posição e da intencionalidade dos agentes pertencentes ao campo. Em relação aos capitais ampliados por Thompson, o capital econômico e o social basicamente possuem o mesmo significado que em sua fonte, Bourdieu. Uma diferença é que Thompson explicita um pouco melhor o que constitui o primeiro, já que nos passa uma ideia mais completa e complexa de que o capital econômico não diz respeito apenas ao dinheiro disponível, ou ao dinheiro somente em sua forma monetária, mas também em forma de estoque, de instalações, de reserva de capital, de forma direta; assim como de forma indireta, ou seja, recursos que não lhe são próprios, mas que podem acessar através de empréstimos bancários, levantamento de fundos com parceiros e outras formas de se recorrer ao dinheiro, a um crédito terceiro (Thompson, 2013, p. 11).

Como novidade, em Thompson podemos ver o capital humano; o autor dá maior importância às pessoas envolvidas nos campos, já que são elas que “tocam” as organizações e são estas que fazem, no caso do campo editorial, o livro circular através de decisões, produção e manutenção de relações no campo, aplicação de técnicas, processamento de informações etc. Assim sendo o capital humano consiste “no pessoal empregado pela firma e seu conhecimento, habilidades e *know-how* acumulados” (2013). Quanto ao capital intelectual, Thompson aponta para os direitos de conteúdo intelectual. O autor destaca as editoras, contudo tanto ele como Bourdieu apontam as livrarias como agentes análogas do campo, sendo as análises muito bem aproveitadas quando aplicadas às livrarias, ainda que sejam necessárias adaptações em alguns momentos, já que pertencentes a e produtoras do mesmo campo editorial. O capital intelectual é um momento, ou um tipo de capital, que necessita de adaptação, já que os teóricos o relacionam ao direito de publicação e venda de direitos subsidiários de autores comprados pelas editoras para publicação. Fato que

ocorre de forma diferente nas livrarias, baseadas mais na compra com desconto e revenda dos materiais comercializados pelas editoras, verdadeiras detentoras dos capitais intelectuais, mas também exploradas pelas livrarias. O que também permite falar em capital intelectual nas livrarias, porém de uma forma mais indireta, de forma análoga ao que se entende por capital econômico indireto, em que as livrarias buscam em outras agentes tais capitais.

A quinta forma de capital adaptada por Thompson, o simbólico, é apresentado de forma muito similar à formulação de Bourdieu, porém é trazido mais em forma de prestígio acumulado e *status* associado, ou seja, na forma de reconhecimento, por parte do campo, de uma agente ocupante de certo espaço neste. Seja em que posição for, contudo, quanto mais dominante e central, maior será o reconhecimento pelas demais agentes do campo.

Aproximando-nos novamente de Bourdieu, vemos que o mesmo aprofunda sua visualização sobre os capitais do campo quando trata mais especificamente sobre o campo editorial. Tal motivação parte da observação de que o livro, objeto central do campo, possui uma dupla-face, como já apontado previamente, qual seja, a face econômica e a simbólica: “tanto mercadoria quanto significação” (Bourdieu, 2018, p. 198). Não só isso, mas a própria visão do teórico se amplia também para as pessoas que atuam dentro deste campo, no caso o editor, que também passará a ser um agente com uma dupla-face, econômica e simbólica:

condenado a conciliar a arte e o dinheiro, o amor à literatura e a meta de lucro, por meio de estratégias que se situam em algum lugar entre dois extremos: a submissão cínica aos critérios comerciais e a indiferença heroica ou desatinada às necessidades econômicas (Bourdieu, 2018, p. 198).

Eis a oportuna analogia dentro do campo. Iremos tratar livreiros como agentes também providas desta dupla-face e sob este mesmo imperativo de aliar as finanças ao trabalho de difusão literária e cultural, contudo a partir de uma ideia mais distributiva e de ponta do mercado, intermediando a produção dos editores e o contato direto com o público leitor. No decorrer desta dissertação serão feitas análises da atividade da Barsa Livros em que essa dupla-face ficará mais evidente. Por ora podemos utilizar o exemplo de um livreiro preferir a compra e a venda dos livros mais vendidos, independente de seu conteúdo, visando de forma prioritária o lucro; priorizar a circulação de livros com maior valor cultural em vez do econômico; ou então encontrar uma outra combinação nesta dupla-face do objeto livro, que irá materializar essa escolha pelo profissional. Por característica dos campos, tal escolha, ou balança, será determinada pela posição que esses livreiros ocupam no campo e também pelos recursos, ou capitais, que possuem.

Portanto voltamos à observação da autonomia encontrada no campo editorial por Bourdieu e a respectiva ampliação dos recursos possíveis, definidores de posição no campo, a partir da inclusão no sistema “de fatores explicativos às propriedades distintivas dos editores (livreiros)” (Bourdieu,

2018, p. 221, parênteses nosso), qual seja, esta ampliação humana se dá por meio de características objetivas “como origem social, capital escolar e trajetória social [...] e disposições éticas, a competência específica – literária, técnica e comercial” (2018). Assim, onde Thompson analisa como capital humano, Bourdieu explicita como fator explicativo (e não capital). Contudo é certo que a partir dessa elucidação da importância humana dentro do campo editorial, podemos analisar mais profundamente tanto a literatura estudo de caso, como o próprio campo editorial.

Por fim, Thompson (2021) elucida outro capital que surgiu com a revolução digital, o capital informacional. Não que este capital fosse inexistente anteriormente, já que a revolução digital se iniciou no campo editorial na década de 1980 (Thompson, 2021); contudo sua importância, seu poder conferido às agentes, tornou-se relevante posteriormente e com a entrada da Amazon – atual empresa dominante do mercado editorial, que se inseriu neste no fim da década de 1990 a partir de grande quantidade de capital, principalmente econômico e informacional – nas lutas do campo editorial, tornando-se determinante. Tanto é que, para Thompson, este tipo de capital passa a ser novo, integrando o rol dos demais capitais previamente apresentados, é o que o autor expõe como “poder dos dados”:

Capital informacional não é o mesmo que capital econômico (isto é dinheiro e outros recursos financeiros), capital humano (funcionário treinados e talentosos), capital social (relacionamentos e ligações sociais ilustres) ou capital simbólico (acúmulo de prestígio, reconhecimento e respeito), e poder dos dados não é o mesmo que poder econômico, poder político ou poder simbólico. Mas o capital informacional pode ser convertido em capital econômico se for usado para vender produtos e serviços e se for negociado em mercados de comportamentos futuros, e a posse de capital informacional lhe dá um tipo especial de poder diante daqueles que não têm esse capital, mas que gostariam de ter acesso a ele, e diante da multidão de indivíduos cujos dados pessoais foram matéria-prima do capital informacional que você possui agora. (Thompson, 2021, p. 478-479)

O grande marco do atual campo editorial, segundo Thompson (2021) é a revolução digital, fato que situa o período histórico contemporâneo deste campo. É a partir desta revolução que foram travadas as últimas lutas dentro do campo, colocando velhas e poderosas empresas, dotadas de grande quantidade de capital econômico, comercial, simbólico, humano e social em embate direto com novas agentes constituídas de grandes quantidades de capital econômico e humano (na forma de programadores e especialistas em comércio) e, principalmente, como grande diferencial, o capital informacional. A revolução digital permitiu a adoção, por praticamente todas as agentes do campo, de novos processos, baseados em redes digitais, assim como permitiu a existência de novos formatos do livro, que deixou de ser exclusivamente “confinado ao objeto impresso em que ele estava tradicionalmente impresso” (Thompson, 2021, p. 21). Onde as especulações iniciais apontavam para o fim do livro impresso, a partir do olhar mais distante, com a espera do tempo para estabilizar o mercado, foi notado que, na verdade, a grande diferença trazida pela revolução digital não estava finda com o livro digital ou o audiolivro, ainda que tais formatos tenham alterado de

forma relevante as estruturas do campo. Contudo as grandes mudanças foram observadas na forma de organização das empresas que constituíam o campo, assim como na entrada de novas agentes no campo editorial, com seus novos modelos organizacionais, novos objetivos e, principalmente, com o novo capital imponente, como já vimos, o informacional, através dos dados e de seu poder conferido aos novos ingressantes.

De início, a revolução digital foi extremamente benéfica às agentes que estavam dispostas a entender esta novidade que o mundo trazia e logo adotaram técnicas e sistemas digitais para melhorarem suas estruturas jurídicas, contábeis, fiscais, de controle de estoque e inclusive da própria produção do livro, que se mostrou mais barata pelo controle facilitado do arquivo entre os profissionais que trabalham em cima da produção deste objeto cultural. É o que aponta Thompson:

Quando a revolução digital começou a marcar presença no mundo editorial dos livros, ela o fez se baseando num conjunto de instituições, práticas e relações sociais que já existiam e que estavam estruturadas de determinadas maneiras – e, em alguns casos, desorganizandossas. As tecnologias digitais e as inovações permitiram que organizações tradicionais executassem antigas tarefas de novas maneiras e executassem algumas novas tarefas – aumentar a própria eficiência; atender melhor os autores, leitores e clientes; reembalar seu conteúdo; desenvolver novos produtos; e, de inúmeras formas, melhorar e fortalecer sua posição no campo. Mas também permitiram que novos atores ingressassem no campo e desafiassem as partes interessadas já existentes por meio da oferta de novos produtos e serviços. (Thompson, 2021, p. 4)

Sendo assim, temos que um campo é mutável, autônomo, interligado e com as posições dentro deste campo determinadas pela disposição de capital nas variadas formas de que cada agente deste campo dispõe. Contudo cabe entender o que faz a liga entre essas características e torna o campo algo flexível e orgânico, assim como a necessidade da compreensão de como cada agente lança mão de seus capitais. Para isso, Bourdieu nos apresenta outra característica intrínseca aos campos, específica das agentes que “jogam o jogo” do campo: o habitus. O teórico observa que o habitus é o “conhecimento e reconhecimento das leis imanentes do jogo, questões etc.” (Bourdieu, 2019, p. 110). Tal habitus consiste na forma como o campo e suas regras se incorporam em cada agente pertencente ao mesmo campo, de forma a moldar as relações e os capitais necessários para o ingresso e a movimentação dentro desse jogo, inclusive sob pena de exclusão, escanteamento ou acusação de ilegitimidade por parte das demais agentes do campo no caso da incapacidade de se ajustar a ele. No campo editorial, tal habitus consiste nas técnicas e nas relações que envolvem a venda dos livros, desde as técnicas administrativas e jurídicas que permitem a manutenção empresarial das instituições, até aquelas que garantem os direitos simbólicos às pessoas que trabalham diretamente com a produção do conteúdo simbólico.

Também neste rol de técnicas será necessário mobilizar aquelas que permitem a fluidez ao campo, no sentido de permitir que os livros sejam produzidos e que circulem de forma que todas as agentes envolvidas neste processo consigam atingir o mesmo objetivo, que consiste na venda dos

livros produzidos. Ainda, mostra-se importante o acordo com as referências e o compartilhamento das “crenças” que permeiam o campo – como a adoção da noção de que o campo editorial é composto fortemente tanto pelo valor econômico, quanto pelo simbólico, ainda que em variado grau. O habitus também se determina com base no domínio da história do campo por cada agente, seja de forma profunda ou rasa, o que apontará qual posição no campo certa agente irá ocupar, numa dinâmica de capitais complexa. Por fim, é da natureza do habitus a determinação do posicionamento e do reposicionamento constante das agentes do mesmo campo como forma de consciência e estímulo ao “jogo jogado”, que faz com que tal campo não seja estático, apresentando mudanças constantes entre as agentes. Como vimos anteriormente, tais mudanças podem se apresentar de forma cooperada entre algumas agentes para competir com outros, ou de uma forma competitiva exacerbada. O que se mostra impossível é a manutenção do imobilismo das posições no campo. Sob pena de inércia, falta de novidade e inovações que fariam do campo editorial um espaço de menor interesse, logo, menor atratividade e estímulo ao objetivo comum: novamente, a venda de livros.

Tal habitus é “ao mesmo tempo, a condição do funcionamento do campo e produto desse funcionamento (mas não integralmente: um campo pode se contentar em acolher e consagrar um certo tipo de habitus já mais ou menos completamente constituído)” (Bourdieu, 2019, p. 110). Ou seja, o habitus de cada jogador também será posto à prova das relações dentro do campo, sendo mais ou menos aceito pelas demais agentes sob o poder exercido por cada um deles, a partir de seus capitais acumulados. Um exemplo atual bem pertinente é o caso da Amazon, hoje dominante solo do mercado de venda de livros internacional e nacional, ainda que tenha no livro uma parcela de suas vendas, já que atua como grande varejista “de tudo” – desde máquinas de lavar roupa até refrigerante. Com habitus competitivo, indicador de empresa com capitais acumulados o suficiente para galgar a posição de dominante do mercado, pressiona de forma intensa as editoras, exigindo cada vez mais descontos sobre o preço de capa dos livros (preço sugerido, preço de fato do livro, pelas editoras), além de outras facilidades comerciais, como prazos maiores de pagamento, custos compartilhados de marketing, custo compartilhado e/ou bancado pelas editoras de manutenção de estoque dentro dos galpões da Amazon, além de algumas exclusividades de venda (Thompson, 2021). Isso se dá na determinação do campo de que a empresa dominante, para ser reconhecida como tal, deve executar técnicas a partir de uma leitura no campo que faça as demais agentes gravitarem sob sua influência.

Este exemplo trata sobre como a Amazon, a partir de sua posição no campo, integra o habitus competitivo do campo e usa seus recursos para executar a dinâmica preexistente dentro do campo, principalmente através deste viés da competitividade. Esta empresa dominante no campo,

mesmo sendo estranha a ele – já que é uma varejista “de tudo” – a partir de sua posição, determinada pelo enorme capital acumulado, principalmente o econômico, força o reposicionamento das demais agentes no campo, que por suas vezes irão reagir de forma mais ou menos resistente a esse habitus de dominante do mercado. Por meio de técnicas e capitais, a Amazon força uma alteração do campo, assim como produz a própria alteração. Lembrando que a Amazon já ingressa no campo editorial nacional com um investimento inicial extremamente elevado, o que lhe garante maior influência e dominância dentro deste.

Mesmo este habitus sendo constantemente apontado como lesivo e prejudicial a todo o campo – tanto por parte das editoras, como também das distribuidoras e das livrarias – a Amazon ainda dispõe dele e é por sua determinação resguardada, sob a marca da competitividade e da constante pressão sobre as posições no campo, pois acumulou uma quantidade enorme de capital econômico e poder comercial em conjunção com um alto capital simbólico no mercado de livros. Este estado de coisas faz com que o campo editorial determine esse habitus na empresa dominante do campo editorial. Tal habitus, como modo de percepção determina que a Amazon pratique grandes descontos e rápida entrega, apontando para uma grande movimentação de técnicas comerciais distributivas que, não só lhe permitiu entrar no campo, mas também ser posicionada no campo de forma dominante, colocando as outras agentes sob suas regras, mesmo sendo uma empresa recente no mercado (em comparação a grandes editoras, por exemplo). O que também aponta para outras duas funções do habitus: “definir o ‘estilo’ de uma editora [ou agente análoga] como resultante do habitus do editor e das coerções previstas pela posição de sua editora, delineada em seu catálogo” (Bourdieu, 2018, p. 225):

O melhor índice de correspondência entre a estrutura das posições e a estrutura das tomadas de posição é sem dúvida o fato de que o crescimento do capital literário de uma editora se faz acompanhar, quase inevitavelmente, de um aumento do peso dos objetivos e critérios comerciais; na melhor das hipóteses, os dirigentes conseguem desacelerar o deslizamento em direção ao polo comercial. [...] Podemos nos perguntar se a pequena editora que alcança o topo da consagração conseguirá preservar a combinação entre ousadia e moderação que lhe permitiu estar na classe das pequenas empresas, em termos de índices econômicos – um número de empregados bastante enxuto, nenhum marketing ou publicidade, um número de títulos relativamente baixo, uma recusa às traduções e à corrida pelos best-sellers estrangeiros –, passando a participar da categoria das grandes no que tange ao resto e, assim, pouco a pouco, viver o sucesso de vendas que o efeito de consagração exercido por sua marca poderá imprimir às apostas mais arriscadas. (Bourdieu, 2018, p. 226 e 227)

Pois assim como a disponibilidade de capitais, os habitus também serão determinados conforme a posição no campo que cada agente ocupa, tanto em relação a sofrer mais ou menos coerção, quanto com relação à resposta de cada, dentro deste campo e com os recursos que possuem à disposição.

Caminhando para o fim desta primeira exposição geral dos campos, Bourdieu (2019, p. 192)

aponta que o campo da produção, aqui tratada como o da produção do livro, incluindo também as agentes de sua distribuição – lembrando que tais agentes serão estudadas de forma mais ampla a seguir –, tem uma estrutura baseada em todas as lutas históricas e processos acumulados através desta, que culminam no atual momento do campo; do mesmo modo como este momento é a base, o princípio das mudanças que este campo está sujeito a perceber. Ademais, com relação a isto, aponta também que a correta percepção das agentes destas mudanças históricas, fruto das lutas internas e das traduções dos fatores externos nuclearmente deliberados, é o que permitirá o reposicionamento dentro deste campo de forma mais autônoma, seguindo modelos vanguardistas, de forma mais ou menos original, ou em cópia, a fim de se estabilizar frente às novas mudanças, causadoras de rupturas no campo, ou permitir o crescimento exponencial em períodos estáveis, onde tais mudanças já se assentaram após o período de luta entre novas e antigas agentes do campo editorial (Bourdieu, 2018).

Dito de outro modo, os campos são estruturados num “*estado* da relação de poder entre os agentes ou as instituições engajadas na luta” (Bourdieu, 2019, p. 110). Desse modo toda a luta histórica anterior determina as atuais lutas no campo, assim como estas irão definir o campo e as próximas lutas que se darão no seu interior. Então cada campo, como regra geral, é uma estrutura de lutas sem fim. As agentes dominantes lutam pela conservação das posições em que se encontram, enquanto as demais agentes lutam pela redefinição, alteração das posições. Tais agentes menores podem apresentar grau variado de subversão, sendo que normalmente aquelas que detêm as menores quantidades de capital disponível são as que possuem, criam e desenvolvem as estratégias com objetivos mais voltados à transformação e à recomposição do campo, sob o risco de serem expulsas ou desqualificadas dele, seja pela anulação de poder simbólico, comercial ou econômico. Cabe apontar que no sistema capitalista, o encerramento de empresas acaba acontecendo quando o capital econômico ou simbólico se extingue, sem incluir aquelas agentes que se retiram do jogo de forma voluntária.

É necessária, portanto, a análise das posições no campo, da disposição de capitais, assim como das lutas que ocorrem dentro do campo a partir de cada um dessas características. Como previamente visto, iremos utilizar a perspectiva da Barsa Livros, a fim de entendermos como se configura o campo editorial neste momento atual, qual lugar essa livraria ocupa no campo e, a partir deste lugar, quais são as lutas que esta livraria deve travar. Ou seja, poderemos observar quais lutas concernem a esta posição no campo e de que forma tais lutas se apresentam como um problema, maior ou menor, ao resto do campo, tanto em relação às agentes menores, como às grandes dominantes do mercado, sejam outras varejistas, atacadistas, editoras, agentes, ou mesmo consumidores finais do objeto livro. Também, a partir desta análise das lutas, poderemos identificar

quais são os objetos de disputa e quais são aqueles que são entendidos como particulares ao jogo, isto é, propriedades que sequer são discutidas, pois já compreendidas por todas (ou quase todas) as agentes que pertencem ao campo editorial e onde são cúmplices, ainda que tacitamente; questões sem as quais não se configuraria o campo; é o que Bourdieu classifica como *doxa*, ou seja, nem relativo às lutas e ao habitus de conservação (ortodoxia), nem às lutas e ao habitus de subversão ou transformação (heterodoxias), mas sim a “todo o conjunto do que é admitido como garantido, e em particular os sistemas de classificação que determinam o que é julgado interessante e sem interesse” (Bourdieu, 2019).

Nesta esfera podemos já indicar que a principal luta travada pela Barsa Livros é a sua manutenção no campo editorial, ou seja, não é nem uma manutenção em uma posição em si (até porque nenhuma posição é estática, como vimos), mas a própria existência no campo, ou a própria existência de posições ocupadas pela livraria. Em segundo lugar, podemos falar da luta pela manutenção de sua independência dentro deste campo, contudo para isto precisamos entender melhor essa autoidentificação como “independente”, o que significa no campo e o que significa para a livraria, certos de que tal título já aponta para uma posição no campo editorial. Claro que outras lutas constituem a Barsa Livros, e é o que veremos a partir do próximo item deste capítulo, em que iniciaremos pela disposição do campo editorial e posição inicial que esta livraria ocupou no campo: a posição de recém-chegada, marginal, descapitalizada e integralmente digital e de que forma tal posição foi adotada com estratégias prévias, assim como com quais habitus o campo editorial foi permeando esta livraria a partir dos reposicionamentos desta livraria até os dias atuais.

Inclusive essa luta dentro do campo editorial é algo intrínseco ao mesmo, principalmente em se tratando de uma agente novata no mesmo:

Em um campo, e esta é a lei geral dos campos, os detentores da posição dominante, aqueles que têm mais capital específico, se opõem sob uma série de relações com os novos concorrentes (eu emprego intencionalmente essa metáfora emprestada da economia), recém-chegados, chegados atrasados, realizados, que não têm muito capital específico. Os antigos têm estratégias de conservação com o objetivo de tirar proveito de um capital progressivamente acumulado. Os novos concorrentes têm estratégias de subversão orientadas para uma acumulação de capital específico que pressupõem uma inversão mais ou menos radical da tábua de valores, uma redefinição mais ou menos revolucionária dos princípios de produção e de avaliação de produtos e, ao mesmo tempo, uma desvalorização do capital detido pelo dominante. (Bourdieu, 2019, p. 188)

Então, como a luta é permanente e é o próprio motor do campo (Bourdieu, 2019, p. 190), nos resta aprofundarmo-nos na história da Barsa Livros a partir dos momentos prévios à sua criação, da inauguração e das constantes mudanças de rotas e novas posições ocupadas, assim como tomá-la como um caso em estudo para entendermos o próprio campo que ela ocupa.

1.2 O campo editorial

Para posicionarmos nosso objeto de estudo – a Barsa Livros, livraria autointitulada independente – dentro do seu campo de pertencimento, precisamos primeiro nos atentar para como o campo editorial está organizado.

Para isso adotaremos o recorte atual do campo, ou seja, usaremos a estrutura formal em que ele se encontra após todas as lutas historicamente travadas para entendermos quais as posições, os capitais e tipos de agentes que foram articulados e remanejados dentro deste campo, assim como compreender qual o habitus dominante deste. Como visto, a atualidade do campo editorial é marcada pela revolução digital, que alterou profundamente os mecanismos e funcionamento deste campo. Não à toa, a grande empresa dominante do campo editorial é a Amazon, que ingressou e dominou o campo de forma extremamente rápida se utilizando de uma grande quantidade de dois capitais, o econômico e o informacional.

Sendo assim, temos de início que a agente dominante do campo é uma empresa varejista, uma empresa responsável pela venda dos livros – entre tantos outros produtos – ao consumidor final, notadamente às pessoas físicas. Podemos ver, então, que o maior possuidor de capital e habitus mais determinante do campo editorial não produz o objeto central do campo, o livro, inclusive tendo como uma de suas estratégias a pressão sobre os produtores do objeto livro. Isso foi e é possível somente pelo enorme capital econômico e informacional assumido pela Amazon, que, através de seu domínio das vendas dos livros, aliado a uma base de dados enorme – também como capital informacional –, consegue instituir um oligopsônio¹¹ em um campo marcado pela diversidade de produtos. Inclusive esta diversidade aliada ao poder informacional foi o que instigou o criador da Amazon a trabalhar inicialmente com o livro, não foi pelo valor simbólico do mesmo, nem pelas margens possíveis do produto, nem mesmo o interesse pelo livro em si, mas sim pela sinergia possibilitada pela diversidade intrínseca do objeto livro – o livro é o produto com mais variedade de títulos do mundo¹² – aliado ao potencial informacional, transformado em capital essencial após a revolução digital.

Ou seja, junto ao produto mais diverso do mundo, se utilizou do recurso digital para que a maior quantidade de livros possível fosse cadastrada e ofertada ao consumidor final em uma plataforma. O digital foi usado para que a oferta do objeto material livro fosse disponibilizada ao maior número de pessoas possível. Nota-se que o uso de ferramentas digitais é uma regra geral do

¹¹ Oligopsônio ocorre quando um comprador pressiona vários fornecedores pelo seu controle de mercado; se assemelha ao monopólio, contudo este ocorre quando um fornecedor pressiona vários compradores (Earp e Kornis, 2005, p. 95).

¹² Vídeo de Jeff Bezos, criador da Amazon explicando o porquê da escolha de livros para iniciar sua empresa: www.youtube.com/shorts/mBoqz_Jiux4. Acesso em 30 de Janeiro de 2025

campo editorial. Ainda que este seja em maior parte baseado no trabalho do objeto livro impresso – áudiolivros e ebooks são responsáveis por apenas 3% das vendas do campo editorial brasileiro¹³ – todo o trabalho para a produção, distribuição e comercialização do livro é feita no meio digital.

Para além da agente dominante do campo editorial, cabe entender melhor como é a estrutura deste e quais tipos de agentes o compõem. Para isso podemos seguir a linha da produção e da distribuição do livro:

Editoras, o “independente” e apontamentos sobre bibliodiversidade e feiras

Caminhando na linha de produção do livro, temos as editoras. Estas responsáveis por receber o texto a ser trabalhado – nota-se que um dos primeiros trabalhos de uma editora é selecionar qual texto e como será trabalhado –, editado, precificado e publicado. Cabe indicar que a palavra “editar” também pode ser entendida como “publicar”, contudo aqui utilizaremos o verbete “Edição” de Muniz Jr. (2020) para distinguirmos esses dois atos diversos, sendo que estudaremos “editar” “como um conjunto de práticas destinadas a preparar materiais simbólicos para circular publicamente (ainda que destinados a públicos específicos, como os relatórios institucionais)” e “publicar” como o ato de tornar público (2020, p. 68 e 71). Ainda, temos também que cada editora possui um “estilo de presença no mercado editorial” (2020, p. 76) diverso, podendo ser comercial, através de conglomerados editoriais, com ou sem financiamento público, independente – numa diversidade que compreende uma forma “autônoma, artesanal, não comercial, disruptiva, ousada, rebelde, vanguardista, socialmente comprometida, socialmente descomprometida, diletante, militante etc. etc. etc”, podendo acumular ou não estas características (2020, p. 73).

Como já vimos em Bourdieu, as editoras são agentes do campo em que a dupla-face do livro e também dos próprios editores fica muito à mostra, pendendo mais ou menos para o lado simbólico ou para o comercial. Nas editoras também se permeiam os capitais e habitus mais diversos, ou seja, todas as agentes do campo, independente de sua posição, estão sujeitas à dinâmica dos capitais, das relações e das formas de relações.

Podemos afirmar, então, que existem posições diversas no campo editorial. Entretanto, neste momento, mostra-se oportuno recorrer à tese de doutorado de Muniz Jr. (2016) para entendermos melhor as agentes que se autointitulam como “independentes” no campo editorial. Novamente recorrendo à analogia dentro do campo, iremos utilizar este estudo de editoras independentes do Brasil e da Argentina para analisar melhor nosso objeto de estudo, a Barsa Livros, livraria (autointitulada) independente. De início, no preâmbulo do trabalho, Muniz Jr (2016, p. 16) já nos oferece um ponto de partida para pensar a “independência” no campo editorial:

¹³ Thompson, recorrendo à pesquisa Global eBook de 2017 (2016, p. 81)

Em termos muito gerais, a produção cultural independente será concebida como aquela que está fora – ora por escolha, ora por condição – dos circuitos e mercados massivos; que não adota as lógicas dos grandes conglomerados de cultura e mídia; que se identifica com métodos artesanais de produção, com o experimentalismo estético e/ou com discursividades dissonantes, alternativas, contra-hegemônicas. Ao mesmo tempo que se opõe implicitamente ao dependente (ou seja, aos agentes e às práticas culturais subordinados a tais lógicas), esse produtor se definirá a contrapelo de certos carrascos da dependência – o mercado, o mainstream, as empresas privadas, os grandes conglomerados, as instâncias públicas etc. que controlam a produção, a circulação e a consagração dos bens simbólicos.

Nota-se novamente a diversidade a que uma posição no campo está sujeita. Mesmo nesta colocação de independente, pode-se analisar várias formas de sê-lo; seja por oportunidade, por escolha ou por necessidade e em modos diferentes. O que é comum a todas as agentes independentes é a recusa e o afastamento, seja na prática e/ou no discurso, em relação ao habitus dominante do campo editorial. Para além do campo editorial, mas englobando este, esta recusa se dá contra “as convenções estéticas ou morais vigentes [...], o mercado [...] e o Estado” (Muniz Jr., 2016, p. 72).

Seguindo, o autor aponta que as editoras são posicionadas como independentes não necessariamente pelas suas publicações – ainda que seja uma parte importante dessa configuração –, mas principalmente pelas relações que estas estabelecem com seus pares independentes (2016, p. 18), assim como com seus públicos, que podem se identificar mais ou menos com essas posições no campo. Nessa linha temos que a posição de independente se dá mais pelo elemento relacional do que pela quantidade de recursos ou de capitais disponível. Contudo dificilmente teremos uma composição de agente independente com um grande acúmulo de capital, de qualquer tipo, pois este fato faria com que sua posição no campo fosse cada vez mais dominante e central, entrando em conflito com a própria definição do termo, qual seja, o afastamento deliberado ou condicionado em relação a uma posição de referência e coerção sobre as demais agentes do campo editorial.

Oportuno realçar a disposição territorial que Muniz Jr. nos apresenta sobre as editoras independentes, tanto no Brasil, como na Argentina. Estabelecendo um paralelo com a produção editorial como um todo, e se utilizando dos registros dos ISBNs¹⁴ para tal, Muniz Jr. aponta que o estado de São Paulo é responsável por 30,5% dos títulos cadastrados, enquanto o estado do Rio de Janeiro é responsável por 17,4%. (2016, p. 38). Ainda que na atualidade outros estados tenham sido responsáveis por uma distribuição da fatia da publicação de livros, o eixo Rio-São Paulo ainda domina quase metade destes registros. Também em sua tese “*Girafas e bonsais: editores “independentes” na Argentina e no Brasil (1991-2015)*”, Muniz Jr. (2016) realiza um estudo sobre editoras autointituladas independentes brasileiras e argentinas, procedendo ao estudo de feiras de publicações independentes, entrevistas com agentes que se autointitulam independentes etc. a fim

¹⁴ International Standard Book Number ou Padrão Internacional de Numeração de Livro: https://www.cbl.org.br/plataforma_de_servic/isbn/. Acesso em 30 de Janeiro 2025

de realizar um comparativo dos sentidos que o termo “independente” assume em cada país. Assim aponta que na Argentina também ocorre esse movimento de descentralização, contudo através dos dados do Registro Nacional de Propiedad Intelectual, é possível ver que “vieram da capital argentina 49% dos títulos e 75% dos exemplares produzidos no país” (2016, p. 39).

Ainda que no caso brasileiro sejam apontados a produção dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, posteriormente Muniz Jr. nos aponta que esta produção está concentrada nas respectivas capitais, que se comportam como “metrópoles reguladoras de intercâmbios entre interior e exterior, nacional e estrangeiro” e como consequência produzem uma “acumulação desproporcional de capitais nas capitais” (2016, p. 30). Como consequência, também são nesses polos onde se encontra a maior quantidade de editoras independentes, tanto no Brasil, quanto na Argentina. Tal fato se dá, primeiro, pela própria contradição em relação às agentes dominantes presentes nestes territórios, que também são espaços profícuos para esta prática independente, já que são espaços de ampliação e redistribuição de outras produções independentes exógenas, espaços de convergência de outras agentes independentes, assim como espaços de referência e de reverberação das produções independentes num todo (2016).

Para além da ocupação territorial, o termo independente, como vimos, aponta para a recusa do dominante ao mesmo tempo em que depende da própria posição, proposição e ação diante dessa característica alternativa. Para exercer este habitus as agentes independentes recorrem à própria responsabilidade de atuar dentro do campo da forma como compreendem serem mais eficazes ao mesmo tempo em que são contra-hegemônicas. Como toda agente do campo, a atividade independente também corre riscos inerentes à qualquer empreitada, mas neste posicionamento tais agentes adotam mais um risco: o de terem que manter sua atuação alinhada a uma das definições possíveis do “independente” sob a pena de serem desqualificadas como tal e sofrerem o reposicionamento do campo. Em casos mais graves, tal incompetência de praticar o habitus independente pode acarretar na extinção de tal agente do próprio campo.

Contudo a oposição às agentes dominantes é apenas um aspecto geral do habitus independente. Resta então aprofundarmos nessa posição dentro do campo para podermos entender a “polissemia do termo e a multiplicidade de posicionamentos que ele encarna” (Muniz Jr., 2016, p. 53). Alinhado à teoria de Bourdieu, Muniz Jr. nos mostra que essa diversidade de posições independentes dentro do campo é fruto do motor do campo, ou seja, ele é fruto das produções interiores do campo, resultado das lutas históricas travadas dentro deste, que reformulam e reposicionam as agentes incessantemente (2016, p. 55). Então, por se tratar de uma definição produzida e transformada por anos dentro do campo editorial, é de se esperar uma vasta possibilidade do ser independente, conquistado através do embate, tanto das influências externas,

quanto internas do campo editorial, além da própria mutação do termo em relação à evolução histórica do campo (Muniz Jr., 2016, p. 72).

Dessa forma podemos perceber que não somente as agentes são mutáveis dentro do campo, mas também as categorias de agentes dentro deste. No caso do “independente”, várias significações passaram a existir, coexistir e até disputar este adjetivo através da história. No atual momento, num esforço de categorização mais profundo e polissêmico do termo, Muniz Jr. nos apresenta cinco distinções categóricas de agentes que evocam o termo “independente” para suas caracterizações dentro do campo editorial. São quatro distinções produtoras do independente no campo que seguem a norma geral de oposição às agentes dominantes e uma distinção que recusa e afasta o próprio independente como categorização, contudo também produzindo o termo no campo pelo seu caráter contraditório:

Em suma, a compreensão das densidades intelectuais e políticas da produção cultural/artística/midiática “independente” supõe considerar: os agentes dedicados a formular a existência do grupo (intelectuais) e as condições de partilha dessa existência (líderes); os agentes que aderem a tais formulações e participam em menor ou maior grau das formas de ação e representação coletiva organizadas em torno do qualificativo em questão (partidários); aqueles agentes considerados parte do grupo, ainda que nem sempre eles próprios se considerem como tais (incluídos); e, por fim, os que, sendo ou não considerados parte do grupo, trabalham contra as diretivas ali vigentes (detratores). (Muniz Jr., 2016, p. 81)

Dessa forma temos o grupo das intelectuais, dedicadas à definição do termo dentro do campo, produzindo manuais, teorias e estabelecendo as características básicas, assim como seus limites para o que poderá ser considerado “independente”. São responsáveis pelo conceito, assim como pela estabilização deste, recorrendo às ferramentas e às relações de consagração de termos, como a ciência, as publicações, imprensa e demais agentes consagradas no campo. Temos então que este grupo é responsável por estabelecer o que é o “independente” e quais as práticas e discursos que devem ser utilizados para que uma agente possa adotar essa característica. Ou seja, o grupo das intelectuais é aquele em que define o habitus independente no campo editorial.

Já as líderes são aquelas agentes que mais executam este habitus independente, previamente definido e identificado pelo grupo anterior. Esta categoria faz uso dos capitais e das relações disponíveis para realçar, desenvolver e promover o fazer independente dentro do campo, normalmente mantendo relações com outras agentes independentes tanto para firmar uma coletividade, como para mobilizar mais recursos para esta categoria independente. As líderes do campo editorial independente são aquelas que materializam e deixam visível essa corrente do fazer contra-hegemônico às demais agentes do campo, assim como configuram em si a exemplificação do independente no campo, ainda que não sejam as únicas agentes com esta característica, mas que acabam recebendo essa ótica das demais agentes não pertencentes a esta categoria. Também as

líderes são aquelas que carregam a responsabilidade ativa do crescimento do campo, fazendo a mediação entre o fazer independente e novas agentes dispostas a atuar dentro desta categoria.

Em relação às partidárias, são as agentes que aderem à autointitulação de independente, assim como executam este habitus, contudo o fazem de maneira menos expositiva, ou com menor frequência, ou com menor eloquência na evidenciação do “independente”. Ou seja, as partidárias são aquelas que compõe o campo editorial independente sem se colocar como liderança ou referência dessa coletividade. Este grupo produz o “independente” dentro do campo de forma mais coadjuvante, ainda que de forma essencial para este coletivo (Muniz Jr., 2016, p. 77). Diferente das incluídas, agentes que aderem ao campo editorial independente pela consideração de seus habitus por terceiros. Isto significa que estas agentes não se autointitulam deliberadamente como “independentes”, mas que são consideradas pertencentes a este grupo pelas outras agentes do campo, principalmente as intelectuais e as líderes, que encontram nos recursos e relações das incluídas motivos para pertencerem contrárias à lógica dominante do campo. Em outras palavras, passam “a ser definidos dessa maneira por tabela, em função da circulação do conceito na imprensa e nos discursos cotidianos, e das acepções a ele atribuídas” (2016).

Finalizando a exposição das categorias do campo editorial independente, temos aquela que produz o termo através de sua deliberada rejeição. Este é o grupo dos detratores, que atuam de forma próxima ao habitus independente, podendo por vezes até serem considerados nos grupos dos incluídos, mas que rejeitam essa inclusão quando provocados a se posicionar, ou mesmo atuando como agentes das outras categorias, contudo sempre disputando a própria conceituação do independente e rejeitando as características estabilizadas do termo pelas demais agentes independentes. Ou seja, são agentes que não adotam para si o termo “independente”, mas que acabam o produzindo pela rejeição e pela disputa dos significados, seja do próprio termo, ou mesmo da disputa deste habitus, mas sob outra terminologia ou categorização das formas de mobilização dos recursos, ferramentas e relações dentro do campo.

Dadas as categorias específicas do “independente” no campo editorial, podemos ver novamente que essas representações são determinadas a partir dos próprios embates e combinações realizados pelas próprias agentes dentro do campo, não sofrendo determinação coercitiva ou regulatória por terceiros. Por este motivo é que a adoção do termo “independente” é conquistada pela autodeterminação, ou autointitulação, pelas próprias agentes independentes, tanto de forma individual, mas sobretudo de forma coletiva (Muniz Jr., 2016, p. 78-79). Em síntese:

Trata-se de um grupo heterogêneo e com graus distintos de aderência às formas de ação e representação encampadas pelos intelectuais e líderes da edição “independente”, mas que, via de regra, contrapõem-se às modalidades mais comerciais ou mercenárias de presença no espaço editorial, representadas sobretudo (mas não exclusivamente) pelos grandes conglomerados transnacionais. (Muniz Jr., 2016, p. 88)

Então a diversidade das agentes independentes é muito presente e explícita ao redor de um fim de contraposição às agentes hegemônicas do campo editorial, que segundo Muniz Jr. (2016, p. 83) cada vez mais apostam na lucratividade em detrimento ao valor simbólico do objeto livro, adotando moldes organizacionais de alta venda com baixo risco, padronização de títulos e foco em poucos *best-sellers*, baixa qualidade de produção, foco em promoção de conglomerados comerciais através da compra de pequenas e médias empresas (não só editoras, mas também livrarias, gráficas, empresas de logística, etc.); um conjunto de recursos e ferramentas que definem e expõem um habitus coercitivo e ameaçador “à circulação de ideias, à publicação de bons livros e à diversidade das expressões ideológicas e culturais” (2016). O monopólio, a padronização, a baixa qualidade e a coerção das agentes dominantes vão de encontro à própria diversidade do campo editorial e também à diversidade do objeto livro, que como vimos é o produto no mundo que apresenta maior quantidade disponível e indisponível de títulos já publicados, assim como aqueles em via de publicação.

Frente a uma possibilidade de labor com uma quantidade enorme de títulos, as empresas dominantes exercem habitus de concentração de trabalho e vendas em pouquíssimos títulos, atacando o que se concebe como “bibliodiversidade” pelas agentes do campo. Bibliodiversidade esta que passa a ser um conceito vital e central dentro da proposta independente do campo editorial.

Funcionando como categoria intelectual dentro do campo editorial, o Congresso Internacional da Edição Independente 2012-2014, a partir de suas agentes participantes, produziu a Declaração Internacional dos Editores e Editoras Independentes de 2014. Para além de proposições e caracterizações sobre as editoras independentes nos moldes vistos acima, ainda que com suas particularidades, estas intelectuais se declaram agentes promotoras da bibliodiversidade, e a definem como a “diversidade cultural aplicada ao mundo do livro. Ecoando com a biodiversidade, ela refere-se à necessária diversidade da produção editorial disponibilizada aos leitores” (Alliance Editeurs, 2014, p. 4). Ainda, este coletivo reconhece o valor simbólico do livro como “vetor essencial da construção e difusão dos saberes, do desenvolvimento do espírito crítico e da construção do ser humano” (Alliance Editeurs, 2014, p. 5) sem olvidar seu lado comercial, mas implicando o equilíbrio entre essas duas facetas vistas em Bourdieu.

Para tanto analisam que a bibliodiversidade é elemento essencial para a difusão cultural, democrática, política, garantidora de direitos básicos – como a liberdade e a igualdade de expressão –, também a solidariedade entre as agentes pertencentes ao campo editorial e a unidade da categoria independente do campo, alinhada ao mesmo fim de defesa dos direitos fundamentais em corresponsabilidade com outras agentes do campo, como livrarias independentes e bibliotecárias (Alliance Editeurs, 2014, p. 8). Então a bibliodiversidade conquista a centralidade conceitual dentro

do campo independente através da consolidação de sua importância pelas intelectuais do campo editorial independente e sua promoção pelas líderes, funções ambas responsáveis pela penetração e promoção da bibliodiversidade como elemento essencial aos demais agentes do campo.

E é a partir da bibliodiversidade que Muniz Jr. nos apresenta modelos de posição de editoras independentes dentro do campo, trazendo ao exemplo as editoras independentes “girafas” e as editoras independentes “bonsais”. Assim como as posições no campo como um todo são dinâmicas e estão se alterando constantemente, também o campo independente é fluido e sujeito às alterações socio-históricas internas e, em menor grau, externas. Dessa forma é importante lembrar que as categorias do “independente”, assim como as posições dentro do campo, que serão vistas a seguir, são móveis, sendo que as agentes do campo editorial podem assumir diversas categorias e se encaixar mais ou menos em uma posição de exemplo conforme a perspectiva usada, o contexto observado e também o momento em que se promove uma análise.

Ambos modelos de editora independente apresentados são como “território imune ou resiliente a tais transformações estruturais do mercado editorial e, portanto, como necessária salvaguarda à diversidade cultural e ideológica” (Muniz Jr., 2016, p. 85). Então tanto as “girafas” como os “bonsais” se apresentam como agentes cientes do modo atual de organização do campo editorial, assim como se propõem a apresentar e executar modelos diversos em relação à massificação e à redução da bibliodiversidade no campo. O que irá determinar a posição dessas editoras independentes no campo editorial é justamente a acumulação de recursos (capitais) e sua disposição por cada agente no campo, já que o habitus de cada posição se assemelha, pelo menos de forma geral.

Conforme Muniz Jr. (2016) apresenta, as “editoras girafas” são aquelas que já possuem capital acumulado dentro do campo, seja pela presença a mais tempo neste – logo, pela acumulação a partir de dentro do campo –, seja pela disposição de capitais econômicos que permitem a esses agentes integrarem o campo com mais estabilidade e tempo disponível para exercer suas atividades contra-hegemônicas até estas terem rentabilidade e lucratividade suficiente para se autossustentarem. É que estas editoras “girafas”, por meio de seus editores também considerados “girafas”, são mais propensas ao equilíbrio das duas faces intrínsecas ao campo editorial e ao objeto livro – como vimos, a face simbólica e a face econômica. Daí vêm a denominação proposta, são consideradas “girafas”, pois são “metade empresários, metade intelectuais [...], com a cabeça nas nuvens e os pés no chão” (Muniz Jr., 2016, p. 109).

Estas agentes “girafas” exercem habitus marcado pela independência editorial e pela promoção da bibliodiversidade ao mesmo tempo em que entendem e propagam a importância de esta atividade ser sustentável e lucrativa, pois o agir independente, para estas agentes, necessita

também de rendimentos, evolução material e posicional dentro do campo. Por esta posição de “girafa” dentro do campo, vemos que estas agentes com mais capitais acumulados no campo editorial – ou capitais externos à este campo, mas investido neste – realçam a proposição de Bourdieu quanto à heterodoxia proposta por estas agentes, ao mesmo tempo em que praticam a *doxa* do campo. Ou seja, enquanto promovem uma instabilidade de posições e categorias através da luta dentro do campo (heterodoxia) ao criticar o habitus dominante para reformular e praticar o dinamismo do campo, assumem suas proposições básicas de forma intrínseca (*doxa*) ao entenderem que este campo é movido pelas regras básicas de empresas, quais sejam, têm de ser rentáveis o suficiente para se manterem no jogo. Em verdadeiro diálogo, Muniz Jr. nos apresenta três daquilo que nomeia “expedientes retóricos” das editoras independentes:

O primeiro e mais importante deles é uma postura de resistência aos processos de concentração e à formação dos oligopólios editoriais.

[...]

O segundo procedimento retórico, estreitamente ligado ao primeiro, é o resgate simbólico dos grandes editores “independentes” do passado, figurados aqui como formadores de uma tradição da qual eles próprios se veem partícipes.

[...]

Por fim, o terceiro procedimento, menos explícito e consensual que os dois anteriores, é o de reafirmação do caráter comercial da atividade editorial. (2016, p. 179)

É oportuno notar que o primeiro expediente diz respeito à heterodoxia. O segundo nos aponta o entendimento e o domínio histórico do campo editorial necessário às agentes para a prática desta heterodoxia. Já o terceiro concerne à prática da *doxa*, a regra tacitamente aceita pelas agentes do campo editorial como intrínsecas ao funcionamento deste.

No que toca aos “bonsais”, diz-se das agentes consideradas novas ao campo, logo, com menos capitais acumulados. Tal fato as colocam numa posição mais afastada do centro do campo editorial – e também dentro do próprio recorte independente –, sendo agentes de menor referência dentro do campo e também menor poder influenciador e motor deste espaço. Essas agentes, por serem descapitalizadas, normalmente recorrem a participações em feiras criativas, notadamente as feiras de publicação independente, lugar de concentração deste tipo de publicação com foco e base na própria dificuldade de ocupação de espaços por esse tipo de publicação (independente e nessa posição de “bonsai”). Muito comuns nas capitais, tanto da Argentina, como nas capitais do eixo Rio-São Paulo, Muniz Jr. mostra que estas feiras de publicação independente trazem “visibilidade a uma modalidade de produção artística que, tendo existência recente, ainda não logrou o prestígio de que gozam a pintura, a escultura, a fotografia e outros gêneros já consolidados” (2016, p. 206). O teórico se refere principalmente à dificuldade de essas publicações germinais ocuparem espaços tradicionais e/ou com mais prestígio dentro dos campos, como os exemplos citados das galerias, museus, feiras de arte e livrarias.

Ou seja, dada a dificuldade do acesso das novas produções aos locais de circulação de cultura mais bem estabelecidos, essas feiras de publicação independente surgem com o propósito e a proposta de oferecer espaço de exposição às agentes ingressantes no campo editorial independente. Nessas feiras, as agentes “bonsais” podem não só expor, mas também vender seus trabalhos ao mesmo tempo em que aderem ao campo editorial independente na forma de partidárias ou incluídas – a depender da prática deliberada do habitus e do discurso adotado –, sendo que a classificação como intelectuais, líderes, ou mesmo detratoras, só será permitida com a acumulação de capitais dentro do campo, especialmente dos capitais previamente qualificados como “independentes”.

Enquanto as agentes “girafas” possuem um equilíbrio entre a importância da publicação de forma independente, contra-hegemônica e da necessidade do caráter comercial da atividade editorial, as agentes “bonsais” praticam um habitus mais voltado à luta pela liberdade e pela autonomia da publicação, concentrando mais suas atividades no lado simbólico em detrimento do lado comercial de suas atividades. Esse habitus é mais presente enquanto se mostram agentes iniciantes e desbravadoras do campo editorial, pois necessitam desta heterodoxia para conquistarem uma posição no campo e a partir dela praticarem suas atividades. Lembrando que nenhum habitus é estático, ou seja, a adoção inicial focalizada no lado simbólico de suas atividades não impede uma reorganização posterior por parte de certa agente. Então as “bonsais” são as agentes que trazem ao campo novas formas de produzir o “independente” dentro do campo, através do próprio trabalho produzem seus materiais apoiadas na microedição de impressos e produtos correlatos (livros, zines, bottons etc) de uma forma mais artesanal e experimental, carregando habitus e discursos mais combativos, tanto em relação a assuntos externos, quanto internos, assim como recorrendo a espaços culturais menos consagrados – principalmente feiras – para apresentar seu trabalho, já que não dispõem de capital que permitam posições mais estáveis e tradicionais de exposição do material por elas produzidos.

Inclusive, a própria forma de estar – ou de se ausentar – de uma feira pode apontar para a posição que uma agente independente do campo editorial ocupa. De forma geral, uma agente dotada de mais capital acumulado não necessita recorrer às feiras, da mesma forma que pode participar destas feiras, mas através de pessoas contratadas e não com a pessoa responsável pela empresa trabalhando ativamente. Também é um indicativo desta posição a estrutura física, a quantidade de produtos e demais disposições materiais que uma agente pode apresentar numa feira (Muniz Jr., 2016, p. 189-190). Portanto é oportuno trazer à reflexão que essa feiras – não só as de publicações independentes, mas também as feiras ditas criativas como um todo – funcionam como local de possível ocupação para agentes menos capitalizadas, principalmente aquelas apontadas como

“bonsais”. E no caso específico das feiras de publicações independentes, estas reforçam a diversidade desse recorte do campo editorial, apresentando várias formas de ser independente dentro do campo, circulando e produzindo o termo ao mesmo tempo em que agrega mais agentes a esta identidade sempre em construção e em readaptação (Muniz Jr., 2016, p. 222).

Distribuidoras

Tendo caminhado mais numa ordem linear da produção do livro com a análise das editoras e adotada a oportunidade da análise do habitus e posições independentes dentro do campo editorial, cabe seguir para análise de outro conjunto de agentes essenciais ao campo, as distribuidoras.

Por ser um campo que apresenta uma diversidade enorme de títulos, esse acaba tendo um problema relativamente a como organizar essa oferta de forma que tais livros possam encontrar os consumidores finais, as pessoas leitoras. E como cada pessoa leitora possui baixa capacidade de absorção da oferta global de títulos, Earp e Kornis apontam que “é por isso que o problema do livro é, acima de tudo, de distribuição, que depende, sobretudo, de informação – que é ainda mais importante em uma sociedade (que se pretende) da informação” (2005, p. 18).

Então é frente a esse problema que surgem as distribuidoras, empresas atacadistas especializadas na oferta de uma vasta oferta de títulos para as empresas varejistas, que permitem a facilitação da distribuição do objeto livro. Principalmente em um país com as dimensões do Brasil, a importância dessa função fica ainda mais ressaltada para as agentes do campo editorial, notadamente aquelas que lidam mais com o lado comercial deste. É que em vez de as empresas varejistas de livro (livrarias, supermercados, lojas virtuais etc) terem de lidar com cada editora para consultar, comprar e comporem seus acervos, elas podem recorrer ao estoque de somente uma empresa distribuidora que abarque os títulos de várias editoras ao mesmo tempo e com um sistema de consulta e pedido unificado, que permite ganho de escala e escopo (ganhos de operação) às varejistas.

Pensemos em um exemplo simples, de uma livraria necessitar de cinco títulos de cinco editoras diferentes. Em vez de entrar em contato, orçar, aprovar, pagar, emitir nota fiscal, contratar, pagar frete e dar entrada nestes livros cinco vezes, ao recorrer às distribuidoras, as varejistas realizam este procedimento apenas uma vez – há nisto um ganho de escala. Através deste ganho de escala e da diversidade que este permite, as empresas atacadistas podem fornecer mais livros aos consumidores finais, tanto em quantidade, quanto em diversidade, dependendo do modelo e da estratégia de cada varejista em relação à dupla-face do objeto livro, vistos, tanto comercial como simbolicamente. Ainda, há o problema de que as editoras normalmente trabalham com vendas maiores, o que pode não ser a intenção de uma livraria, por exemplo, que têm nas distribuidoras a

opção de comprar poucos títulos de uma editora, mas aproveitar para adicionar ao pedido os títulos de outra editora, formando assim a economia de escopo (Earp e Kornis, 2005, p. 49).

Então temos que as distribuidoras integram o campo editorial de forma mais voltada à face comercial do objeto livro, pois possibilita ao campo economias de escala e de escopo. A primeira sendo classificada como aquela em que “o aumento da produção de um produto acompanha a redução de seu custo unitário médio” (Earp e Kornis, 2005, p. 19) e a segunda caracterizada “quando uma mesma planta reduz os custos unitários médios ao fabricar ou vender mais de um produto” (Earp e Kornis, 2005, p. 21). Ambas economias favorecem o campo editorial num de seus principais entraves: como vimos, a distribuição de grande variedade de títulos ofertados, frente a um público leitor esparso, em que cada indivíduo é capaz de consumir apenas uma pequena fração desta diversidade. Temos então que as distribuidoras agentes do campo são muito importantes ao fazer o elo entre as editoras e as livrarias, próxima categoria de agentes do campo editorial que veremos de forma generalizada a seguir, para então podermos nos aprofundar em nosso objeto estudo de caso, a Barsa Livros, livraria independente.

Livrarias

Segundo o último levantamento realizado pela Associação Nacional de Livrarias (ANL) apresentado em agosto de 2023 via a 5ª edição do Anuário Nacional de Livrarias¹⁵, o Brasil conta com 2.972 livrarias, sendo que em números aproximados nesta pesquisa, 61% delas se encontram no sudeste, 19% no sul, 11,20% no nordeste, 5,5% no centro-oeste e apenas 3,30% no norte. Já de início podemos ver novamente a concentração de agentes do campo editorial no sudeste e principalmente no estado de São Paulo, que sozinho possui 1.167 das livrarias (39,22%) do país. Posição de destaque, principalmente considerando que o segundo estado com mais livrarias no Brasil é Minas Gerais com 353 livrarias (11,87%), seguido por Rio Grande do Sul com 293 livrarias (9,85%) e Rio de Janeiro com 252 livrarias (8,47%) em todo o estado.

Essa concentração de livrarias é muito próxima da concentração de editoras apresentada por Muniz Jr. (2016), contudo com maior discrepância relativamente ao estado de São Paulo, que no caso das editoras, apresenta um equilíbrio maior junto ao estado do Rio de Janeiro. Aliás, cabe utilizarmos o levantamento de Muniz Jr. para apreendermos que estas livrarias de São Paulo também estão concentradas na capital do estado, seguindo a lógica dos pontos cosmopolistas apresentado pelo teórico, em relação às livrarias como um todo e principalmente em se tratando das livrarias independentes, que entenderemos como uma analogia pertinente a esta pesquisa.

¹⁵ Notícia da Publishnews apresentando tais valores: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/09/19/brasil-tem-2.972-livrarias-segundo-a-associacao-nacional-de-livrarias> Acesso em 10 de Fevereiro de 2025

Importante notarmos que este Anuário apresentado pela ANL foi realizado com apoio e informações de diversas distribuidoras nacionais, apontando para uma cooperação entre agentes do campo na produção de informações e mapeamento das agentes definidas como livrarias. A título de informação cabe aproveitar o estudo para entendermos que estas livrarias estão caracterizadas como especializadas nos seguintes assuntos:

Em primeiro lugar estão as lojas de Interesse Geral / Literatura, com 1.047 pontos; em segundo Infantil / Juvenil / Quadrinhos, com 914 e em terceiro, as Evangélicas com 321. Católicas (290), Técnicas / Científicas (158), Sebos / Novos / Usados (102), Didáticas (52), Idiomas (46), Espíritas (36) e Outras religiões (6) também aparecem na contagem. [Publishnews, 19/09/2023]

Temos então que as livrarias são a extensão do processo produtivo e distributivo do livro, começando com as autorias que produzem o texto, que posteriormente serão tratados, editados e publicados pelas editoras; a seguir, estes livros serão fornecidos para as distribuidoras que irão abastecer as livrarias, empresas de comércio varejista especializadas no contato com a outra ponta desta cadeia: as pessoas leitoras e demais consumidoras finais. Sempre lembrando que esta é uma configuração padrão, tradicional e exemplificativa de como funciona a cadeia de produção e abastecimento do livro, pois como veremos em breve, esta cadeia pode assumir inúmeras variáveis, reordenando-se, excluindo ou adicionando agentes tradicionais ou novas desta, ou mesmo recusando tais posicionamentos e ordens. Contudo, por se tratar de uma lógica padrão e histórica, mostra-se também didática para nosso propósito de apresentar a configuração do campo editorial através da teoria dos campos.

Assim, como visto no estudo apresentado pela ANL, temos um número limitado de livrarias para um número também limitado, contudo bem maior de livros produzidos anualmente. Tal fato nos recorda que o problema desta quantidade enorme de livros produzidos se encontra na distribuição. Desse modo, as livrarias têm como objetivo organizar essa oferta de livros para uma demanda de consumidoras finais. Ou seja, como varejista em contato com a ponta final da cadeia do livro, as livrarias devem entender quais são os interesses das pessoas leitoras que estão em contato com cada livraria e disponibilizar os livros que mais se conectam com este interesse, sob pena de manter seus livros parados em estoque e, assim, imobilizar sua operação e engessar seu reposicionamento no campo editorial, que como vimos, não permite a rigidez de posições, sob pena de definimento, ou mesmo exclusão desse. Então as livrarias, por questão de oferta e de demanda, devem se especializar em nichos, mesmo numa proposta de interesse geral, ou então de uma forma mais específica – como visto no Anuário da ANL, as livrarias podem ser de interesse geral, ou especializadas em livros espíritas, por exemplo –, contudo mesmo nesses moldes a oferta de livros é muito alta e prescinde de uma organização por parte das profissionais que atuam neste ponto da

cadeia.

Recorrendo a Earp e Kornis (2005, p. 17) temos que “mesmo a Amazon, a Barnes and Noble e outras livrarias encontradas na internet, com sua pretensão universalizante, estão muitíssimo longe da totalidade – pois o custo do processamento da informação torna-se proibitivo com o aumento da escala e dos erros”. Além desse impeditivo tecnológico, existem editoras que fazem questão de não listar seus livros nessas lojas virtuais/livrarias que ocupam a posição de dominantes do mercado editorial por motivos específicos diversos, mas a partir da ideia geral de combatividade ao habitus de dominância praticada por estas empresas.

É o que se pode observar no terceiro capítulo desta pesquisa ao analisarmos o acervo à pronta entrega da Barsa Livros, nosso objeto de estudo. Na análise deste acervo vemos que mais de um terço dos títulos à pronta entrega desta livraria não está sequer cadastrado na Amazon, livraria Martins Fontes Paulista e Livraria Travessa, livrarias que ocupam a posição de dominância e/ou intermediária no campo editorial. Tal fato corrobora esse gargalo entre oferta de títulos e demanda pelas consumidoras diretas dos livros, fazendo com que parte importante do trabalho das livrarias seja realizar a pesquisa de títulos interessantes para o público específico que esta atende. Inclusive, temos que um dos maiores custos de operação das livrarias é justamente esta pesquisa, que “é muito mais cara do que a edição de um livro, cujo custo de manufatura geralmente não passa de um dólar por exemplar” (2005).

Como visto, por ser um campo onde o principal problema é a distribuição, temos então que um dos pilares para o seu bom funcionamento é baseado na logística. E como é um campo recheado de agentes, produtos (livros) e relações diversas, também serão diversas as possibilidades de distribuição que podem ser feitas:

Diretamente pelo departamento comercial das editoras, por meio de um representante comercial ou de um vendedor praticista independente, por uma distribuidora integrada à livraria, por um atacadista de livros ou ainda por uma distribuidora independente. A opção vai depender do tipo do produto, do tamanho da praça, do porte da editora e do porte da livraria. A distribuição de livros no Brasil é feita, acima de tudo, por meio de vendas diretas das editoras ao governo e, em seguida, por vendas diretas a livrarias e pela ação de empresas distribuidoras, além de diversas outras formas de menor expressão. (Earp e Kornis, 2005, p. 42-43)

No caso das livrarias esta seleção dos títulos irá se basear no público em que ela atende – que também irá determinar a posição desta livraria dentro do campo –, mas também na própria posição que esta ocupa e almeja ocupar no campo, fato que apontará e determinará um habitus para cada livraria, o que se refletirá em seu acervo conforme a leitura de sua demanda, além da proposta almejada. Esse habitus também será determinado frente à dupla-face que as livrarias possuem. Ou seja, não só o público, a demanda, a posição ocupada e almejada e a oferta apresentada irão determinar a forma de seleção dos títulos disponibilizados por cada livraria, mas também o peso que

cada livraria dá para a face comercial e para a face simbólica de suas atividades irá influenciar e resultar num habitus específico, variando de livraria para livraria.

Recorrendo novamente a Earp e Kornis (2005, p. 72) podemos observar constantes de posições no campo, onde as grandes livrarias, ainda que possuam um catálogo maior que as demais agentes no campo, exercem habitus e formações de catálogo focados na alta vendagem de poucos títulos e na homogeneização das consumidoras a fim de obterem ganhos principalmente de escala e apostando no monopólio das vendas de títulos de alta tiragem. Ao mesmo tempo as livrarias médias, ainda que com um acervo muito menor, conseguem proporcionalmente oferecer mais diversidade de títulos aos seus consumidores, pois trabalham num formato menos massivo e homogeneizador, atendendo de forma mais pessoal a sua demanda. Por sua vez, a livraria pequena é o tipo que apresenta a maior diversidade, pois com menor ganho, tanto de escala, quanto de escopo, devem ser mais precisas no atendimento de seu público, aumentando a efetividade da pesquisa de montagem do acervo, ao mesmo tempo em que oferecem títulos de editoras de menor expressão, assim como títulos “mais difíceis de encontrar” (2005). Não só isso, mas ao focar mais a diversidade do que a quantidade de um título, as pequenas livrarias aumentam o leque de possíveis leitoras, enquanto reduzem a chance de um livro virar encalhe (2005).

Dessa forma temos que quanto menor a livraria – em regra geral – maior a bibliodiversidade apresentada, sendo realçado, assim, o valor simbólico destas livrarias. O que não impede que tais livrarias foquem suas atividades no equilíbrio comercial-simbólico, o que faria delas livrarias-girafa, ou mais no simbólico e heterodoxo, o que as tornaria livrarias-bonsais (em alusão à tese de Muniz Jr.). Contudo o próprio campo irá posicionar essas livrarias menores e impeli-las a uma atividade mais diversa e simbólica, já que as mesmas não possuem o acúmulo de capital necessário – principalmente o econômico – para as disputas de preço que reinam no comércio massivo presente nas zonas centrais e dominantes do campo. E se as livrarias são as empresas responsáveis pelo contato direto com as pessoas leitoras e demais consumidoras finais, como regra geral cabe uma breve análise dessas agentes dentro do campo.

Autorias, leitoras e demais consumidoras finais

De início temos as autorias, que produzem o material texto para publicação. Certos de que tais autorias também estão sujeitas ao posicionamento no campo editorial, inclusive dispendo dos capitais previamente elencados (econômico, simbólico, informacional, humano e intelectual). Podemos utilizar o exemplo de autorias atuais para ilustrarmos o uso dos capitais por estas. Considerando que existem diversos tipos de textos publicados, como os literários, técnico-científicos, políticos, documentais, biográficos etc., podemos inferir que conforme o tipo de texto,

os capitais lançados serão variados. Num livro de poesia podemos exemplificar que o capital simbólico, cultural, será utilizado em maior grau que nos demais – não se tratando aqui de uma regra –; já num texto técnico-científico podemos pensar na utilização em maior grau do capital humano e intelectual, dado o estilo pedagógico e informacional deste tipo de publicação. Ainda, partindo para uma análise de livros de finanças, podemos pensar na influência que o capital econômico pode exercer para uma certa autoria poder ser publicada ou não, principalmente se isso for posto em relação com as grandes editoras de cunho altamente capitalista que dominam as vendas do mercado editorial.

Quanto ao capital relacional e/ou mesmo o humano, podemos refletir também sobre as autorias que se utilizam de ghost writers, ou mesmo equipes de coautores (referenciados ou não nas publicações) para lançar seus livros. Nota-se que é possível também a utilização de um capital econômico para a contratação do capital humano; um capital produzindo o outro. Assim como parece cada vez mais atual a utilização do capital informacional, principalmente na forma de geradores de texto e na utilização de inteligências artificiais para a produção, correção e edição de textos e até em plataformas digitais de autopublicação.

Cada tipo de autoria irá se utilizar mais ou menos de um tipo de capital e dessa forma cada autoria irá se empreender em um habitus diverso para se deslocar pelo campo e por ele ser posicionada. Existem habitus mais voltados à alta vendagem dos livros, em que se empenham ferramentas e relações que aumentem a possibilidade de um texto materializado se tornar best-seller. Neste caso podem ser utilizadas técnicas de suavização do texto, uso de temáticas mais em voga para o público-alvo (e a própria pesquisa para este fim), a relação com editoras mais comerciais, ou com agentes do campo midiático para a divulgação do livro etc. Também existem habitus voltados ao valor cultural de uma obra, em que não necessariamente as vendas serão colocadas como o fim de um livro, mas sim sua penetração em campos culturais, ou ainda a tradução da sociedade através do texto, ou mesmo a proposição de reflexão sobre os tempos atuais. Também o habitus independente se faz presente neste campo editorial, se colocando mais próximo da heterodoxia do campo, ou seja, trazendo à luta do campo um posicionamento, além de uso de capitais e formas de relação interior diferentes daquelas propostas (ou impostas) pelas agentes dominantes do campo.

Há que se pensar que a variedade de habitus é imensa, pois a combinação de quantidade de capitais que podem ser utilizados é vasta, assim como a grande quantidade de agentes disponíveis para se estabelecer relações dentro do campo editorial. Lembrando que também são variantes do habitus a forma de se relacionar com outras agentes do campo, isto podendo de dar de forma cooperada, competitiva ou interdependente. Ou seja, mesmo utilizando um recorte do habitus

independente dentro deste campo, que iremos ver mais profundamente à frente neste capítulo, podemos ver que existe uma ampla diversidade de capitais, relações e formas de se relacionar, que mostram um vasto leque de desdobramentos dentro deste mesmo habitus geral, que será diverso em suas especificidades.

Frente às características já tratadas previamente sobre as agentes dentro do campo editorial, cabe ressaltar que as posições e habitus também são variáveis com aquelas que compõem o final da cadeia do livro, as consumidoras finais. Entendendo que de um lado comercial as consumidoras finais podem ser pessoas comuns e também empresas jurídicas, temos que, inescapavelmente, os livros terão como fim da cadeia uma pessoa leitora, pois ainda que a consumidora seja uma biblioteca, por exemplo, esta adquire o livro com o fim de disponibilizá-lo para as pessoas que a frequentam. Contudo é importante realçar que nem sempre as pessoas que leem são aquelas que adquirem o livro, assim como as consumidoras finais que compram, ou recebem o livro, não serão necessariamente aquelas que o lerão.

Essa diferença ficará mais destacada e terá mais importância em nossa análise do segundo capítulo, que trata sobre as verticalidades e horizontalidades que influenciam a Balsa Livros, a livraria objeto de estudo desta pesquisa. No capítulo em questão veremos como as empresas que trabalham com livros podem ser agentes de verticalidade ou horizontalidade no campo, assim como as pessoas leitoras estão sujeitas à mesma coisa. Em um modelo simples e tradicional da cadeia de produção e distribuição do livro estas consumidoras finais, como o próprio nome indica, encerram esse ciclo. Contudo o livro não perde seu valor, nem comercial e nem simbólico, o que faz com que tenham uma sobrevida quando as consumidoras finais decidem recolocar o livro em circulação, seja via doação, empréstimo ou venda. Nesse momento é que surge outro agente característico do campo editorial, os sebos.

Sebos

Os sebos são comércios especializados na lida com o livro usado, adquirido via doação, compra ou troca. Pela grande quantidade de livros disponíveis e produzidos diariamente pelo mercado editorial, os sebos cumprem um papel importante na recirculação do livro, fazendo com que o mesmo mantenha sua presença no corpo social, assim como possibilita que esses livros sejam comercializados com um custo menor às consumidoras. Pelo fato de serem livros usados, normalmente os custos de operação de um sebo serão menores, principalmente em relação ao custo variável de aquisição de estoque, já que os itens naturalmente possuem menor valor. Os sebos também são responsáveis pelo resgate e pela disponibilização de livros raros e títulos em edições antigas, o que poderá acarretar o aumento do preço destes, a depender da importância de cada livro

e da relação intrínseca de oferta e demanda de cada. Como agentes do mesmo campo editorial – e sob pena de repetição – também os sebos são posicionados conforme o acúmulo de capitais através de suas atividades, o que irá determinar o habitus de cada sebo, ainda que regidos pela generalidade da lida com livros usados.

Vistas as agentes que têm no livro suas atividades principais e que constituem de forma protagonista o campo editorial, cabe uma breve descrição daquelas agentes que não são originalmente pertencentes a este campo, mas que são fundamentais para o funcionamento deste. Emprestando a terminologia de Muniz Jr. quando trata das agentes autointituladas incluídas do campo editorial, cabe o apontamento destas agentes incluídas no campo editorial de forma tácita, indireta e auxiliar.

Incluídas

Por ser um campo complexo de produção e de distribuição, este necessita da participação de agentes com outro foco de trabalho além do livro. Se as autorias, editoras, distribuidoras, livrarias, sebos e consumidoras finais aqui tratadas são todas agentes que possuem o livro como objeto central em suas relações, capitais e habitus, outras agentes incluídas têm como principal atividade outro objeto ou serviço, que tem no livro motivo para a aplicação de suas especialidades. Como cadeia complexa, a do livro “reúne os setores autoral, editorial, gráfico, produtor de papel, produtor de máquinas gráficas, distribuidor, atacadista, livreiro e bibliotecário, cada um formado por um grande número de firmas. A interface entre firmas de dois setores forma um mercado” (Earp e Konis, 2005, p. 18).

Podemos ver acima agentes que integram a cadeia do livro, mas que têm suas atividades principais ligadas a outros focos. O setor gráfico, o produtor de papel, o produtor de máquinas gráficas e incluímos aqui as empresas de logística, como os Correios, por exemplo, têm tudo a ver com a produção e com a distribuição do livro – e são muito importantes para tal –, contudo não são setores com dependência exclusiva do campo editorial. Ou seja, essas empresas, ainda que essenciais ao campo editorial, possuem atividades para além deste. Como exemplos, podemos pensar o caso de gráficas trabalhando também para o setor publicitário, a produção de papel para decoração de interiores e as empresas de logística com um leque ainda mais amplo, transportando recursos e produtos para quase qualquer mercado diverso do livro, como a produção e a distribuição de roupas.

A questão é que essas empresas integram e produzem o campo editorial, também assumindo posições e acumulando capitais dentro deste, contudo de forma complementar, tanto intraempresarial, como intercampos, pois cada uma delas é pertencente de forma originária a outros

campos: o campo gráfico, industrial, logístico, etc. É que retomando Bourdieu, temos que os campos não são herméticos, sofrendo influência de outros campos, contudo sendo soberanos e deliberando internamente sobre as implicações vindas desses. Como vimos anteriormente (página 24 desta dissertação), alguns campos e agentes, ainda que não pertencentes ao campo editorial, são a eles tão importantes que podem provocar manifestações por agentes originárias do campo em prol deles. É o que aconteceu quando livrarias se reuniram para se manifestarem contra o Projeto de Lei 591/2021 que visava a permissão da privatização dos Correios¹⁶, projeto que chegou a ser aprovado pela Câmara dos Deputados, mas que teve sua deliberação paralisada no Senado devido à forte pressão política contrária sofrida¹⁷. Então, via deliberação interna do campo editorial, os Correios foram considerados e incluídos como agente essencial ao campo pelas agentes do próprio campo – notadamente as livrarias –, causando, inclusive, manifestação política fora do próprio campo ao defender uma empresa pública incluída (não de forma integral) ao campo, para defender o próprio funcionamento e efetividade dentro deste.

Outros agentes que foram incluídos no campo editorial são os marketplaces, que funcionam como plataformas de vendas de livros para diversas agentes do campo, como editoras, livrarias, distribuidoras e até pessoas físicas, vendendo nestas plataformas tanto livros novos como usados. Muitas dessas agentes já possuem sites e plataformas próprias de vendas, contudo esses marketplaces vêm ao encontro do problema de distribuição de livros e ampliam a possibilidade de divulgação das vendas, seja de maneira dominante ou mais periférica, pois mesmo que incluídas, também estão sujeitas aos posicionamentos implicados pelo campo a depender do acúmulo de capitais e habitus pelo campo determinado. No caso dos marketplaces, o objetivo principal é o fornecimento da plataforma de vendas, normalmente sob a cobrança de mensalidade ou taxa sobre venda, ou seja, tais agentes são especializadas no serviço de divulgação e de vendas online para as agentes interessadas. Essa é uma das agentes incluídas possibilitadas pela revolução digital observada por Thompson (2019), que, como vimos anteriormente, possibilitou a entrada de diversas novas agentes ao campo editorial através da integração do digital a favor da produção e da circulação do objeto livro.

Como aqui o objetivo é dar um panorama geral do campo editorial, não se constitui como princípio esgotar e mapear este campo, mas dar uma noção geral de como esse se encontra, para então aprofundarmos nossa análise em apenas uma dessas agentes do campo, qual seja, a Barsa Livros.

¹⁶ Fonte: Agência Senado: Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/09/para-governo-privatizacao-modernizara-correios-funcionarios-advertem-que-agencias-do-interior-serao-fechadas>. Acesso em: 18 de agosto de 2025

¹⁷ Fonte: UOL: Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2022/04/06/com-governo-sem-lider-no-senado-venda-dos-correios-trava-no-congresso.htm>. Acesso em: 18 de agosto de 2025

1.3 Livraria independente online

Como visto no último Anuário Nacional de Livrarias da ANL lançado em 2023, o Brasil conta com 2.972 livrarias, sendo que o estado de São Paulo possui 1.167. Partindo agora para a análise específica do nosso objeto de estudo, a Barsa Livros, livraria independente de Ribeirão Preto, cabe entendermos o panorama de livrarias dessa cidade. A última notícia e levantamento de livrarias locais que se pode encontrar data de setembro de 2022¹⁸ e indica que a cidade possui 152 livrarias, contudo essa classificação é baseada em empresas que possuem o comércio varejista de livros como uma de suas atividades registradas em seus cadastros fiscais, a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE). Acontece que esta informação não é suficiente para indicar-nos a quantidade dessas empresas que têm no comércio varejista sua atividade principal, podendo ocorrer de empresas diversas constarem nesse número por também lidarem com livros. Podemos usar os exemplos de papelarias, distribuidoras, lojas de artigos etc., que também realizam a venda de livros para o público final entre tantos outros produtos de outras áreas.

Por este motivo, iremos nos basear no conhecimento próprio de livrarias – ou seja, comércio varejista de livros – aliado a motores de busca e grupos de Whatsapp para entendermos melhor quais são as livrarias que compõem a cidade de Ribeirão Preto. Ou melhor, vamos nos basear nestas informações para apresentarmos um panorama de livrarias que se sobressaem nas pesquisas a fim de termos um campo urbano de livrarias suficiente para basearmos nossa análise da Barsa Livros, o objeto de estudo escolhido.

Imagem 2- Mapa das livrarias de Ribeirão Preto



Fonte: Google Maps. Disponível em: https://www.google.com/maps/search/livrarias+ribeirao+preto/@-21.1850546,-47.8125093,7813m/data=!3m1!1e3?entry=ttu&g_ep=EgoyMDI1MDgxOS4wIKXMDSoASAFQAw%3D%3D. Acesso em 10 de março de 2025

¹⁸ Matéria produzida pelo portal G1 regional acerca das livrarias da região: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2022/09/06/setor-de-livrarias-ganha-folego-em-ribeirao-preto-com-mercado-editorial-em-alta-no-pais.ghtml>. Acesso em 11 de Fevereiro de 2025

Como primeira imagem retirada do Google Maps¹⁹ podemos ver que o termo “livraria ribeirão preto” pesquisado nos traz resultados que também apontam para sebos e inclusive shopping centers. Ainda que haja esse panorama de outras empresas não relacionadas ao foco, podemos observar que a pesquisa traz resultados em que predominam a zona central da cidade, para em seguida apontar as zonas sul e leste e trazendo resultados quase nulos nas regiões oeste e norte. Ainda segundo essa pesquisa podemos apontar duas grandes livrarias em shopping centers: a Livraria da Travessa, localizada na zona sul, dentro do Ribeirão Shopping, o maior, mais antigo e mais tradicional shopping center da cidade; e também a Livraria da Vila, localizada quase no extremo sul da cidade, no Shopping Iguatemi, o mais recente shopping center de Ribeirão Preto. Essas duas livrarias tendo como leque de atuação o interesse geral e a literatura (aqui usando a mesma terminologia do Anuário da ANL visto acima). Cabe ressaltar que em 2021, neste Shopping Iguatemi, uma unidade da Livraria Cultura encerrou suas atividades, e que atuava no ponto desde 2014. Também vale a ressalva de que no Shopping Santa Úrsula (zona central) e no Novo Shopping (zona leste) havia uma unidade, em cada, da Livraria Saraiva. Ou seja, duas livrarias reconhecidas pelo alto capital acumulado, que perderam suas posições no campo editorial com o tempo e principalmente após o pedido de Recuperação Judicial de ambas.

Temos também na zona sul a Disal, empresa tanto distribuidora, quanto varejista no comércio de livros, notadamente especializada no comércio de livros de idioma, mas com participação relevante também em livros de interesse geral e de literatura. Ainda com o trabalho tanto de distribuidora quanto de comércio varejista – porém focadas principalmente na primeira e no trabalho com escolas –, temos também a ACF Distribuidora e a Shop dos Livros, ambas situadas na região central.

Ademais, há também livrarias especializadas, como a Mizuno, a Giure Livros e a Livraria da OAB especializada em livros jurídicos; a Espaço Psi, especializada em livros de psicologia e de psiquiatria; a BookToy, com foco em fonoaudiologia, educação, psicopedagogia e terapia ocupacional; a Tota, livraria e editora de livros de odontologia; livrarias Paulus, Palavra Cristã e Verdade e Luz, que comercializam livros religiosos; a PoPKai, com livros do gênero geek; e a livraria EDUSP, dentro do campus da USP, que comercializa os livros da editora homônima. Seguindo, temos os sebos da zona central: Sebo da Nove, Loucos por Livros, Sr. Sebo, Sebo Túnel do Tempo e Sebo do Brechó. Assim como a Lítera Livros, livraria exclusivamente digital e de interesse geral e de literatua.

Aproximando-se mais do nosso objeto de estudo, considerando tanto a proximidade

¹⁹ Ferramenta de mapas online produzido pela Google. <https://maps.google.com>. Acesso em 11 de Fevereiro de 2025

territorial, quanto o trabalho com livros novos, temos a Geringonça livros, discos e café, que trabalha tanto como livraria, quanto como sebo. E então temos as livrarias que mais se assemelham à Barsa Livros. A Degustadora de Livros e a Livraria Levante. Tanto a Degustadora de Livros, quanto a Barsa Livros são livrarias situadas na zona central, em imóveis “de rua” e trabalham com livros novos e usados – sendo inclusive situadas muito próximas no centro de Ribeirão Preto, a cerca de cinco quarteirões de distância. Já a Livraria Levante atua no meio digital, em feiras e eventos culturais e também mantém suas atividades baseadas em livros novos. Contudo o que une as três dentro de uma mesma classificação é que estas se autointitulam como livrarias independentes.

Quanto à Degustadora de Histórias, podemos ver pelas publicações de sua página no Instagram – que aliás é o principal meio de comunicação das três livrarias independentes da cidade –, que seu foco está muito baseado no capital relacional, já que organiza e promove quinze clubes de leitura diversos, assim como clube de assinatura para clientes, oficinas e concurso literário para a publicação do texto vencedor entre as participantes. Fato que já aponta para também o uso do capital cultural, tanto pela circulação e pela promoção dos livros dos clubes de leitura, como também pela promoção de novas autorias e de publicações de obras através dos quatro selos desta livraria/editora: Inglesa, Thumelê, Degustadora Editora e Ópio Literário. Convém observar que o manejo e a execução desses capitais também apontam para capitais econômicos e humanos utilizados por esta livraria independente a fim de executar tais empreendimentos, já que a execução desses relacionamentos prescindem de uma estrutura com custos monetários e também da exigência de trabalhadoras que desenvolvam esses clubes de leitura e concursos literários.

Em relação à Livraria Levante, esta é uma livraria independente online com presença física em feiras criativas e principalmente na Biblioteca Sinhá Junqueira, uma das bibliotecas mais antigas e tradicionais de Ribeirão Preto, que passou há poucos anos por uma reforma de revitalização e modernização. Nesta biblioteca acontecem vários eventos, clubes de leitura, mesas redondas, exposições etc. E é com esta e nesta biblioteca que a Livraria Levante realiza grande parte de suas atividades presenciais, seja com lançamentos de livros promovidos pela própria livraria, seja com a montagem de banca em eventos que tenham o livro como assunto correlato. A Livraria Levante também promove e executa o Clube das Leituras Proibidas, com a escolha de livros que já sofreram censura, por motivos diversos. Além do trabalho da livreira responsável, de ler e recomendar livros via resenhas e indicações. Novamente vemos um grande manejo do capital relacional e do cultural por esta livraria independente.

Assim, mesmo considerando que a grande maioria das livrarias independentes se encontram principalmente na capital do estado de São Paulo, vemos que essa categoria possui representantes

no interior, ainda que em menor quantidade. O foco aqui não é esgotarmos a disposição das livrarias de Ribeirão Preto, pelo contrário, é trazermos uma visão geral para que então possamos nos deter em uma delas, a Barsa Livros, livraria independente: como começou, qual sua relação com a revolução digital, quais os capitais empreendidos e acumulados no decorrer de sua história, quais relações mantém e quais posições no campo ocupou e hoje ocupa. É o que passaremos a analisar.

Como vimos, a revolução digital é responsável pela última grande reestruturação do campo editorial, alterando significativamente os modos de organização das agentes endógenas do campo, a produção e a circulação do livro, assim como permitiu a entrada de diversas novas agentes nesse – cada uma com um modelo organizacional diverso, assim como posições e habitus plurais variantes conforme a disposição de capitais –, entre estas novas agentes, temos também a Barsa Livros. Através do quadro empírico de Thompson podemos ver que a situação da Barsa Livros não é de nenhuma forma uma exclusividade, tampouco se aproxima de caso isolado dentro do campo, já que a digitalidade tornou “mais fácil do que nunca montar uma empresa editorial [livraria]” (2021, p. 25-26. colchetes nossos). Cabe novamente ressaltar que tanto Bourdieu, quanto Thompson tratam as livrarias como casos análogos, já que são agentes também pertencentes e produtoras do campo editorial, ainda que não produzam o objeto livro – central neste campo – mas o distribuem e o conectam às consumidoras final. Então entendemos nessa dissertação que as práticas livreiras vistas aqui participam do campo editorial.

No caso da Barsa Livros, esta empresa ingressou no mercado editorial em setembro de 2020 com um investimento inicial (capital social, em termos fiscais brasileiros, que simboliza uma fonte de capital econômico em Bourdieu) de R\$ 6 mil²⁰, uma quantia extremamente discrepante em comparação com as demais agentes já pertencentes ao mercado, estando, inclusive, bem abaixo em relação a livrarias independentes da mesma cidade com inaugurações em datas bem próximas – A Degustadora de Histórias²¹ e a Livraria Levante²² – que possuem uma média de investimento inicial de R\$ 50 mil; ainda mais distante desse contexto temos a Livraria Martins Fontes Paulista – uma livraria de alto capital simbólico e que ocupa uma posição intermediária no campo –, que possui um investimento inicial de R\$ 2.431.950,00²³; a Livraria da Travessa com R\$ 3.733.814,88²⁴ e a Livraria da Vila com R\$ 22.000.000,00²⁵ – para usarmos exemplos de livrarias presentes na mesma cidade, ainda que estes capitais considerem todo o capital de toda a rede – e ainda mais distante da Amazon, a grande dominante do mercado editorial no presente momento, que conta com um

²⁰ Pesquisa sobre a Barsa Livros na Junta Comercial de São Paulo (Jucesp). Acesso em 13 de Fevereiro de 2025.

²¹ [Pesquisa da Degustadora de Histórias na Jucesp](#). Acesso em 13 de Fevereiro de 2025.

²² [Pesquisa da Livraria Levante na Jucesp](#). Acesso em 13 de Fevereiro de 2025.

²³ [Pesquisa da Martins Fontes Paulista na Jucesp](#). Acesso em 13 de Fevereiro de 2025.

²⁴ [Pesquisa da Livraria da Travessa na Jucesp](#). Acesso em 13 de Fevereiro de 2025.

²⁵ [Pesquisa da Livraria da Vila na Jucesp](#). Acesso em 13 de Fevereiro de 2025.

investimento inicial de R\$ 19.558.416.623,00²⁶. Sendo todos estes capitais sociais registrados na Junta Comercial do Estado de São Paulo.

Ainda com relação ao capital econômico, mas aqui visto pela ótica do poder comercial, ou seja, em relação à capacidade de compra e de venda de livros, a Barsa Livros iniciou sua atividade com zero cliente, mesmo que com acesso a potenciais consumidores devido à continuação do trabalho de seu microemprededor, ou livreiro administrador, que vindo de outra livraria de Ribeirão Preto, a Livraria Cultura (dotada, à época, de enorme capital simbólico e econômico), possuía o conhecimento de eventuais clientes, principalmente empresas, com quem iniciou relacionamentos a fim de manter a atividade empresarial da Barsa Livros.

Vale observar que a revolução digital, para além do efeito sobre as agentes produtoras e as distribuidoras do objeto livro, também permitiu que as clientes finais pudessem estabelecer relações e comunicações com as mesmas e inclusive comprar os livros – fato que se pôde claramente observar durante a pandemia de Covid-19, quando as vendas online sustentaram o campo editorial como um todo, já que o contato presencial foi severamente limitado. Aliás, a revolução digital permitiu a abertura desta livraria independente durante a pandemia de coronavírus, já que além de outros fatores, o risco de contaminação, o *lockdown* e o respeito ao distanciamento social fizeram com que esta livraria iniciasse suas atividades 100% no meio digital. Tal revolução digital também permitiu que várias agentes ingressassem em “espaços totalmente independentes [...] sobrevivendo num universo paralelo que se liga apenas de maneira indireta, quando o faz, ao que podemos considerar o mundo do livro” (Thompson, 2021, p. 6).

Aqui vemos que é parcialmente o caso da Barsa Livros, pois, por mais que tal livraria se autoidentifique como “independente”, não o faz seguindo a lógica de um espaço paralelo ao campo editorial, já que se relaciona com uma quantidade grande de agentes localizados no centro do campo, principalmente com as distribuidoras, que foram as agentes que possibilitaram o acesso a suas estruturas a fim de propiciar à Barsa Livros o trabalho com livros sob encomenda e a compra de livros com desconto para revenda.

Agentes tradicionais como a Catavento Distribuidora, ativa no mercado há 60 anos, assim como a Distribuidora Inovação e a Disal, colocaram seus estoques, portais digitais, assim como trabalhadoras à disposição da Barsa Livros para que esta iniciasse suas atividades. Isto se efetivou somente, para a Barsa Livros, a partir da comprovação e do cumprimento de ritos prévios e característicos do campo editorial – na verdade até do campo do comércio – como a constituição jurídica, a assinatura de contratos, a análise de crédito – por parte da Catavento e da Inovação, para pagamento a prazo (normalmente 30 dias a partir da emissão da nota fiscal de venda) – ou do aceite

²⁶ [Pesquisa da Amazon na Jucesp](#). Acesso em 13 de Fevereiro de 2025.

ao pagamento somente à vista (capital econômico direto), ou via cartão de crédito (capital econômico indireto) – no caso da Disal. Aqui podemos ver como a Barsa Livros aceitou sem ressalvas às várias “regras do jogo” – doxas (Bourdieu, 2019) – e pôde ingressar em e acessar uma posição favorecida no campo editorial, notadamente uma posição que permitiu a compra de livros com desconto de empresas atacadistas do livro.

Já em relação ao capital simbólico, a Barsa Livros iniciou sua atividade com zero livro, ou seja, com nenhum capital simbólico materializado; contando somente com a experiência prévia do livreiro no mercado editorial, o que configura certa quantidade, ainda que pequena, de capital simbólico. Contudo, ao ter acesso aos estoques das distribuidoras acima citadas, a Barsa Livros passou a ter acesso a um capital simbólico indireto, ou seja, ainda que não tivesse propriedade e posse de nenhum livro de fato, foi permitido a ela a oferta de livros sob condições comerciais especiais – notadamente descontos e estoque de editoras diversas –, que também representam o acesso a um capital econômico indireto. Isto gerou a possibilidade de a Barsa Livros trabalhar com encomendas de livros, o que já cria um reposicionamento dentro do campo de livraria recém-chegada e com acúmulo de capitais quase nulos a uma posição de capitais ainda próximos do zero, contudo com acesso a capitais indiretos, de terceiros. Ainda que se trate de um pequeno reposicionamento, esta situação aponta para um dinamismo e para uma fluidez dentro do campo.

Já em relação ao termo “independente”, a Barsa Livros apontou – como podemos ver na página inicial de seu website²⁷ – como fator de independência os valores democráticos, culturais, relativos à diversidade e à circulação dos livros em desfavor da busca “cega” pelo lucro:

Primeiramente a Barsa Livros é uma livraria independente online com sede administrativa em Ribeirão Preto, SP. Somos independentes porque conduzimos nosso trabalho com base em nossas próprias vivências e opiniões políticas. Assim assumimos os riscos e dificuldades da jornada, mas mantemos nossos valores. Sobretudo acreditamos em uma sociedade mais justa e democrática, desta forma buscamos a cidadania, a diversidade, a igualdade efetiva de oportunidades e o desenvolvimento social e cultural através dos livros.

Entendemos que tais valores só podem ser construídos coletivamente. Aliás, compreendemos nossa posição como intermediária nas relações das pessoas que compartilham nosso propósito. Então nosso trabalho é ser o espaço de troca de experiências, o campo intercultural que possibilite o encontro com o outro de forma compreensiva. De fato queremos aumentar a amplitude de visão por meio da leitura e facilitar a conexão das ideias que se encontram separadas. (Barsa Livros, website)

Partindo deste posicionamento, a Barsa Livros adotou estratégia comunicacional a fim de provocar a percepção do mesmo no campo, de modo a apontar uma releitura, uma reconfiguração do campo ao elencar um valor que tanto a diferenciasse de agentes capitalistas hegemônicos inclusive via postagens no Instagram²⁸, quanto como apontasse que o campo é dominado por

²⁷ Website da Barsa Livros: <https://barsalivros.com.br/>. Acesso em 18 de agosto de 2025

²⁸ Publicação “Por que somos independentes” da Barsa Livros: https://www.instagram.com/p/CpodxOrtqW2/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em 16 de Fevereiro de 2025

empresas que trabalham com o livro a partir da possibilidade primeira de acúmulo de capital, em oposição ao fim de circular cultura e democracia.

Como vimos anteriormente, tal discurso e posicionamento é comum às agentes ingressantes do campo, que ao possuírem pouco capital, além de baixo nível de relacionamento dentro do campo, buscam na heterodoxia e nos apontamentos das falhas do próprio campo uma forma de se apresentarem dentro deste, além de poderem buscar atenção de pessoas interessadas, sejam elas agentes comerciais do campo, consumidoras finais, agentes também autointituladas independentes etc. Assim temos que tal discurso e habitus indicam a característica previamente apresentada como “bonsai” dentro do campo editorial independente.

Cabe ressaltar que o mercado editorial foi responsável por grande circulação de mídia posicionada à extrema direita do campo político, alçando autores ligados a este espectro à posição de mais vendidos, como podemos ver na pesquisa científica de Leonardo Nóbrega da Silva (2018) intitulada “*O mercado editorial e a Nova Direita brasileira*”. Assim tal posicionamento e discurso anti-hegemônicos também serviu à Barsa Livros como uma diferenciação das agentes dominantes do campo de forma proposital, de maneira a expor esse posicionamento no campo mais próximo de agentes que compartilhavam e ainda compartilham tais valores.

De modo que temos que a Barsa Livros começou de forma integralmente digital, já que não possuía nenhuma materialidade que a configurasse de forma específica dentro do campo editorial. O único objeto material com que iniciou suas atividades foi um computador com acesso à *internet*, contudo tal objeto não traz uma característica específica que a relacione com o campo editorial e nem sequer com um campo mais geral, como o do mercado, ou do comércio, por exemplo, ainda que tal objeto aponte para a revolução digital e posicione esta livraria dentro da globalização atual, que possui como uma de suas características o acesso a técnicas e objetos técnicos pelas populações de forma massificada (Santos, 2022). Tal início, de forma 100% online, indicia total similaridade com a Amazon, grande dominadora do campo editorial não só em termos de vendas no varejo, mas também como empresa que “dá as cartas” no campo, principalmente quanto aos capitais econômicos, sociais (mesmo que pressionando as demais agentes), comerciais e informacionais (este como o principal capital da empresa).

Curiosamente, a empresa dominante do campo também iniciou suas atividades de forma 100% digital, desde seu planejamento, instituição jurídica, formas de relações com os consumidores, portal de vendas etc, além de que a mesma iniciou, assim como a Barsa Livros, com zero livro e zero estoque, funcionando apenas através de esquema sob encomenda e se utilizando de outras empresas para adquirir o livro a partir da primeira venda, quando passou a ser materializada (Thompson, 2021, p. 166). Todavia cabe ressaltar que mesmo com essas similaridades, essas

empresas sempre tiveram posições determinadas pelo campo extremamente diversas, uma vez que a Amazon ingressou no campo editorial já com a disponibilidade de enormes capitais – econômico, humano e informacional, este último o grande diferencial desta empresa dominante – , ao passo que a Barsa Livros iniciou no campo de forma notadamente descapitalizada. Ou seja, a revolução digital não só permitiu o ingresso de diversas novas agentes no campo editorial, mas também permitiu que tais agentes ingressassem em posições extremamente variadas, desde uma posição que visava e conquistou a centralidade e o domínio do campo, assim como uma posição que almejava o *status* de “independente” dentro do campo, ainda que assumindo várias regras do jogo e ocupando a periferia deste campo na forma de livraria ingressante e descapitalizada.

Há que se ressaltar que ambas empresas continuam tendo suas atividades principais no formato digital, tanto em relação à organização, operação, comunicação, assim como estruturas de venda. No caso da Amazon, a mesma abriu lojas físicas, contudo com o intuito de testar, inventar um novo tipo de experiência de consulta (Thompson, 2021, p. 218):

Porém, antes de fazê-lo, vamos examinar outra reviravolta curiosa nessa história. Em novembro de 2015, a Amazon abriu em Seattle a sua primeira livraria física, e, em outubro de 2018, estava administrando um total de dezessete lojas em diversas cidades americanas, de Nova York a Los Angeles, além de ter muitas outras lojas programadas. De certo modo, isso pode parecer uma reviravolta curiosa: por que uma empresa que ergueu o seu negócio como uma varejista *on-line*, que surfou a onda da revolução digital de maneira tão eficaz e viu sua riqueza aumentar exponencialmente enquanto a de seus concorrentes das lojas físicas declinava, decidia agora entrar no negócio das livrarias físicas, com todos os problemas que isso implica – alugar prédios caros no centro das cidades, manter estoque, lidar com devoluções, com margens extremamente apertadas, etc.?

[...]

Com a abertura das livrarias físicas, a Amazon está testando – na verdade, inventando – um novo tipo de experiência de consulta. Não o tipo personalizado de consulta que faz parte da oferta *on-line* da Amazon, mas algo intermediário que mistura aspectos dos dois modelos. Entrar numa livraria da Amazon é entrar num espaço de venda de livros diferente de qualquer outro que você jamais conheceu. Em primeiro lugar, ela é surpreendentemente pequena: para uma livraria que construiu sua reputação alegando oferecer aos clientes mais de um milhão de títulos (“A maior livraria do planeta”), a insignificância das livrarias físicas e o número pequeno de títulos expostos chama imediatamente a atenção. O que também surpreende é o fato de que cada livro da livraria é exposto com a capa voltada para a frente.

[...]

As livrarias físicas da Amazon são experiências com um novo tipo de visibilidade, uma visibilidade espacial personalizada e baseada em dados que difere tanto da visibilidade espacial padronizada da livraria tradicional como da visibilidade virtual personalizada da operação *on-line* da Amazon.

[...]

Embora não se saiba no que vai dar essa experiência de uma visibilidade personalizada baseada em dados, é impossível não ficar impressionado com a ousadia da proposta. (2021, págs. 217 a 221)

Já em relação à Barsa Livros, ela também passou a trabalhar no espaço físico, com vendas diretas aos consumidores em formato presencial, primeiramente de forma itinerante e não frequente – através da participação em feiras – e posteriormente com a abertura da livraria física, de forma

fixa e corriqueira, apontando para uma reposição no campo cada vez mais materializada, ainda que de forma gradual e lenta. Nota-se que as posições destas empresas no campo editorial seguem diametralmente opostas.

É oportuno também apontar que em relação ao capital humano, a Barsa Livros iniciou suas atividades e até hoje se mantém com apenas um trabalhador, este pesquisador e livreiro, que possui conhecimento acadêmico oriundo da área do Direito, notadamente à época da abertura da livraria contando com graduação em Direito e especialização em Direito e Processo do Trabalho, contudo com experiência, habilidades e *know-how* no campo editorial provenientes de dois anos de trabalho na Livraria Cultura, à época (2018-2020) a empresa líder do mercado nacional, considerando-se os dois tipos de capitais trazidos por Bourdieu, principalmente em relação ao capital simbólico e corriqueiramente apontada como possuidora de alto capital humano. Neste período de dois anos o livreiro realizou suas atividades de duas formas diversas, tanto como vendedor de “pisos de loja”, que se caracteriza pelo atendimento direto e presencial aos clientes, assim como o atendimento às pessoas físicas que entram em contato por telefone, sendo então tal cargo mais voltado a pessoas físicas. Já em seu segundo ano de Livraria Cultura, o livreiro passou ao cargo de vendedor corporativo, saindo do “pisos de loja”, que consiste no espaço de convivência e relação da livraria, onde se encontram os livros, o café, o setor de reserva e o caixa, para ficar reservado ao espaço administrativo, sem acesso ao público, onde este livreiro realizava contatos comerciais com empresas – pessoas jurídicas – a fim de comercializar livros em moldes diversos do primeiro.

Quanto ao capital simbólico – em Thompson (2021) associado ao *status* de uma agente no campo – novamente a Barsa Livros se aproxima da nulidade, sendo que a associação à marca, no início das atividades, foi desconhecida, pois o pequeno capital desta natureza foi constituído mais pelas relações previamente estabelecidas pelo livreiro com potenciais clientes do que na forma de prestígio ou *status*. Desta forma temos que a Barsa Livros, como livraria independente online, engendra sua criação e a execução de suas atividades a partir desta revolução digital, já que no início todas suas atividades, tanto de estudo prévio, como criação de identidade visual, estruturação jurídica, fiscal, contato com consumidores finais, fornecedores, comunicação institucional, indicação de livros e compra dos mesmos foram feitas exclusivamente no meio digital, sendo a livraria materializada a partir do recebimento e da entrega do primeiro livro, mesmo assim indicando um menor grau de materialização, frente a uma estrutura organizacional, operacional e comunicativa predominantemente digital.

Isto aponta, pois, para uma conquista inicial de uma posição no campo através da reestruturação e da reconfiguração do campo permitida pela revolução digital, ainda que de forma extremamente pequena, instável e irrelevante, frente ao mercado editorial como um todo. Aliás,

esse início no meio digital já indica um habitus concentrado no trabalho digital como central, ou seja, esta livraria “joga o jogo”, mobiliza seus recursos, apoiada na digitalidade. Principalmente em se tratando de organização e de comunicação, já que desde o início de suas atividades até o presente, a maior quantidade de processos, orçamentos, comunicações e relações ainda se dão no meio digital, mesmo que atualmente o meio físico tenha se mostrado cada vez mais relevante nas atividades da livraria. Fato que revela um reposicionamento no campo de totalmente online para híbrido, o que implica em habitus mais complexos pela ampliação de atuação.

Também parte deste habitus o trabalho organizacional como central desta livraria, assim como a relação com distribuidoras e pequenas editoras e autores independentes. Já que habitus também é leitura de campo, esta livraria se percebe como menor e se autointitula independente, o que incide em um comportamento e em uma mobilização de capitais determinados pelo campo voltados à cooperação com agentes de tamanho e posição semelhantes no campo. Outra fonte relevante, que determina um habitus, é a configuração da livraria como MEI (Microempreendedor Individual), a configuração jurídica e fiscal mais simples presente na legislação nacional, que incide em simplicidades organizativas, como a não exigência de contador profissional contratado, a não exigência de emissão de nota fiscal para pessoas físicas (somente mediante a solicitação destas); por outro lado também indica vantagens comerciais menores – em comparação com empresas maiores e em relações com agentes do mesmo campo, com acesso limitado a capitais econômicos e simbólicos (estoques e crédito) de fornecedoras, por exemplo. Listemos também a relação com agentes incluídas especializadas em logística, como os Correios, em outra exemplificação, que para empresas menores fornecem também descontos de envios menos impactantes.

Desse modo podemos ver que o campo determina um habitus a esta agente também a partir de sua condição de MEI, logo uma agente possuidora de menor capital econômico, que a situa numa posição pequena dentro do campo editorial, limitando as possibilidades de atuação dentro do campo, assim como determinando reposicionamentos e adoções de atitudes que a mantenham proporcionalmente relevante a seus clientes.

Tal fluxo de trabalho digital predominante é bem característico e sintomático do atual período do campo editorial, digitalidade essa que desconfigurou o campo ao ponto de alterar os processos e modelos das agentes tradicionais, colocando-as em pleno conflito com novas agentes, ou velhos atores em novas empresas, que apostaram no capital informacional e nos recursos digitais a fim de se reposicionar no campo, seja de forma menor ou até mesmo em posição de dominantes, atacando as empresas tradicionais (Thompson, 2021).

Cabe destacar também a noção de que neste primeiro momento a Barsa Livros ocupa uma posição de livraria autointitulada independente de forma partidária, já que integra uma heterodoxia

de grau baixo devido à sua condição menor dentro do campo editorial. Conforme visto previamente, ao adotar comunicações e posições organizacionais que remetam à discussão e à reformulação do campo editorial, recusando alguns lugares comuns do campo numa verdadeira posição de crítica e de subversão, a Barsa Livros no começo de suas atividades apresenta uma característica de livraria independente “bonsai”, ao apostar no discurso simbólico e no desenvolvimento de habitus heterodoxo para abrir uma posição no campo. Tendo a Barsa Livros conquistado seu primeiro espaço dentro do campo editorial a partir das possibilidades da revolução digital, assim como, em menor grau, de capital econômico, simbólico e humano, podemos, a seguir, observar uma relevante mudança desta livraria independente, nosso objeto de estudo: a materialização de sua atividade a partir da lida com o primeiro livro impresso.

1.4 Trabalho com livros impressos

Como vimos, de acordo com a teoria dos campos, o campo editorial é dinâmico e fluido, assim como exige das agentes que a compõem as mesmas características sob pena de escanteamento, encolhimento e até mesmo exclusão. Tendo a Barsa Livros começado com capitais em pouquíssima quantidade, inclusive muito distante das livrarias independentes da mesma cidade em relação ao capital econômico, essa teve que mobilizar toda sua estrutura para compreender e executar um habitus característico inicial que lhe permitisse se desenvolver no campo, inclusive para se manter nele. Tal habitus se exerceu de forma inicial totalmente no formato digital (caracterizando este próprio habitus), porém a intenção e o objetivo da Barsa Livros sempre foi trabalhar com livros impressos, tanto que até hoje a grande maioria dos produtos comercializados por ela são livros e em menor grau, pôsteres impressos.

Contudo, como visto, a necessidade de iniciar no meio digital se deu com o imperativo de manter os custos de manutenção da livraria, incluindo o pró-labore do livreiro os menores possíveis, aparecendo então o trabalho de vendas de livro sob encomenda como estratégia ideal para o início de suas atividades, pois dessa forma o investimento e o custo de estoque – capital econômico direto e/ou indireto – se mantêm zerados. Ainda hoje, quatro anos após o início de suas atividades, a Barsa Livros tem na encomenda sua principal fonte de vendas, logo, renda. Mesmo assim podemos ver que o trabalho com livros à pronta entrega mostra-se em crescimento e esta livraria manifesta que sua intenção é cada vez mais priorizar esse tipo de trabalho, porém mantendo as encomendas como fonte de renda e de investimento para tal reposicionamento.

Entretanto o trabalho híbrido, não totalmente digital, demorou pouco para se concretizar, já que no primeiro mês a livraria realizou sua primeira venda, que a possibilitou encomendar o livro

junto à distribuidora, receber o livro, acondicioná-lo em sua embalagem e entregá-lo ao consumidor final, materializando então, através do livro encomendado, a própria livraria. Isso se deu devido à propriedade do livro impresso ser um objeto técnico, que entendemos como (Santos, 2013):

Os objetos não são as coisas, dados naturais; eles são fabricados pelo homem para serem, a fábrica da ação. Hoje, esses sistemas de objetos tendem, em primeiro lugar, a ser um sistema de objetos concretos, isto é, objetos que se aproximam cada vez mais da natureza e buscam imitar a natureza. São também objetos cujo valor vem de sua eficácia, de sua contribuição para a produtividade da ação econômica e das outras ações. São objetos que tendem à unicidade, um sistema de objetos que, pela primeira vez na história do homem, tende a ser o mesmo em toda a parte.

[...]

Os objetos contemporâneos não são coleções, mas sistemas, já surgem debaixo de um comando único e já aparecem dotados de intencionalidade, como jamais no passado (intencionalidade mercantil ou intencionalidade simbólica).

[...]

São objetos técnicos, que representam sistemas técnicos, dotados de uma mecânica própria e de funcionalidades próprias, e é nessa condição que aceitam ou recusam funções transmissoras dos processos. Esses sistemas técnicos contemporâneos hegemônicos são dotados de uma força capaz de invadir qualquer outro sistema já instalado, estabelecendo sobre a face da terra uma área de combate que é, ao mesmo tempo, a base da dinâmica e o substrato da dialética do espaço. (2013, págs. 86 e 87, [grifo nosso])

E como objeto técnico, também é um médium, matéria organizada, que materializa em si as organizações para as quais este aponta, ao mesmo tempo em que é vetor das sensibilidades que estas organizações carregam:

A comunicação da mensagem seria o “aquilo sem o quê”; enquanto a comunidade dos mensageiros, o “aquilo pelo qual” da constituição de herança. A mensagem que não encontrar seu cristal institucional evanescer-se-á (ou será anulada como “ruído” pelo meio circundante) (Debray, 2000, p. 24)

É que na sinergia das teorias desses dois pensadores temos que o livro impresso, por estas características acima expostas, consegue atuar como meio, onde os capitais acumulados, o habitus e as relações da livraria se materializam ao mesmo tempo em que apontam para tais formas de relação, recursos e jeitos de “jogar o jogo” do campo (2000). Então ao encomendar e entregar o primeiro livro impresso, a Barsa Livros colocou em ação técnicas e capitais que compõem e determinam seu habitus digital via aplicativos de mensagem, portal de compra e venda de distribuidoras, assim como colocou em atividade relações tanto com a consumidora final, quanto com as fornecedoras do livro encomendado.

Para isto, também, a Barsa Livros teve que colocar em uso seu capital econômico para comprar o livro, ademais do capital humano, que executou tal atividade com conhecimento prévio relativamente aonde conseguir e como conseguir tal livro com desconto em uma empresa atacadista para revendê-lo como varejista à ponta final da cadeia produtiva e distributiva do livro e, assim, materializar toda essa atividade nesse objeto técnico. Ainda, ao realizar a venda via encomenda do primeiro livro impresso, a Barsa Livros também acumulou para si capital simbólico materializado

no próprio livro, que por esta característica de médium também carrega valores, experiências e cultura em si. Além, é claro, de causar um pequeno reposicionamento desta agente dentro do campo editorial – ainda que numa visão ampliada, pois esta livraria continuou como uma agente pequena e periférica ao campo – já que passou de agente integralmente digital, para uma posição também materializada. Tal propriedade de objeto técnico e médium do livro e sua fundamentação teórica será retomada com mais profundidade nos próximos capítulos, por ora cabe a noção de reposicionamento e de acúmulo de capitais.

Temos então que as vendas sob encomendas de livros reposicionaram a Barsa Livros de uma livraria 100% digital para uma livraria materializada dentro do campo editorial. Sendo que cada venda efetivada fez com que esta livraria fosse se consolidando e se desenvolvendo nessa posição híbrida dentro do campo – novamente, ainda que de forma gradual e pequena –, porque tais vendas permitiram à livraria novas relações dentro do campo, acúmulos de capitais econômicos e simbólicos (principalmente sem olvidar dos demais tipos de capital vistos em Thompson) e também dinamizaram e incrementaram o próprio habitus desta livraria pelo fato de ela possuir mais recursos e técnicas à disposição, sendo que passou a exercer também um habitus em que a materialidade está presente. É o que se pode observar em 2021, quando ocorre a primeira compra de livros para a criação de acervo à pronta entrega da Barsa Livros²⁹. A partir desse momento a livraria amplia seu capital econômico direto, assim como produz maior capital simbólico cultural, permitidos pela própria presença do livro em sua sede administrativa. Lembrando que neste momento a livraria ainda não contava com espaço físico de comunicação e de contato com seus consumidores finais, que tinham acesso ao catálogo à pronta entrega da livraria somente pela via digital.

Aqui cabe a exemplificação de uma prática que constitui, junto a outras, o habitus como mobilização dos recursos e das técnicas disponíveis e determinadas pelo campo: o fato de esta livraria postar nos stories³⁰ do Instagram os livros encomendados por outras pessoas a fim de mostrar esta possibilidade de encomenda de livros diversos e também o acesso desta livraria a um grande catálogo sob encomenda (capital econômico e simbólico indireto). Este tipo de postagem é corriqueiro até hoje sob a chamada “passou pela Barsa Livros”³¹ e permite esse reforço de que a livraria trabalha sob encomenda e tem acesso a uma gama variada de livros. Inclusive estas postagens por vezes são preenchidas com livros esgotados e raros, que podem passar também a noção de que dentro deste habitus também estão as relações que esta livraria pode manter com

²⁹ Novamente o post “Por que somos independentes”, que também informa sobre essa criação do acervo a pronta entrega: https://www.instagram.com/p/CpodxOrtqW2/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em 16 de fevereiro de 2025

³⁰ “Stories” são um formato de publicação do Instagram em que as postagens podem ser vistas por apenas 24 horas.

³¹ Stories postados com os livros vendidos por encomenda pela Barsa Livros

outras agentes do campo que lhe permitem encomendar livros considerados de difícil aquisição. Ainda, com a mudança de posição, mesmo que pequena, dentro do campo editorial, a Barsa Livros passou a ter acesso a crédito em compras, o que consiste em prazo de pagamento de 30 dias para os livros que comprava e, posteriormente, com a adoção destas regras, numa verdadeira exposição da doxa do campo, passou também a contar com a possibilidade de solicitar livros em consignação com distribuidoras.

Imagem 3- Crédito (capital indireto) disponibilizado à Barsa Livros pela Distribuidora Catavento

Catavento Distribuidora		Usuário: Barsa Livros(Thiago Barsalobres Bottaro)	0 itens R\$ 0,00
Limite de Crédito	20.000,00		
A pagar (vencido)	0,00		
A pagar (a vencer)	6.159,89		
Crédito Disponível	13.840,11		

Fonte: Própria a partir do Portal da Distribuidora Catavento

Este trabalho com consignação novamente representa um acúmulo de capital pela livraria no campo, já que a própria distribuidora comprova tal acúmulo ao fornecer à Barsa Livros capital econômico indireto, já que os livros consignados são de propriedade da distribuidora, sendo que apenas sua posse está em mãos da livraria, fato que muda após a eventual venda, ao consumidor final, dos livros consignados. Observa-se também que trata-se de acúmulo capital relacional, pois parte do aprofundamento de uma relação comercial entre agentes do campo.

Imagem 4 - Mapa de consignação da Barsa Livros com a Distribuidora Catavento

CLIENTE: BARSALOBRES THIAGO BOTTARO

ISBN	CODIGO DE BARRAS	EDITORA	DESCRIÇÃO	DESC(%)	\$ UNIT.	\$ TOTAL	QTD.	DEVOL.	VEND.	REPOS.	VND.	*TANF
9786559005628	9786559005628	URUTAU EDITORA	COM AS PATAS NO GRANDE HEMATOMA	40	48,00	316,80	11					0
9786586824834	9786586824834	TABLA EDITORA	DEUS E O DIABO NA TERRA DOS CEDROS	40	81,00	48,60	1					0
9786586824827	9786586824827	TABLA EDITORA	DIARIOS DE GAZA - VOL. 01	40	73,00	175,20	4					0
9786586824919	9786586824919	TABLA EDITORA	DUAS MULHERES EM UMA	40	76,00	45,60	1					0
978655250824	978655250824	EDITORA 34	ESCUTE AS FERAS	40	58,00	452,40	13					0
9786559005000	9786559005000	URUTAU EDITORA	FRESTA	40	50,00	180,00	6					0
9786586824346	9786586824346	TABLA EDITORA	GAZA, TERRA DA POESIA	40	69,00	82,80	2					0
						1.301,40	38					0

	QTD.	TOTAL
VENDAS		0,00
DEVOLUÇÕES		0,00
REPOSIÇÃO		0,00
* TOTAL ACERTOS NÃO FATURADOS	0	0,00

Fonte: Própria a partir do Portal da Distribuidora Catavento

Nota-se que este acúmulo também implica numa reprodução de habitus, pois o trabalho com o esquema sob consignação é significativo no mercado editorial e exige uma atualização em sua estratégia organizacional e operacional, quer dizer, técnicas, já que a lida com o livro consignado é

mais complexa, pois desloca os estoques das distribuidoras às varejistas, que devem manter rígido controle de manutenção e posse dos livros, assim como comunicar corretamente as vendas a fim de evitar “furos”, perdas, confusões de propriedade, assim como, e principalmente, o correto pagamento e eventuais devoluções dos livros vendidos e não vendidos. Inclusive, tal complexidade é recorrentemente discutida entre as agentes do campo, umas defendendo sua importância e permanência como estratégia comercial, e outros deliberando a favor da diminuição e possível exclusão desta forma de vender livros das atividades do campo editorial³².

Este catálogo à pronta entrega da Barsa Livros, constituído de livros comprados (capital direto) e livros consignados (capital indireto) está, desde o início, em expansão, o que faz com que esta livraria também se expanda dentro do campo editorial ao ponto de identificar novas possibilidades de reposicionamento, relações e fontes de capitais. Nessas novas possibilidades criadas pelo trabalho com o livro impresso está o início da Barsa Livros no contato presencial direto com o público através de feiras criativas.

1.5 Feiras criativas e Feira Internacional do Livro de Ribeirão Preto

Prosseguindo seu desenvolvimento no campo editorial, a Barsa Livros iniciou o trabalho em feiras criativas com uma primeira exposição de livros no formato banca (cavaletes e mesa) em sete de maio de 2022³³. Antes, cabe a informação de que, em 01/03/2022, o livreiro responsável pela Barsa Livros, que também é o pesquisador desta dissertação, iniciou mestrado em Letras no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos (PPGLit/UFSCar). Tal fato aponta para um acúmulo no campo por esta livraria em relação ao capital humano, já que esta pesquisa indica a proposição de um melhor entendimento do próprio campo editorial a partir da execução das atividades de livreiro dentro deste. Como visto anteriormente, Bourdieu (2019) aponta que o estudo da história e a composição do campo são elementos essenciais para a proposição de luta dentro do motor do campo, ou seja, o estudo do funcionamento deste permite o acúmulo de capital humano que, por sua vez, aumenta a capacidade de reposicionamento e de discussão do próprio campo editorial (nosso caso).

Tal fator também implica num reposicionamento na forma do agir independente dentro do campo, implicando seu estudo e identificação das possíveis configurações das agentes independentes, assim como propõe a própria discussão do termo. Cabe entender que a adoção de

³² Matéria sobre consignação produzida pela Publishnews: <https://www.publishnews.com.br/materias/2022/05/02/a-consignacao-e-o-mercado-editorial-o-que-editores-e-livreiros-pensam-sobre-o-assunto>. Acesso em 22 de Fevereiro de 2025

³³ Publicação no Instagram sobre a primeira banca de livros realizada pela Barsa Livros: https://www.instagram.com/p/CdRiP7PJ78e/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em 22 de Fevereiro de 2025

uma propriedade do independente não é exclusiva e também está sujeita à acumulação de capitais, saberes, relações e da própria disposição de cada agente para se configurar como tal.

No caso da Barsa Livros, o capital humano disponível ao estudar o próprio campo editorial independente adquire somente uma parcela da característica intelectual, pois ainda que desenvolva o estudo deste grupo, não o faz de forma ampla e dominante dentro do próprio campo, ou seja, esta característica também fica sujeita ao reconhecimento do próprio campo e de quais são suas referências, o que não vemos como o caso do livreiro da Barsa Livros. Então, ainda que este adquira uma característica de intelectual, esta ainda não é suficientemente relevante para que o caracterize desta forma. Sendo que, no momento deste fato gerador (qual seja, o ingresso no mestrado, sem sequer ter presença física frente ao público consumidor final), vemos que esta livraria ainda se mostra como partidária do campo editorial independente, já que as características de autointitulação e representação deste grupo são ainda muito mais presentes e relevantes ao campo (mesmo sendo de baixa propagação e aderência frente ao todo do campo).

Voltando ao início da presença física da Barsa Livros junto às feiras criativas e ao público consumidor final, a primeira participação neste formato foi realizada em sete de maio de 2022, num evento cultural a convite de um coletivo de apresentação musical chamado Atari Dj's, realizado numa casa de shows chamada Antro, que se autodetermina como integrante do circuito alternativo – tanto o coletivo como a casa de shows estando localizadas na mesma cidade da livraria, Ribeirão Preto.

Imagem 5- Estande da Barsa Livros na festa da ATARI DJ's/no Antro



Fonte: Própria - Foto realizada pelo livreiro durante o evento

Como se pode observar na foto acima, tal participação, mediante convite, foi somente viável por meio da montagem de acervo à pronta entrega pela Barsa Livros, indicando que uma possibilidade de mudança no campo só foi possibilitada mediante a presença de um capital econômico e simbólico materializado pelo objeto de dupla-face nos mesmos termos – o livro – que proporcionou também a disposição de um capital relacional: o convite do coletivo Atari Dj’s à livraria – e demais expositores presentes – para a composição do evento. Este fato inicia uma atualização no habitus desta livraria, nosso objeto de estudo, pois adiciona aos capitais acumulados técnicas executadas e relações realizadas numa nova área de ocupação dentro do campo: a realização de vendas presenciais, que por sua vez retroalimentam estes recursos e o possibilitam, além de também exigirem novas integrações ao habitus à época atual, indicando outras características do campo editorial.

Tanto é que, após essa primeira empreitada, a Barsa Livros participou de forma corriqueira em feiras criativas em lugares diversos que a colocaram em contato maior com o público-alvo, assim como prescindiu do relacionamento com as agentes que organizam esses eventos, considerando ainda que muitas delas não são pertencentes ao campo editorial, mas que de forma exógena contribuíram para um reposicionamento da Barsa Livros dentro desse. Então, a partir desta primeira experiência, a Barsa Livros pode executar esse habitus consistente na participação de feiras criativas, lançando mão de recursos, como o acervo à pronta entrega, as relações com agentes organizadoras de feiras criativas e técnicas de gestão que proporcionaram a esta livraria o contato direto e presencial com o público sem que as atividades anteriores fossem cessadas – comunicação e vendas sob encomenda via digital, tanto com pessoas físicas, quanto jurídicas.

Além de ter participado, novamente, com a banca de livros num evento da Atari DJ’s no Antro em Abril de 2023, no mesmo formato da participação anterior, a Barsa Livros esteve presente em outras feiras: a partir de seis de junho de 2022 a Barsa Livros passou a trabalhar na feira criativa do Coletivo³⁴, autodenominada como “feira criativa”, e que trabalha com “marcas autorais, cultura e boas energias”. No total, a Barsa Livros participou de 10 edições da Feira do Coletivo, estas realizadas em locais diversos dentro de Ribeirão Preto, tendo se iniciado na zona sul da cidade dentro do Food Park Sul³⁵ e, após, continuado suas atividades na Cervejaria Invicta³⁶, além de, por fim, ter se instalado na Praça Seete de Setembro, uma das praças mais tradicionais da cidade, que

³⁴ Página do Coletivo no Instagram, seu principal meio de comunicação: https://www.instagram.com/cole_tivo/. Acesso em 22 de Fevereiro de 2025

³⁵ Primeira participação da Barsa Livros na Feira do Coletivo, realizada no Food Park Sul: https://www.instagram.com/p/CeeeJFdpSg4/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em 22 de Fevereiro de 2025

³⁶ Participação em feira pela Barsa Livros na Cervejaria Invicta: https://www.instagram.com/p/CufSa-BvbnW/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em 22 de Fevereiro de 2025

fica na região central da mesma. Esta feira é constituída por empresas de variados ramos, como o culinário, o de vestimenta, papelaria, perfumaria, artigos de decoração, confeitaria, acessórios etc., tendo como denominador comum o trabalho das próprias expositoras, tanto na produção dos produtos, bem como na montagem das bancas, no atendimento e nas vendas.

Tais fatores se assemelham muito às feiras editoriais mapeadas por Muniz Jr. (2016), contudo, levando-se em conta essa forma de serem permeadas por empresas de diversos setores, não se costuma notar posições e implicações do estilo heterodoxo por parte das empresas, o que marca posturas mais próximas de “girafas”, pois nota-se posturas mais comerciais das empresas que constituem estas feiras. Um fator que possa explicar este perfil é a miscigenação de campos dentro de um mesmo espaço, que, ao nosso ver, dificulta uma discussão de luta de campo por cada empresa, já que, por se tratar de campos diversos, cada uma está conscrita em uma realidade composta por deliberações internas diversas e sujeitas a influências externas com consequências variadas a cada uma (Bourdieu, 2018).

Por outro lado, pela própria característica de terem de recorrer às feiras para realizar o contato direto com suas consumidoras finais, estas empresas acabam também se encaixando num modelo “bonsai”, pois, nesse habitus diverso do padrão de cada campo respectivo de produção e distribuição de seus produtos, encaixam-se numa categoria de empresa que deve abrir espaço em seus mercados para se estabilizarem e crescerem. Mesmo a Barsa Livros não adota comunicações diretamente heterodoxas com o campo, mas este a posiciona como “bonsai” justamente por haver nessas feiras criativas sua maneira de ocupar um espaço dentro deste campo. Num formato mais ativo de “bonsai”, temos a presença de um banner confeccionado para a exposição da logo da marca, além da comunicação de que esta livraria se autointitula como “independente”, assim como a exposição do principal meio de comunicação desta livraria através do “@barsalivros”³⁷.

Imagem 6- Banner Barsa Livros



Fonte: Própria - Foto realizada pelo livreiro durante o evento

³⁷ O “@” seguido do nome da livraria é o formato característico adotado pelo Instagram para que as páginas possam ser encontradas em seu mecanismo de busca existente dentro do próprio aplicativo.

Entretanto o fato de estas feiras serem usadas pela Barsa Livros para também promover sua forma de sustento e de acumulação de capital econômico e simbólico, ou seja, como espaço para desenvolver seu lado comercial, a Barsa Livros acumula tanto uma característica “bonsai”, quanto a de “girafa” na participação dessas feiras, o que varia conforme os títulos levados para venda, assim como a própria caracterização apontada pela feira. Em outras três oportunidades, a Barsa Livros também participou da Feira AFIM³⁸, realizada no espaço de convivência do Sesc de Ribeirão Preto.

A feira AFIM segue o mesmo molde da Feira do Coletivo, tendo expositores de diversas categorias diferentes, assim como uma variedade de público. Fato que podemos aproveitar para adotarmos as mesmas compreensões sobre ambas as feiras. De modo que o diferencial que podemos observar é que uma das edições da Feira AFIM coincidiu com um momento de pressão política para que o Sesc e o Senac repassassem 5% de suas verbas para a Embratur, via Projeto de Lei de Conversão 09/2023 (notadamente pelos artigos 11 e 12 desta PLV). Aproveitando-se da discussão, a Barsa Livros produziu um zine de distribuição gratuita – assim como fez a postagem da versão digital³⁹ – intitulado “Defenda o Sesc”. Neste zine a livraria deu um parâmetro geral e se posicionou contrária à PLV e ainda indicou via QR code e link a página para assinatura da petição pública contrária à mesma PLV.

Imagem 7- Banca com o zine "Defenda o Sesc"



Fonte: Própria - Foto realizada pelo livreiro

³⁸ Página do Coletivo AFIM, realizador da Feira AFIM: <https://www.instagram.com/coletivoafim/>. Acesso em 23 de Fevereiro de 2025

³⁹ Versão digital do zine publicado no Instagram da livraria independente: https://www.instagram.com/p/CsW0aCivxwB/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em 23 de Fevereiro de 2025

E assim o fez sob o argumento de que “nos impactando diretamente, o Sesc realiza a feira AFIM, que traz marcas de economia criativa/cultural, onde participamos hoje (13/05/23). Assim nos posicionamos para conscientizar sobre sua importância e para defender sua continuidade”. Neste momento a Barsa Livros adotou e foi posicionada pelo campo de forma “bonsai” ao produzir e circular um zine de cunho político em defesa do Sesc, local onde estava sendo realizada a feira. Tal observação corrobora o fato de que as posições são altamente mutáveis e flexíveis, já que nas mesmas condições gerais, uma agente de um determinado campo pode exercer seu habitus de forma a se adaptar a alguma necessidade presente.

Também é exemplo deste novo habitus da livraria a montagem de banca em uma aula do Cursinho Popular CAPQuintino2⁴⁰, o que aponta para a relação com outra agente de um campo diverso, mas correlato aos livros.

Imagem 8- Estande Barsa Livros no Cursinho Popular CAPQuintino 2



Fonte: Própria - Foto realizada pelo livreiro durante o evento

Então, mesmo numa relação com agentes não similares à Barsa Livros, pode ser executado esse habitus consistente da aplicação de seus capitais acumulados e técnicas utilizadas para esse

⁴⁰ Página do CAPQUINTINO2: <https://www.instagram.com/capquintino2/>. Acesso em 23 de Fevereiro de 2025.

novo contato frente ao público consumidor final. Essas participações da livraria em feiras presenciais junto às leitoras mostram um desenvolvimento dentro do campo editorial, mesmo que tais presenças tenham sido levadas a efeito em eventos não diretamente ligados ao campo editorial – mas, ainda assim, proporcionaram à livraria o acúmulo de capitais, novas formas de relação e novas técnicas adotadas para tal feito.

Porém a livraria objeto de estudo participou da Feira Internacional do Livro de Ribeirão Preto (FIL) como convidada da Biblioteca Sinhá Junqueira (BSJ), montando sua banca dentro da biblioteca e sem a necessidade de ciência e de autorização por parte dos organizadores da Feira – o que se deu em Agosto de 2022. Cabe informar que a participação de livrarias e de outras empresas varejistas dentro dos estandes oficiais localizados na praça XV de Ribeirão Preto, isso em 2022, estava condicionada ao pagamento do valor de R\$ 7.500,00 para o estande de 15m² ou R\$ 3.750,00 para o estande de 7,5m².

Imagem 9 - Custo para participação na FIL

Entro em contato para convidar o Barsa Livros a participar da FIL deste ano.

Encaminho uma breve apresentação do evento, a planta com os estandes livres que são: 8B, 09, 10, 14B, 15, 16, 20, 21, 22, 23, 24, 28 e 29A. A proposta comercial com o valor de R\$7.500,00 para o estande de 15m². O Formulário Comercial de participação que deverá ser preenchido caso tenham interesse em participar do evento.

Segue também a prévia da programação do evento: pedimos para que providenciem, caso acordarmos um espaço, os livros dos autores participantes desta edição que estão em seu catálogo.

Fonte própria: Print a partir de troca de e-mail entre Barsa Livros e organizadores da FIL

Ou seja, a participação como expositor oficial da Feira Internacional do Livro de Ribeirão Preto exigia a disposição de capital econômico considerável quando levado em contato o estatuto de uma livraria autointitulada independente e enquadrada como MEI e com investimento inicial de R\$ 6 mil (conforme vimos anteriormente). Tal fato expõe como o próprio campo posiciona as agentes que a compõem. Ainda que o capital simbólico, humano e social acumulado pela livraria, assim como suas relações e técnicas à disposição propiciaram o convite para a participação da FIL como convidada dentro da BSJ, seu capital econômico a excluiu da possibilidade de participar da feira como expositora oficial. Então podemos pensar que um evento do tamanho desta feira (existente desde 2004 e alçada ao status de “Internacional” em 2019⁴¹) ocupa uma posição no campo editorial de forma mais central e dominante, exigindo de outras agentes uma presença no mesmo campo mínima a partir de seus critérios que as permitam integrar seus eventos. Assim, temos que a ocupação de espaços periféricos e dominados do campo fazem com que uma agente seja excluída de tal, no caso em tela pela não acumulação de capital econômico suficiente. Entretanto, após essa impossibilidade de participação da FIL como expositor oficial, tanto a Barsa Livros, como a

⁴¹ Reportagem da Publishnews indicando a evolução da Feira do Livro de Ribeirão Preto para Feira Internacional do Livro: <https://www.publishnews.com.br/materias/2025/04/01/fundacao-do-livro-e-leitura-de-ribeirao-preto-abre-temporada-2025-de-feiras-literarias-regionais>. Acesso em 25 de Fevereiro de 2025

Livraria Levante recorreram à Biblioteca Sinhá Junqueira (parceira oficial da FIL e localizada em frente a Praça XV), notadamente aos profissionais bibliotecários que lá trabalham, a fim de poderem participar da FIL, porém com as bancas montadas dentro da referida biblioteca.

O interessante é retomarmos Bourdieu (2018) para lembrarmos que as categorias de capital apresentadas pelo pensador também não são estáticas, sendo que cada tipo de capital pode ser gerador de outro tipo de capital. No caso acima, vemos que o capital social, constituído da capacidade relacional e do status acumulados por cada livraria permitiu que ambas participassem da FIL como convidadas por outra agente do campo editorial, que, ao reconhecer o capital simbólico destas livrarias, permitiu a superação da barreira econômica com que ambas se deparavam. Ainda que em local com circulação muito menor de pessoas, assim como com um público predominantemente voltado ao empréstimo de livros, tanto a Barsa Livros como a Livraria Levante puderam participar da FIL e, através desta participação, realizar também a venda de livros, gerando a possibilidade de acúmulo de capital econômico – além do acúmulo de capital simbólico e social, proporcionado pela própria participação da FIL.

Já em 2023, a Barsa Livros participou de forma não autorizada na Feira, posicionando-se na esquina da praça XV – onde acontece a feira –, fora das grades que a delimitavam e posteriormente sendo “convidada a se retirar” – fato que aponta para uma independência e para a subversão; no dia seguinte a este episódio, a livraria voltou como convidada da Biblioteca Sinhá Junqueira, esta que fica em frente à praça XV. No primeiro dia de participação da Barsa Livros na FIL, em 18/08/2023 – a feira é realizada em vários dias, contudo em 2023 a livraria objeto de estudo só esteve presente em dois deles, numa sexta e num sábado – a livraria se propôs a atuar dentro da FIL de forma heterogênea, já que a participação nesta requer um capital econômico inviável para livrarias pequenas.

Para a montagem de suas bancas nas feiras, a Barsa Livros se utilizava de um carrinho comum de feira para carregar cavaletes, tábuas de madeira, caixas de feiras e de seus livros. Neste primeiro dia da FIL 2023, a livraria alterou sua forma de montagem e utilizou o carrinho de feira como suporte móvel, onde colocou as caixas de feira com os livros dentro. Então a própria estrutura de feiras foi subvertida para uma banca móvel e mais enxuta, inclusive com menos livros.

Imagem 10 - Carrinho da Barsa Livros na FIL



Fonte: Própria - Foto realizada pelo livreiro durante o evento

Tal montagem proporcionou à livraria uma participação na feira de forma não autorizada, sendo que esta ficou localizada na esquina da Praça XV, fora das grades delimitadoras do evento, entre a praça e a Biblioteca Sinhá Junqueira. Neste episódio pudemos observar que o principal capital mobilizado pela livraria foi o simbólico, contudo não priorizando os livros, mas a própria característica de independente para abrir este espaço dentro do campo editorial. Ou seja, ainda que com mais capitais acumulados e práticas de habitus mais complexos, a Barsa Livros optou por mobilizar uma característica “bonsai” mais realçada, mais para poder participar da FIL do que para discutir, em si, a sua exclusão por motivos de insuficiência de capital. Ainda, no fim de suas atividades, se deslocou da esquina da praça para se postar em frente ao tradicional relógio desta, local tradicional e um dos cartões postais desta cidade. Tal movimento aponta para um literal reposicionamento, contudo rapidamente frustrado pelas equipes gestoras do evento, que convidaram esta livraria a se retirar.

Imagem 11- Carrinho da Barsa Livros no relógio da Praça XV



Fonte: Própria - Foto realizada pelo livreiro durante o evento

Vimos então que neste primeiro dia de FIL a Barsa Livros representou um habitus muito diferente do que vinha sendo adotado, pois mobilizou seus capitais de forma diferente, realçando o capital simbólico independente e subversivo, suas técnicas de montagem de bancas, além das relações – ou ausência delas – às quais recorreu para atuar neste dia de feira. Se a Barsa Livros possuía um perfil equilibrado entre livraria independente, ora “girafa”, ora “bonsai”, nesta proposta disruptiva esta livraria posicionou seu perfil de forma quase que integralmente “bonsai”.

Já em 19 de agosto de 2023 a Barsa Livros montou sua banca de vendas na Biblioteca Sinhá Junqueira – novamente como convidada junto com a Livraria Levante –, e após participar de forma independente e ilegal, no dia anterior, na esquina da Praça XV de Ribeirão Preto, praça onde, historicamente, dá-se a Feira Internacional do Livro. Montada e executando suas vendas junto a outra livraria independente de Ribeirão Preto, a Livraria Levante, a Barsa Livros resolveu levantar números de seu acervo da banca, a fim de verificar com quantos livros, títulos e editoras contava no momento, pois, tendo em vista a aproximação do evento de palestra com a autora Carla Madeira – autora alçada à categoria de premiada e detentora de altas vendas – notou que outra livraria participante da Feira, de modo oficial (ou seja, adquiriu o direito de expor no círculo central da Feira), montava entre as duas livrarias uma banca de vendas dos livros desta autora – e somente desta autora. Isto se deu por conta da percepção de que a livraria, notadamente de rede, possuía em

sua mesa cerca de 50 livros empilhados, contudo com apenas uma máquina de processamento de pagamentos e três títulos: “Tudo é Rio” (o principal livro da autora, em crítica e em vendas), “Véspera”, e “A Natureza da Mordida” (à época seu último livro publicado); todos eles publicados pela editora Record.

Imagem 12- Banca da Livraria Travessa na FIL 2023



Fonte: Própria - Foto realizada pelo livreiro durante o evento

Imagem 13- "Quantidade ou diversidade?"



Fonte: Própria - Foto realizada pelo livreiro durante o evento

Então, após tal levantamento, a Barsa Livros publicou no Instagram, seu principal meio de comunicação, considerando tanto o espaço físico e digital, os resultados do levantamento que apresentou: 125 livros, 125 títulos diversos e 53 editoras diferentes entre si; do mobiliário composto por cavalete, mesa, banner inferior, banner superior e caixas de feira – esses três últimos com as inscrições “livraria independente”, numa comunicação feita para reforçar tal posição ocupada no campo editorial por esta livraria (ver capítulo um).

Imagem 14- Diversidade presente na banca da Barsa Livros



Fonte: Própria - Foto realizada pelo livreiro durante o evento

Então, a partir desta observação, a Barsa Livros realizou a provocação ao seu público: “quantidade ou diversidade?”. Tal provocação vem ao encontro do que Bourdieu (2018) trata como lutas realizadas dentro dos campos, onde as agentes que ocupam posições de domínio, centrais, ou mais estabilizadas, possuem comportamentos mais assimilados em relação à manutenção do campo em si, sem realizar provocações que estimulem o reposicionamento deste campo, ao mesmo tempo em que indica que as novas agentes, principalmente aquelas dotadas de menor capital – em suas variadas classificações – e posição no campo, situadas mais à margem e com menor potencial

reformatório do campo, onde tendem a adotar posturas mais subversivas e heterodoxas, que levantam questionamentos com relação ao funcionamento do campo.

Na ocasião vista acima, temos que a Barsa Livros, livraria autoidentificada como independente e ciente – ainda que não de forma total – de sua posição periférica no campo, resolveu levantar uma questão que para ela é central no campo editorial, qual seja: se as livrarias se atêm mais ao objetivo central simbólico de circular o livro, a cultura e o conhecimento, ou se atêm mais ao objetivo comercial, lucrativo e extrator de mais-valia. Lembremos que é característica notável do mercado editorial dos livros, assim como das pessoas que neste campo específico atuam, o duplo-corpo (Bourdieu, 2019), ou seja, a presença intrínseca do valor comercial e lucrativo, junto do valor simbólico, cultural, em todos os elementos constituintes deste campo, variando também cada lado deste corpo no grau em que cada valor ressalta e reflete no campo a partir dos capitais acumulados e postos em jogo por cada agente, o que definirá sua posição no campo.

No caso acima, fica claro que nesta ocasião a Livraria Travessa colocou em prática seu capital econômico, simbólico e principalmente o relacional para realizar as vendas da autora Carla Madeira – e somente os livros dela, não aproveitando sequer para oferecer livros que se relacionassem com o trabalho da autora, ou outros livros que pudessem se assemelhar, de alguma outra forma – apontando fortemente para o lado comercial em oposição ao lado simbólico, presente pela própria característica do livro, assim como da autora. Ademais, a Barsa Livros possui em seus registros fotográficos que, às 11:53h deste mesmo dia, a Biblioteca Sinhá Junqueira fora ocupada somente pelas duas livrarias independentes consideradas aqui e, às 16h01, ou seja, apenas um minuto após o início da palestra da autora e o fim da fila de entrada à palestra, a Livraria Travessa já estava em processo de desmonte de sua banca e retirada do espaço brevemente ocupado – o que reforça profundamente sua face comercial e sua posição no campo de agente voltada ao viés mercadológico do livro.

Imagem 15- BSJ às 11:53h somente com as bancas da Barsa Livros e Livraria Levante

19 de agosto de 2023 11:53



Fonte: Própria - Foto realizada pelo livreiro durante o evento

Imagem 16- Banca da Livraria Travessa 1 minuto após o início do evento

19 de agosto de 2023 16:01



Fonte: Própria - Foto realizada pelo livreiro durante o evento

Se a Livraria Travessa aponta, neste caso, fortemente para o lado comercial, a Barsa Livros, em oposição, aponta de forma mais equilibrada ao duplo-corpo do campo editorial e à sua atividade como livraria. Pois através da comercialização de seus livros e do apontamento da diversidade ofertada, a mesma equilibra esta balança de valores, contudo pendendo um pouco mais para o lado simbólico quando comunica tal relação aos seus clientes e a escancara – ainda que de forma breve e não aprofundada na questão. Então se a Barsa Livros pende para ambos os lados de forma aparentemente equilibrada, ela realiza um leve desequilíbrio ao informar que este campo é composto de lutas e que esta está posicionada em um local de heterodoxia, que tende a levantar questionamentos do jogo, contudo sem invocar uma reflexão sobre injustiça, desequilíbrio ou posições diversas do campo, mantendo então um verdadeiro aceite às regras do jogo, ou, conforme vimos em Bourdieu (2018), reconhecendo a *doxa*, isto é, as regras que compõem, caracterizam e produzem o campo editorial.

Assim, em 17 de dezembro de 2023 a Barsa Livros realizou sua última participação em feiras criativas na Feira do Coletivo. Se a participação em feiras foi propiciada pelo acúmulo de capitais que posicionaram a livraria para esta forma de trabalho, por sua vez as feiras também foram responsáveis por novos acúmulos e pela integração de habitus levado a efeito pela livraria, o que permitiu que esta realizasse um novo reposicionamento marcante: a migração para um espaço físico e fixo, localizado na Rua Florêncio de Abreu, 804 – na região central da cidade de Ribeirão Preto.

1.6 Espaço físico

Em um reposicionamento significativo dentro do campo, em 23 dezembro de 2023 a Barsa Livros passou a contar com sede física e fixa própria em um espaço territorial central na cidade de Ribeirão Preto. Esta alteração de posição no campo somente foi alcançada através da acumulação de capitais: o econômico, agora também encarregado de cobrir os custos de uma loja física (aluguel, água, internet, mobiliário etc.); o simbólico, caracterizado pelos livros adotados, que carregam em si um valor cultural e também as relações mantidas pela livraria, neste caso mais específicas com as consumidoras finais, que a partir da abertura da livraria física e fixa, puderam ter acesso presencial ao acervo da livraria em mais horários possíveis, já que antes desse período isto se dava somente por meio da participação nas feiras e pelo Instagram. Ou seja, para abrir um espaço físico, esta livraria teve de alcançar uma situação financeira suficiente para manter as atividades, assim como público consumidor potencial para que tal abertura fizesse sentido, além, é claro, dos livros com valores econômicos e simbólicos neles materializados para serem disponibilizados.

É oportuno veicular a informação de que, no primeiro semestre de 2023, o livreiro da Barsa

Livros concluiu pós-graduação *latu sensu* em Gestão Da Contabilidade e Finanças Empresariais, o que indica um acúmulo também do capital humano, este mais conectado com o lado comercial da livraria. Por se tratar de uma especialização mais técnica, tanto pelo assunto, como pelo modo de aplicação deste conhecimento na livraria, vamos discorrer melhor sobre este avanço do capital humano no próximo capítulo, voltado ao estudo das técnicas. Este reposicionamento também foi realizado a partir de um habitus que proporcionou à livraria a ocupação de espaço no campo editorial, contudo este foi consideravelmente incrementado a partir do momento deste reposicionamento no campo, pois se, antes, a livraria em questão participava de feiras criativas a fim se conectar presencialmente com seu público-alvo, no momento da ocupação de um imóvel físico e fixo por esta mesma agente do campo a participação em feiras cessou. Se no emprego dos capitais acumulados, técnicas executadas e relacionamentos articulados a livraria se conectava presencialmente ao seu público por meio de eventos de agentes terceiras, junto a outras empresas de variados campos, o objeto de estudo passou a se conectar ao público leitor a partir de sua própria deliberação – consoante com o costume social – e em contato com agentes do mesmo campo editorial – daí considerarmos que se trata de um reposicionamento do campo, pois isso altera tanto os capitais, habitus praticados e relações tomadas a partir desse momento para dentro deste campo.

Assim foi a inauguração da livraria, realizada em conjunto com o lançamento e sessão de autógrafos do livro “Aqueles Dias” da artista autointitulada independente Luana Cristini – também autora do mural pintado em uma das paredes da livraria. Então, já em seu primeiro dia de funcionamento, apresenta-se o incremento no habitus da livraria, pois se antes móvel no território, passa a nele ser fixa, ao mesmo tempo em que reduz o relacionamento com empresas de outros campos para focalizar nas agentes pertencentes ao mesmo campo que ela. Ainda, a Barsa Livros mudou toda a sua estrutura para este espaço físico, onde principalmente pôde expor todo seu acervo de livros disponível, além de realizar atendimento e outras tarefas diárias, físicas e digitais, em um local acessível ao público em horário comercial. Se antes esse contato junto às consumidoras finais se dava normalmente uma ou duas vezes por mês, esta disponibilidade passou a ser quase diária. Ou seja, a posição no campo que a livraria passou a ocupar permitiu maior contato com seu público, porém com a pena de ter de se manter fixa dentro do território.

Com essas novas ações, que apontam para a prática de habitus mais comum do campo – a presença como livraria física “de rua” –, que também se dá a partir de acumulações de capitais, a livraria em questão se orienta para a lida direta com seu próprio campo: seguindo com as vendas ditas corporativas, em que mantém relações com empresas, montando orçamentos e fazendo venda de livros – nada muito diferente do que ocorria em seu começo –, e também com a divulgação e com as vendas para pessoas físicas através do meio digital, também pouco alteradas senão pela

própria mutabilidade do acervo; a principal mudança, entretanto, como visto, consiste na passagem da participação em feiras criativas para a ocupação de um espaço próprio. Esta nova configuração e possibilidade de habitus, ao nosso ver, acontece pela inserção da livraria de fato no campo editorial, pois assim suas atividades ficam todas ligadas – não de forma exclusiva – ao campo editorial, sendo que os eventos sediados por esta livraria relevam a literatura como elemento sempre presente e se dão a partir dela. Lembrando que tal habitus incrementado é possibilitado pelo acúmulo de capitais, que fazem com que o campo posicione esta livraria em um espaço dentro do campo editorial que não só permite, mas também exige, a adoção de novas ações características e produtoras do campo editorial.

Considerando nosso levantamento até 24 de maio de 2025, esta livraria organizou e realizou os seguintes eventos de lançamento de livros e sessão de autógrafos: "Aqueles Dias" de Luana Cristini, em dezembro de 2023; "Um Fio Sobre o Abismo" de Jefferson Dias, em janeiro de 2024; "Nada Acontece" de Laura Lopes, em março de 2024; "Segundas-Feiras" de Isabella Antoniazzi, em dezembro de 2024 e "Fresta" de Marília Rossi em abril de 2025. Também organizou e sediou um encontro do clube de leituras Livros, Prosa e Cia em agosto de 2024; encontro de um grupo inominado que se reuniu para ler "Escute as Feras" de Nastassja Martin, em maio de 2025 e também "com as patas no grande hematoma" de Raquel Gaio e participação online da mesma em maio de 2025. Ainda, junto ao autor independente ribeirãopretano Jefferson Dias, organizou duas edições do FimdeLInHa – Fim de Semana de Literatura Independente e do que mais possa haver. Tal evento possui a literatura como objeto central e visa agrupar atividades do campo editorial dentro de um mesmo fim de semana, por vezes com atividades síncronas.

Na primeira edição contou com conversa entre Arthur Ledine e Daniel Franco, mediada por Jefferson Dias, sobre literatura e cidade (ambos autores possuem o contato com a cidade como elemento constante e presente em suas obras) no dia 18/10; lançamento do livro "longe e sal" de Flora Nakazone no dia 19/10; e no 20/10 contou com roda de leitura de poesia, conduzida por Rafaella Rímoli. Cabe a nota de que no lançamento do dia 19/10 o evento contou com discotecagem de Rita Fantini, uma das DJs responsáveis pela Atari Djs, coletivo que convidou a Barsa Livros para seu evento, que culminou na primeira montagem de banca e de venda presencial da livraria.

Já na segunda edição, realizada em dezembro de 2024 o evento contou com: no dia seis de dezembro, lançamento do livro "pontinha, esgoto e ribeirão abaixo" de Arthur Ledine e abertura de exposição de artes visuais coletiva intitulada "Corpo Urbano: Cartografias da Expressão", com as artistas Bárbara Vieira, Carolina Dias, Ísison de Oliveira, Leiz Passari, Matheus Nunes, Ouroboro e Zanna – exposição essa iniciada em seis de dezembro e finalizada em 21 de fevereiro de 2025 –; já no dia sete foi realizada a oficina "Estrias, Tatuagens e Cicatrizes: o Corpo e a Cidade" com

Luana Cristini, bate-papo com esta autora, Rafa Nunes e Caíne Sampaio sobre processos de escrita a partir de transição de gênero e finalizando com um encontro de artistas independentes de Ribeirão Preto numa proposição de troca de experiências com temática aberta. Cabe o adendo de que todas as autorias participantes dos eventos realizados na sede da Barsa Livros são autointituladas independentes e locais.

Com base nesses eventos podemos ver a nova configuração do habitus da livraria objeto de pesquisa sendo orientada para a organização e sede de eventos naturais do campo editorial, com a adição de outras atividades de campos correlatos, mas sempre a partir do campo editorial como central nestes eventos. Ainda, podemos notar que este reposicionamento no campo também influi na categoria de independente em que a livraria passa a se encaixar. Se antes esta apresentava quase que totalmente as características de uma agente partidária, com estes eventos ela também passa a aderir e a agregar as nuances de líder, pois, como vimos, a livraria passa a promover o fazer independente, reunindo em seu espaço físico agentes também autotituladas independentes, inclusive deixando expresso no título do evento FimdeLInHa, por exemplo, que trata-se de um evento literário de proposta e realização independente.

Entretanto cabe analisar que tais eventos possuem uma periodicidade alargada, ou seja, não há uma frequência pré-estabelecida. Tanto que a livraria passa semanas e até meses, a depender do período, sem sediar ou organizar eventos independentes, indicando que, por mais que esta tenha agregado características de líder do campo editorial, ainda não as efetiva de uma forma habitual suficiente para ser uma referência em eventos, fazendo com que a mesma ainda seja uma livraria independente de características partidárias em relação a esse campo específico, mas já com novos atributos que a reposicionam dentro dele. É o caso também quando se trata da característica de intelectual dentro do campo a partir de duas participações do livreiro em podcasts⁴²: primeiramente em setembro de 2023 com o tema “Explorando mundos literários: da curadoria à descoberta de novos talentos” no Chegay Podcast⁴³ e em outubro de 2023 com o tema amplo “Livraria Independente” no IndicaCast⁴⁴. Ainda em menor grau e episódios que o se espera da característica de líder, o objeto de estudo também agregou em essas duas experiências e participações de classificação intelectual dentro do campo editorial independente, já que produziu e discutiu conceito de forma pública, porém de forma esparsa e pouco frequente.

Vemos, então, tanto uma nova forma de acumulação de capitais da livraria, novas ações que

⁴² Publicação em áudio e vídeo para se assistir online ou via download. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Podcast>. Acesso em 01 de março de 2025

⁴³ Episódio do Chegay Podcast com participação do livreiro da Barsa Livros: <https://www.youtube.com/watch?v=YwPa2ox14A>. Acesso em 01 de março de 2025

⁴⁴ Episódio do IndicaCast com participação do livreiro da Barsa Livros: <https://www.youtube.com/watch?v=cmrUOLxNLAI>. Acesso em 01 de março de 2025

configuram e apontam um habitus e novo posicionamento dentro do campo editorial, inclusive referente à posição de independente dentro deste, a partir da adoção de local físico e fixo por essa agente do campo editorial. Assim se faz oportuna uma análise de como esta livraria se posiciona neste momento dentro do campo. Sem a intenção de estabelecer um espaço ocupado certo, já que uma das especificidades do campo é a fluidez, inclusive das agentes que a compõem, indicando que esta livraria continuará em seus reposicionamentos, independente de que forma, seja mais dominante ou mais dominada, central ou periférica e também em relação às atribuições mais realçadas do agir independente.

1.7 Posição atual no campo

Diante dos reposicionamentos vistos do nosso objeto de estudo dentro do campo, podemos concluir, a partir da teoria dos campos de Bourdieu, assim como do quadro empírico trazido por Thompson, que a revolução digital foi essencial à livraria para que tenha ingressado no campo editorial, pois forneceu as condições técnicas básicas para a conquista de um espaço inicial dentro deste campo e a partir deste espaço poder acumular mais capitais e incrementar seu habitus para uma proposição cada vez mais independente dentro do campo, mesmo que ainda se mantenha como uma agente ainda dominada no campo, visto que as livrarias tidas como paradigma ainda apresentam um acúmulo de capitais muito maior que a Barsa Livros, principalmente em relação ao capital econômico e, a partir deste, aos seus reflexos nos demais capitais.

Porém, de uma posição de iniciante, a livraria já ocupa uma posição de certa forma estabilizada no campo, pois já conta com acervo à pronta entrega, local físico e fixo, assim como promove eventos típicos do campo editorial, se inserindo de forma integral dentro deste sem a necessidade de ocupar espaços a partir de eventos de terceiros para “abrir” este caminho. Durante este desenvolvimento também podemos notar a acumulação de capital informacional da livraria, pois pelo aumento de pedidos recebidos, seu controle contábil, de estoque e de entregas teve de ser atualizado e dele exigido mais eficiência, sob pena de falhas possivelmente resultantes de erros em encomendas que resultam na perda de status da livraria, que por sua vez, incidem nos outros capitais da livraria, consequência não almejada. Quanto ao capital informacional e as técnicas adotadas pela livraria, nos aprofundaremos melhor no próximo capítulo, reservado ao estudo das técnicas a partir do pensamento de Milton Santos.

Já em relação à posição de independente a partir de Muniz Jr., se antes a livraria se mostrava como bonsai, neste ponto histórico podemos enxergar uma característica mais girafa desta livraria, pois já possui um espaço maior conquistado dentro do campo independente a partir da acumulação de capitais que promovem uma maior estabilidade para esta agente do campo, assim como estrutura

maior para a geração de maior capital econômico, simbólico e status dentro de seu campo de atuação, podendo também propiciar uma maior bibliodiversidade e disponibilidade de publicações independentes (melhor vista no capítulo 3, a partir da análise do acervo da livraria) a partir de seu estoque à pronta entrega, além da própria adoção de propriedades de líder dentro deste espaço, ainda que se encontre predominantemente como partidária da luta independente dentro do campo.

Nota-se que essa análise de girafa dentro do campo editorial se circunscreve ao território que ocupa, mais especificamente em Ribeirão Preto, pois neste se estabelece de forma integral, não tendo realizado nenhuma de suas atividades ao público leitor pessoa física em nenhuma outra cidade, assim como também não propôs e nem sediou evento com autorias e artistas vindos de outras cidades senão aquela onde se estabelece. Então, se essa postura girafa se limita a um território determinado, podemos pensar que uma expansão de influência para além desta cidade, carregando em si uma proposta independente, só é possível na adoção novamente de postura bonsai por esta livraria, contudo com o objetivo não de ingressar no campo editorial, mas sim para ampliar esta ocupação dentro do mesmo. Ainda tal expansão seria possível não só pela postura bonsai, mas também pela acumulação de capitais e postura independente mais influentes e eficientes, que proporcionariam então um maior raio de contato com as agentes do campo editorial independente de outras localidades.

Vistos o reposicionamento desta livraria dentro do campo editorial, seus acúmulos de capital e disposições de habitus, quanto a esse último, um de seus elementos constituidores nos é mais interessante, as técnicas. E para aprofundarmos os estudos das técnicas e também verificar quais delas são adotadas e desenvolvidas pela Barsa Livros, livraria independente objeto de estudo vamos recorrer à teoria espacial de Milton Santos, geógrafo baiano.

2. A Barsa Livros como rugosidade no espaço banal

Se no capítulo anterior utilizamos uma lente sociológica com o filtro da teoria dos campos de Bourdieu para observarmos nosso objeto de estudo, neste momento partiremos para a geografia a fim de aproveitar outro escopo, o da teoria espacial de Milton Santos. Portanto, após analisar o espaço sociológico ocupado pelo objeto de estudos, iremos agora analisar o espaço geográfico ocupado pelo mesmo. Para tanto, vamos considerar aqui, que este espaço é definido através da teoria de Milton Santos (2023) como um “conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ação”. Tal definição surge em meio à necessidade do geógrafo de obter uma definição de espaço que surgisse da própria geografia, da criação de uma epistemologia propriamente geográfica e não emprestada de outras disciplinas do pensamento humano.

Como as definições anteriores de espaço colocavam os objetos e as ações de formas dualistas, muitas vezes excluindo um destes sistemas da configuração teórica, ou mesmo não as integrando, Santos buscou na indissociabilidade das mesmas a definição e construção do quadro teórico-metodológico geográfico. Certo que o pensador também buscou referências em outros campos do conhecimento, o que não o impediu de produzir sua definição a partir de seu próprio lugar. Portanto, a partir desta formulação histórica do pensador, temos hoje sua definição de espaço geográfico como aquele que traz os sistemas de objetos e os sistemas de ação como ambos produtores deste espaço de forma síncrona e indissociável. A exclusão de um destes sistemas da análise do espaço impede a noção completa deste, assim como impede entendermos que, por serem indissociáveis, cada conjunto de sistemas produz o outro conjunto de sistemas. Ou seja, é através dos sistemas de ações que os sistemas de objetos são criados, assim como é através dos sistemas de objetos que os sistemas de ações passam a existir. E tal conjunto é o que caracteriza o espaço geográfico, que define e redefine tais objetos técnicos e ações em sistemas.

Mesmo criados para outras funções, tais objetos técnicos sofrem alterações em suas essências, pois por serem indissociáveis dos sistemas de ações, são obrigados a serem a eles contiguamente coerentes (Santos, 2023, p. 41), tanto de forma solidária como contraditória. O fato é que um influencia o outro. Da mesma forma, diariamente objetos técnicos são criados, previamente pensados em sistemas, que acarretam na alteração de sistemas de ações já existentes, que passam a lidar de forma alterada à sua criação a fim de se adaptarem aos novos objetos, sob risco de obsolescência. Então é neste espaço geográfico, em permanente alteração, que as dinâmicas são construídas e onde influenciam as diversas agentes que constituem o espaço geográfico, pensado de forma tanto genérica, quanto específica: quando utilizamos a noção de campo editorial, por exemplo, ou mesmo quando olhamos para as particularidades da Barsa Livros e sua posição

ocupada no espaço que lhe é circunscrito, mas não hermético, onde poderemos notar com quais sistemas de objetos e quais sistemas de ações esta livraria lida. É neste sentido que vemos em Santos:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.

O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes.

Os objetos não têm realidade filosófica, isto é, não nos permitem o conhecimento, se os vemos separados dos sistemas de ações. Os sistemas de ações também não se dão sem os sistemas de objetos.

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma. (Santos, 2023, p. 63)

E essa visão de sistemas é o que nos indica que, tanto os objetos, como as ações, não são um conjunto acumulado onde cada agente de um respectivo campo irá escolher e colocar em uso ou em prática cada elemento de forma isolada, mas sim que tais usos são combinados, ou seja, todos os sistemas de objetos e sistemas de ação são colocados em prática de forma síncrona e em sua totalidade por uma agente que as tem acesso, ainda que em relação aos sistemas “seu papel pode ser apenas simbólico, mas geralmente é também funcional” (Santos, 2023, p. 73). Ou seja, por mais que não exista uma funcionalidade direta em determinada ocupação do espaço geográfico, ambos conjuntos de sistemas ainda terão efeito sobre esta ocupação, influenciando de forma simbólica.

São, aliás, os objetos que materializam a existência na terra, carregando em si “toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou” (Santos, 2023, p. 72). É por este motivo que mesmo que não acionados em determinado momento, os objetos continuam produzindo efeito sobre o espaço geográfico, pois carregam em si a história do mesmo, sendo impossível às agentes sua indissociação ao contexto que se inserem. Da mesma forma são as técnicas, elementos que representam os sistemas de ações, já que é por meio delas que as ações são praticadas a fim de se colocar os objetos em uso. Também a técnica é história, já que:

Através dos objetos, a técnica é história no momento da sua criação e no de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas, geográficas), que permitiram a chegada desses objetos e presidiram à sua operação. A técnica é tempo congelado e revela uma história. (Santos, 2023, p. 48)

Podemos então usar este entendimento para afirmar que a Barsa Livros, como ocupante do espaço geográfico, é também um sistemas de objetos e um sistemas de ações. No caso da Barsa Livros, esta ocupa uma posição de influência local e independente no campo, portanto possui objetos e sistemas que também irão apontar para essa condição a partir de seus capitais historicamente acumulados. Podemos entender como sistemas de objetos desta livraria aqueles que

são colocados em movimento a fim de realizar seu objetivo central, qual seja, a venda de livros. Então os objetos técnicos mais óbvios que a consistem são os livros, tanto em seu acervo a pronta entrega, assim como os livros sob encomenda, ainda que materializados, estes não pertencem ao seu capital direto, mas ficam disponíveis indiretamente. Há que se comentar também dos pôsteres, que ainda com uma venda muito abaixo - tanto em quantidade como em renda - dos livros, se encaixam na mesma categoria destes, a categoria dos impressos.

Contudo, como os objetos se dão como sistemas, há que se observar outros objetos, que não os livros, que integram esse espaço, essa atividade de livraria independente, de forma funcional e simbólica. De antemão, podemos indicar o computador e o celular como objetos técnicos que não se caracterizam estritamente como objetos relacionados ao objetivo da livraria, mas que possui papel importantíssimo nas atividades desta, pois através deles se dá a maior parte de suas atividades comerciais, comunicacionais e operacionais. Lembrando que a mesma se iniciou apenas no meio digital, o que além de marcar a presença da revolução digital, remete à uma importância em grau elevado deste computador e celular, ainda que tal importância tenha reduzido com o manejo maior de outros objetos técnicos (livros), assim como sistemas técnicos no decorrer de suas atividades.

É o que o estudo de caso permite comprovar da teoria de Milton Santos em relação ao sistema de objetos carregar em si história através de suas alterações. Podemos pensar esta ideia de forma ampla, nas mudanças de objetos e técnicos que mudam a vida cotidiana de forma profunda, principalmente em relação à revolução digital. Contudo as pequenas alterações também são observadas a partir da mesma ótica. Ou seja, mesmo uma livraria independente do interior do estado de São Paulo, pode ter sua história, seus reposicionamentos dentro do campo editorial analisadas pelo viés da ocupação do espaço geográfico e seus sistemas de objetos e de ações. Ainda, há que se entender que dentro do sistema de objetos desta livraria as mesas onde os livros são expostos, o mobiliário usado para compor o espaço físico e fixo por esta livraria (cadeiras, bancos, mesas, ventilador, aparelho de som, plantas, etc) - ou no caso das feiras na forma de banca (cavaletes, caixas de feira, prendedores, cabos, carrinho de feira) - assim como os objetos de manutenção e limpeza tanto dos livros como dos demais objetos, pois ainda que não constituídos no fim da atividade comercial de livraria, possuem um papel importante na manutenção e operação desta atividade. Ou seja, objetos dotados de funcionalidades.

Há ainda, os objetos de valor simbólico, como os banners, os marca livros, o mural, pôsteres e prints não comercializados, que identificam a livraria para os potenciais clientes, assim como comunicam uma noção prévia do que é esta livraria - já indicada nos banners como independente, nos marca livros como pequeno negócio, com viés artístico no mural, político e comunitário pelos pôsteres, etc. Então, mesmo os objetos que em primeira vista nada se relacionam com a

comercialização dos livros integram o sistema de objetos que definem, junto às técnicas em sistema, o espaço geográfico ocupado pela Barsa Livros.

Claro que os próprios livros, mesmo como objeto técnico central das atividades desta empresa, também possuem um valor simbólico (novamente ressaltando seu duplo-corpo – mercadoria e significação), pois ainda que um livro específico não seja de interesse de algum cliente particular, sua posse e presença emitem desde já um simbolismo, um capital cultural a esta livraria, que a faz ocupar um espaço determinado no campo, mais ou menos perceptível pelos clientes, a depender também de suas relações com o “mundo dos livros”. Assim também é com as técnicas, que representam e constituem os sistemas de ações que têm na sua constituição a indissociabilidade aos objetos técnicos. É o que vemos:

Todo e qualquer período histórico se afirma com um elenco correspondente de técnicas que o caracterizam e com uma família correspondente de objetos. Ao longo do tempo, um novo sistema de objetos responde ao surgimento de cada novo sistema de técnicas. Em cada período, há, também, um novo arranjo de objetos. Em realidade, não há apenas novos objetos, novos padrões, mas, igualmente, novas formas de ação. (Santos, 2023, p. 96)

Então, se existe um sistema de objetos, principalmente objetos técnicos que constituem o fim de comercialização de livros pela Barsa Livros, há que existir também um sistema de técnicas para o atingimento deste fim, assim como sistemas de técnicas não consistentes no comércio, mas que possuem uma funcionalidade que compõe e permitem o funcionamento desta livraria sob outras perspectivas, como as técnicas utilizadas na confecção do banner, na montagem e disposição dos mobiliários, assim como na limpeza e manutenção da livraria. É interessante observar que tais técnicas não necessariamente são profissionais, como na montagem das primeiras prateleiras e estantes da livraria, feitas de forma totalmente amadoras, assim como a técnica de confecção de banners baseada na utilização de *stencil* e pintura *spray* também o foi, ou seja, técnicas e recursos baseados nas características da portabilidade, durabilidade e rapidez popularizados pela arte de rua do grafite⁴⁵.

Da mesma forma, quanto mais se aproximam do objetivo fim da livraria, a venda de livros, mais as técnicas se mostram profissionais, pensadas, estruturadas e executadas com habilidades e *know-how* previamente adquiridos dentro do campo editorial, compondo de fato o capital humano que a livraria dispõe, ao contrário das técnicas amadoras, que compõem esse capital, mas de forma tímida. Já vimos algumas técnicas amadoras utilizadas de forma secundária na Barsa Livros, como a confecção de banner e a instalação de prateleira e montagem de estante, contudo o mais importante é observarmos quais são as técnicas profissionais desta livraria; ou seja, cabe-nos analisar as técnicas que a fazem ter uma vantagem competitiva diretamente relacionada com seu objetivo

⁴⁵ Verbetes sobre o grafite e o uso de *stencil* e tinta *spray*: Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Grafito>. Acesso em: 20 de agosto de 2025

principal, que é a venda de livros.

Em primeiro momento, por se tratar de um empreendimento, temos que as primeiras técnicas utilizadas pela Barsa Livros se constituem nas jurídicas e administrativas, pois para se inserir no campo editorial, a livraria assumiu *doxas* ou “regras do jogo” de antemão, notadamente na questão de configuração jurídica, que como vimos se deu através da constituição de MEI (Microempreendedor Individual), com obtenção de CNPJ, Inscrição Estadual, inscrição no SIMPLES (regime tributário), obtenção de certificado digital e outras obrigações normativas vindas do Estado, tanto pela esfera federal, como estadual e municipal. Aliás, cabe entendermos que o MEI, como categoria empresarial foi instituído no Brasil pela Lei Complementar nº 128 de 2008 com o intuito de reduzir a informalidade e aumentar a arrecadação de tributos, pois esta categoria tem as características de facilitar a formalização jurídica das empresas, garantir os direitos previdenciários às trabalhadoras, permitir a emissão de nota fiscal, facilitar o acesso a crédito e possuir custo reduzido em comparação às outras categorias empresariais⁴⁶.

Em relação às técnicas administrativas, estas se iniciaram antes mesmo da própria livraria através das técnicas de planejamento organizacional como a técnica SWOT⁴⁷, plano de negócios, pesquisas de mercado, organização orçamentária, estruturação operacional e outras técnicas relativas à organização empresarial indicadas para o correto início, manutenção e execução do empreendimento. No decorrer da Barsa Livros, outras técnicas foram executadas, algumas previamente estudadas e realizadas de forma profissional, como as de contabilidade, que inclusive foi uma das técnicas mais desenvolvidas durante os anos, devido à necessidade urgente de maior controle contábil dentro da livraria. Foi a partir dessa necessidade que o livreiro realizou pós-graduação lato sensu em contabilidade e finanças justamente para melhor controlar o capital econômico da livraria e possibilitar maior estabilidade na execução desta.

Outras técnicas importantes também foram utilizadas, como as técnicas comunicacionais, que colocam a livraria em contato com os clientes e possíveis clientes; técnicas de curadoria, que possibilitam uma lógica mais desenvolvida na escolha dos livros que podem compor o acervo a pronta entrega da livraria; técnicas relativas ao frete, tanto contratando o serviço com outras empresas, assim como realizando as próprias entregas dentro de Ribeirão Preto/SP; cálculo de giro de estoque, que permite uma melhor noção da quantidade e preço dos livros que podem ser adquiridos com base no histórico e frequência de vendas e tamanho do acervo; técnica de

⁴⁶ “A História do MEI no Brasil” Fonte: Associação Comercial de São Paulo. Disponível em: <https://acsp.com.br/publicacao/s/mei-no-brasil-historia-e-principais-marcos>. Acesso em 20 de agosto de 2025

⁴⁷ Técnica de planejamento de empresas que possibilita a identificação dos seguintes fatores de um empreendimento: forças competitivas (*strengths*), fraquezas competitivas (*weaknesses*), oportunidades (*opportunities*) e ameaças (*threats*). Fonte: Sebrae. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/conheca-a-analise-swtot,202f64e8feb67810VgnVCM1000001b00320aRCRD>. Acesso em 14 de agosto de 2025

precificação dos livros usados; entre outras técnicas que serão melhor analisadas no Capítulo 2.2, onde se pretende analisá-las com base nas dinâmicas verticais e horizontais que influem no espaço geográfico.

Inclusive, a Barsa Livros produziu seu próprio sistema de técnicas, constituídas no Sistema Barsa Livros 1.0, que consistia em sistema de estoque, com catalogação, precificação e separação de livros comprados e consignados; em sistema de vendas, apontando o lucro de cada livro vendido – a partir do preço de capa e desconto, tanto obtido quanto ofertado -, lucro mensal, trimestral, semestral e anual e também apontando se cada livro vendido era capital econômico direto ou indireto (livros comprados ou consignados); sistema de orçamento; empréstimo e doação. Este sistema “consistia”, pois caiu em obsolescência com o aumento significativo do trabalho solicitado pela Barsa Livros causado por uma quantidade maior de solicitações de orçamentos, pedidos de livros, aumento do acervo, maior participação em feiras e também a abertura do espaço físico e fixo da livraria, que acarretaram numa incapacidade técnica do Sistema Barsa Livros, hoje usado apenas como sistema de apoio à confecção de orçamentos, já que nele se mantém a estrutura de busca de dados de livros junto ao acervo gratuitamente fornecido pela Distribuidora Catavento a seus clientes, que fornece em seu site seu catálogo atualizado em arquivo de planilha, o que possibilita o cruzamento de informações a partir dos ISBNs de um outro acervo, que ao comparados com os da distribuidora “puxam” as demais informações, como título do livro, autoria, editora, preço de capa, desconto fornecido, assim como disponibilidade a pronta entrega e/ou sob encomenda, o que facilita muito no processamento das informações. Trata-se de um capital informacional direto (da livraria) abastecido e produzido através de um capital informacional indireto (da distribuidora).

Novamente aqui temos a comprovação da teoria de Milton Santos em relação à indissociabilidade dos sistemas de objetos com os sistemas de ações, já que pelo aumento da demanda de trabalho, traduzido em maiores solicitações de livros, o sistema técnico que a Barsa Livros utilizava passou a ser insuficiente, sendo deixado de lado em todas suas funções principais – onde somente uma função secundária se mostrou ainda útil. Então, é possível observar essa dinâmica da livraria objeto de estudo estar inserida numa rede através dos dados fornecidos e integrados em seu sistema – apontando para uma verticalidade em rede -; ao mesmo tempo, esta livraria recusa verticalidades informacionais de sistemas de gestão “literária” de terceiros e cria seu próprio sistema – apontando para uma horizontalidade contígua. E tendo grande parte deste sistema caído em obsolescência, apontamos para o fato de que a única funcionalidade ainda utilizada pela livraria – qual seja, o cruzamento de dados através dos ISBNs para confecção de orçamento – se trata propriamente da parte do sistema onde a verticalidade está mais presente, inclusive em observância da presença dos ISBNs como códigos centrais – e internacionais - de funcionamento

desta técnica, que apontam para uma homogeneização de catalogação.

Portanto, em verdadeira antecipação da análise pretendida, podemos entender como serão analisadas as técnicas que integram o funcionamento da Barsa Livros e de que forma elas se comunicam entre si, sendo o caso, ou mesmo como elas integram o sistemas de ações da livraria, mesmo que de forma simbólica, no caso de obsolescência de algumas, ou também em duplo caráter: funcional e simbólico. Ainda, conforme acima exposto, tal conjunto de técnicas será observado pela lente das dinâmicas verticais e horizontais presentes no espaço banal a fim de analisarmos quais técnicas se aproximam mais das verticalidades e quais se aproximam mais das horizontalidades, certos de que tais dinâmicas compõem todas as técnicas em maior ou menor grau, apontando para ideologias hegemônicas e/ou populares, produzindo então rugosidades, ou seja, a própria produção das contradições, sobreposições, e atrito entres essas dinâmicas que compõem o espaço banal, considerado como aquele onde todas as agentes se encontram e produzem as lutas do campo, mais especificamente o campo editorial.

Procedemos então à análise mais atenta de como se constitui o espaço banal, como a Barsa Livros se apresenta e mantém relações neste, para então estudarmos mais profundamente as técnicas da Barsa Livros e suas rugosidades produzidas, como categoria analítica do espaço.

2.1 Espaço banal

Então, como vimos anteriormente, o espaço geográfico é constituído por conjuntos indissociáveis de sistemas de objetos e de sistemas de ações (Santos, 2023). Também observamos que cada agente ocupante deste espaço irá dispor de uma variedade significativa de sistemas de objetos e sistemas de ações para realizar sua ocupação neste espaço. Tal variedade é constituída a partir da evolução histórica de cada agente, assim como, a partir dos capitais que cada ator dispõe, que também variam conforme o desenvolvimento da história (Bourdieu, 2018); não só isso, mas esses capitais, objetos e técnicas utilizadas (as técnicas representando os sistemas de ações) também contarão a história de cada agente e do próprio espaço geográfico em que se inserem. Portanto dentro do espaço geográfico temos uma quantidade imensa de sistemas de objetos e sistemas de ações variados onde cada agente irá exercer suas atividades as executando de formas diversas, tanto em quantidade, quanto na forma em que dispõe destes sistemas, variando através de seus valores, capitais, capacidades e objetivos.

Essa composição heterogênea do espaço, onde cada agente lançará mão de sistemas variados faz com que o espaço se mostre complexo, com elementos variados entre si, mas se comondo e entre si interagindo de forma a produzir um espaço não padronizado. É nessa complexidade,

variedade e características amplas que Milton Santos definirá este espaço como espaço banal (2022). Vistos, este espaço é o “espaço de todas as pessoas, de todas as empresas e de todas as instituições, capaz de ser descrito como um sistema de objetos animado por um sistema de ações” (Santos, 2023, p. 283). Desta forma, temos que o espaço banal trata-se de um território complexo, permeado por uma mancha de sistemas de objetos e sistemas de ações com que as agentes que o ocupam lançam mão e desta forma produzem e são produzidos por este espaço banal.

Neste espaço banal as agentes o ocupam e interagem entre si, tanto de forma solidária como contraditórias e concorrentes, pois uma das principais características deste espaço é que ele é produzido a partir das deliberações das próprias agentes que o ocupam, ou seja, mesmo através da solidariedade ou da competição, estas agentes estão interligados, sendo que a atividade de uma irá produzir consequências em outra agente e vice-versa. Então, este espaço banal é um espaço que se auto constitui dentro de regras de existência deliberadas – ainda que inconscientemente - originadas pela própria necessidade das agentes que a ele pertencem de coexistirem dentro do espaço geográfico que compartilham, mesmo que tal coexistência aponte para disputas ou construções solidárias. Em síntese, recorreremos diretamente a Milton Santos:

Esse espaço banal, essa extensão continuada, em que os atores são considerados na sua contiguidade, são espaços que sustentam e explicam um conjunto de produções localizadas, interdependentes, dentro de uma área cujas características constituem, também, um fator de produção. Todos os agentes são, de uma forma ou de outra, implicados, e os respectivos tempos, mais rápidos ou mais vagarosos, são imbricados. Em tais circunstâncias pode-se dizer que a partir do espaço geográfico cria-se uma solidariedade orgânica, o conjunto sendo formado pela existência comum dos agentes exercendo-se sobre um território comum. (Santos, 2022, p. 124)

Vemos então, que inclusive a relação com o tempo de cada ator será determinante para a produção deste espaço banal, que também produzirá cada agente ocupante deste espaço. Ou seja, o espaço banal é o espaço dos rápidos, dos lentos, das agentes com grande acumulação de capital, daqueles com pouco capital – aqui utilizando a noção de múltiplos capitais vistos em Bourdieu e Thompson – assim como os valores, objetivos e sistemas de objetos e sistemas de ações que cada agente possui também irá compor essa multiplicidade de existências que caracterizam o espaço banal. Tal espaço se assemelha de forma muito próxima da teoria dos campos de Bourdieu e de certa forma complementa a teoria do sociólogo, pois em outra perspectiva também indica essa complexidade que os campos possuem a partir dos capitais que cada agente lança mão a fim de ter sua posição nos campos específicos bem marcadas.

Podemos entender os capitais econômicos e simbólicos utilizados pelas agentes como sistemas de objetos – ainda que com variações, quando observados como se constituem tais capitais -, assim como podemos ver o *know-how*, as relações e as técnicas utilizados pelas agentes como capital humano, social e simbólico como os sistemas de ações da teoria de Milton Santos. Aqui

aponta-se uma similaridade entre as teorias de forma a expandir e facilitar a compreensão de que a ocupação num campo ou num espaço – termos referentes às respectivas teorias dos pensadores – se dá a partir de um conjunto de características e formas de utilizá-las que determinarão onde cada agente se encontra, com quais outras agentes essas se relacionam e qual posição irão obter a partir destes elementos de ambas teorias. Pensando mais especificamente na Barsa Livros, através de seus reposicionamentos no campo editorial, podemos observar que seu início como livraria digital aponta para a ocupação de um espaço notadamente banal, já que pela dimensão das redes de *internet* tal espaço é ocupado por atores de características quase infinitas. Contudo, por mais que o digital tenha essa capacidade de integrar em si uma quantidade enorme de atores diversos, temos que entender que essa miríade de atores não se conectam entre si de forma instantânea e nem mesmo de forma facilitada, pois mesmo o ambiente digital possui limitações e está sujeito a proximidade física entre os atores, já que suas características próprias irão aproximar de outros atores que detêm essas características através de programações algorítmicas estruturadas para este fim.

Como exemplo, o início no meio digital da Barsa Livros, mesmo com a amplitude de possibilidades relacionais se deu pelo e-mail com pessoas físicas e jurídicas com que o livreiro já possuía contato, ou já reconhecia como potenciais clientes, que estavam circunscritos na mesma região em que a Barsa Livros foi fundada (Ribeirão Preto/SP), assim como seu ingresso e participação no Instagram também se deu com pessoas – e até hoje assim se mantém – principalmente da mesma cidade, da capital do estado e em grau muito reduzido a outros estados da nação. Há que se lembrar, também, que mesmo com essa amplitude de ingresso no campo digital, este ambiente está sujeito a espaços reticulares ou contíguos, quanto mais se aproximam de lógicas da cibercultura ou da cultura digital, que são diferenciáveis de uma perspectiva discursiva, conforme se pode ver em Salgado (2020).

Para nos apoiar sob a teoria de Milton Santos, cabem as reflexões e proposta de considerar que as técnicas também podem ser categorizadas conforme sua forma de distribuição discursiva a partir da política que cada técnica irá carregar (Salgado, 2020, p. 101). É que a teórica nos elucida, ao apontar que os objetos técnicos junto aos sistemas de ação funcionam também como discurso, já que materializam em si formas de pensar, valores e culturas a depender do fluxo predominante que distribuem. Isto a partir do entendimento em Milton Santos de que os objetos e as ações produzem discursos e dependem dos efeitos de sua circulação em “um mundo no qual nada de importante se faz sem discurso” (Santos, 2022 p. 85). Nesta análise de discursos os sistemas de objetos funcionam como uma tecnosfera, que por sua vez produzem os sistemas de ações, discursivamente analisados como psicofera, ou a forma de leitura de mundo a partir de valores, ideologias, práticas culturais,

etc.

Mais especificadamente aos sistemas digitais, Salgado (2020, p. 108) explicita duas categorias de fluxos que as técnicas podem abordar a partir de suas políticas adotadas e suas relações com os atores praticantes destas, produzindo psicoesferas com efeitos relativos à cibercultura e à cultura digital. Quanto à cibercultura, esta possui uma característica de fechamento, tendo perfil mais exclusivo com um maior grau de protocolos autorizadores de uso, em uma programação proveniente de lógica inclusive anterior à digitalidade, além de terem em seu perfil as intenções de filtragem e seleção. Já a cultura digital carrega em si políticas de partilha, tanto dos códigos que permeiam os programas, como também os próprios conteúdos, normalmente dotados de licenças que prevêm o uso ilimitado, por vezes limitando a reprodução sem crédito, ou a comercialização das informações abertamente licenciadas – estas políticas nominadas como licenças creative commons, copyleft e código aberto constituem a característica central da cultura digital, a propagabilidade, ou seja, a intenção do uso múltiplo sem barreiras extras para o uso, em favor da maior distribuição e uso possível. Ainda, a cultura digital, ao contrário da cibercultura, nasce com o digital e a ele é nativa (2020). Cabe ressaltar que tanto os protocolos, quanto a propagabilidade não são exclusivos a cada tipo de fluxo de psicoesfera, sendo que a cibercultura trabalha com propagabilidade, assim como a cultura digital possui (vários) protocolos. Contudo o apontamento se baseia na prioridade entre a dicotomia controle e dispersão dos objetos técnicos digitais.

Então quanto mais próxima uma técnica é da cibercultura, mais protocolos, autorizações, filtros e controle ela terá. Assim como quando próxima da cultura digital, mais os protocolos se darão num objetivo final de compartilhamento de dados, códigos, informações, propagação e colaboração das próprias técnicas, incluindo o estímulo da política “faça você mesmo”. Isso conforme os atores e o modo com que “cada um delinea-se num mundo ético, conforme se apropria da técnica algorítmica, dos objetos em que ela funciona” (Salgado, 2020, p. 109). Ou seja variando nas ênfases, nos usos e nos investimentos (2020).

Podemos voltar ao exemplo do Sistema Barsa Livros 1.0 citado anteriormente. Ao mesmo tempo que trata-se de um sistema feito pela própria livraria, se aproximando das características da cultura digital, observa-se que ao utilizar a planilha da distribuidora como dados que integram seu sistema, a livraria se insere numa rede – onde na verdade já estava inserida, contudo neste momento ela se aprofunda, pois aplica este sistema terceiro na base de dados de seu próprio sistema – o que nos permite indicar uma verticalidade dentro de uma livraria independente e seu acesso através de um protocolo, já que a livraria previamente teve de assinar um contrato com a distribuidora, além de possuir login e senha que validam o acesso a este capital informacional indireto o que também a

aproxima da cibercultura. Então há essa ambiguidade nos sistemas técnicos utilizados pela livraria, ora amplos e abertos, ora restritos e sob validações exteriores. Contudo, ao nosso ver, o espaço banal se mostra de forma mais clara a partir do momento em que a Barsa Livros passa a participar de feiras criativas, já que as empresas que participam deste tipo de feira têm a característica de serem muito diversas entre si, inclusive quando notamos o nicho de mercado a que estas pertencem.

Ou seja, aqui podemos ver com clareza o espaço banal sendo constituído por atores muito diversos entre si, cada um com seus sistemas de objetos e sistemas de ações próprios, sendo poucos aqueles que se assemelham e normalmente tais similaridades são através de objetos ou técnicas secundárias às atividades fins destas empresas, como os mobiliários, expositores, produtos e técnicas de comercialização, como precificação, exposição de produtos e formas de pagamento, por exemplo. Mesmo quando olhamos para a Feira Internacional do Livro de Ribeirão Preto, onde o espaço é ocupado somente (ou praticamente) por empresas com o objetivo de comercializar livros, podemos ver a vasta complexidade do espaço banal, já que as empresas que participam com estandes já possuem capitais econômicos muito diversos da Barsa Livros. Tal fato é observado pelo valor investido por estas empresas e também pela montagem de seus estandes, assim como a quantidade de livros que estas disponibilizam em suas áreas. Como visto no Capítulo 1.5, para uma empresa ter acesso ao círculo de expositores e comercializar seus produtos, é exigido o dispêndio de R\$ 7 mil, sendo possível a contratação de meio estande por R\$ 3,5 mil. Valor inconsiderável para livrarias como a Barsa Livros e a Livraria Levante, que em 2022 e 2023 recorreram ao convite da Biblioteca Sinhá Junqueira para montarem suas bancas no interior da biblioteca. Lembrando que em 2023 a Barsa Livros primeiramente participou da Feira de forma subversiva, independente, não convidada até ser informada que deveria se retirar sob pena de seus livros serem confiscados.

Novamente aqui o espaço banal se apresenta como um espaço dotado de conjuntos de sistemas de objetos e sistemas de ações diversos, inclusive em relação à esta exposição independente, onde a Barsa Livros se utilizou de carrinho de feira, duas caixas de papelão e mais duas caixas de feira a fim de compor esse espaço reservado à Feira Internacional do Livro de forma rebelde, numa verdadeira heterodoxia do campo. Já em relação ao espaço físico e fixo da livraria, ou livraria física da Barsa Livros notamos que o espaço onde esta se encontra é também muito complexo. Situada na região central, em termos territoriais, na cidade de Ribeirão Preto, neste espaço estão presentes diversos outros atores, como transeuntes, moradores, comércios (papelaria, lanchonete, bares); empresas de serviços (manutenção de celulares e empresa focada em obtenção de cidadania); etc, na composição do espaço. Estes atores neste espaço também são influenciados pelo Estado e pelos atores hegemônicos, que por mais que não estejam fisicamente presentes em imóveis ou em interações, ocupam este espaço na forma de normatizações e ideologias dominantes

que passam a integrar também esse espaço banal.

Ainda, é por esta complexidade de atores que deliberam entre si a ocupação e manutenção do espaço que se encontra uma resistência aos atores hegemônicos estruturados em redes e fluxos, pois é neste “processo dialético” (Santos, 2022, p. 126) que o espaço banal diariamente se reconstitui a partir de suas próprias vivências, valores e objetivos, recusando em variado grau as verticalidades emanadas dos atores dominantes e produzindo entre si horizontalidades, objetos e ações próprios, marcando a rugosidade característica deste espaço banal.

Vemos então que a Barsa Livros ocupa e é moldada desde seu início pelo espaço banal, já que sempre se inseriu em espaços complexos de atores extremamente diversos entre si. Mesmo que em situações como a Feira do Livro de Ribeirão Preto, onde todos os atores presentes possuíam um mesmo objetivo, podemos ver que a quantidade de capital e habitus – por definição incluindo as técnicas implementadas - são muito diversas entre si. Em oposição ao espaço rural, onde o capital se inseriu de forma mais porosa, justamente por essa ausência de uma multiplicidade de atores, Milton Santos aponta que a cidade grande é como “um enorme espaço banal, o mais significativo dos lugares [pois] todos os capitais, trabalhos, técnicas e formas de organização podem aí se instalar, conviver, prosperar” (2023, p. 322). Indicando inclusive a grande cidade como espaço onde os fracos, ou atores dominados podem encontrar sua subsistência e lugar de luta, pois a deliberação constante entre todos os atores permite a inserção de outros, que devem encontrar seu quinhão, seja através de solidariedade ou disputa.

Situando então a Barsa Livros neste espaço banal, recheado por objetos e técnicas diversas, nos ressalta a importância de analisar quais técnicas esta livraria lança mão para ocupar seu espaço e de que forma elas se assemelham à dinâmicas reticulares e homogeneizantes, que como vimos indicam fluxos verticais; e de que forma esta se solidariza, delibera e propõe uma continuidade com outros atores em direção à culturas populares, que apontam para horizontalidades. Tal exercício nos permitirá analisar profundamente, através destas dinâmicas, em quais objetos e em quais técnicas esta livraria apresenta mais ou menos rugosidades, ou seja, em quais aspectos desta livraria essa apresenta aceite ou recusa de verticalidades, assim como produção ou improdução de horizontalidades. Será de proveito também analisarmos as técnicas digitais desta livraria, nos baseando em Salgado (2020) para observarmos quais delas se conectam aos protocolos da cibercultura, ou se difundem através da propagabilidade característica da cultura digital. É o que faremos no próximo item.

2.2 Verticalidades e horizontalidades

Também em sua análise das possíveis globalizações, Milton Santos (2022) indica dois tipos

de dinâmicas que produzem o espaço, cada um com suas características próprias de relação, que os modos de organização e os valores criam e que através destes são criados. Cabe de pronto ressaltar que não são espaços herméticos, contudo são contrapontos, não impedindo uma coexistência entre eles. Oportuno iniciar pela exposição da dinâmica produtora do espaço com características mais próximas da globalização hegemônica: a verticalidade.

Como dinâmica característica dos atores hegemônicos as verticalidades se mostram como “espaço de fluxos” (Santos, 2022, p. 121), um conjunto interligado regido por normas criadas e orientadas por sua origem e orientada num sistema “de cima para baixo”. Tal normatização, encontra nessa dinâmica uma possibilidade de realização determinada e destinada à homogeneização das técnicas e dos valores sempre em direção à acumulação de resultados lucrativos, ou seja, às tarefas produtivas dominantes, características deste período histórico (2022). Por isto é uma dinâmica normalmente voltada ao interesse do capital, um espaço de fluxo que se instala no território almejado sem compromisso com a sociedade local e sem qualquer interesse no mal-estar que invariavelmente será criado no espaço de atuação.

A única cooperação que existe nessa verticalidade se dá somente dentro deste fluxo, que se constitui de forma sistemática e reticular (Santos, 2022, p. 121-122) e tal cooperação se dá apenas no interesse do alcance de uma fluidez, de uma velocidade cada vez maior. Então tal cooperação na verdade são investimentos e fornecimento – ou exigência - aos territórios, na maioria das vezes de uma infraestrutura que possibilite tais características velozes e uniformizantes. Este fornecimento e cooperação com intencionalidades prévias nos remete à disposição, pela Distribuidora Catavento, de sua planilha de estoque de livros tanto a pronta entrega, quanto sob encomenda. Tal distribuidora fornece seus dados para que seus clientes se integrem mais facilmente à rede onde esta se encontra e se mantém numa posição central e estratégica ligando o polo produtor – as editoras – à sequência distributiva característica do mercado editorial, os pontos de vendas diretos ao consumidor final.

Ao adotar tal planilha para a produção de seus sistema de estoque e vendas, a Barsa Livros recebe essa verticalidade emanada pela necessidade comercial característica do campo editorial e a reproduz através das ações que esse fluxo irá permitir à esta livraria em forma de acesso mais veloz e preciso aos livros à disposição, assim como seu preço, desconto ofertado, descrição, tamanho, peso, etc (os metadados do livro), assim como prazo de entrega; informações que serão transmitidas aos clientes da Barsa Livros com fins de realizar vendas. Assim, é uma dinâmica que influencia. Ainda que se possa dizer em uma solidariedade e organização interna desta fluidez, tais elementos se mostram apenas interiores a estas redes e com apenas um fim (lucro).

Portanto, por ser uma integração vertical, tal fluxo é indiferente ao seu entorno, ignora tudo que não é de seu interesse exploratório, apropriando a mais-valia do que se mostra uma

possibilidade de lucro e excluindo o que se mostra desnecessário, fazendo com que o território vire dependente desta lógica vinda “de cima” e alienando tudo que passa a integrá-la à uma mesma ideologia produtiva (Santos, 2022, p. 121-122). Esta dinâmica representa e segue a racionalidade hegemônica capitalista que só olha para a rentabilidade do território, se este se mostra não rentável, ou esgotado, passa a ser descartado da rede de fluxos que pertencia e logo se busca outro território passível da mesma lógica. Temos então um caráter migratório e sem sentido outro senão a exploração por si mesma, daí o convite deste fluxo “ao estranhamento” do território impassível de modernização e a alienação daquele que permite sua inserção nestas redes hegemônicas (Santos, 2022, p. 123).

Já às horizontalidades correspondem uma contraposição às verticalidades, pois se caracterizam como “zonas da contiguidade que formam extensões contínuas” (Santos, 2022, p. 124). Em oposto à uma rede fluida, as horizontalidades compõem o espaço banal de maneira diversa. Como indica Milton Santos as horizontalidades produzem um espaço diverso, com atores não homogêneos que se organizam da sua própria maneira e entre si, ocupando territórios conforme as próprias igualdades e diversidades. Na horizontalidade não existe uma norma homogeneizadora e exógena ao território, quem modela e determina esta dinâmica são os próprios atores a ele pertencentes, permitindo uma atividade no espaço a partir de suas próprias deliberações, que irão determinar tal presença em maior ou menor grau, conforme as variáveis apresentadas a cada caso.

Portanto, espaços determinados em maior grau pela dinâmica horizontal são aqueles que apresentam maior personalidade de cada ator integrante, sendo presente diversas técnicas, capitais, formas de organização, valores e interesses diversos – tanto de pessoas, quanto de empresas – uma determinando e moldando a outra, realçando a interdependência como característica intrínseca à horizontalidade. Como visto, nas horizontalidades os tempos entre os agentes não são homogêneos e/ou homogeneizados, fator essencial para as verticalidades, onde os atores precisam estar interligados à uma mesma velocidade e de forma a estarem aptos a cada vez maiores aceleramentos da produção e distribuição. Assim, a diversidade se mostra elemento característico das horizontalidades, onde os atores podem se apresentar conforme seus próprios valores e particularidades sem que isso represente, de início, uma incapacidade de interagir e se solidarizar com os demais atores deste território. É claro que tal liberdade não é plena, pois como o espaço é construído por lógicas, tempos e ideologias diferentes, o mesmo exige adaptação dos seus atores a fim de que o território compartilhado seja uma síntese de cada ator, variando da influência que cada um deste possui dentro de seu espaço compartilhado.

Quanto a continuidade deste espaço, esta representa um constante movimento e evolução do território, justamente por esta complexidade e riqueza de estilos que a dinâmica horizontal

produtora do espaço permite e que é colocada em deliberação e moldagem através dos tempos e alterações que passam a incidir no território (2022). É o que Milton Santos se refere como a “produção local de uma integração solidária, obtida mediante solidariedades horizontais internas, cuja natureza é tanto econômica, social e cultural como propriamente geográfica” (Santos, 2022, p. 125), elucidando e trazendo ao centro da análise a riqueza de valores diversos que tal dinâmica permite ao espaço banal, caso seja predominante.

Cabe ressaltar que ambas dinâmicas coexistem, mas como são contrapontos há uma constante disputa presente nos territórios por elas permeados. Por ter um perfil homogeneizante e de valor único, as verticalidades atritam com as horizontalidades presentes no espaço, pois é de sua característica a uniformização e a inexistência de personalidades, ou pluralidades, dentro de um território. Inclusive, as verticalidades exigem a alienação de espaços, se voltando de forma frequente ao Estado para exigir mudanças e apropriação de maior controle nos territórios desejados, já que para os territórios ocupados a consequência é da invasão por elementos exógenos - valores, capitais, normas, etc. – para benefício também externo, ainda que as promessas sejam de benefício geral, ao espaço dominado sobra somente o mal-estar social. Ou seja, o espaço cooptado deve se adaptar para que o capital externo globalizado possa se instalar com sua organização, ritmos e poderes externos, a variar de intensidade conforme a potência e grandeza dos ditos macroagentes (atores hegemônicos organizados), que passam a ser os verdadeiros reguladores deste espaço, já que para sua instalação exigem que o Estado “abra mão” de suas normas e suas previsões de proteção e desenvolvimento social (Santos, 2022, p. 122).

Já nas horizontalidades em ataque, ocorre “o aprofundamento das horizontalidades” (2022), pois os atores que as constituem necessitam exercer em maior grau sua influência no espaço geográfico a fim de “apreender as mudanças e descobrir as soluções indispensáveis” para a defesa de sua existência neste território visado. Para obter efetividade nestas ocasiões, os atores horizontalmente interdependentes devem sempre estar atentos às intenções externas através da consciência do espaço contíguo e da apropriação e execução das suas diversidades como fator produtivo e político de aprofundamento de suas personalidades e capacidade de inserção nos espaços. Entretanto, em espaços de predominância horizontal as verticalidades podem até compor essa diversidade do espaço geográfico. Como o mesmo é formatado pelos próprios atores, existe a possibilidade de que um deles possua uma constituição e execução reticular e de norma uniforme, desde que sua influência sobre o espaço seja de forma não dominante na configuração deste, encontrando resistência nele e por ele mesmo.

É que mesmo passíveis de serem atravessados pelas “racionalidades típicas das verticalidades” (2022) as horizontalidades “admitem a presença de outras racionalidades” (2022)

para constituí-las. Não só isso, como a existência de cada vez mais racionalidades diversas permite a existência de uma convivência outra dentro do mesmo espaço, o que configura verdadeira barreira para a homogeneização dos atores pelo capital dominante, além da produção de riqueza cultural, também explorada de forma solidária pelos atores horizontais. Então, como também representam uma verdadeira produção e prática política, também se aplicam técnicas diversas em um mesmo espaço através de negociações, trocas e apreensão do presente, como traz à luz Milton Santos:

Pode-se dizer que, ao contrário da ordem imposta, nos espaços de fluxos, pelos atores hegemônicos e da obediência alienada dos atores subalternizados, hegemonzados, nos espaços banais se recria a ideia e o fato da Política, cujo exercício se torna indispensável, para providenciar os ajustamentos necessários ao funcionamento do conjunto, dentro de uma área específica. Por meio de encontros e desencontros e do exercício do debate e dos acordos, busca-se explícita ou tacitamente a readaptação às novas formas de existência. (Santos, 2022, p. 126)

Então, em resumo, temos duas dinâmicas de relações dentro de um mesmo espaço. Sendo as verticalidades caracterizadas em redes fluidas, exigentes de uniformidade, velocidade e aceleração, alienando os atores pertencentes a um território e dele extraindo toda mais-valia possível. Já as horizontalidades apresentam caráter contínuo e extenso, representados pelos atores diversos que o compõem e produzem política interdependente dentro deste mesmo espaço, formando verdadeiras resistências contra o capital alienante e criando dentro de si formas múltiplas de existência e cooperação entre os atores que a ele pertencem e dele fazem um espaço banal, a serviço das populações.

Então a ideia aqui é trazer as técnicas predominantes da Barsa Livros e apontar se estas apontam mais ou menos para verticalidades e horizontalidades, já indicando tal síntese como rugosidade, que está mais profundamente trabalhada no próximo item deste capítulo, aproveitando também para situá-las mais próximas da cibercultura ou da cultura digital a fim de enriquecer o detalhamento das técnicas apresentadas. Por já termos tratado previamente do Sistema Barsa Livros 1.0, cabe retomá-lo para iniciarmos esse foco nas técnicas executadas pelo objeto de pesquisa.

Como visto, tal sistema hoje descontinuado em seu formato original e servindo apenas para a confecção de orçamentos, se apresenta como uma técnica predominantemente vertical, pois possui a característica de rede, onde a livraria se insere numa lógica comercial hegemônica ao utilizar os dados da distribuidora fornecedora dos dados, que por parecer solidária, só a é com os atores dispostos a refletir sua lógica e a trabalhar com os livros disponíveis em seu catálogo, predominantemente composto por grandes editoras capitalistas. Aliás, esta distribuidora fornece também dados das editoras mais compradas pela livraria, onde temos da tabela apresentada abaixo que as três editoras mais solicitadas pela Barsa Livros são todas da editora Companhia Das Letras (do grupo empresarial Random House), compondo quase 20% de todos os pedidos realizados nesta

agente do campo editorial.

Imagem 17- Editoras mais pedidas pela Barsa Livros na Distribuidora Catavento

The screenshot shows the Catavento Distribuidora website interface. At the top, there is a navigation menu with options: 'Venda Mensal', 'Financeiro', 'Consignação', 'Pedidos', 'Mix', 'Resumo', and 'CSV de Catálogo'. Below this, there is a sub-menu with 'Editora', 'Assunto', 'Novidades', and 'Promoções'. The main content area displays a table titled 'Mix por Editora' with the following data:

Editora	Qtd.	%
COMPANHIA DAS LETRINHAS	291	9,06
CIA DAS LETRAS	186	5,79
BRINQUE BOOK	161	5,01
PEIROPOLIS	92	2,87
TODAVIA EDITORA	87	2,71
MAZZA EDICOES	87	2,71
PULO DO GATO	84	2,62
INTRINSECA	80	2,49
MODERNA	67	2,09
PENGUIN	66	2,06

Fonte: Própria a partir do Portal da Distribuidora Catavento

Contudo, em comparação ao acervo a pronta entrega da livraria – realizado com maior profundidade no capítulo 3 desta pesquisa – vemos que estas editoras praticamente não estão presentes no ponto físico desta, sendo que de 385 títulos em estoque, apenas 33 deles são referentes à estas editoras hegemônicas e mais compradas através desta distribuidora. Tal fato nos remete às duas formas de trabalho adotada pela Barsa Livros, a primeira condizente com o trabalho com empresas jurídicas e a segunda o trabalho com as pessoas físicas.

No primeiro formato a verticalidade se mostra predominante, já que se trata de uma atividade caracterizada por sua reticularidade e num fluxo que não permite à livraria a indicação ou alteração das listas recebidas das empresas, cabendo a essa somente a realização do orçamento com os títulos requisitados por outras empresas, que confirmarão a compra a partir de critérios como disponibilidade dos itens, preços ofertados e prazo de entrega. Ou seja, neste formato de varejo a Barsa Livros apenas atende as demais empresas a partir de uma composição de mercado já predeterminada, fazendo com que esta livraria adote uma postura notadamente comercial, que dentro de sua característica de dupla-face, desfavorece o lado simbólico.

Tal peso maior ao lado comercial é característica intrínseca das verticalidades, focadas na geração de lucro e extração de mais-valia. No presente caso, a livraria se apresenta como uma peça deste mecanismo, servindo como agente predisposto e integrante desta cadeia capitalista ao dar capilaridade a esta rede de forma fluida. Fluidez esta permitida pela facilitação à compras, estoques e dados informacionais pela distribuidora com que mantém relações comerciais. Não a toa que em relação a venda para empresas a livraria objeto de estudo segue com o mesmo formato operacional desde seu início, já que ainda mantém tais relações em trocas de e-mail, confecção de orçamentos e

recebimento e entrega de pedidos. Sendo que as alterações no formato se dão mais na mudança dos clientes e suas quantidades, assim como na abordagem de novos títulos lançados, contudo numa mesma lógica digital e física de operação. Emprestando os conceitos de Bourdieu, temos que este habitus se manteve como um sistema de disposição estável, sem grandes reconfigurações. Pelo outro lado, das vendas para pessoas físicas, vemos substanciais disposições agregadas ao habitus, inclusive em termos de ocupação territorial. E aproveitando essa contraposição, podemos elencar a técnica da curadoria para análise de verticalidades e horizontalidades.

Primeiramente, cabe ressaltarmos que a curadoria se trata de técnica responsável pela escolha de livros a serem disponibilizados à pronta entrega pela livraria a partir de noções de perfil do público-alvo e consumidor, espaço e verba disponíveis, lançamentos, preço médio de cada livro, etc. - sendo tais exemplos pendentes para a face comercial da atividade varejista de livros – e também relevância e atualidade dos assuntos, editoras e autorias selecionadas, temáticas dominantes ou dominadas, ideologias e visões políticas adotadas pelo livreiro e pelo público consumidor, etc. Novamente referindo ao estudo mais profundo do acervo da Barsa Livros no capítulo 3, podemos ver que a composição deste se dá de forma diversa, com mais de um terço deste acervo não presente em livrarias que ocupam posições mais dominantes no campo, como Amazon, Livraria da Travessa e Livraria Martins Fontes Paulista e de grande distância em termos de capital econômico, informacional e humano ao nosso objeto de estudo. Ainda, também pode-se notar que a minoria dos títulos tem mais de uma unidade à venda disponível, sendo os que possuem mais unidades são relacionados justamente aos livros de autorias autointituladas como independentes locais.

Ainda, temos a bibliodiversidade marcada neste acervo, já que constam 150 editoras num total de 350 títulos considerados fora da lógica dos “best-sellers”, sendo essas primeiras notadamente editoras menores dentro do campo editorial. Também cabe a comparação com a operação de venda para empresas da livraria, onde a editora dominante possui 20% das vendas desta livraria e ocupa as três primeiras posições. Já no acervo a pronta entrega esta mesma editora possui apenas 7 livros, representando somente 1,82% dos títulos do acervo.

Por esta característica não homogênea e de deliberação a partir de lógicas próprias (não puramente comerciais), inclusive recorrendo à títulos não presentes em outras grandes livrarias (também como estratégia de defesa) e pelas autorias independentes encontrarem neste acervo uma forma de contiguidade as suas presenças no território, podemos indicar que a técnica curatória utilizada nesta livraria possui uma característica de horizontalidade no espaço geográfico, sendo também deliberadamente contra hegemônica e contra uniformizante. Assim temos uma diferença discrepante entre as duas formas de varejo desenvolvidas pelo nosso objeto de estudo. Uma marcada pelas verticalidades (vendas focadas em empresas) e outra marcada por horizontalidades

(vendas para pessoas).

Seguindo em nossa análise das técnicas, podemos apontar aquelas relativas ao trabalho operacional e comunicacional da livraria feito de forma digital, como o uso sistema operacional Kubuntu, o programa de edição de imagem GIMP e o pacote de escritório LibreOffice, além do Instagram⁴⁸. O Kubuntu é um sistema operacional baseado em Linux, de código aberto e informado em seu próprio site⁴⁹ como desenvolvido e suportado pela própria comunidade, além de ter o propósito de ser sempre gratuito e com uma missão de ser a distribuição de Linux mais usada entre todas. Já o GIMP é um software de edição de imagens funcional em plataformas baseadas em Linux, macOS e Windows, também de código aberto e de comunicação institucional⁵⁰ apontando para a gratuidade, possibilidade de alteração de seus códigos e inclusive com liberdade e gratuidade de distribuição das referidas alterações. Quanto ao LibreOffice é um pacote de escritório com funcionalidades relativas à criação de planilhas, construção e edição de textos, apresentação de trabalhos, etc. Autointitulado⁵¹ software livre e de código aberto e com visão voltada para a ampliação de uso junto ao público de forma gratuita.

Já tratamos brevemente sobre o Instagram anteriormente, mas cabe realçar que é o principal meio de comunicação da livraria com seu público pessoa física, onde faz a postagens dos livros disponíveis a pronta entrega, assim como os livros que foram encomendados e entregues por essa. É um aplicativo gratuito para uso, contudo conta com publicidade frequente durante sua operação. Ainda, não possui código aberto, sendo proibido seu acesso e, logo, sua alteração.

Vemos então a presença de softwares relativos à cultura digital (Kubuntu, GIMP e LibreOffice) e à cibercultura (Instagram) nas técnicas utilizadas pelo objeto de estudo. Com a intencionalidade comunitária, gratuita e de cunho propagativo, temos que estes aplicativos de cultura digital aderem à vetores de horizontalidade, já que permitem a deliberação e personificação de seus códigos por atores comuns que deles fazem uso. Já o Instagram se atém às características da cibercultura, pois insere protocolos limitantes de alteração e inclusive uso, pois são os próprios programadores que inserem novas ferramentas ao aplicativo, assim como projetam e alteram os alcances e métodos algorítmicos de propagação dos conteúdos, além da capitalização de seu uso através das publicidades pagas gerando uma dinâmica de rede vertical de homogeneização de postagens e interações dentro do aplicativo.

Também são de uso do objeto de estudo planilhas criadas para controle contábil e de vendas

⁴⁸ Comunicação da livraria de tais usos em postagem feita no Instagram: https://www.instagram.com/p/CvNygtev4H5/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em 10 de Março de 2025

⁴⁹ “Sobre Nós” do Kubuntu: <https://kubuntu.org/about-us/>. Acesso em 10 de Março de 2025

⁵⁰ “Sobre Nós” do Gimp: <https://www.gimp.org/>. Acesso em 10 de Março de 2025

⁵¹ “Sobre Nós” do LibreOffice: <https://pt-br.libreoffice.org/>. Acesso em 10 de Março de 2025

a partir do LibreOffice. Se o sistema prévio criado pela livraria entrou em obsolescência, este serviu para a criação de novas planilhas de controle descentralizadas. Entre essas planilhas temos “PedidosDidáticos” específica para a organização de pedidos de pessoas físicas relacionadas aos materiais didáticos, recebidos normalmente em listas e com a produção de orçamentos. Tal planilha aponta para a identificação da cliente, o código da proposta, valor total, valor de custo e lucro, assim como apontamentos relativos ao pedido dos livros junto aos fornecedores, realização de entrega do pedido e pagamento deste.

Imagem 18- Foto do sistema de pedido didáticos da Barsa Livros

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S
50	Folana 1	WPP	03/02/25	202502-1	5 livros	365,00	263,72	101,28	D	04/02/25	Encomendados	Pago	Entregar 5						
51	Folana 2	WPP	04/02/25	PF202502-2	3 livros	832,24	722,50	109,74	I e O	04/02/25	4 Entregues 1 Encomendados	5/6 Pago	Entregar 1						
52	Folana 3	WPP	04/02/25	PF202501-4	2 livros	296,64	262,20	34,44	I	04/02/25	Entregue	5/6 Pago							
53	Folana 4	WPP	04/02/25	PF202501-2	5 livros	896,70	813,80	82,90	I, O e ML?	04/02/25	Entregue	5/6 Pago							

Fonte: Própria a partir dos sistemas da Barsa Livros

Já em relação a planilha “Vendas Livraria”, esta é constituída pelos livros a pronta entrega e encomendados vendidos às pessoas físicas, sem considerar os livros didáticos, onde constam a data de venda, quantidade de livros, se estes foram comprados do acervo de livros novos, do sebo ou por encomenda, além de constar preço de capa, preço de venda, desconto ofertado pelo fornecedor e lucro da venda e ainda a forma de pagamento e identificação do consumidor.

Imagem 19- Foto do sistema de vendas da livraria

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X
0	25/06/25	2	Livraria 1 Sebo	79,9	79,9	48	R\$ 41,95	R\$ 38,35	3	PIA	Folana 1													
1	25/06/25	1	Livraria	50	47	40	R\$ 23,00	R\$ 14,00	3	PIA	Folana 2													
2	24/06/25	1	Sebo	10	10	100	R\$ 0,00	R\$ 10,00	1	DM	Folana 3													
3	24/06/25	1	Encomenda	89,9	85	40	R\$ 25,94	R\$ 19,00	1	PIA	Folana 4	56 981239564												
4	24/06/25	1	Encomenda	99,92	99	40	R\$ 38,95	R\$ 23,00	1	PIA	Folana 5	Preto												
5	25/06/25	1	Sebo	10	10	100	R\$ 0,00	R\$ 10,00	1	DM	Folana 6													
6	26/06/25	1	Encomenda	91,21	83	30	R\$ 63,85	R\$ 19,35	1	PIA	Folana 7													
7	26/06/25	1	Encomenda	75,9	68	40	R\$ 47,94	R\$ 25,00	1	PIA	Folana 8													
8	26/06/25	1	Encomenda	91	91	14	R\$ 78,26	R\$ 12,74	1	DM	Folana 9													

Fonte: Própria a partir dos sistemas da Barsa Livros

A planilha “lucro” consolida ambas planilhas anteriores e somente identifica valores de lucro de pedido e o total do mês de referência. Também a planilha “Contabilidade”, onde ficam registradas as receitas e despesas da livraria a fim de contabilizar o DRE, demonstração do resultado do exercício, que registra a rentabilidade do negócio. É um controle básico de gestão financeira. Por fim a planilha “acervo”, que funciona como inventário, controle de estoque e indicativo de capital de giro. É uma planilha de controle de estoque, não só registrando os livros que são adicionados ou vendidos, mas também produzindo informações relativas ao giro do mesmo, lucratividade dos livros e também à reposição de livros com base no comparativo de vendas/livros totais.

Tais planilhas representam técnicas de controle que compõem um sistema de ação de gerência de uma livraria, principalmente em relação às vendas e a manutenção e desenvolvimento do acervo da mesma. Por serem feitas com software de código aberto (LibreOffice) no estilo “faça você mesmo” pela composição, organização e formatação dos dados estas técnicas se aproximam da cultura digital. Contudo, são planilhas de uso restrito da livraria, o que as fazem perder potência frente às características da propagabilidade, tão inerentes a essa cultura. Da mesma forma também não apresentam rigidez de protocolos e pretensão de lucratividade com o uso terceiro dessas técnicas. Então temos que são técnicas que se aproximam mais da cultura digital, sem que de fato as represente. O interessante é pensar o uso variado destas e suas possíveis relações com as dinâmicas reverberadas. No caso da “PedidosDidáticos”, estas planilhas servem à uma verticalidade consistida em receber listas pré-estabelecidas pelas escolas e oferecer preços e prazos que resultarão ou não em pedidos, sendo que neste formato de vendas a livraria não mantém estoque à pronta entrega. Ou seja, na venda de didáticos, a livraria funciona como um ponto a mais na rede de distribuição de livros, sem muito espaço para oferecer opiniões e sugerir alterações na composição dos livros adotados pelas escolas.

Ao mesmo tempo, a livraria adota planilha similar para gerir seu acervo disponível, que como vimos e iremos nos aprofundar em diante, atende à uma horizontalidade baseada na diversidade de títulos fornecidos, além de encomendar aqueles solicitados por pessoas físicas a partir de suas próprias vontades, sem necessariamente seguir uma ordem ou lista prévia de terceiros. Já em relação as planilhas “lucro” e “Contabilidade”, nestas estão a compilação destas duas dinâmicas, já que recebem as informações financeiras e operacionais das vendas oriundas tanto das verticalidades, quanto das horizontalidades. Também a partir destas serão gerados os relatórios de resultado do exercício, assim como o de giro de estoque, que então fornecerá informações essenciais para a tomada de decisão da livraria, principalmente em relação a novas compras para o acervo – sendo então informações deliberadamente utilizadas para uma nova produção de

horizontalidade por esta livraria, já que a mesma somente recebe as vendas de cunho vertical no formato de encomendas, o que dispensa um alocamento de verba proveniente de resultado do exercício.

Ainda, tal produção de horizontalidade através do aumento do acervo permite a aquisição de novos títulos de editoras pertencentes ao campo editorial independente, já que produz e realça os capitais disponíveis e assim dota tais compras de maior eficiência, permitindo inclusive um aumento de alcance de títulos para além dos estoques disponíveis nas distribuidoras via compra direta com as editoras almejadas. Então, observamos que um sistema de técnicas mais próximo a cultura digital, ainda que predominantemente útil e produtor de horizontalidades, também pode ser servil às verticalidades, variando principalmente das intenções e valores carregados pelo ator que as coloca em uso.

Uma outra técnica digital presente diariamente nas operações da livraria objeto de estudo é o Pix⁵², meio de pagamento instantâneo criado pelo Banco Central do Brasil. O Pix é o meio de pagamento mais utilizado por esta livraria⁵³, sendo inclusive implantado apenas dois meses após a criação da livraria. Tal meio de pagamento não cobra taxas, como os cartões de crédito e débito e foi criado sob as premissas (informadas pelo mesmo Banco Central) da inclusão financeira, redução de custos, maior segurança nas transações, aumento da competitividade e incentivo ao uso de recursos eletrônicos pelas empresas. Temos um misto de características que aproximam o Pix da cultura digital, como a propagabilidade, assim como da cibercultura, como os vários protocolos de uso. Também podemos indicar verticalidades no fato de tal mecanismo ter sido criado e ser regido pelo Estado, na promoção da competitividade como discurso sancionador e na velocidade de tal mecanismo como ferramenta “prática, rápida e segura”. Porém, ao mesmo tempo exclui agentes intermediários das operações de pagamento, notadamente as grandes agentes financeiras responsáveis pelo uso do crédito nos pagamentos, assim como também elimina as taxas devidas às estas agentes em cada transação monetária digital, dando uma vantagem as agentes horizontais em suas deliberações comerciais.

Ainda que não se mostre como uma ferramenta horizontal em si, o Pix apresenta características que permitem um uso horizontal proposital pela Barsa Livros, qual seja, a possibilidade da prática de frete grátis para todo o território nacional na comercialização de livros novos. É o que esta livraria comunica e expõe ao indicar que toda venda com cartão de crédito a custaria 4,79% + R\$ 0,40 por venda através deste mecanismo. Então, aliada à uma técnica de precificação, contabilidade e estratégia comercial, esta livraria alocou esse custo (ou a ausência

⁵² Página do BC sobre o Pix: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/pix>. Acesso em 20 de março de 2025

⁵³ Postagem da Barsa Livros sobre o uso do Pix: https://www.instagram.com/p/CqescaIN4T9/?img_index=1. Acesso em 20 de março de 2025

deste) para custear o envio dos livros novos por todo o Brasil. Ainda, também retira de sua margem de lucro uma eventual necessidade de complementação do frete. Assim, ampliou o alcance de seus livros vendidos sem aumentar o custo para as consumidoras finais, adotando uma política de contiguidade e facilitação da circulação do objeto livro. Cabe ressaltar que tal política somente é possível através de outra política empresarial adotada pelos Correios, que através do envio de encomendas do tipo “impresso normal”⁵⁴ facilita a circulação dos materiais impressos, já que cobra o envio por peso e não por distância. Ou seja, o envio de um livro irá custar o mesmo partindo de Ribeirão Preto/SP com o destino seja para São Paulo/SP, Manaus/AM, ou qualquer outra cidade do Brasil, aliado ao “registro móxico”⁵⁵ que é a cobrança de 50% do valor normalmente cobrado pelo fornecimento do serviço e código de rastreamento de encomendas para esses objetos impressos.

Tal possibilidade técnica criada pelos Correios, aliada ao Pix, criado pelo Banco Central permitem à Barsa Livros a adoção de técnicas de gestão que propiciam o envio de livros novos com frete grátis para todo o Brasil, configurando uma técnica de cunho horizontal, mesmo com nuances verticais produzidas por uma autarquia (Banco Central) e por uma empresa pública (Correios) do Estado. Ainda em relação ao Pix, em recente defesa de tal tecnologia de pagamento, temos que:

O Pix foi desenvolvido como parte de sua soberania brasileira enquanto autoridade monetária, acrescenta o documento, assinado pelo ministro Mauro Vieira, das Relações Exteriores. Segundo o texto, o Pix, lançado em 2020 pelo Banco Central, é um projeto de acesso aberto que busca modernizar o mercado de pagamentos, diminuir os custos transacionais e impulsionar a competição e a inclusão financeira — alcançando “milhões de brasileiros antes excluídos do sistema bancário tradicional”.

[...]

Segundo o governo brasileiro, o Pix “desempenhou um papel fundamental na redução da dependência de pontos bancários físicos e no aumento do uso de canais digitais em áreas antes carentes”. (Alvim, Mariana; Gallas, Daniel. Vanguarda, inclusão e usado até pelo Google: como Brasil defende Pix em investigação comercial dos EUA. **bbc.com**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cm2vrnq17vdo>; Acesso em: 20 de agosto de 2025.

Ou seja, o Pix é uma tecnologia que proporciona uma modernização dos meios de pagamento, ao mesmo tempo que inclui milhões de pessoas ao sistema bancário, numa verdadeira aplicação política inclusiva de cunho financeiro e tecnológico ao mesmo tempo em que reforça a soberania nacional – como observado na postagem “O Pix é nosso” do Governo Federal⁵⁶ -, que como vimos acima, permite uma adoção horizontal pela Barsa Livros, ao mesmo tempo que a permite recusar as verticalidades dos meios de pagamentos via cartão de crédito, que são mais onerosos à livraria.

⁵⁴ Postagem dos Correios em seu próprio site sobre modalidades de envio mais baratas: <https://www.correios.com.br/enviar/marketing-direto>. Acesso em 25 de março de 2025

⁵⁵ Sobre o “registro móxico” pelos Correios: <https://www.correios.com.br/enviar/servicos-adicionais>. Acesso em 25 de março de 2025

⁵⁶ Postagem “O Pix é nosso”. Fonte: Governo Federal brasileiro. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DMLKn6fxf-o/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 20 de agosto de 2025.

Temos também os eventos realizados pela livraria, coorganizados com agentes do próprio território que fortalecem as horizontalidades como fator produtivo e político ao mesmo tempo em que se protegem das verticalidades recebidas, pois nestes eventos são aplicadas técnicas de promoção das atividades realizadas por estas agentes, como a venda e curadoria de livros realizada pela livraria, assim como a promoção das obras apresentadas pelas demais agentes coorganizadoras que nesta realizam lançamentos de livros, sessão de autógrafos, exposição de artes, oficinas, bate-papos, etc. Ou seja, agentes ocupantes de um mesmo espaço e do mesmo campo editorial, que compartilham a característica de agentes independentes de forma partidária e incluída se unem e entre si deliberam para realizar eventos dentro do território que ocupam a partir de suas próprias personalidades, produzindo dinâmicas horizontais junto às demais pessoas ocupantes do território que comparecem e também produzem tais ambientes.

Tendo observado as técnicas utilizadas, podemos concluir que nosso objeto de estudo é composto tanto por verticalidades, como por horizontalidades. Sendo que na necessidade de se inserir, se manter e se reposicionar dentro do campo editorial é onde mais se encontram dinâmicas verticais, apontando para o fato desta livraria se inserir numa rede fluida de agentes voltado principalmente à face comercial do mercado editorial de forma a integrá-la e assim obter em especial capital econômico para sua subsistência. Contudo, ao mesmo tempo em que se uniformiza e atende à uma aceleração do mercado editorial, a livraria independente objeto de nosso estudo também recusa tal lógica e deliberadamente emana dinâmicas horizontais, que por característica exigem a participação de outras agentes do espaço geográfico para a produzirem, já que tal dinâmica se consiste na diversidade de formas de agir e pensar que entre si deliberam e propagam uma cultura propriamente popular. Nestas horizontalidades é onde predomina o lado simbólico da atividade da livraria, que também produz capital econômico, contudo de forma mais equilibrada. E é nesta cooperação que predomina a bibliodiversidade e a recusa da homogeneização. Esse amálgama de dinâmicas recebidas, produzidas, impostas e recusadas pela Barsa Livros é o que Milton Santos (2023) aponta como rugosidade, nosso próximo conceito a ser estudado.

2.3 Rugosidade

Conforme observado nos capítulos anteriores, a Barsa Livros é permeada de técnicas: assimiladas, adotadas de modo automático, recusadas, adaptadas e criadas. Todas elas apontando para as dinâmicas das verticalidades e horizontalidades, a depender das características de cada técnica, como fonte de emanção, princípios e intencionalidades. E como vimos o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, onde o mesmo possui categorias analíticas que nos permite compreender melhor este espaço. Estas categorias de classificam em

“paisagem, configuração territorial, divisão territorial do trabalho, espaço produzido ou produtivo, rugosidades e formas-conteúdo” (Santos, 2023, p. 22). Dentre todas estas categorias, esta pesquisa visa se ater à uma delas, pois entre iluminar de forma breve todas estas categorias, essa dissertação melhor se constrói, até por característica desta classe de pesquisa, na análise profunda por várias perspectivas e lentes de apenas uma delas. Como previamente elucidado, nossa hipótese principal de pesquisa está na análise das rugosidades e se a Barsa Livros se apresenta como elemento rugoso no espaço geográfico através da análise desta categoria a partir das dinâmicas verticais e horizontais que permeiam as técnicas utilizadas por esta livraria.

Como vimos no capítulo anterior, todas as técnicas utilizadas pela Barsa Livros estão permeadas de dinâmicas verticais e horizontais, onde algumas técnicas apontam quase que integralmente para verticalidades e outras quase integralmente para horizontalidades; sendo que a maioria delas é permeada por ambas dinâmicas em graus parecidos. Isto se dá principalmente pela recusa consciente – e em algumas vezes inconsciente – das verticalidades, numa verdadeira opção política adotada pela livraria, fator político que é intrínseco das técnicas, já que estas são caracterizados por um modo de fazer e uma política, um valor, que acaba por realizar ajustes nas bases técnicas para que estas apontem de forma pensada para valores previamente adotados pelos atores que a exercem, neste caso, a Barsa Livros. É o que aponta Milton Santos ao esclarecer que não podemos separar as técnicas das políticas, já que “nunca houve na história humana separação entre as duas coisas. As técnicas são oferecidas como um sistema e realizadas combinadamente através do trabalho e das formas de escolha dos momentos e dos lugares de seu uso” (Santos, 2022, p. 29).

Portanto, essa permeabilidade por ambas dinâmicas caracteriza a Barsa Livros como elemento rugoso no espaço banal – que como vimos é o espaço característico das relações onde esta livraria se encontra – já que nenhuma das dinâmicas se estabelece integralmente, mesmo considerando as características dominantes e homogeneizantes das verticalidades, assim como os valores capitalistas e de massificação que esta dinâmica representa.

Mesmo com a pressão de se manter ativa, realizar vendas e seguir modelos comerciais, operacionais e administrativos dentro de uma mesma lógica pautada externamente, a livraria, como vimos, se reposiciona e elabora estratégias próprias e/ou adaptadas de outras fontes do conhecimento, a fim de seguir suas atividades e assim poder apontar para culturas populares e poder deliberar, junto com as demais agentes menores do espaço, as técnicas e ações políticas que representam as horizontalidades. Aliás, essa pressão vertical se dá em muito na lógica capitalista, tanto pela exigência de produção para subsistência, impedindo períodos de criatividade sem produção de fato (aqui tratada como geração e circulação de dinheiro como fim em si mesmo),

assim como pela lógica constante da necessidade de lucro, independente de uma personalidade ou uma intencionalidade diversa que esta livraria pode adotar – numa predominância da face comercial em detrimento da face simbólica.

Mas as rugosidades do espaço banal também se apresentam como uma recusa à homogeneização e ao “domínio do mundo na associação entre grandes organizações e uma tecnologia cegamente utilizada” (Santos, 2023, p. 45). Isto é, estas rugosidades também se dão na identificação e recusa das tecnologias disponíveis e ofertadas - notadamente aquelas aliadas à cibercultura – como imprescindíveis às agentes do espaço geográfico, permeadas de promessas e funcionalidades sem as quais estas agentes ficariam “para trás” nas disputas comerciais. Então, esse “bombardeamento” constante de exigências de inovação e adoção de tecnologias atuais representam o ideal dominante de produção de lucro – ainda que a adoção destas tecnologias não garanta o tal lucro, mas é assim que são publicizadas – e a recusa da adoção destas tecnologias, ou mesmo o aceite, mas com a noção prévia do que estas promessas realmente significam, representam rugosidades no espaço banal.

Como vimos no item anterior, a adoção do Instagram como aplicativo utilizado como principal meio comunicacional e de publicidade pela Barsa Livros representa este uso da tecnologia vertical para obtenção de seus fins, qual seja, vender livros a partir desta funcionalidade publicitária, mas ao mesmo tempo também indica uma recusa ao não trabalhar com publicidade paga, em não utilizar a loja fornecida por este aplicativo, assim como não adotar *trends*⁵⁷ que permeiam o uso comum e habitual nesta plataforma tecnológica. Ainda, nosso objeto de estudo também produz rugosidade ao utilizar programas de código aberto como o Kubuntu, o GIMP e o LibreOffice, tanto pela aproximação da cultura digital e suas propostas horizontais, como pela recusa de programas ofertados por grandes empresas tecnológicas dominantes do mercado, como o Windows, Photoshop e o Pacote Office com suas licenças pagas e múltiplos protocolos típicos de programas associados à cibercultura.

Seguindo, adotar somente as rugosidades como categoria analítica do espaço geográfico nos permite uma observação mais profunda, circunscrita, próxima e complexa desta. Se nos propomos a analisar tais rugosidades a partir das dinâmicas das verticalidades e horizontalidades, também nos é oportuno verificar a Barsa Livros como elemento rugoso a partir de outros apontamentos realizados por Milton Santos. Então, se no item anterior nos detivemos às técnicas utilizadas pela Barsa Livros de forma mais individualizada, cabe-nos retomar a noção de que o espaço banal é ocupado pelos atores através de sistemas de técnicas (além dos sistemas de objetos) e neste sistema técnico adotado pela Barsa Livros também podemos observar as rugosidades pelas idades das técnicas

⁵⁷

Termo comum usado “dentro” do aplicativo com tradução livre deste pesquisador para “modismos”.

adotadas dentro deste sistema.

Conforme podemos ver em comunicação institucional do objeto de estudos⁵⁸, até 15 de outubro de 2021 – data do início do uso do dito Sistema Barga Livros 1.0 – esta livraria realizava seus controles de estoque, contábeis e administrativos de forma analógica, notadamente através de “papel, caneta e lápis”. Mesmo sendo criada no período concebido da revolução digital, tal livraria aponta tal uso analógico com base na falta de recursos financeiros para a adoção de sistemas digitais existentes, contudo pagos. Da mesma forma, em outra comunicação institucional, que trata da formação inicial de seu acervo a pronta entrega – constituído por cerca de 60 livros⁵⁹, podemos ver que os títulos do acervo – principalmente falando em quantidade - são predominantemente pertencentes à grandes editoras, como Record, Global, Companhia das Letras, Intrínseca, Todavia, Leya, José Olympio, Rocco e Zahar; algumas médias, como Editora 34, Aleph, Peirópolis, Perspectiva e Boitempo; e poucas pequenas, ou ainda autointituladas como independentes, como Dublinense, Bolha de Sabão, Jandaíra, Elefante, Autonomia Literária e Pipoca & Nanquim.

Isso nos aponta que em uma fase inicial da livraria, a mesma teve de recorrer a sistemas mais baratos e menos complexos de controle operacional, resultando numa menor complexidade e efetividade operacional, que pode ser analisada em conjunto do acervo ser predominantemente composto por grandes editoras. Aliás Thompson em sua análise da revolução digital e do capital informacional situa esta livraria estudada na sua falta de capital informacional digital, pois segundo o mesmo “uma característica fundamental da informação é que, embora possa ser dispendioso produzi-la, em primeiro lugar, o custo marginal de reproduzi-la é próximo de zero” (Thompson, 2021, p. 195). Podemos indicar tal observação apoiada na teoria dos campos de Bourdieu e indicar que a ausência de um sistema digital próprio como capital informacional implica um escassez de recursos, que sujeita tal livraria à uma verticalidade imposta pelo campo editorial traduzida na adoção de títulos produzidos por grandes agentes dominantes do mesmo campo, que através de sua fluidez e estrutura em rede, consegue inserir esta livraria descapitalizada em seu fluxo como agente cooperada, mas subserviente aos seus propósitos através do empréstimo de capital informacional indireto (de terceiros), como visto anteriormente, via sistema informacional de estoque da Distribuidora Catavento.

Ainda que tal uso de capital informacional indireto explicita o momento histórico em que esta livraria está inserida, qual seja a revolução digital, também ilumina o fato de que esta revolução não está posta de forma gratuita e completa a todas as agentes que tenham interesse na sua

⁵⁸ Postagem no Instagram sobre o tema: https://www.instagram.com/p/CVER3-9NdPe/?img_index=1. Acesso em 28 de março de 2025

⁵⁹ Postagem no Instagram sobre o tema: https://www.instagram.com/p/CpodxOrtqW2/?img_index=1. Acesso em 28 de março de 2025

utilização, pois para seu uso vimos previamente que esta livraria teve de adotar diversas configurações jurídicas e operacionais para que pudesse integrar essa rede vertical e dela fazer uso, além do alto custo de criação de tais informações digitais. Contudo, para a realização das mesmas atividades acima e a partir das mesmas bases técnicas, a livraria passou a lidar com estas a partir de outras bases políticas com a adoção de programas informacionais com os mesmos fins, contudo com outras lógicas baseadas em propagabilidade, cultura “faça você mesmo”, gratuidade de uso e código aberto. Essa gratuidade horizontal propiciada pela cultura digital, apoiou o crescimento da livraria e uma independência maior nas escolhas de produção de dinâmicas horizontais.

E conforme tratado anteriormente, a partir do uso gradual de capital informacional aliados a cultura digital a livraria passou a emanar e integrar dinâmicas horizontais em suas atividades, notadamente em relação ao seu acervo, que passou a ter uma configuração quase oposta ao anterior, já que no mesmo passou a predominar livros de editoras autointituladas independentes, editoras pequenas e mais desconhecidas, em menor grau editoras consideradas “médias” dentro do campo editorial e em quantidade ínfima os títulos de grandes editoras capitalistas, que antes era predominantes no acervo. É que na era da revolução digital:

a informação e o conteúdo simbólico são utilizados como uma forma de ganhar escala, aumentar a participação de mercado e reunir uma quantidade cada vez maior de dados dos usuários, e, quanto mais barata a informação, maior sua eficácia para alcançar esses objetivos. (Thompson, 2021, p. 195)

Novamente podemos explicitar diferenças em dinâmicas verticais e horizontais. Pois, esse ganho de escala e eficácia proporcionados pelo capital informacional e pelo simbólico podem ser utilizados por uma agente do mercado editorial para a personalização de anúncios e ofertas a clientes se baseando em lógicas de consumismo e foco em vendas de poucos títulos “best-sellers” sopesando o lado comercial do campo editorial, numa verdadeira lógica vertical de rede; assim como pode ser utilizado por essa agente para uma leitura melhor de suas vendas e seu público-alvo, inclusive recusando informações pessoais destas, mas focando em seus interesses para aplicar na gestão de suas atividades e aumento de eficácia para a montagem de acervo a pronta entrega focado na bibliodiversidade, dotando o lado simbólico desta mesma balança com maior peso. É o que vemos no caso da Barsa Livros, um capital informacional e simbólico cada vez mais utilizado de forma consciente para aplicação em dinâmicas horizontais de ocupação do espaço geográfico, sem recusar totalmente uma dinâmica voltada ao lado comercial, como é o caso visto das vendas para empresas que esta livraria pratica. Aliás, como apontado por Santos (2023, p. 42-43), esta mescla de idades de técnicas nos mostra como:

esses diferentes sistemas técnicos formam uma situação e são uma existência num lugar dado, para tratar de entender como, a partir desse substrato, as ações humanas se realizam. A forma como se combinam sistemas técnicos de diferentes idades vai ter uma

consequência sobre as formas de vida possíveis naquela área.

Tal apontamento nos revela que o reposicionamento da livraria dentro do campo editorial também pode ser analisado através dessa alteração de uso das técnicas e pelas dinâmicas recebidas, recusadas e deliberadamente emanadas. Ou seja, as idades das técnicas, assim como as diferentes técnicas adotadas nos revelam uma rugosidade presente no objeto de estudo, que por sua vez nos aponta o momento histórico onde tal objeto se encontra, seja numa fase inicial de atividade, num reposicionamento materializado, ou na conquista de uma posição outra e mais horizontal dentro seu campo. Assim, através desta visão podemos entender também que a forma de existência no espaço banal que a Barsa Livros atua, principalmente quando circundamos a forma de existência independente neste espaço se dá através da adoção de técnicas muito diversas entre si, tanto por suas funcionalidades, seus valores ou fontes a que apontam, assim como a própria idade e formato destas.

Entretanto, por mais que essa rugosidade analisada através das diversas idades das técnicas adotadas pela livraria marque um posicionamento e reposicionamentos histórico desta, o mais interessante é notar que tal rugosidade indica um momento histórico do campo editorial em si, isto é, tal rugosidade aponta para um recorte socio-histórico mais amplo. Em relação às técnicas dominantes, segundo Santos, para estas cabe “verificar como os resíduos do passado são um obstáculo à difusão do novo, ou juntos encontram a maneira de permitir ações simultâneas” (2023). Então, para as técnicas dominantes resta entender porque uma livraria independente prefere – ou necessita – adotar técnicas analógicas, ou mesmo técnicas digitais mais antigas, ou ainda menos complexas, mesmo após a revolução digital e o amplo acesso às digitalidades.

Isto indica uma incapacidade totalizante das novas técnicas homogeneizantes e dominantes. Como vimos, esta característica é dada pelo próprio espaço banal e sua constituição rugosa, já que por ser espaço de todos os atores, independente de suas personalidades e capitais disponíveis, estes naturalmente não recebem as verticalidades e imposições do sistema hegemônico, trazendo para si e de forma interdependente as deliberações e técnicas que desejam utilizar, seja por capacidade, interesse ou valores que os determinam. Ainda, outra característica intrínseca das rugosidades é a marca da difusão desigual das técnicas, seja entre atores que dividem o mesmo espaço banal de maneira contemporânea, assim como em épocas, ou datas diversas, já que tal rugosidade é a distinção da aceitabilidade, recusa, ou mesmo a não percepção destas dentro de um espaço banal mais delimitado. É através desta rugosidade que podemos ver “que a aceitação das técnicas novas foi sempre relativa e sempre incompleta. Mesmo os países responsáveis pelos maiores avanços tecnológicos jamais apresentaram um quadro de homogeneidade na sua implantação” (Santos, 2023, p. 43).

Sendo assim, o próprio espaço banal é caracterizado pelas rugosidades, pois tal rugosidade passa a ser uma característica própria das técnicas, assim como destes espaços banais, já que essas técnicas sempre foram incapazes de distribuição, aceite e execução completa, mesmo quando analisadas a partir dos atores dominantes, produtores das técnicas mais evoluídas ou recentes, enquanto este espaço banal é permeado por agentes com recursos de ação diversos. Ademais, as técnicas hegemônicas criadas pelos atores dominantes não conseguem produzir seu efeito integral nem mesmo nestas empresas que a investem, é o que podemos ver no caso da Amazon, grande dominadora global e nacional na venda dos livros, já que até mesmo esta empresa dominante sofre efeito de seus investidores para que suas técnicas comerciais sejam alteradas a fim de obterem uma rentabilidade maior ao custo do crescimento exponencial – mesmo que já grandemente conquistado.

Novamente Thompson nos serve um quadro empírico indicando tais reposicionamentos e alterações nas políticas, logo nas técnicas utilizadas pela Amazon. Inicialmente as técnicas desta empresa eram voltadas para a lógica do “cresça depressa” (Thompson, 2021, p. 166) em detrimento da lucratividade, incluindo técnicas de precificação de livros que “significava que a Amazon vendia muitos dos seus livros digitais com prejuízo” (Thompson, 2021, p. 169), com o objetivo de conquistar mais clientes e principalmente dominar o mercado varejista de livros. Portanto, a Amazon trabalhava com margens “muito pressionadas, e a única forma de aumentá-las sem abandonar a política de descontos e sem pedir que os clientes pagassem mais era diminuindo a parte dos fornecedores” (Thompson, 2021, p. 183). Então a verticalidade emanada tinha como fim o crescimento rápido e como objetivo a liderança do mercado, concatenando essa pressão deliberadamente nos fornecedores, que recebiam essa dinâmica de forma mais ou menos fluida, dando vantagens às empresas que conseguiam se inserir nesta rede de forma mais lisa.

Contudo, em 2014, já dominando as vendas do mercado editorial, tanto nos livros impressos como nos digitais, a Amazon expõe a reconfiguração de um habitus referente ao crescimento exponencial e acelerado, para atender a outra verticalidade, desta vez emanada pelos investidores desta empresa, que a pressionavam para uma alteração que passasse a ter o lucro como objetivo principal (Thompson, 2021, p. 193). Então temos que mesmo uma agente de um campo responsável pela maior quantidade de verticalidades imposta e reticulada, também está sujeita e produz rugosidade a partir de pressões internas – pela perspectiva de investidores – quanto externas – pela perspectiva da ideologia global da maximização e acúmulo de lucro.

Assim, vemos que nossa hipótese da Barsa Livros ser um elemento rugoso dentro do espaço banal é comprovado através da própria característica das técnicas, logo também deste espaço, ser permeado por rugosidades. Sendo esta hipótese comprovada através das técnicas, cabe-nos também comprová-la através dos sistemas de objetos, o que faremos no próximo capítulo de forma mais

aprofundada. Antes, resta um elemento das rugosidades para analisarmos: sua característica de representar a história dos espaços a partir das próprias rugosidades.

Santos aponta que rugosidade também se refere “ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares” (Santos, 2023, p. 140). Então a evolução dos usos técnicos e sua permeabilidade ao decorrer da história também podem ser analisadas através das rugosidades, inclusive em relação a alterações de tipos de capitais e suas “combinações técnicas e sociais com o trabalho” (2023). Notadamente vemos esta evolução histórica principalmente em relação a revolução digital e como ela transformou profundamente o mercado editorial, tanto de forma prejudicial aos atores menores e os tradicionais, como também permitiu a entrada de diversos outros atores, incluindo a Barsa Livros neste mercado.

Como mais profundamente observado no capítulo 1, esta revolução digital marcou historicamente o mercado editorial, tanto no profundo reposicionamento das empresas a ele pertencentes, no surgimento de novos formatos do livro, mas principalmente nos modelos organizacionais que inseriram quase que instantaneamente as novas tecnologias às suas organizações. No caso da Barsa Livros, tal revolução digital permitiu a entrada desta no mercado, pois o momento de sua instituição como empresa se deu no período pandêmico de Coronavírus e também permitiu o início num modelo organizacional que permitia seu funcionamento a partir de custos fixos baixíssimos, além da possibilidade de iniciar suas atividades somente sob encomendas, também refletindo em custos baixos. Também pelo uso das ferramentas digitais, foi possível entrar em contato com potenciais clientes pessoas jurídicas, assim como iniciar seu relacionamento com pessoas físicas através do Instagram.

Há que ressaltarmos também o problema que esta revolução digital causou às livrarias independentes, na verdade como aprofundamento das crises que estas passaram a viver a partir da década de 1950, onde se iniciou o movimento de livrarias de *shopping centers* e posteriormente o movimento de *megastores* ambas retirando o espaço das livrarias independentes do mercado. Ou seja, os *shopping centers* já marcam uma alteração profunda nas técnicas utilizadas pelas livrarias com a adoção de estoques maiores, horários de funcionamento diversos, adoção de títulos diversos, etc, numa verdadeira adoção de novos sistemas de técnicas, que também foi alterada com as *megastores* e posteriormente, num agravamento da reformulação do mercado, a partir da entrada dos *e-commerces* onde até hoje a principal representante deste é a Amazon (Thompson, 2021, pgs. 164-166).

Então essa rugosidade das técnicas no espaço banal é utilizada para entendermos essa mudança histórica profunda do domínio da venda de livros pelas livrarias independentes, o declínio

destas a uma porcentagem muito menor – porém ainda resistentes – e a retomada, ainda que lenta, deste formato de livraria observados nos últimos tempos, tendo como representante a Barsa Livros.

Novamente em síntese:

Esses elementos são dados históricos e toda técnica inclui história. Na realidade, toda técnica é história embutida. Através dos objetos, a técnica é história no momento da sua criação e no de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas, geográficas), que permitiram a chegada desses objetos e presidiram à sua operação. A técnica é tempo congelado e revela uma história [...] Cada objeto é utilizado segundo equações de força originadas em diferentes escalas, mas que se realizam num lugar, onde vão mudando ao longo do tempo. (Santos, 2023, p. 48).

É por estes motivos que Milton Santos chama o espaço de testemunho, pois em si estão marcadas, através dos objetos e das técnicas, as mudanças históricas, que passam a ser também memórias, onde atores podem se adaptar para também o preencherem, ou criar novas formas de ocupar este espaço, o que nos permite, inclusive analisar a longevidade tanto das técnicas utilizadas através do tempo, assim como dos atores que delas se utilizam (Santos, 2008, p. 173). E o autor indica as rugosidades como testemunho do espaço, pois “não podem ser apenas encaradas como heranças físico-territoriais, mas também como heranças socioterritoriais ou sociogeográficas” (Santos, 2023, p. 43), pois podemos observar as alterações para muito além dos territórios; como vimos, é possível também observar toda uma alteração no campo social através deste aspecto geográfico. É inclusive onde o autor explica que seu termo – rugosidade – se difere do termo que usou como fonte desta categoria do seu pensamento – as *reverse salients* – previamente conceituadas por T. Hughes (1980), que apontava as técnicas como valores pela suas existências, em oposição à ideia geográfica de Santos que indica que na sua proposta, as rugosidades não devem ser analisadas como valores, mas que podem apontar para valores a partir da análise das dinâmicas que incidem nas técnicas e como elas são configuradas nos sistemas de objetos e nos sistemas de ações, sendo aceitos em graus variados pela sociedade e no espaço em que esta se encaixa (2023).

É que a composição dos espaços e da sociedade em si se dá na própria redistribuição (2023, p. 140) deste conjunto de sistemas de objetos e de ações que os compõem, então tal redistribuição pode ser observadas pelas rugosidades, que são tanto a alteração nas condições preexistentes, na distribuição desigual destas condições, na disparidade das idades das técnicas, assim como no recebimento das verticalidades e horizontalidades presentes, também de forma mutável no tempo, em que o espaço geográfico – ou espaço banal, em nosso caso mais específico – se determina. Sendo assim, tendo analisado a Barsa Livros como rugosidade no espaço banal, provando nossa hipótese de que esta livraria se apresenta desta forma no estudo geográfico, inclusive analisando de que forma tal rugosidade se dá, em maior ou menor grau, a depender da técnica, resta-nos concluída essa análise dos sistemas de ações, representados pelas técnicas.

Destarte, é oportuno analisar uma outra hipótese que nos surge no decorrer desta pesquisa. Se a rugosidade é caracterizada pelas técnicas e estas compõem o espaço banal, será possível provar também estas rugosidades através da análise dos conjuntos de objetos? Em primeiro momento nos parece provável que tal hipótese se mostre verdadeira, portanto iremos partir ao próximo capítulo, estruturado numa forma que nos possibilite entender melhor como a Barsa Livros é composta por sistemas de objetos e se estes sistemas podem apontar para verticalidades e horizontalidades, assim como analisar se estes objetos também refletem as outras características intrínsecas das rugosidades. Para tal, iremos focar no acervo a pronta entrega da Barsa Livros a fim de verificarmos esta hipótese.

3. A rugosidade pelo acervo da Barsa Livros, livraria independente

3.1 O acervo da Barsa Livros

Como visto no capítulo anterior, Milton Santos, nossa referência teórico-metodológica para nosso estudo do espaço geográfico, nos apresenta as rugosidades como os elementos que não recebem as dinâmicas de verticalidades emanadas pelos atores hegemônicos do espaço banal de forma integral e sem resistência, apontando e recebendo, conseqüentemente, horizontalidades; além de possibilitarem, através de sua análise, o estudo da distribuição desigual das técnicas, a disparidade de idade entre estas, além de testemunharem em si a evolução histórica, social e geográfica dos sistemas técnicos e dos próprios espaços geográficos em que elas se apresentam (Santos, 2023). Entretanto, o consagrado geógrafo circunscreve as rugosidades como característica analítica do espaço geográfico somente através dos sistemas de ações, representados e aqui compreendidos como os sistemas técnicos em que os atores do espaço banal – o espaço de todos os atores, em suas múltiplas configurações de capital, técnicas, ideias, valores, etc (Santos, 2022) – se utilizam para interagir e ocupar o espaço geográfico.

Porém, em nosso estudo vimos que o espaço geográfico é constituído pelo conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações (Santos, 2023, p. 21), então ambos constituem esse espaço banal onde as rugosidades se apresentam como elemento. Também, vimos no capítulo anterior que a hipótese da Barsa Livros se apresentar como elemento rugoso no espaço banal foi comprovada através da análise dos sistemas técnicos que esta dispõe e executa, assim como pela própria característica tanto das técnicas, dos sistemas técnicos, do espaço banal e do próprio espaço geográfico em si serem permeadas de rugosidades até mesmo nas agentes dominantes criadoras das técnicas mais avançadas, hegemônicas e homogeneizantes.

Então, se o espaço geográfico é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações, nos parece certo que as rugosidades também estarão presentes nos sistemas de objetos pela própria característica de sua indissociabilidade dos sistemas de técnicas. Ou seja, estas técnicas necessitam de um objeto técnico que as interiorize, assim como o objeto técnico necessita das técnicas para sua existência. A não existência das rugosidades nos sistemas de objetos nos levaria a acreditar então que o espaço geográfico não seria constituído da forma em que Milton Santos nos define, ou seja, sua teoria apresentaria uma inconclusão e/ou contradição em relação à indissociabilidade entre estes conjuntos de sistemas. Vistos, nos resta então analisar se estas rugosidades, como categoria analítica do espaço geográfico, também se apresentam nos sistemas de objetos. É o que faremos neste capítulo a partir da análise do acervo a pronta entrega da Barsa

Livros, livreria independente de Ribeirão Preto/SP.

Porém, uma outra questão surge e é em relação ao quadro teórico-metodológico de Milton Santos e sua intenção de analisar o espaço geográfico através das técnicas, como vimos no capítulo 2, onde lançamos mão deste a fim de analisar as rugosidades. Assim, temos que tal quadro se mostra ineficiente se quisermos analisar as rugosidades através dos sistemas de objetos. Contudo, Milton Santos tem em Régis Debray uma de suas fontes de conhecimento e reflexão para o estudo do espaço geográfico, assim como Debray, especialista em mediologia também nos oferta um quadro teórico e metodológico para analisarmos a complexidade dos sistemas de objetos anunciados por Santos. Quanto ao quadro teórico, Régis Debray nos apresenta, como já foi dito anteriormente, os objetos técnicos como médium, ou seja, objetos técnicos que encarnam técnicas, mas não somente elas, pois as próprias técnicas estão, segundo esse quadro, inseridos tanto em ideologias, valores e formas de existência quanto em formas particulares de grupos sociais diversos que as cultivarem.

Se Bourdieu (2019) aponta o livro caracterizado por uma dupla-face, comercial e simbólica, em Debray (1993) se propõe um duplo-corpo nos seguintes termos: como um objeto técnico que funciona como um vetor de sensibilidade, que aponta para uma matriz de sociabilidade; numa articulação entre ambas as dimensões – a tangível e a institucional. Em outras palavras, no objeto técnico são inscritos conhecimentos, valores, experiências e culturas (objeto como vetor de sensibilidade); assim como grupos sociais irão inserir suas versões, suas perspectivas e suas construções culturais neste médium (objeto apontando para uma matriz de sociabilidade).

E para realizar a análise de como este objeto irá apontar para cada vetor e matriz de sociabilidade o próprio Debray nos fornece uma metodologia que supõe a descrição interpretativa da relação entre Matéria Organizada (a dimensão tangível) e Organização Materializada (a dimensão institucional) (MO/OM) (Debray, 2000). É através desta teoria e desta metodologia que propomos analisar o acervo da Barsa Livros a fim de testar nossa hipótese de que deste acervo a pronta entrega, constituído de livros materializa em si, pela própria característica do livro como médium, ou seja, como mediador das duas dimensões entrelaçadas, as rugosidades do espaço geográfico de uma forma específica aos sistemas de objetos, para além das rugosidades apresentadas pelas técnicas, vistas no capítulo anterior.

Esta livreria apresenta como sistema de objetos muitos itens além dos livros, como mobiliário, itens decorativos e informativos, itens de manutenção e limpeza e outros; contudo, como o objetivo fim desta empresa é o comércio de livros e estes são o centro de toda sua atividade, nos parece oportuno focarmos nestes a fim de testar essa nova hipótese. Através de inventário, técnica de catalogação e levantamento de estoque, realizado em 20 de junho de 2025 e publicado em 09 de

julho de 2025 em seu website⁶⁰ e com análises comparativas de acervo e descontos praticados entre a Barsa Livros, Amazon e Livraria da Travessa – uma como a agente dominante e a última como agente de posição intermediária do mercado varejista de livros – poderemos visualizar como este acervo é composto e de que forma ele pode se afirmar como um acervo propositivo de bibliodiversidade, assim como de rugosidades, para em frente aplicarmos à metodologia MO/OM para entendermos seu efeito de médium, assim como entendermos sua capacidade de vetor de sensibilidade que aponta para diversas matrizes de sociabilidade. Dentre tantas informações passíveis de extração e interpretação deste inventário, vamos nos atentar para aquelas que mais se aproximam do nosso propósito de pesquisa atual.

Inicialmente, podemos indicar que tal acervo a pronta entrega conta com o total de 460 livros, sendo 385 títulos diversos e constituídos em 155 editoras diferentes, restando uma média de 2,48 livros por editora. Destes 385 títulos, 19 deles são consignados, logo são capital indireto em posse da livraria, que utiliza a propriedade de terceiros sobre este livro para compor seu acervo. Tal número representa 4,94% deste acervo, sendo os demais títulos comprados de fato pela livraria, assim compondo o capital direto desta.

Do total de títulos presentes no acervo a pronta entrega do objeto de estudo, 42 destes títulos (10,91%) não possuem ISBN, número de registro internacional de cada título, que em si registra informações como título, autoria, editora, edição e país. Através deste ISBN é possível compartilhar tais informações através de sistemas diversos e melhor inseri-lo numa rede de informação, que pode beneficiar a circulação do livro, a depender da intencionalidade adotada por cada produtora. É um código massivamente utilizado pelo campo editorial e seu não uso pode ser interpretado como uma característica de subversão e/ou independência deste sistema, assim como uma recusa de uma verticalidade presente no campo, seja de forma deliberada, ou pela falta de recursos para adquiri-lo – já que este código tem um custo para cada título - , apontando para uma exclusão no campo em forma da não catalogação de um título nesta base internacional de dados. Ainda, 12 destes livros são de edição independente das próprias autorias, ou seja, estas que realizaram a tarefa de preparo, revisão, diagramação, capa, etc. do livro sem a contratação de uma editora para realizar tal autopublicação, sendo que todos foram impressos em gráficas terceiras. Cabe apontar para o fato de que 5 desses livros possuem ISBN, sendo que para tal as autorias contrataram serviço de bibliotecária, assim como adquiriram tal código através da Câmara Brasileira do Livro (CBL) para tal, enquanto os demais 7 títulos não possuem ISBN.

Seguindo, 93 títulos (24,16%) não constam na base de dados da Distribuidora Catavento, a

⁶⁰ Publicação no website da Barsa Livros contendo o inventário realizado por esta: <https://barsalivros.com.br/inventario-2025/>. Acesso em 09 de Julho de 2025

distribuidora que fornece capital informacional indireto para suas clientes, como vimos no capítulo anterior. Ressalta-se que dos 19 títulos consignados, 7 são de propriedade da Catavento (4 títulos da editora Tabla, 2 títulos da editora Urutau e 1 título da Editora 34).

Como paradigma de posições no campo, deste inventário foram realizados comparativos com a loja virtual da Amazon e da Livraria Travessa. Alguns dados foram levantados. Iniciando o comparativo com a Amazon, grande dominante do campo editorial – para além do mercado varejista de livros – temos que 136 títulos presentes no acervo da Barsa Livros não estão presentes no catálogo da Amazon, representando que 35,32% (mais de um terço) do acervo da Barsa Livros não é comercializado pela empresa dominante do varejo de livros. Porém, via marketplace, ou seja, com empresas terceiras comercializando livros dentro da plataforma da Amazon, 41 títulos do acervo da Barsa Livros se inserem no catálogo da empresa líder numa troca de capital indireto fornecido por outras empresas (livros), fazendo com que esta suba o percentual de disponibilidade comparada para 75,32%. Assim 24,68% dos livros do acervo da livraria independente não pode ser encontrado na principal agente do campo editorial. Interessante pensar na troca de capitais proporcionados pela Amazon com empresas parceiras via sistema de marketplace. Onde as empresas menores fornecem seus livros, junto das informações do mesmo como capital indireto para Amazon, esta fornece seu capital informacional e sua posição de liderança na venda de livros para ampliar seu catálogo em troca de porcentagens nas vendas dos livros de terceiros; estes por sua vez, se inserem em canal de vendas especializado e dominante através de alta tecnologia vertical.

Ainda, aproveitamos para levantar que destes 249 livros do acervo da livraria independente que a Amazon também fornece diretamente, temos que 194 (77,91%) deles são ofertados com desconto, sendo que destes 194 títulos: 3 títulos (1,55%) são ofertados com mais de 50% de desconto; 4 títulos (2,06%) são ofertados com descontos entre 40% e 50%; 36 títulos (18,56%) com descontos entre 30% e 49%; 53 títulos (27,32%) descontados de 20% a 29%; 71 títulos (36,60%) representando a grande faixa de títulos com descontos entre 10% e 19%; e 27 títulos (13,92%) com a última faixa estipulada de desconto, esta de 1% a 9%. Desse levantamento temos que metade (50,52%) dos títulos são ofertados com descontos de até 20% e que o desconto médio ofertado por esta empresa é de 15,74%. Cabe ressaltar que não inserimos os títulos vendidos via marketplace nos comparativos, pois a escolha de desconto praticado parte de empresas terceiras e não da própria Amazon, o que optamos fazer para termos indicativos mais diretos em relação as determinações comerciais desta.

Nessa mesma toada, fizemos um cálculo de preço médio dos livros que tanto a Amazon, quanto a Barsa Livros possuem. Considerando que os preços de capa (determinados por cada editora) são iguais, alterando o montante de desconto ofertado por cada empresa, fizemos o

levantamento do preço médio do catálogo de cada empresa. No caso da Amazon, já aplicando os descontos ofertados temos que o preço médio destes 249 livros ficou em R\$ 53,64. Em relação à Barsa Livros, considerando todos seus títulos, contudo sem aplicar descontos – já que a a mesma oferta seus livros somente a preço de capa, sem excluir a prática de desconto, mas não a fazendo de forma prévia e/ou promocional – temos que o preço médio deste acervo é de R\$ 55,60; muito próximo ao da Amazon, mesmo considerando os descontos por esta praticada. Ainda, considerando apenas os títulos que somente a Barsa Livros possui (116 títulos) – e aqui utilizando também o comparativo com a Livraria da Travessa, que iremos trazer com mais profundidade a seguir – temos que o preço médio deste acervo cai para R\$ 34,62. Temos então que este acervo não presente nas empresas paradigmas é em média 37,74% mais barato.

Antes de aprofundarmos no acervo da Barsa Livros, cabe trazer os mesmos comparativos em relação a comparação deste acervo com o da Livraria Travessa, escolhida por ser uma agente intermediária do campo editorial sob a lógica dos capitais acumulados e por ter uma de suas unidades na mesma cidade da Barsa Livros (Ribeirão Preto/SP). Em relação aos títulos, dos 385 deles que compõe o acervo da Barsa Livros, 145 (37,66%) não estão presentes na loja virtual da Livraria da Travessa, que por sinal não possui a opção de marketplace para comerciantes de livros terceiros. Dos 240 títulos restantes, existentes nos acervos de ambas livrarias, 145 (60,42%) deles são comercializados com desconto, resultando numa média total de desconto de 6,75% - distante da média de desconto praticado pela Amazon – sendo que 3 títulos são ofertados com 20% de desconto; 140 títulos ofertados com 11% de desconto; e 2 títulos ofertados com 10% de desconto; apontando para uma padronização dos descontos praticados pela Livraria da Travessa em sua loja virtual. Seguindo, o preço médio desses livros na Livraria da Travessa é de R\$ 60,84, ficando acima do preço médio da Barsa Livros. Temos também que de todo o acervo da Barsa Livros, 116 (30,13%) títulos não constam na base de dados de nenhuma destas livrarias, nem via marketplace.

Cabe ressaltar que o comparativo é baseado no catálogo a pronta entrega da livraria independente, até porque o acervo das duas outras empresas é extremamente maior do que o da primeira, vistos pelo acúmulo de capital distante entre as três empresas. Contudo, nos é interessante identificar que esta livraria independente possui quase um terço de seu acervo baseado em livros não presentes em grandes agentes do campo editorial.

Aprofundando neste acervo, temos que 30 desses títulos são da editora Terra Sem Amos⁶¹ (TSA), que se autodetermina:

um projeto editorial coletivo, autônomo e rebelde, nascido no território ocupado pelo Estado do Piauí, que buscará durante sua existência produzir livros, brochuras e livretos, panfletos, pôsteres, adesivos e outros, que contemplem o pensamento crítico de combate ao

⁶¹ Sobre a TSA: <https://tsaeditora.com.br/quem-somos/>. Acesso em 20 de junho de 2025

capitalismo e ao Estado burguês a preços módicos, e com frete gratuito para todo o Brasil. [Santos, Alexandre. Website Terra Sem Amos]

Aliás, é a editora que mais possui títulos no acervo da Barsa Livros e uma das quatro editoras no ranking de preço médio mais baixo: R\$ 17,23. Tal preço médio já aponta para a intencionalidade da editora de possuir preços módicos, aliados ao frete gratuito para todo o Brasil – nesta parte, similar ao objeto de estudo. Também nesse discurso vemos claro posicionamento subversivo, crítico e independente de característica “bonsai” no campo editorial; aproveitando também para denunciar o campo editorial como um espaço burguês que limita suas produções para as classes mais altas:

Já se faz sentir entre as e os que produzem livros no Brasil o que chamam de “crise editorial”. Inúmeras editoras foram compradas por megacorporações internacionais, outras, infelizmente, baixaram suas portas. A consequência imediata desta política editorial predatória é uma significativa diminuição das obras críticas à estrutura do poder, que mesmo quando lançadas, não alcançam, ou alcançam, com dificuldade, a casa das classes subalternas. Ao passo em que estas editoras lutam pela sobrevivência, silenciosamente opera um “mercado invisível” – ou melhor, uma tradição editorial invisível -, historicamente consolidado no país, inventivo, improvisado, sobrevivendo por redes de solidariedade com base na cooperação mútua, usando de mecanismos semi industriais, e que trabalha no sentido de tornar o pensamento, a ação, o olhar e as prateleiras mais insurgentes. É a esta tradição o nosso ponto de partida, que somos tributários e de onde orgulhosamente nascemos. [2025]

Além dessa perspectiva sociológica extraída, também podemos realizar a análise geográfica deste discurso, pois o mesmo nos enuncia o uso de técnicas semi industriais, inventivas, improvisadas e baseadas em redes de solidariedade. Tal fato nos remete tanto à rugosidade presente no espaço geográfico pela presença de técnicas de idades diferentes (semi industriais em contraposição às técnicas adotadas pelas megacorporações), assim como na invocação de características próprias da horizontalidade – como a cooperação mútua - em recusa deliberada das verticalidades presentes e impostas no mercado editorial, por si só incapaz de permear essas verticalidades às classes subalternas, apontadas pela TSA – novamente apontando para um espaço geográfico rugoso. Então essa editora recusa verticalidades enquanto conscientemente produz horizontalidades e assim também produz rugosidades.

Interessante apontar também que dentro desses 30 títulos da TSA, 22 deles possuem ISBN, o que podemos interpretar como uma escolha de catalogação internacional e difusão deste material sem que a editora perca seu posicionamento de subversiva e independente dentro do campo. Principalmente quando observamos os títulos produzidos por esta editora, todos consistidos em discursos pró povos oprimidos e contra agentes hegemônicos, como o povo curdo, o palestino, as mulheres, as antifascistas, anarquistas, socialistas, camponesas, quilombolas, assim como grupos políticos combativos como o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), os Panteras Negras, a Comuna de Paris, as grevistas, a Ação Libertadora Nacional (ALN), entre outros títulos

combativos do discurso e poder dominante geopolítico.

A profundidade desta análise do último parágrafo será alcançada nos próximos itens deste capítulo, constituídos no estudo do médium e na aplicação da metodologia MO/OM. Por ora cabe trazer uma disposição mais geral e em contato com os dois primeiros capítulos desta dissertação.

Seguindo, a editora com mais títulos neste acervo após a TSA é a Editora Jandaíra, com 13 títulos, com um preço médio de seus títulos em R\$ 61,38. Em sua página institucional⁶² nos é informado que, após considerável período de empresa executada somente na prestação de serviços em comunicação – à época intitulada Pólen Livros -, o início desta editora se deu de fato com a publicação de três livros. Então, seguiram outras publicações, presenças nas feiras de livros, construção e manutenção de site e loja virtual, assim como a ocupação de “circuitos alternativos de publicadores independentes” e a estes se autoidentificando. Com esse desenvolvimento e ampliação a empresa passou a ser de fato uma editora, já que o principal faturamento desta empresa passou a se dar nessa atuação editorial. Hoje a Jandaíra se posiciona como uma editora onde a promoção da diversidade se presencia “nos fazendo ser reconhecida como uma editora que abraça causas, da maternidade ao autoconhecimento, da ancestralidade às artes e cultura, do feminismo ao antirracismo, da literatura à não ficção e aos infantis” (Editora Jandaíra, Website).

Autodeterminada como independente, podemos trazer à luz essas características de participação em feiras e situação em circuitos do mercado independente editorial como fatores que a estabelecem como editora independente “girafa”, já que realiza suas atividades a partir de um ideal independente ao mesmo tempo em que estrutura sua presença de forma a promover seu próprio crescimento, dando ênfase também ao lado comercial da editora, equilibrando a balança do duplo-corpo – comercial e simbólico - de seu objeto de trabalho, o livro. Ou seja, desta editora também podemos notar um posicionamento independente dentro do campo editorial, contudo sem uma perspectiva combativa e subversiva como a TSA, mas também adotando conceitos de constituição de catálogo que promovem uma crítica ao mercado editorial e principalmente produzem uma alteração neste ao implicar e trazer a diversidade como elemento essencial a este campo, através de suas atividades.

Nesta premissa de produção de diversidade para o campo editorial, a Jandaíra também produz horizontalidade, ao mesmo tempo em que recusa verticalidades, pela intencionalidade de ser “uma editora que se baseia em representatividade, na autoria e nos personagens, para contribuir para um mundo mais igualitário cultural e socialmente” (Editora Jandaíra, Website). Ou seja, essa editora promove conceitos horizontais ao trazer a este campo valores que se assemelham a

⁶² Sobre a Editora Jandaíra: <https://www.editorajandaira.com.br/sobre-a-editora-jandaira>. Acesso em 20 de junho de 2025

cooperação entre as agentes notadamente excluídas deste espaço. É o que podemos ver de seus títulos presentes no acervo da Barsa Livros. Dos 13 títulos, todos são de autorias femininas; 4 deles de autoria indígena e 1 deles sobre uma indígena; 2 sobre a discussão do feminismo; 2 sobre pessoas trans; 3 sobre a perspectiva negra de vivência no Brasil; e 1 sobre o corpo idoso e sua existência no espaço. Ou seja, todos títulos trazendo diversidade ao campo editorial a partir de discussões de temas normalmente não abordados pelo mercado massivo de livros, numa adoção equilibrada de simbólico com comercial, principalmente sem pesar esta balança para o lado do lucro.

Já com 12 livros neste acervo temos duas situações, pois se encaixam nessa quantidade os livros autopublicados, logo sem editora representante da edição do título e também a Editora Expressão Popular. Iniciamos pelos títulos autopublicados, que possuem uma média de preço de R\$ 36,15 e se constituem quase todos (10 títulos) de autorias independentes locais de Ribeirão Preto/SP. Do total, temos também 9 autorias diversas e do todo, 5 títulos com ISBN, mesmo que não tenham uma editora constituída em sua materialidade. De início já podemos apontar para uma posição independente no campo editorial no formato de “incluídas”, pois não se utilizam de agentes típicas do mercado editorial para se inserirem no mesmo e nem comunicam discursos em suas obras que apontem para uma recusa deliberada na utilização de editoras para a publicação dos referidos textos, apenas o fazem de forma deliberada, sem adentrar nessa discussão.

Da mesma forma recusam a utilização destas editoras sem apresentar motivos, o que aponta para uma recusa de uma verticalidade, no sentido de adoção de técnicas de publicação por agentes especializadas em publicação, numa recusa de uma praxe do campo por motivos não esclarecidos. Por se autopublicarem acabam por apresentar uma horizontalidade no sentido de comporem o campo a partir de suas características de autorias e de agentes diversos do espaço banal. Ou seja, também produzem uma horizontalidade de forma autônoma, mas sem um discurso e adoção de técnicas deliberadamente horizontais; então se encaixam como produtoras de horizontalidades mais por comporem o espaço banal – como um espaço de todas as agentes – do que de forma proposital. O fato de essas autopublicações dispensarem editoras também cria esse efeito de uma falta de discurso proposital de dentro do campo editorial, assim como desvincula tais obras de uma centralidade produtora ideológica que as editoras possuem – principalmente as independentes, como vimos no caso das editoras acima e também no caso da Expressão Popular e da Monstro dos Mares, como veremos a seguir.

Seguindo, também com 12 títulos temos a Editora Expressão Popular, com média de preço de R\$ 52,16. Na leitura do “Sobre Nós” desta editora⁶³ temos que esta editora se identifica como

⁶³ Sobre a Editora Expressão Popular: <https://expressaopopular.com.br/a-editora/#onde-estamos>. Acesso em 20

“uma iniciativa popular para produzir livros de qualidade e a preços acessíveis” baseada na solidariedade, colaboração voluntária, parcerias e coedições para a edição e publicação de seus títulos voltados à intencionalidade acima, que possibilitou, de 1999 (ano de criação da editora) até a presente data mais de 700 publicações. Ainda, esta editora informa “não visamos a disputa do mercado editorial, temos como principal objetivo ampliar o hábito da leitura entre as brasileiras e brasileiros, tarefa comum a todas e todos que se preocupam com a formação cultural do nosso povo”.

Então, ainda que não se utilizem e/ou se autodenominem como independentes, podemos extrair essa característica através de seu discurso e intencionalidades comunicadas, já que possuem foco no lado simbólico da atividade editorial, sem relevar seu aspecto comercial e relacional, a configurando – ao nosso ver – como uma editora independente partidária de aspecto “girafa”, pois apresenta estrutura altamente organizada, inclusive com parcerias com grupos de notória relevância em seus respectivos campos, como o Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz; a sua composição dotada de Conselho Editorial constituído por especialistas, assim como o próprio catálogo publicado por esta editora, que por si só apresenta uma característica estrutural típica de organizações girafa: pé no chão e cabeça nas nuvens, conforme previamente mostramos a partir de Muniz Jr. (2016). Também pelo aspecto geográfico podemos ver uma proposital recusa às verticalidades impostas pelo mercado editorial ao denunciar e se afastar da disputa predominante do mesmo, além de produzir obras intencionalmente direcionadas ao popular e a um preço acessível; afastando também uma intencionalidade puramente mercadológica, lucrativa e capitalista típica do mercado editorial de cunho massivo.

Por outro lado, o das horizontalidades, a Editora Expressão Popular se apoia na solidariedade para trazer para dentro de sua produção autorias, especialistas, intelectuais e profissionais editoriais que cessam alguns de seus direitos a fim de possibilitar “o acesso a obras de referência em diferentes áreas das ciências humanas”. Ainda, por ser especializada em agroecologia, socialismo e outras vertentes das humanidades contra hegemônicas, esta editora produz essa rugosidade no campo editorial através de seu projeto editorial, confessadamente político e combativo. É o que podemos notar através do recorte do acervo da Barsa Livros, onde os livros da Expressão Popular são: 3 deles de agroecologia e crítica à agricultura; 1 sobre os gêneros e suas “funções” na classe operária; 5 sobre a política socialista e suas possibilidades na América Latina; além 3 títulos políticos, como o “Manifesto do Partido Comunista”, “O Que é Revolução?” de Florestan Fernandes e uma biografia de Gramsci.

Seguindo nas editoras com mais títulos no acervo da Barsa Livros, temos a Monstro dos

Mares, a quinta editora com mais títulos: 11 – com média de preço de R\$ 17,40 - quase empatada com a TSA como as editoras com menor preço médio em seus livros que integram o acervo do objeto de estudo. Porém, ressalta-se que a Monstro dos Mares tem os 4 títulos mais baratos do acervo, seguido de 1 título da Expressão Popular, 1 título autopublicado e 3 títulos da TSA. A Editora Monstro dos Mares⁶⁴ se apresenta como um “coletivo editorial do século 21, fundado em junho de 2013. Com o objetivo de colocar publicações anarquistas na pista, nosso catálogo é composto por textos que refletem o mundo que desejamos ver florescer”. Também apontando para a intencionalidade de publicar “epistemologias dissidentes,...temas como teoria queer, feminismos, giro descolonial, anticivilização, cultura hacker, solarpunk e outros”, além da intenção de divulgar “compreensões de mundo autônomas, libertárias, não-binárias e anárquicas”.

Vemos então outra editora com uma característica crítica e contra hegemônica, se aproximando mais do fazer independente “bonsai”, abrindo caminho no campo editorial através da denúncia deste com posições marcadamente políticas em direção à uma ideologia diferente. Assim como a TSA, a Monstro dos Mares recusa deliberadamente verticalidades impostas pelo mercado editorial, assim como implica uma atividade propositadamente construída com base na solidariedade e no agir comunitário, com a adoção de textos de grupos historicamente diminuídos pelas agentes dominantes em contraste com o capitalismo e o Estado, num agir anárquico.

Como a intenção não é esgotar a disposição deste acervo, trazemos alguns exemplos das editoras que permeiam esse catálogo, sendo que um dos resultados extraídos é que as editoras com mais títulos neste são aquelas de cunho independente, inclusive os títulos autopublicados, que adquirem uma característica diferente de independente, pois o são também pela ausência de uma atividade especializada na própria publicação.

E por estarmos utilizando as quantidades para extrairmos algumas análises deste acervo a pronta entrega, cabe apontar que o título em maior quantidade é o “Coroa de Espinhos”, de Caio B. Martinelli, autopublicado e sem ISBN: 4 unidades. Este é seguido por “Nos Domínios do Cerrado”, de Daniel Franco, premiado autor independente de Ribeirão Preto/SP, este título publicado pela Edições Jabuticaba e com 3 unidades no acervo. Ainda, 5 títulos neste acervo possuem 3 unidades; 32 títulos possuem 2 unidades, restando 343 títulos com apenas 1 unidade à pronta entrega.

Temos então uma bibliodiversidade presente nesta livraria, pois consta um leque grande de opções de títulos, num modelo oposto à uma ideia comercial baseada em *best-sellers*, onde se vê uma configuração oposta: poucos títulos em quantidades maiores o possível. Bibliodiversidade esta que reflete uma proposta da livraria de atingir um público-alvo mais amplo, já que a possibilita

⁶⁴ “Sobre nós” da Editora Monstro dos Mares: <https://monstrodosmares.com.br/sobre/>. Acesso em 20 de junho de 2025

trabalhar com interesses e gostos diferentes ao mesmo tempo em que evita um entrave financeiro de aumento de escala e escopo em suas atividades, pois sendo uma empresa descapitalizada em comparação às outras livrarias, esta corre mais riscos de encalhe caso adote uma estratégia de trabalhar com grandes quantidades de apenas um título, técnica de compra que exige mais capital de giro, logo capital econômico disponível. Também esta bibliodiversidade funcionará como recusa à verticalidade, homogeneização e sobrepeso da balança comercial da atividade livreira, ao mesmo tempo que produz rugosidade ao deliberadamente ampliar a diversidade em conexões com editoras pares, independentes.

E se um dos resultados é a predominância de editoras independentes e da bibliodiversidade, ambas apontando para produção de horizontalidades neste acervo, cabe aproveitarmos para analisar alguns dados das grandes editoras presentes a pronta entrega na Barsa Livros.

Das editoras presentes neste acervo com perfil público fortemente voltado ao lado comercial do mercado editorial, inclusive esta seleção passando pelo fato de que são empresas dotadas de investimento financeiros, além de editoras envolvidas em processos de compra e venda de outras editoras, participando todas de um conglomerado editorial financeiro maior, temos: O Grupo Companhia das Letras (presente com os selos Cia. das Letras, Cia. das Letrinhas, Pequena Zahar e Zahar) com 7 títulos e preço médio de R\$ 83,47; Record, com 4 títulos e preço médio de R\$ 111,15; Globo Livros (constituída nesta lista pelos selos Globo, Globinho e Biblioteca Azul) com 4 títulos e com preço médio de R\$ 84,95; e HarperCollins com 1 título no valor de R\$ 59,90.

Sendo a Companhia das Letras uma editora originariamente brasileira, mas hoje com 70% dos direitos e gestão do grupo editorial pertencente à Penguin Books⁶⁵, esta pertencente ao conglomerado Penguin Random House, um dos maiores e mais influentes agentes do mercado editorial mundial. Por sua vez a Record, pertencente ao Grupo Editorial Record⁶⁶, apontado como o maior conglomerado editorial da América Latina, com vários selos editoriais sob seu guarda-chuva. A Editora Globo⁶⁷, pertencente ao Grupo Globo, principal grupo de comunicação do continente, reconhecida também por produções televisivas e de rádio. E a HarperCollins, pertencente ao conglomerado HarperCollins Publishers LLC, também um dos maiores do mundo, tendo em seu catálogo diversos títulos *best-sellers*, além de presença e dominância mundial no campo editorial.

Todas estas editoras são agentes representantes da centralidade e da hegemonia do mercado editorial, ainda que não sejam apenas estas que ocupam tais posições. Além de terem a semelhança do preço médio consideravelmente mais alto do que nossos paradigmas independentes previamente

⁶⁵ Página sobre a Cia. Das Letras: https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_das_Letras. Acesso em 20 de junho de 2025

⁶⁶ Página sobre o Grupo Record: https://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo_Editorial_Record. Acesso em 20 de junho de 2025

⁶⁷ Página sobre a Editora Globo: https://pt.wikipedia.org/wiki/Editora_Globo. Acesso em 20 de junho de 2025

apresentados, temos também que estas editoras dominantes tem suas atividades voltadas principalmente ao lado comercial do campo editorial, já que dominam as vendas e apresentam uma forte presença nas listas de livros mais vendidos, além de catálogo extenso pela detenção de forte capital intelectual das produções literárias. Contudo, mesmo sendo editoras dominantes, líderes regionais e até globais nas vendas de seus títulos, não aparecem com presença forte no acervo da Barsa Livros. A HarperCollins, por exemplo, mesmo na data deste levantamento tendo os 3 títulos mais vendidos da Amazon⁶⁸, possui apenas 1 título no acervo da livraria objeto de estudo.

Aliás, cabe compararmos à outra editora independente do acervo, de cunho fortemente combativo e subversivo, que possui 2 títulos a mais que a HarperCollins, a Editora Merda na Mão, com preço médio de seus livros em R\$ 31,66. Com a proposta de “publicar os impublicáveis⁶⁹”, esta editora busca na contramão do mercado editorial seu espaço de existência no mesmo. De forma combativa e através de publicação dita marginal, esta editora correntemente informa em seu blog o descontentamento com o caminho atual da civilização e materializa em suas publicações este mal-estar, assim como apresenta outras formas de existir, tanto a nível pessoal e individual, como na forma editorial. Também contam com autorias disruptivas, que fornecem textos contra hegemônicos, que normalmente não encontrariam espaço para serem publicados em outras editoras – daí o “publicar o impublicável”. Inclusive, voltando ao trabalho de Muniz Jr., temos uma corraleção interessante sobre o agir independente editorial a partir do artista Glauco Mattoso, conhecido como “poeta maldito”⁷⁰. Na tese de doutorado do primeiro, temos um trecho de entrevista do segundo, de 2004, onde o mesmo aponta que passou a se autoeditar, pois “para o poeta, nada mais tirânico e ditatorial do que um editor, ainda quando o editor é ele mesmo. Disso tiro a seguinte conclusão: quando o autor se submete às restrições e conveniências do editor, equipara-se a um cidadão governado por um ditador” (Mattoso, 2004, p. 60-1). Muniz Jr. (2016, p. 63) aponta para este fazer como uma possível recusa das editoras como “instâncias de controle e engessamento”, que vai ao encontro do dito por Glauco Mattoso.

Contudo, vemos que este artista, publicou sua obra “Deshumanismo em Dissonetto” pela Editora Merda na Mão em 2022, tendo possivelmente encontrado nesta editora uma instância de publicação que o possibilitasse liberdade e independência para criar e circular seus textos sem essa pecha tirânica e ditatorial anteriormente denunciada. Ou seja, o poeta maldito encontrou uma editora que publicasse seus impublicáveis, num claro posicionamento independente “bonsai”, subversivo e impublicável de ambas as agentes. Aproveitando a análise também para apontar uma

⁶⁸ Página dos livros mais vendidos da Amazon: https://www.amazon.com.br/gp/bestsellers/books?ref=nav_em_books_best_0_2_24_4. Acesso em 20 de junho de 2025

⁶⁹ “Sobre Nós” da EMNM: <https://editoramerdanamao.blogspot.com/>. Acesso em 20 de junho de 2025

⁷⁰ Página sobre Glauco Mattoso: https://pt.wikipedia.org/wiki/Glauco_Mattoso. Acesso em 20 de junho de 2025

forte recusa de verticalidade do campo editorial através da detração das agentes que normalmente o compõem e se unindo em uma horizontalidade de publicação marginalizada e subversiva.

Assim, temos que este acervo é caracterizado pela diversidade de títulos, assim como por uma composição que dá maior atenção às edições de editoras independentes em detrimento de editoras consagradas. Também podemos analisar que a maioria das editoras presentes nesse catálogo possuem posicionamentos de cunho independentes, assim como é possível observar rugosidades em suas técnicas de publicação, seja por recusa deliberada de verticalidades, ou por produções – conscientes ou não – de horizontalidades no campo editorial. Então, tendo visto esse panorama geral do acervo, nos será oportuno utilizar o mesmo para investigarmos o livro como médium a fim de analisarmos se essas rugosidades também estão presentes nos sistemas de objetos.

Contudo, podemos notar que é a livraria independente objeto de estudo que constrói esse acervo, esse sistema de objetos, através de técnicas administrativas, contábeis, curatórias, etc. Fato que traz à luz uma nova indagação: para além do livro, seria também a Barsa Livros um médium? E para passarmos de fato à análise proposta neste capítulo, vamos nos aprofundar na noção de médium – tanto pela perspectiva do livro, como da livraria independente em questão - e posteriormente na metodologia MO/OM para observarmos se esta rugosidade do espaço banal também se materializa no livro.

3.2 Barsa Livros, livraria independente, como médium

Primeiramente é importante informar que em sua obra Curso de Midiologia Geral (Debray, 1993), assim como no livro *Transmitir: O segredo e a força das ideias* (Debray, 2000) – ambas obras utilizadas nesta pesquisa – vimos que os termos empregados no livro são “midialogia e *mídiu*”. Entretanto tal tradução produziu uma instabilidade no termo, pois tal grafia em português é passível de causar confusões com os estudos das mídias, que dizem respeito à outra teoria que não nos oferece o conteúdo para nosso fim almejado (Ferreira, Damasceno, Salgado, 2021). Inclusive, em francês, no texto original, se grafa com “e”, como *Médiologie*, o que aponta justamente para um neologismo, que indica uma nova forma de se analisar a materialidade onde os textos são inscritos, conforme podemos conferir:

Procuramos mostrar como a falta de padronização do termo *médiu* e do neologismo *Médiologie* nas diversas traduções para o português do Brasil pode afastar o leitor da proposta de Régis Debray, inclusive por dificultar a indexação das pesquisas que trabalham nesse marco teórico.

Ao nos filiarmos ao emprego do termo com -e, mediologia, procuramos resgatar a origem do neologismo de Debray e retomar a importância da ideia de mediação no processo de transmissão, essencial para a perspectiva mediológica. (Ferreira, Damasceno, Salgado, 2021, p. 22)

Assim acompanharemos as autoras acima citadas a fim de evitar confusões com os estudos

das mídias e deixar claro, já a partir da terminologia, que será tratado o estudo dos médiuns, ou veículos, ou suportes de inscrição para transmissão de sensibilidades, ou ainda “das matérias tangíveis em que se inscrevem os textos” (Ferreira, Damasceno, Salgado, 2021, p. 14). Assim partimos para os estudos do médium conjuntamente com o nosso objeto de pesquisa, a Barsa Livros. Cabe-nos concluir o porquê de utilizarmos o termo teórico de Debray com “e”:

É por isso, afinal, que entendemos ser o caso de assumir a grafia mediologia, indicando que se trata de investigar a mediação, que é a potência da transmissão, é a promessa de que uma ideia vingue e faça sentido, instaurando, assim, uma comunidade discursiva, com seus mundos éticos materializados em objetos técnicos, nos quais certas instituições discursivas investem sua semântica. (Ferreira, Damasceno, Salgado, 2021, p. 24)

Tal citação já adianta a noção do que queremos tratar, pois junto do estudo das técnicas está o estudo dos objetos técnicos. Já que a transmissão de uma ideia necessita de um objeto que permita sua materialização para ser circulado, a análise do médium (Debray, 1993) se mostra importantíssima para compreendermos como as ideias e as técnicas confluem em um meio que irá permitir sua transmissão. É importante salientar que o uso do termo “transmitir” parte de uma razão tríplice e difere do termo “comunicar”. De fato, é um conceito que se refere a um transporte no tempo (Debray, 2000, p. 15), implicando na característica diacrônica do termo, este que também possui as características militante e da materialidade que veremos a seguir. Desse modo transmitir é perdurar, e faz-se através do tempo, de forma material e militante – estas duas características sendo mais bem estudadas à frente.

A transmissão faz-se geograficamente, procura ocupar o espaço, toma a forma de trajetos e influências, mas é para fazer história em melhores condições (o duro desejo de durar usando de todos os recursos). Ela propulsiona-se no meio circundante com o objetivo de criar raízes e patrimônio; e só se aventura ao longe para aumentar suas possibilidades de não morrer. Enquanto uma sociedade de comunicação tenderá a valorizar o resíduo e o fluxo, o precário ou o instantâneo, a profundidade do tempo fornece à transmissão um relevo e uma dimensão singulares. Perdurar é, aqui, crucial e, lá, acidental. (2000, p. 16)

Portanto, de saída, já notamos uma similaridade com as rugosidades que estudamos no caso das técnicas, pois através dela temos a possibilidade de estudar as alterações e os reordenamentos do espaço através da história.

Ainda, a segunda característica se refere à materialidade que o termo permite, já que é possível transmitir tanto bens, quanto ideias (Debray, 2000, p. 13). Ou seja, enquanto “comunicar” permite o transporte somente do imaterial, “transmitir” se mostra como um termo mais amplo. E aqui vemos uma possível diferença chave entre as rugosidades das técnicas e as hipotéticas rugosidades dos objetos técnicos – que pretendemos testar neste capítulo –, a possibilidade de essas rugosidades serem materializadas no espaço banal através do médium, que no nosso caso se apresenta como o livro e como a livraria, objeto central de comercialização e atividade da Barsa Livros, livraria independente objeto de estudo de caso nesta pesquisa e seu acervo como sistemas de

objetos, foco deste capítulo.

Já a terceira característica do termo se revela na sua capacidade política. Onde a comunicação detém uma matriz um-um (emissor e receptor), a transmissão carrega em si uma face “militante” (Debray, 2000, p. 17) coletiva da cultura. Ou seja, a transmissão possui a intencionalidade de transportar subjetividades através do tempo e entre coletivos, sendo possível também sua comunicação entre grupos colegiados detentores de ideologias semelhantes. Novamente aqui notamos a aproximação das rugosidades dos sistemas técnicos, pois estes são presentes também através dos usos políticos variados de uma mesma base técnica. Lembrando, uma técnica é um modo de agir aliado a uma política (Santos, 2022), o que se nota principalmente através das dinâmicas verticais e horizontais, vistas no capítulo anterior e que podem ser oportunamente retomadas neste, contudo via análise dos objetos técnicos – se estes se mostrarem aptos a tal. Tal transmissão, tendo a coletividade e a subjetividade como elementos constituidores, traz em si uma missão, que faz constituir uma cultura (Debray, 2000, p. 17). E por se tratar de cultura, a mesma possui em si essa característica política, pois irá complementar, subsidiar e conflitar outras culturas de grupos diversos transmutando e consolidando em si coisas comuns a um determinado grupo.

A partir desta característica poderemos ver então se a Barsa Livros transmite política, logo, uma cultura, de forma materializada e por este caminho funcionando como elemento rugoso materializado no espaço banal através da característica de médium. Pois se a transmissão possui a característica da materialidade, a mesma necessita de um objeto material para que sua cultura seja inscrita. E se existem ideias novas, que configuram uma subjetividade, devem existir objetos novos que permitam essa inscrição em si para uma transmissão temporal entre indivíduos (Debray, 2000, p. 14). Isto é, a cultura a fim de circular precede de uma ferramenta que permita que um “amontoado indiferenciado” se torne um “todo organizado” (Debray, 2000, p. 17). Desta forma é que se possibilita que um grupo partilhe entre si o que lhe é comum, conhecimentos, valores e experiências: sua cultura, transmitida através de uma matéria organizada por uma organização materializada nestes objetos – aqui o método OM/MO (Debray, 2000) já se apresenta e será aprofundado no próximo item do capítulo. Ainda, não basta que esta transmissão seja materializada em qualquer objeto. Há que se utilizar do objeto técnico que mais sirva aos interesses e que mais se assemelhe à subjetividade pretendida. Já que “para transmitir bem, importa transformar, para não dizer converter” (Debray, 2000. p. 19), assim se exige que para uma transformação/conversão efetiva, deve existir um objeto mediador que lhe sirva. Daí temos o livro como um destes objetos mediadores, logo, médium. Passamos então a uma análise do livro e da Barsa Livros como médium, nesta ordem.

“O suporte é, talvez, o que se vê menos e o que conta mais” (Debray, 1993, p. 207) e por este motivo cabe a nós entender e adquirir a consciência e a importância deste a fim de analisar e identificar sua potência e formas de uso que permite. A fim de explanar a citação acima, Debray nos dá uma breve passagem sobre a evolução da escrita e seus registros apontando que estes só foram possíveis pela disponibilidade de recursos aptos à inscrição, logo suportes, daí a afirmação de que estes são possivelmente os mais importantes, mesmo que não se dê tanta atenção a eles:

Acontece que na Mesopotâmia, na região situada entre-dois-rios, o Tigre e o Eufrates, não há madeira nem pedra, mas argila. Daí, essas placas de argila cozida, quadrados com beiras arredondadas, que, em Ur e Uruk, receberam os primeiros ideogramas. Acontece que, no Egito, corre o Nilo que tem um delta, pântanos, caniços e uma planta monocotiledônea, com espessa haste lisa, chamada papiro. Acontece que, em Pérgamo e nos arredores, há carneiros, cabras e gazelas, portanto, peles que hão de servir para a fabricação do pergaminho. Acontece que há, na Índia, bambu, palmeiras e minas de cobre; em Creta, esteatita; na China, seda e tartarugas, etc. É perfeitamente idiota, *Das ist*, mas é assim e o resto vem a seguir: utensílios, escritas, culturas. Não se pensa no calhau quando se pensa cálculo, mas trata-se de uma só e mesma palavra, *calculus*, a pedrinha no qual, em Susa, eram incrustadas linhas para contar.

A um suporte duro e pesado, corresponde um sistema rígido de notação: o pictograma e a pedra combinam entre si. O ideograma nasce com a argila que permite substituir o buril e o cinzel pelo cálamo (em madeira, osso ou caniço), com a ponta talhada em bisel, resultando daí a escrita *cuneiforme* (em forma de cunha, triângulo ou prego).

[...]

Muito antes de McLuhan, a história da escrita tinha materializado o *medium is message* mostrando de que maneira o material condiciona o utensílio de inscrição que, por sua vez, dita a forma da escrita. A midiologia amplia o movimento e prolonga o comando material do domínio gráfico ao universo moral e simbólico. O utensílio de inscrição modifica o espírito do traçado, mas também os traços do espírito de um tempo, o estilo de um *Zeitgeist*. Uma escala de valores e fatores, várias vezes milenar, coloca no alto a interioridade, o espírito, a consciência e, em um nível inferior, as marcas materiais em que eles condescendem em ser depositados. Colocar o suporte a montante do mundo do espírito e do espírito de um mundo balança um pouco a instintiva e augusta hierarquia. Grudando o poder a seus pedestais, a midiologia é pior que um materialismo: um materialismo.

[...]

O avanço de Gutenberg, não levando em conta a China, foi a letra móvel. O caráter é fundido em uma matriz côncava, previamente entalhada por um buril com ponta rígida. Essa matriz permitirá, portanto, a reprodução de tantos caracteres quantos forem necessários. No fundo, porém, a revolução do livro deve-se mais ao papel do que ao chumbo. Foi seu ajustamento com a utilização do papel de trapos que deu ao procedimento de reprodução seu desenvolvimento fulgurante.

[...]

A utilização maciça do suporte papel supera a barreira animal e libera a produção de pensamento dos ciclos curtos da reprodução do ser vivo [...] Em 1620, Campanella já se mostrava deslumbrado com isso: “Nosso século fez mais história em cem anos do que o mundo inteiro durante os quatro mil anos anteriores; no último século, foram publicados mais livros do que durante os cinco mil anos antes dele”.

O papel não é somente um acelerador: é também um redistribuidor de excedentes e, antes de tudo, financeiros. Desencadeia a primeira industrialização da memória e, pelo viés de um consumo de massa do suporte escrito, a entrada da troca simbólica no plano comercial. (1993, pgs. 207 a 212)

Assim se nota o motivo de o suporte ser tão importante, já que este possibilita a inscrição de pensamentos e culturas da mesma forma que determina como tais inscrições serão realizadas, se de forma mais durável, leve ou pesada, de maior reprodutibilidade, mais ou menos acessível, assim

como estabelece o próprio tipo da escrita através da rigidez ou formato dos utensílios utilizados na inscrição. Daí sua importância frente a esta invisibilidade, pois o suporte é normalmente o que se menos discute.

Como vimos no capítulo anterior, toda técnica possui intrinsecamente uma política. Então o objeto técnico, visto como médium, também transmite em si uma ideologia. Aqui, por esta retroconstituição entre os dois sistemas, um criando o outro, já acontece uma estabilidade em nossa hipótese, pois o caminho deste pensamento retorna à noção apresentada por Milton Santos (2023) sobre o espaço geográfico, em que este trata de um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Contudo cabe ratificar que tal política será variada conforme as agentes que a produzirem, alterarem e que dela se apropriarem. Por isso é tão importante, se quisermos analisar o livro e suas potências, estudarmos sua existência como objeto técnico.

O fato é que toda transmissão precisa de algo que a materialize de forma a possibilitar a passagem de seu universo moral e simbólico a uma cultura. E essa materialização em um meio já modifica não somente “o espírito do traçado, mas também os traços do espírito de um tempo, o estilo de um *Zeitgeist*” (Debray, 1993, p. 209). Temos então que Debray, no desenvolvimento de seu pensamento sobre os médiuns, já apresenta uma referência importante sobre as rugosidades, que como vimos no item 2.3 desta pesquisa, possuem também esta característica de serem registros, testemunhas da passagem do tempo, marcando-o e servindo como categoria analítica que materializa nos objetos este testemunho. Onde Santos indica este fator como característica das rugosidades, Debray categoriza como elemento diacrônico da transmissão, bem como característica dos objetos técnicos. Ou seja, pelo fato de o médium materializar certas ideias, ou culturas, isto já traz em si uma alteração nestas e na sociedade como um todo. Claro que o grau de alteração irá depender de uma quantidade determinada de variáveis.

Lembrando do duplo corpo do médium, já que o mesmo é uma matéria organizada, da mesma forma que é uma organização materializada. Em outras palavras, ele é vetor de sensibilidade ao mesmo tempo em que aponta para matrizes de sociabilidade – em sua metodologia, Debray aponta o vetor de sensibilidade como matéria organizada (MO) e uma matriz de sociabilidade como organização materializada (OM). Através da matéria organizada (vetor de sensibilidade) uma organização materializada (matriz de sociabilidade) irá inserir, arquivar, transmitir e se perenizar no tempo seus valores, costumes, ideologias – culturas – de forma a materializá-las e coletivizá-las, deixando vestígios em seu coletivo e para além dele, a depender de sua intenção e eventual efetividade (Debray, 2000, p. 23).

A comunicação da mensagem seria o “aquilo sem o quê”; enquanto a comunidade dos mensageiros, o “aquilo pelo qual” da constituição de herança. A mensagem que não encontrar seu cristal institucional evanescer-se-á (ou será anulada como “ruído” pelo meio

circundante' (Debray, 2000, p. 24)

O que o autor refere acima como sendo ruído é a quantidade enorme de informação e formas diversas de ver o mundo a que um indivíduo está sujeito, sendo que este ruído deve ser diminuído ao máximo possível, ou até eliminado, para a estabilização de um coletivo com ideologias diversas a outros.

Como exemplo, ao evitar obras best-sellers na composição do seu acervo, a Barsa Livros não só estará abrindo espaço a valores diversos dos puramente comerciais como também irá reduzir este ruído da influência vetorizada da adoção de livros de alta vendagem como essenciais à manutenção da livraria. É o que vimos no paradigma extraído da comparação entre a Barsa Livros e a Livraria Travessa em seus modos de ocupar a Biblioteca Sinhá Junqueira na Feira Internacional do Livro de Ribeirão Preto, onde a primeira apresentou diversidade e a segunda apresentou homogeneidade na oferta dos livros à venda em suas respectivas bancas. Revela-se assim a importância da escolha do meio para a transmissão das culturas e como esse meio irá carregar em sua constituição a transmissão de valores morais e simbólicos.

Também através da matéria organizada será possibilitada uma transmissão cultural com efeito intencional e não intencional – mais ou menos consciente – de organização do corpo social de forma que uma organização materializada poderá se utilizar das técnicas de transmissão para transmutar seus valores nos locais de circulação do médium utilizado. E essa necessidade constante de transmissão cultural nos leva a identificar que “se não há transmissão cultural sem técnica, também não há transmissão puramente técnica” (Debray. 2000. p. 25), pois onde a cultura necessita de um médium para se inserir e circular seus valores, a técnica precisa de valores, políticas, para se configurar como tal, já que são intrínsecas.

A matéria organizada então será o objeto técnico, em que os signos particulares e compartilhados por um coletivo serão inseridos através de técnicas de forma que este objeto será utilizado para “abrir vias por onde eles podem passar”. É através desta MO que será possível identificar, analisar, compreender e se apropriar dos elementos mais diversos que compõem uma coletividade. Assim como estarão os próprios registros, forma de organização e transmissão de uma comunidade, ou OM (Debray, 2000, p. 26). A técnica e a política pensada para materializar uma ideia reflete seu espírito. Uma matéria organizada produzida por um coletivo comunista, por exemplo, carrega sensibilidades comunistas da mesma forma que indicam sua produção por um coletivo permeado por esta ideologia. Também uma empresa que circula um material com essa sensibilidade marcada irá materializar tal ideia em sua composição, bem como se inserir num coletivo que compartilha esta filosofia de forma variável.

Em outros termos, um coletivo, como organização materializada, constituída através de

ideologias, modos, estilos, normas, estruturas físicas, ritos e técnicas particulares, ou seja, constituída de uma cultura, precisa de um objeto técnico em que esta cultura possa ser materializada e transmitida a fim de estabilizar sua própria constituição no meio social e assim se constituir como médium. Isso vem adicionado de “uma estratégia com uma logística, de uma práxis com uma techné, ou ainda de um endereçamento institucional com uma instrumentação semiótica” (2000). Dessa forma uma matéria organizada necessita de um coletivo dotado de cultura para que seja um médium existente e circulante. E quanto mais produtora de matéria organizada, ou seja, quanto mais cultura transmitida, maior será a influência de uma organização materializada, o que indicará uma perenidade maior no corpo social, conquistando certo prestígio nos meios que circulam, criando um efeito de domínio. Da mesma forma, uma organização materializada periférica, com viés cultural e político mais disruptivo, irá exigir mais de si, assim como de sua produção de matéria organizada, a fim de conseguir transmitir mensagens simbólicas fora do padrão do meio em que se encontra ou com qual se relaciona.

Eis que “transmitir é organizar, portanto, fazer território” (Debray, 2000, p. 29), ou seja, é na relação MO/OM que se dará a disputa ideológica entre coletivos diversos. Há que se organizar em ambas as frentes. Se uma matriz de sociabilidade quiser se manter hegemônica, deverá produzir constantemente matéria organizada a ser transmitida às populações. Relembrando aqui o papel das verticalidades inseridas em médiuns contaminados de uma ideologia hegemônica para a manutenção do globalitarismo, como vimos no capítulo anterior. Da mesma forma, aplicando os conceitos da globalização produzidos por Milton Santos, cabe à cultura popular, produtora incansável de vetores de sensibilidades (matérias organizadas) populares, produções institucionais cada vez mais robustas para que suas transmissões carregadas de valores humanistas, coletivos e horizontais possuam cada vez mais força e possam romper de forma ampla as mensagens corrompidas dos médiuns globalitariamente ruidosos.

Enquanto meio, a matéria organizada tem como característica a inovação, já que a ela cabe a responsabilidade de penetrar no corpo social; por isto deve sempre carregar novas informações, culturas, tanto aos indivíduos já familiares com sua matriz de sociabilidade, quanto como encontrar novos corpos dispostos a receberem esse objeto carregado de cultura. Já às organizações materializadas cabe a característica de conservarem seus vestígios e ideologias, já que são estas as responsáveis pela manutenção da coletividade no tempo; sua constituição é realizada com este objetivo, manter um coletivo se utilizando das técnicas disponíveis para a realização de tal (Debray, 2000, p. 31). É esta interação entre as técnicas e as agentes coletivas que esquematiza as relações culturais em médiuns, conforme ensina Debray. Se pensar é organizar-se, organizar-se é transmitir este pensamento através do médium mais apropriado a cada coletividade. Como aponta o autor, é

“impossível tratar separadamente a instância comunitária do dispositivo de comunicação, uma sociabilidade de uma tecnicidade” (Debray, 2000, p. 35); simplesmente uma depende da outra para sua existência e persistência no tempo, “como se uma cultura política não fosse, antes de tudo, uma certa cultura técnica” (Debray, 2000, p. 37).

Cabe ressaltar que a transmissão por si só já altera a cultura materializada, pois sua própria inscrição num objeto que media sua circulação já produz uma alteração em sua sensibilidade, já que o próprio médium carrega em si políticas. “O destinatário recebe uma carta diferente daquela que o destinador colocou na caixa dos correios” (Debray, 2000, p. 43) é assim que o mediólogo explicita a transformação onde as culturas se remodelam ao se codificarem em matérias organizadas, ou seja, quando passam de um imaterial e se constituem em um objeto posto em circulação, já que este não é independente das primeiras (2000).

Tendo então estabelecido a noção de médium, podemos analisar o livro como tal: uma matéria organizada que aponta para organizações materializadas. Ou ainda, o livro como vetor de sensibilidade em que matrizes de sociabilidade se alocam. Um livro de uma editora independente, reflete o espírito independente não só da própria editora, mas também daqueles que participaram de sua circulação, ainda que em maior ou menor grau.

É o que observamos em nosso primeiro capítulo ao vermos que a autoidentificação como independente da Barsa Livros surge, entre outros aspectos, da opção política consciente com que essa mesma livraria pretende se apresentar. Para ser configurada no campo, como livraria independente, a mesma tem na circulação de materiais também autointitulados, ou considerados, independentes por seus produtores (autorias independentes e editoras independentes) um dos caminhos lógicos para tal. É o que Muniz Jr. (2016, p. 17) apresenta como uma categoria que “passa progressivamente a condensar modos individuais e coletivos de intervenção intelectual e política, com o objetivo de descrever e prescrever certos estilos de presença no campo da cultura”. Com isso em mente, a Barsa Livros então busca livros independentes como forma de se inserir no espaço geográfico como livraria independente junto a um coletivo também independente, numa conquista gradual da estabilização, do reconhecimento e da transmissão de um estilo independente. Ou seja, não somente sua aparência, seu estilo, seu gênero literário será diferente de um objeto materializado por uma editora hegemônica, mas também a ética que lhe é intrínseca também será transmitida e de forma um tanto individualizada, assim como coletivizada.

Dotado de uma política antes mesmo de sua existência, um livro pode ser originado por atores hegemônicos, que ao produzirem tal matéria organizada, adicionarão, cientes ou não, ideologias homogeneizadoras e um discurso globalitário – global em forma politicamente perversa (Santos, 2000) – intrínseco, principalmente falando das grandes corporações editoriais, com capital

acionário dividido por outras empresas e pessoas ditas da elite econômica mundial. É o caso de um best-seller, que irá carregar em sua própria materialidade uma característica notadamente comercial, principalmente se criado a partir de políticas que manejem as técnicas de criação do objeto livro já previamente voltadas para essa intenção de criar um livro altamente vendável; seja pela sua qualidade literária, seja por seu apelo comercial, ou outra característica que faça esse lado lucrativo da balança pesar mais (altos descontos, preço chamativo, marketing, etc.). No outro lado, uma editora com valores sociais mais presentes pode produzir livros para “multiplicar os homens que pensam” (Debray citando Pisarev, 1993, p. 215) ao invés de produzir consumidores mais que perfeitos (Santos, 2022, p. 72).

Ademais cada valor inflado significa um outro reduzido, ou que “o enriquecimento de uma faculdade contenha no reverso o empobrecimento de uma outra, que algo de melhor aqui se acompanhe de algo de pior em outra parte” (Debray, 1993, p. 221). Nisso podemos ver novamente a importância da escolha do médium para a inscrição de uma cultura, pois o próprio médium pode ser contrário a esta ideia, da mesma forma que o médium pode potencializar a cultura a ser nele inscrito. Desta forma se mostra relevante a visão de que o livro pode, através da base técnica de sua configuração, carregar valores políticos tanto revolucionários, quanto reacionários, a depender das técnicas engendradas pelas matrizes de sociabilidade na confecção deste médium.

Restando clara a percepção do livro como médium, cabe entendermos outro objeto técnico como médium: a Barsa Livros, através de seu acervo à pronta entrega. Como vimos, o médium é um objeto técnico que, nesta condição, torna-se capaz de mediar valores, ideias, sensibilidades e coletivos, produzindo a transmissão desses elementos de forma política, diacrônica e materializada – os três elementos apontando para a rugosidade, como conceitualiza Milton Santos. Tal objeto é permeado por técnicas que permitem sua constituição vetorizando sensibilidades ao mesmo tempo em que aponta para matrizes de sociabilidade que lhe dão sustentação e que precisam, para sua própria sustentação, do apoio na circulação desses objetos.

Nos apoiando no trabalho de Fragalle (2020), sobre o Museu de São Carlos como objeto de estudo, podemos entender que uma instituição, um espaço cultural, ou mesmo uma empresa – aqui já em nossa concepção e se referindo à livraria objeto de estudo – pode funcionar também como um médium, pois se trata de um elemento materializado, dotado de proposições políticas e com discursos que atravessam o tempo e o espaço, mesmo através do emprego de outros médiuns para tal – como o livro. Em outras palavras, podemos entender a Barsa Livros como “uma materialidade inserida na sociedade [...] que propõe uma interação social e utiliza de meios simbólicos de transmissão [...] para a circulação de informações e reflexão a respeito de determinado tema” (Fragalle, 2020, p. 36) – no caso a literatura em geral.

Como vimos, essa livraria materializa seu acervo ao mesmo tempo em que aponta para vetores de sensibilidade, estes principalmente de característica independente dentro do campo editorial, que por sua vez possuem sentidos: contra-hegemônicos, plurais, democráticos, subversivos, populares etc. Já esses livros do acervo, além de apontarem para os vetores de sensibilidade acima citados, também apontam para suas matrizes originais produtivas, como as editoras, mas também para matrizes de cunho político e literário, assim como também apontam novamente para esta livraria, que então funciona com um médium através da utilização de outros médiuns.

O que se compreende é que o médium, sendo ele um objeto feito de uma materialidade inscrita na sociedade, sensibiliza seus interlocutores apontando uma certa direção, como uma rede de vetores. Essa rede de vetores, portanto, é um conjunto de suportes que contém mensagens que portam sentidos, feitos a partir de diferentes técnicas e que são capazes de sensibilizar. Como vimos, essa rede de suportes – que são vetores, pois apontam para certas direções de sentido – está ancorada sempre a uma matriz, sendo ela uma instituição ou um lugar de interação social, que permite relações, diálogos e contatos. (Fragalle, 2020, p. 39)

Além de estabelecer o Museu de São Carlos como matriz de sociabilidade – fato que corrobora o entendimento da Barsa Livros também como tal – a autora faz o paralelo de que a exposição “Laborar: Trabalho Em São Carlos” (também seu objeto de estudo) funciona como um vetor de sensibilidade, “uma vez que é através dela que o museu irá sensibilizar e se comunicar com seus visitantes” (Fragalle, 2020, p. 41), o que transmite através das técnicas utilizadas as ideias, a história e demais elementos ao público ao mesmo tempo em que aponta para o museu como sua matriz de sensibilidade. Não só isso, como também traz esta exposição como uma matriz de sociabilidade menor – acumulando então duas características –, já que é um objeto técnico de outra matriz institucional, que por sua vez é integrada por vetores de sensibilidade menores, que seriam os elementos da própria exposição. Em nosso caso, aplicando o mesmo raciocínio, temos que a Barsa Livros é uma matriz de sensibilidade, enquanto seu acervo é um vetor de sensibilidade composto de objetos técnicos também vetores de sensibilidade – os livros. Não só isso, como o próprio acervo também adquire uma configuração de matriz de sensibilidade, já que composto, como vimos, de outros médiuns.

Já para Primo (2019), cabe o entendimento de que tal acervo se configura como um tecnema dentro desse médium que é a livraria independente, pois, apoiado em Baudrillard, aponta que um tecnema – a designação de um unidade mínima da técnica, no caso por ele estudado, as edições do livro Antologia da Literatura Fantástica, de Bioy Casares, Borges e Ocampo – é o que compõe uma técnica “maior”, num sentido de guarda-chuva. Ou seja, são técnicas que se apresentam como essenciais para a construção, manutenção e execução de outra técnica – no nosso caso, o acervo como tecnema da Barsa Livros, como médium. Esse entendimento parte da noção de que “quanto

mais duradoura a história de uma dada técnica, mais favorável é o adensamento dos processos envolvidos na produção, circulação e recepção de um certo objeto (qualquer que seja, não só os livros)” (2019, p. 38). E como seu estudo é baseado na técnica das edições de um mesmo título e nos vestígios por elas deixados, a ele coube estudar estes tecnemas como elementos que compõem a técnica “maior” da edição de livros.

Mas, para nós, preocupados em identificar os vestígios do objeto editorial que influenciam sua força simbólica, a noção de tecnema se revela instrumento metodológico muito pertinente. Ao lado da história das técnicas do livro que nos apresenta, por exemplo, Febvre (1992), conseguimos identificar aspectos técnicos do livro impresso que podem ser entendidos como tecnologias do livro e, logo, como tecnemas. Vamos discutir alguns deles.
[...]

A margem também é uma tecnologia e, dentro do enunciado do objeto, um tecnema.

[...]

Tal qual os pares mínimos de fonemas, na Linguística, os pares de tecnemas se constituem numa oposição valorativa: sua ocorrência na formalização material de cada objeto editorial revela um sentido que lhe confere um certo valor.

[...]

Decerto sua incidência não se liga somente à questão do valor simbólico, que está sempre associado ao valor econômico. O que estamos tentando argumentar é que essa conjunção de tecnemas, manifestada numa cenografia discursiva, também influencia os critérios de valoração do próprio sistema literário. (2019, págs. 51, 54 e 59)

E também em seu desenvolvimento teórico, Primo também esclarece como a utilização destes tecnemas podem ser adotados com uma intenção mais comercial, ou simbólica, remetendo novamente à dupla-face do livro vista em Bourdieu, assim como a noção de que a política adotada em cada técnica – ou tecnema – pode favorecer mais ou menos a circulação do livro, da aferição de lucro, da permeabilidade de ideais etc., conforme a teoria de Santos.

Isso tudo porque o tamanho reduzido, 19x13cm, e a baixa gramatura do papel são tecnemas que permitem maior circulação do livro, já que seu custo, para o consumidor, é reduzido, e sua materialidade pouco rebuscada e muito portátil leva a um transporte e manuseio muito mais prático. Por outro lado, o tipo de papel e a encadernação em brochura levam a um desgaste acelerado. É um tipo de objeto elaborado mais para circular para um grande público do que para perdurar no tempo.
[...]

Imagens, sons, texturas, materiais diversos influenciam como tecnemas no mídiun que transmite a mensagem. Essa perspectiva é pertinente, portanto, como nó central para que outros especialistas, de outras disciplinas, deem conta de, juntos, interpretar sistematicamente cada uma das modalidades articuladas no objeto. (Primo, 2019, págs. 90 e 117)

Ambas as proposições oferecidas nos parecem interessantes para entendermos melhor como a Barsa Livros pode funcionar como mídiun através de seu acervo. Não que tal característica não possa ser observada através de outros elementos constituintes desta livraria, mas, através deste acervo, adotamos um recorte objetivo de análise para nosso estudo. Podemos entender como tecnema, por exemplo, a técnica da curadoria utilizada neste acervo, que se utiliza de diversas noções que influenciam e guiam a escolha dos itens ofertados à apreciação de um público. No caso da Barsa Livros vimos que tal técnica (tecnema) possui a sinergia de outras técnicas (tecnemas)

para sua execução, como o cálculo de giro de estoque, a contabilidade, o marketing para identificação de público-alvo, aliada a um capital humano que consiste em know-how, percepção e, no caso do objeto de estudo, de atuação intencionalmente independente.

Assim temos que o acervo revela uma técnica composta por tecnomas, e que também pode ser observado como um dos vetores de sensibilidade (e, em menor grau, até como uma matriz de sensibilidade) utilizados pelo médium Barsa Livros. Por estes tecnomas escolhe-se livros para composição do seu acervo à pronta entrega em detrimento de outros livros. Ou seja, há uma escolha baseada em limitação de recursos e a partir desta noção, modos de orientação e ação são postos em prática para facilitação desta escolha. Mesmo se estes recursos fossem extremamente maiores, ainda assim a realização da curadoria implicaria na rejeição de certos títulos. É o que vemos na empresa dominante do mercado de livros, em que, mesmo sob uma propaganda de “loja de tudo”, ela não detém vários itens disponíveis no mercado. Não só isso, como uma quantidade relevante de títulos da Barsa Livros, livraria independente e periférica do mercado editorial, não estão presentes nessa loja.

Cabe lembrar que um médium, como objeto técnico, carrega em si uma política: valores, morais, ideologias etc. Através da mesma base técnica, ou ainda, através de bases técnicas muito similares, é possível o uso intrínseco de políticas variáveis. Então uma cultura inscrita em dois suportes de uma mesma base técnica, podem ter efeitos muito diferentes em relação à política que carregam. Se tal cultura a ser inscrita for cooptada por atores hegemônicos, que irão produzir esta cultura através de suas técnicas, o resultado será uma cultura materializada em um objeto técnico de caráter globalitário, reduzindo então seu potencial moral e simbólico, já que haverá o tal empobrecimento da cultura a ser transmitida por consequência de um outro valor político que o médium escolhido irá carregar. No caso do globalitarismo, vimos que este valor será o acúmulo de capital através da extração de mais-valia onde esta se mostrar possível.

Em outras palavras, o potencial político diverso desta cultura será reduzido a fim de dar espaço a outro potencial ideológico homogeneizante, como o consumismo, por exemplo. Da mesma forma que esta mesma cultura, caso apropriada por atores contra-hegemônicos, pode ter seu potencial lucrativo reduzido de forma que seu potencial de transmissão, de penetração ideológica, seja maximizado. Novamente recorreremos ao exemplo da Feira Internacional do Livro. Quando analisamos a banca da Barsa Livros em comparação com a da Livraria Travessa, vemos claramente uma redução de potencial simbólico na adoção pela livraria de rede de uma oferta de somente três títulos de uma mesma autora e de uma mesma editora pela opção de focar no potencial lucrativo de tal escolha. Na oposição desta lógica existe a adoção da bibliodiversidade como capital simbólico, reduzindo o potencial lucrativo por posição política na banca da livraria independente.

Por isso que apreendermos o livro como médium e entendermos que este irá mediar as culturas nele inscritas e os polos de sua transmissão é de extrema importância para que possamos nos apropriar deste objeto técnico e saber analisar e identificar com quais valores estaremos em contato e a partir de quais atores que transmitem tais ideologias – numa análise da cultura inscrita neste objeto.

É nesse sentido que vemos a outra globalização proposta por Milton Santos e também presente no trabalho de Debray, já que este também reflete que, através da apropriação da técnica produtiva do livro, como objeto técnico, a transmissão dos valores humanos e sociais permitirá a emancipação de cada indivíduo, “senão das escutas, pelo menos, do ruído e dos constrangimentos de seu meio” (Debray, 1993, p. 235). O autor também ressalta a importância de identificarmos que a própria criação e desenvolvimento do livro como técnica – logo, como portador de valor político intrínseco – já se deu em vias de ser mercadoria, portanto mediador do valor lucro, em maior ou menor grau. É o que vimos quando consideramos que “o livro foi logo de saída, uma mercadoria e, no final de contas, o objetivo do impressor, humanista ou não, não é a leitura, nem o texto, mas a venda” (Debray, 1993, p. 236). Isto remete novamente ao que Bourdieu chama de dupla-face da atividade cultural e do livro, mais especificamente em seu texto *Uma revolução conservadora na edição* (2018): tanto mercadoria como significação.

Aprofundando, Debray ressalta que “sempre houve comércio do bem simbólico. O que é novo é a subordinação franca e nítida da produção à distribuição, ou a colocação a montante do mercado” (1993). Então essa novidade se dá primeiro na intenção comercial da produção do bem simbólico, para depois determinar como será esta produção simbólica: “em 1890, quando alguém pretendia fazer um jornal de opinião, começava por redigir textos e, em seguida, ia procurar propaganda. Em 1990, volta-se, em primeiro lugar, para os anunciantes e, se eles respondem a contento, vai à procura de redatores” (1993). Ou seja, o livro nasce como um objeto técnico mercadológico, que irá, desde seu início, carregar a troca e o dinheiro (comércio) como centrais em sua constituição. Assim o livro é antes de tudo uma mercadoria, o que não impede que nela sejam inscritas culturas contrárias a este valor, ou mesmo que as agentes que irão se utilizar deste objeto técnico lancem mão deste valor intrínseco como forma mais ou menos eficiente para a transmissão de suas culturas.

O que está em questão é a conscientização da potência do livro como mediador de culturas e dos elementos de sua transmissão. A partir da apropriação de sua constituição técnica e das possibilidades políticas que este médium carrega, as agentes e seus espíritos podem “mirar-se em suas próprias formas, demiurgo e não mais joguete de suas ilusões” (Debray, 1993, p. 239), ressaltando-se a importância do estudo do livro como objeto técnico e como médium de valores de

outra globalização. Para aprofundarmos essa constituição da livraria e do livro como médium e suas potencialidades, cabe considerarmos a metodologia de análise da inscrição destes valores, assim como identificar quais, como e de que forma os atores globais se organizam através do livro como médium a fim de inscreverem suas culturas e ideologias. Ou seja, vamos identificar os vetores de sensibilidade e para quais matrizes de sociabilidade estes apontam, através da metodologia MO/OM na análise do acervo à pronta entrega do objeto de estudo.

3.3 OM/MO e rugosidade pelo acervo

Nosso objetivo neste item será analisar o acervo da Barsa Livros como técnica produtora de rugosidade, pois através dele a Barsa Livros também se caracteriza – hipótese – como elemento rugoso, porém de forma materializada, porque a livraria escolhe os livros que irão compor este acervo, que podem apontar para organizações constituídas em redes verticais e vetorizar sensibilidades homogêneas e/ou – em grau variado – apontar para organizações que se estruturam à margem do campo, de forma contígua e com sensibilidades predominantemente populares. Como exemplo, a presença de livros best-sellers e de grandes editoras em oposição a livros de editoras independentes com temas mais disruptivos ou “menos comerciais”. Então iremos praticar a metodologia MO/OM a partir deste acervo – como vimos, um vetor de sensibilidade, ou mesmo tecnama, do médium Barsa Livros – para investigar se este também é um elemento da livraria que a caracteriza como rugosidade no espaço geográfico, porém de forma materializada.

Assim, a partir do previamente visto, propomos identificar vetores de sensibilidade – matéria organizada – e suas respectivas matrizes de sociabilidade – organizações materializadas. Em outras palavras, a investigação irá verificar como um coletivo produz e valoriza determinadas técnicas e sistemas de objetos técnicos e de que forma essas próprias produções podem alterar as lógicas de uso dos objetos e a forma com que os mesmos podem alterar um valor pré-estabelecido na sociedade, pois é

Impossível tratar separadamente a instância comunitária do dispositivo de comunicação, uma sociabilidade de uma tecnicidade.

[...]

Como se uma cultura política não fosse, antes de tudo, uma certa cultura técnica.

[...]

Como se não houvesse coincidência entre “revoluções” midiológicas e “reviravoltas” políticas.

[...]

O transporte transforma; o transportado é remodelado, metaforizado, metabolizado por seu deslocamento (o destinatário recebe uma carta diferente daquela que o destinador colocou na caixa dos correios).

[...]

Porque a informação transmitida não é independente de seu duplo médium, técnico e orgânico, e ainda mais do segundo do que do primeiro. (Debray, 2000, pgs. 35 a 43)

A Barsa Livros, ao comercializar um livro de uma editora independente, irá apontar de

forma materializada no livro uma sensibilidade independente, com suas diversas possibilidades caracterizadoras – bonsai ou girafa, por exemplo –, assim como apontar para uma organização independente de forma individualizada e também apontar para um coletivo independente que está mais ou menos próximo, dependendo de quais aspectos considerados dentro desse contexto serão mobilizados. E nota-se que essa circulação do médium deve ser incessante para que tal organização materializada se mantenha presente e relevante no tempo. Ao não transmitir, uma OM estará fadada a ser silenciada, posta de lado pelos ruídos emitidos por outra OM, através de suas próprias MOs, principalmente quando colocamos grandes editoras verticais em comparação com pequenas editoras independentes e horizontais. Vamos então à aplicação de fato desta metodologia.

Se no início deste capítulo nos aproveitamos do trabalho de Muniz Jr. (2016) para extrairmos uma fala de Glauco Mattoso e sua perspectiva em relação às editoras e compará-la com um título deste autor em nosso acervo, podemos recorrer novamente à tese de doutorado desse para a análise de outra obra. Ao investigar o termo “independente” e suas origens o teórico identifica uma das primeiras aparições (em 1938) desta reivindicação de categoria dentro do campo editorial:

Aqui, o termo parece corresponder, sobretudo, a uma postura estética – mas também política – de recusa dos cânones, das convenções vigentes e das instituições que zelam por preservação, reprodução e difusão. Décadas após o surgimento do *Salon des Indépendants* na França, outro episódio importante da aparição do “independente” nas artes foi a publicação do manifesto *Por uma arte revolucionária e independente*, elaborado em 1938 por André Breton, Leon Trotsky e Diego Rivera. Escrito durante o exílio de Trotski no México e originado a partir de um texto-proposta de Breton, o manifesto anuncia a criação da Federação Internacional da Arte Revolucionária Independente (FIARI), projeto “bruscamente interrompido com a irrupção da II Guerra, o brutal assassinato do primeiro, a dispersão política e geográfica das figuras principais e pelas divergências políticas que apareceram”. Nesse documento, o princípio de liberdade absoluta do artista se traduz na complementaridade entre um regime comunista na política e de um regime anarquista nas artes. (Muniz Jr., 2016, p. 62)

Fato é que este texto integra o acervo à pronta entrega da Barsa Livros, conforme inventário disponibilizado em seu website discutido no início deste capítulo, e publicado pela editora sobinfluência em 2020. Então podemos pensar nesta publicação como médium, que em seu duplo-corpo aponta para vetores de sensibilidade, assim como matrizes de sociabilidade. Através da metodologia MO/OM, assim como o já levantado por Muniz Jr., podemos indicar que esta publicação, como matéria organizada, irá carregar em si as sensibilidades estéticas e políticas independentes, liberdade de criação do artista, comunismo e também anarquismo, como vimos acima, e também sensibilidades insurgentes, que podemos extrair de “Sobre Nós”, manifesto publicado pela mesma editora⁷¹ e disponível na livraria independente em questão.

Já como organização materializada, podemos extrair o *Salon des Indépendants* na França,

⁷¹ Página sobre a Cia. Das Letras: https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_das_Letras. Acesso em 20 de junho de 2025

como referência histórica do “independente” no campo editorial; a Federação Internacional da Arte Revolucionária Independente (FIARI) como um dos objetivos claros deste manifesto em deliberadamente apontar um coletivo organizado; os coletivos comunistas e anarquistas da época, principalmente ao citar figuras centrais destes; assim como também aponta para organizações outras a partir desta publicação brasileira, como a própria editora, o coletivo independente – intelectuais, líderes, partidários, incluídos e detratores - dentro do campo editorial brasileiro, assim como este próprio campo em sua totalidade, já que para existir esse espaço independente, deve haver um espaço diverso que não possui tal configuração.

A Barsa Livros também irá se apresentar como uma organização materializada a partir deste título, principalmente às agentes que entrarem em contato com esse médium a partir do acervo desta livraria. No caso de entrarem em contato por outra forma, por exemplo através da própria editora que a publica, ou mesmo através de outra livraria, a Barsa Livros restará como uma matriz de sociabilidade latente, ou seja, ela estará presente no livro, contudo sob a condição de que tal agente passe a ter ciência desta livraria objeto de estudo. O que queremos dizer é que através do acervo do objeto de estudo, este se efetivará como matriz de sociabilidade direta, junto com a editora, as agentes independentes e o campo editorial, mas, em outro contexto, esse perfil de matriz ficará condicionado à ciência de sua própria existência e ao trabalho com tal tipo de objeto técnico.

Também podemos aproveitar para analisar a rugosidade aparente através da idade das técnicas, e como hipótese específica deste item 3.3, a rugosidade materializada pelos objetos técnicos apresentados pelo mesmo título “Por uma arte revolucionária e independente”, já que se apresentam duas publicações diversas, e cada uma delas reflete sensibilidades e matrizes gerais em comum, mas também específicas e diversas entre elas, além da própria disparidade do ano e contexto histórico, social e geográfico de cada publicação, separadas por 82 anos, contextos políticos diversos e relação de dinâmicas que compõem o espaço diversos. Ou seja, este título no acervo da Barsa Livros já nos indica que as rugosidades também penetram nos sistemas de objetos e nele acusam um registro da história; seja pela evolução das técnicas utilizadas na criação deste objeto técnico, ou mesmo pela MO/OM aplicada em ambas publicações, nos indicando semelhanças e diferenças rugosas.

Voltando ao caso de Glauco Mattoso, em seu título presente no acervo por nós analisado, além dos vetores de sensibilidade de subversão, liberdade, contra-hegemônicos, anti-censura etc., este médium vai apontar também para matrizes de sociabilidade: se antes o autor se posicionava de forma contrária às editoras, numa forma geral, as excluindo das matrizes de sociabilidade de suas obras, com este título publicado pela Editora Merda na Mão (EMNM), o médium irá inserir tal editora como uma organização materializada. O interessante é que o contexto histórico de crítica e

adoção de editoras por Glauco Mattoso irá filtrar as editoras, como classe dentro do campo, para qual seus livros irão apontar. Quer dizer, se antes seu posicionamento excluía as editoras em geral como organizações materializadas, a partir deste título podemos entender que tal médium irá apontar somente para as editoras que carregam os mesmos vetores de sensibilidade que o autor. Então essa confluência de agir e pensar – cultura – irá permitir à EMNM sua inclusão como matriz de sociabilidade para os textos de Glauco Mattoso.

Já a Barsa Livros também ingressará nesse rol de matriz de sociabilidade que compartilha os mesmos vetores, ainda que de forma mais tímida, pois, como vimos, são poucos os títulos da EMNM neste acervo. Ou então a livraria irá agir como uma MO que permite a inserção de tais vetores “impublicáveis”. Ao mesmo tempo, esta livraria também funcionará como médium, pois além dos outros títulos, vetores e matrizes de sensibilidade apresentados, irá dispor ao seu público-alvo a possibilidade do contato destas matérias organizadas e organizações materializadas subversivamente independentes. Aliás, como visto no capítulo 2, temos que esses vetores de sensibilidade apresentados pelas editoras independentes em muito se assemelham às horizontalidades das técnicas ampliadas, já que possuem os mesmos valores intrínsecos e por vezes extrínsecos – deliberadamente informados de forma crítica – o que nos remete à própria indissociabilidade das técnicas e de seus respectivos objetos técnicos.

Podemos olhar também para a Editora Monstro dos Mares e nos aproveitarmos da comunicação institucional produzida em decorrência do aniversário de 12 anos desta editora, que ocorreu em 22/06/2025.

Quando olhamos pra trás, enxergamos mais que uma história de livros e publicações. Vemos uma travessia. Um barco coletivo, construído a muitas mãos, que desafiou mares revoltos, ventos contrários e, ainda assim, seguiu firme, guiado pela bússola da autonomia, da solidariedade e do desejo de construir outros mundos possíveis. A Monstro dos Mares nasceu de uma inquietação: como circular saberes livres? Como fazer com que vozes marginalizadas, insurgentes e dissidentes encontrem espaço, ecoem, ressoem? E, sobretudo, como fazer isso de forma ética, horizontal e cuidadosa?

[...]

E, nesse caminho, reafirmamos a importância do livro impresso como ferramenta concreta de formação crítica, especialmente nos movimentos sociais. Porque livro impresso não depende de conexão, de bateria, de algoritmo. Ele passa de mão em mão, circula nas ocupações, nas assembleias, nas comunidades, nas periferias, nas escolas livres, nas rodas de formação. O livro impresso resiste ao esquecimento digital e fortalece vínculos materiais e afetivos.

[...]

Em cada página impressa há a possibilidade de interromper o fluxo acelerado das redes, de criar pausas, silêncios, reflexões. Há a possibilidade de aprofundar debates, de guardar saberes, de criar memória. É no papel que muitas vezes se constroem os processos de formação que alimentam práticas, que fortalecem coletivos, que sustentam lutas.

Esta comunicação parece sintetizar nossa proposta de análise ao indicar que o livro como “ferramenta concreta” é objeto técnico que funciona como médium justamente por possibilitar a circulação materializada de sensibilidades como a coletividade, a autonomia, a solidariedade,

mundos possíveis e saberes livres por entre organizações materializadas desejadas pela editora, como ocupações, assembleias, comunidades, periferias, escolas livres e rodas de formação. Ainda, esta editora remete à característica diacrônica do médium livro impresso ao reafirmar sua resistência através do tempo e espaço, notadamente em comparação a objetos técnicos digitais. Tudo isso apontando para intenções propositadamente e em comunicação literal em prol das horizontalidades, em recusa e embate direto das verticalidades, representadas pela aceleração, das redes; ao mesmo tempo em que cria rugosidade através de memórias, ou registros de história; em verdadeira posição e atuação dentro da luta independente interna do campo editorial.

Aproveitando essa comunicação da Editora Monstro nos Mares, podemos recorrer à sua publicação do título “A Ideologia Californiana: Uma crítica ao livre mercado nascido no Vale do Silício” de Richard Barbrook e Andy Cameron, sem ISBN, como prática da metodologia MO/OM. Neste título, podemos extrair da quarta capa que este livro faz parte de uma coleção de publicações parte de uma parceria entre “Baixa Cultura, laboratório online de cultura livre, e a Monstro dos Mares, editora que busca publicar livros e zines sobre horizontalidade, autogestão, apropriação e empoderamento social para pessoas, grupos, coletivos, redes e comunidades” (Barbrook, Cameron, 2018, quarta capa). Também, da ficha técnica deste livro temos um aviso de copyleft no seguinte sentido:

Esta publicação é uma ferramenta de luta contra o capitalismo, a colonialidade e o patriarcado em todas as suas expressões. Por isso, pode e deve ser reproduzida para ler em qualquer lugar, discutir em grupo, promover oficinas, citações acadêmicas, rodas de conversas e fazer impressões para fortalecer o seu rolê anarquista/hacklab ou hackspace/banquinha de zines/coletivo. Compartilhar não é crime. Pirataria é multiplicação. (Barbrook, Cameron, 2018, ficha técnica)

Então podemos ver que as mesmas lógicas e vetores de sensibilidade, assim como a intencionalidade de circulação entre organizações materializadas que compartilham tais vetores são novamente observados no livro em questão – em verdadeira materialização em médium posto em circulação e transmissão. Ainda, este título da Editora Monstro dos Mares trata do surgimento desta “Ideologia Californiana” na década de 1960 nos Estados Unidos, que combina o espírito dos hippies – que “defendiam ideais progressistas, universais e racionais, como a democracia, tolerância, auto satisfação e justiça social” (2018. p. 14) – e dos yuppies – defensores do “livre mercado”, representantes do capitalismo e do liberalismo econômico e da liberdade do discurso sem censura – ambos espíritos se baseando na tecnologia como ferramenta de alcance de seus ideais. Sendo este momento histórico a origem da cultura digital e da cibercultura – conceitos previamente considerados nesta dissertação no capítulo 2.1 – em que a ideologia hippie junto à tecnologia representa a cultura digital e os yuppies e sua tecnocracia porta-bandeiras da cibercultura.

Em relação à TSA, a editora mais presente no acervo da Balsa Livros no que toca ao vetor

de sensibilidade, vimos que seus títulos compartilham vetores de sensibilidades populares, independentes, libertárias e anticapitalistas em similaridade com as outras editoras analisadas acima. Contudo as matrizes diretas de sociabilidade que esta editora aponta através de seus médiuns são diversas: Exército Zapatista de Libertação Nacional, Panteras Negras, Comuna de Paris, movimento de libertação curdo, Palestina, Ação Libertadora Nacional etc. Vemos então a possibilidade de médiuns diversos compartilharem e emanarem vetores de sensibilidades comuns e extremamente similares, enquanto apontam para matrizes de sociabilidade diversas em suas composições e histórias. Tal fato nos indica também a possibilidade do médium em conectar tais matrizes diversas a partir de sensibilidades próximas. Vemos então a face “militante” do médium apresentada por Debray e por nós vista no item 3.2 e sua capacidade de transmitir e conectar subjetividades através do tempo e entre coletivos que compartilhem estas subjetividades – inclusive permitindo o compartilhamento, a troca e o complemento de subjetividades por outras.

Ainda, parece-nos oportuno concluir que a Barsa Livros como matriz de sociabilidade e seu acervo como vetor de sensibilidade funciona como médium, pois materializa essa transmissão de subjetividades, assim como coloca em contato coletivos diversos com ideologias, modos de agir e críticas globais similares, mesmo que tais grupos tenham existido e produzido seus materiais em espaços e tempos diversos.

Temos então as características da transmissão – diacronia, militância e materialidade – presentes em nosso objeto de estudo, assim como o duplo corpo matéria organizada e organização materializada presentes nesta livraria independente. E como vimos no item anterior, sendo estas editoras acima notadamente agentes do campo editorial produtoras de horizontalidade, assim como contestadoras de verticalidades, podemos provar novamente que a Barsa Livros atua como elemento rugoso no espaço banal também através de seu acervo à pronta entrega; desta vez através de seu sistema de objetos, que então materializa tal rugosidade no espaço geográfico. Tal conclusão conseguimos obter através da análise MO/OM apenas das editoras independentes “bonsais” deste acervo, que além das sensibilidades coletivas e autônomas também vetorizam o acesso ao livro a preço popular, que por sua vez também proporciona à Barsa Livros tal vetor.

Parece-nos certo, agora, que tais editoras bonsais são as principais responsáveis pela horizontalidade materializada neste acervo à pronta entrega, contudo, a fim de enriquecer esta pesquisa, também cabe analisar os títulos autopublicados, os publicados por editoras independentes girafas, assim como os títulos das editoras hegemônicas, a fim de notarmos a possibilidade de extrairmos mais informações e conclusões acerca dos médiuns e da metodologia MO/OM.

Dos títulos autopublicados podemos extrair a informação de que são matérias (auto)organizadas, que vetorizam as sensibilidades de cada autoria, sendo essas diversas, assim

como são organizações materializadas; contudo, quanto ao lado OM destas publicações, vemos que passam a apontar para menos coletivos e formas de organização – como para a ausência das editoras e seus discursos adotados –, pois já em sua materialização afastam tais agentes a serem apontados. A principal referência de rugosidade que podemos indicar a respeito dessas autopublicações, principalmente em relação àquelas que não possuem ISBN, é a distribuição desigual das técnicas frente ao campo editorial como um todo. Ou seja, nessas autopublicações presentes no acervo da Barsa Livros não são engendradas técnicas especializadas de edição, revisão, diagramação, catalogação etc. Características do trabalho de uma editora, mas sim todas feitas de forma habitualmente amadora por cada autoria. Por outro lado, o trabalho profissional é encontrado em todos os casos ao observarmos que a impressão desses títulos são feitos através de gráficas.

Então se as editoras independentes bonsais materializam as rugosidades principalmente pela produção consciente de horizontalidades e recusa clara das verticalidades, os títulos autopublicados trazem as rugosidades mais visíveis a partir da não distribuição igualitária de técnicas em suas materialidades. Como vimos anteriormente, as rugosidades também irão se apresentar neste caso pela não recepção das verticalidades, ainda que de forma inconsciente, ou não comentada nas publicações.

Já em relação às editoras independentes girafas, conforme vimos no item 3.2, estas possuem produções deliberadas de horizontalidades, sem a menção direta de recusas de verticalidades. As horizontalidades emanadas são principalmente em relação aos assuntos publicados, notadamente não pertencentes a temas dos mais vendáveis, como maternidade, antirracismo etc.; podemos analisar que a adoção destes temas é feita com base nas subjetividades inscritas nessas editoras e não numa intencionalidade de acumulação de lucros, tão presente nas verticalidades. Principais representantes das editoras independentes girafas deste acervo, a Editora Jandaíra e a Editora Expressão Popular, materializam as rugosidades do campo editorial também no acervo da Barsa Livros, que passa a ser uma matriz de sociabilidade para os vetores “girafas” destas editoras – como vimos, a adoção de técnicas e sensibilidades que pendem para o lado simbólico do mercado editorial ao mesmo tempo em que pesam também o lado comercial através de modelos de organização com capital humano em maior número que as editoras bonsais, o que acaba refletindo também nos preços praticados por estas editoras. Ainda, estas editoras veiculam discurso em prol da bibliodiversidade de forma direta e a materializa no acervo da livraria objeto de estudo, junto às outras publicações presentes nela e, como vimos, de forma priorizada em sua diversidade, tanto de títulos, quanto de editoras, em especial as apontadas como independentes.

Assim, através da metodologia MO/OM, também podemos discutir esse acervo como uma camada, nível, estrato e inclusive tecnema materializado que em conjunto com as características

desta livraria a configuram como livraria independente. Ou seja, essa materialização permitida pelo acervo garante a posição da livraria como independente, pois deixa ao alcance do público a bibliodiversidade característica do movimento independente dentro do campo editorial. Também essa bibliodiversidade funcionará como vetor e conectará diversas matrizes do fazer independente do campo dentro do médium Barsa Livros.

Outro aspecto característico das rugosidades também pode ser notado neste acervo, que é a própria constituição do espaço geográfico como espaço rugoso, já que às verticalidades é impetrada a impossibilidade de penetração total no espaço banal; por ser constituído por agentes diversas entre si como regra, este se mostra impossível de receber de forma lisa e totalizante as verticalidades. Este fato é corroborado através da existência de títulos dentro do acervo estudado que não estão presentes nas agentes maiores do campo editorial, principalmente quando colocamos a Amazon como paradigma, pois esta é a grande representante do capital hegemônico e da dominância do mercado editorial global. Então, ao materializar títulos que escapam às verticalidades impostas em redes pela Amazon, este acervo também materializa a própria rugosidade do espaço geográfico em si.

Como dito, também nos interessa aplicar a metodologia MO/OM ao caso das grandes editoras que compõem esse vetor de sensibilidade da Barsa Livros em forma de acervo. Assim sendo, procedamos a esta análise, ainda que tais editoras representem apenas 16 títulos deste acervo. Para tal, vamos utilizar a reportagem “Como escritores, editoras e Academia Brasileira de Letras apoiaram a ditadura militar” (Barbo, 2025) publicada em 24/06/2025 na agência de jornalismo Pública, que se afigura muito oportuna, levando-se em conta a metodologia MO/OM.

No próprio título da matéria, vemos que a aplicação da metodologia se dará no contexto das publicações editoriais à época da ditadura militar brasileira, com foco nas autorias, editoras e na Academia Brasileira de Letras (ABL). Assim como nossa análise do inventário da Barsa Livros, aqui também vamos focalizar as editoras – com breves apontamentos relativamente às autorias, quando oportunos – a fim de sintetizar a exemplificação de nossa hipótese.

Pois bem, dessa reportagem podemos extrair que diversas figuras do campo editorial, tanto pessoas, como organizações, colaboraram de forma direta para a execução do golpe através de desestabilização do governo anterior, assim como da manutenção do regime ditatorial no país “através de livros, revistas, publicações diversas e, por vezes, por meio de funções burocráticas” (2025). Através de figuras como “Rachel de Queiroz, Rubem Fonseca, Gilberto Freyre, Dinah Silveira de Queiroz, Guimarães Rosa, Ariano Suassuna e Austregésilo de Athayde” – por parte das autorias – e editoras como “Record, José Olympio, Agir, O Cruzeiro, Globo, Bloch, Ao Livro Técnico e GRD” (2025), foram levadas a efeito publicações de impressos diversos para a exaltação

da ditadura, assim como o ataque a ideias dissidentes do regime autoritário, como as ideias comunistas, por exemplo. Segundo a reportagem, tais publicações foram realizadas a partir de patrocínio da “Agência de Informação dos Estados Unidos (USIA), o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais, o IPÊS [...] fundado por empresários, banqueiros, intelectuais conservadores e oficiais da Escola Superior de Guerra” (2025).

Dentre as editoras citadas e que estão presentes no acervo da Barsa Livros, temos as editoras Record e Globo. Quanto à primeira, temos que “um dos diretores da Record, Décio de Abreu, era líder do IPÊS” (2025), que publicava títulos “com teor anticomunista para jovens e crianças [...], na leva estavam A Guerra Revolucionária Comunista, do militar brasileiro Francisco Ruas, e Você e a Democracia, de Dorothy Gordon, mãe do embaixador estadunidense Lincoln Gordon, agente do golpe” (2025). Além de terem esse viés anticomunista, também funcionavam como contraposição às editoras progressistas e suas publicações com sensibilidades como a reforma agrária, a oposição à ditadura, além de mediarem coletivos para articular protestos contra o regime. Tudo isso entre outros conchavos políticos em favor do golpe e da posterior manutenção do mesmo.

Um caso que nos parece interessante é a censura ao livro “Zero” de Ignácio de Loyola Brandão – posteriormente publicado no Brasil pela editora Brasília. Este livro consta no acervo da Barsa Livros através de sua última publicação pela Editora Global.

Antes de tratarmos deste livro como médium, cabe apontar para outra pesquisa, “O mercado editorial e a nova direita brasileira” de Leonardo Nóbrega da Silva (2018), que também versa sobre o fato de a Record funcionar como editora publicadora de livros da dita nova direita brasileira. Certos de que a Editora Record publica muitos outros títulos para além dessa categoria de autorias, visto que se trata de uma das maiores editoras da América Latina, publicando, inclusive, o livro “Por uma outra globalização”, de Milton Santos; um dos títulos base para esta pesquisa.

O fato é que podemos nos utilizar destes dois posicionamentos para uma análise MO/OM, já que ao publicar textos pró ditadura militar e em consonância com a dita nova direita, a editora Record mobiliza sensibilidades contrárias à democracia, à diversidade, à coletividade e também vetores como as fake news – isso tratando do lado matéria organizada. Ao mesmo tempo essa editora mobilizará e fará uma conexão histórica entre a ditadura militar e a nova direita brasileira, apontando para matrizes de sociabilidade de ordem autoritária, como a IPÊS e a Escola Superior de Guerra – no caso da ditadura – e dos coletivos de extrema direita que tentaram o golpe de Estado de 8 de janeiro de 2023.

Voltando às publicações de editoras independentes e também das independentes autopublicadas, vemos que neste acervo temos livros que são contra autoritarismos e que discutem a ditadura militar brasileira sob uma visão democrática e no sentido de produzir conhecimento a fim

de evitar que tal período histórico se repita. São títulos como: “Torturadores”, de Mariana Joffily e Maud Chirio, publicados pela Alameda Casa Editoria; “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire, publicado pela Paz e Terra; “Zero”, de Ignácio de Loyola Brandão, pela Global; “Torre das Guerreiras e outras memórias”, de Ana Maria Ramos Estevão, da 106 Editora; “#Nuncamais: sobre um tempo que precisa se tornar passado”, de várias autorias, publicado pela Peabiru; “Inquérito Paulo Freire”, Joana Salem Vasconcelos, da Elefante Editora; “Livros Proibidos, Ideias Malditas – O DEOPS e as minorias silenciadas”, de Maria Luiza Carneiro, pela Ateliê Editorial; “Setenta”, de Henrique Schneider, pela Não Editora; além de duas obras sobre a ditadura militar uruguaia: “38 Estrelas”, de Josefina Licitra, pela editora Relicário e “Memórias do Calabouço”, de Maurício Rosencof e Eleutero Fernández, pela Editora Rua do Sabão; e por fim “Tempo de Resistência” de Leopoldo Paulino, autopublicado. Inclusive, este último livro consiste em obra escrita por uma autoria independente local, de Ribeirão Preto, e esta obra trata da vivência do próprio autor Leopoldo Paulino, integrante do Partido Comunista e posteriormente inscrito nos quadros da Aliança Libertadora Nacional, conectando através desse médium coletivos libertários diretamente com a TSA, que possui em suas publicações um dos principais textos produzidos e circulados pela ALN, o “Fundamentos Ideológicos para uma Revolução”.

Então neste acervo temos editoras que, dentro de seu catálogo, possuem médiuns que apontam favoravelmente para a ditadura militar brasileira, inclusive no que toca ao auxílio de sua construção e manutenção, assim como para a nova direita e para a tentativa recente de golpe de Estado, fazendo com que a Barsa Livros também aponte para estes de forma indireta – e de forma distante, já que tais catálogos são preenchidos com vários títulos diversos. Todavia este acervo à pronta entrega é permeado por várias obras que também vetorizam o mesmo tempo histórico, contudo – como objetos técnicos – são impregnados com sensibilidades políticas contrárias ao autoritarismo, ao golpe militar, à cessão de direitos e em prol da democracia, diversidade e liberdade política. Assim esse médium livraria independente, através de seu vetor de sensibilidade acervo, transmite esses contextos históricos, sociais e políticos através do tempo, conectando coletivos existentes à época da ditadura com a atualidade e a comparando com o contexto político atual de um Estado recém atentado em sua democracia, marcando novamente os três aspectos da transmissão: diacronia, materialidade e militância.

Neste acervo vemos assim materializada a rugosidade do espaço banal na adoção preferencial de editoras emanadoras de dinâmicas horizontais, o que marca uma atualidade dotada da disponibilidade de várias editoras presentes no mercado editorial, seja de cunho dominante, independente – bonsai ou girafa – e autopublicações, cada uma delas se utilizando de e tendo à disposição técnicas variadas, algumas se utilizando até de técnicas pré-industriais, marcando a

rugosidade pela difusão desigual das técnicas. Tal reflexão nos indica que, então, os objetos técnicos não serão os produtores de verticalidades e horizontalidades, mas na verdade são estes que irão materializar tais dinâmicas em seu corpo, pois como médium, são a matéria organizada em que as organizações materializadas irão inserir suas dinâmicas.

Temos então que o médium não é um produtor de rugosidade, contudo é onde esta rugosidade irá se materializar e se provar, ou seja, é através do médium que estas dinâmicas poderão ser identificadas, ou ainda, é através da própria constituição de cada objeto técnico que poderemos observar as técnicas horizontais e/ou verticalidades aplicadas por cada agente do campo editorial, sendo mais coletivas, abertas e debatidas; ou mesmo capitalistas, autoritárias, organizadas em redes e impostas às demais participantes do mesmo campo.

Ao provarmos então que as rugosidades também podem ser observadas nos sistemas de objetos, em sua forma material de médium, temos que, de fato, o espaço geográfico é composto pela indissociabilidade entre sistemas de técnicas e sistemas de objetos. Por fim, provamos nossa hipótese de que a Barsa Livros, livraria independente, afirma uma rugosidade no espaço banal também através de seu acervo, constituindo esta própria livraria como médium, que possui em si um vetor de sensibilidade que aponta para matrizes de sociabilidade através dos livros que possui em catálogo à pronta entrega.

Considerações finais

Concluímos, então, que a revolução digital permitiu a entrada de atores tão diversos ao campo editorial (Bourdieu, 2019) que a Barsa Livros, objeto de nosso estudo de caso, assim como a Amazon – empresa hegemônica do campo – iniciaram com dois pontos estruturais idênticos, qual seja, o início 100% em formato digital e com a venda de livros somente sob encomenda e sem acervo à pronta entrega. O que as diferencia, e muito, sendo inclusive o mais relevante, é a quantidade de capital disponível por ambas em suas aberturas. Capitais em todos os formatos apresentados na pesquisa: econômico, social, comercial, relacional, informacional, humano e simbólico (Thompson, 2021). O que fez com que a entrada de ambas no mercado tenha se dado com fatos estruturais iguais, contudo com posições no campo editorial extremamente distantes, assim como seus reposicionamentos no campo.

Ainda, observamos que a reestruturação do campo é constante, já que tal fluidez é o que mantém o campo – e o que o produz é o embate entre as agentes. Também a Barsa Livros, desde sua inauguração, não cessou de se reposicionar neste campo editorial, ainda que de forma lenta e em graus baixos. Tal reposicionamento foi determinado pelo campo a partir da acumulação das diversas formas de capital, conforme vimos acima, reposicionamento que constitui a manutenção e a evolução no campo, ou seja, o acúmulo destes capitais é o que permite a cada agente sua permanência no campo.

Esta livraria independente iniciou suas atividades 100% online, passando posteriormente a trabalhar com livros à pronta entrega, depois em contato direto com o público-alvo através de feiras criativas até conquistar seu espaço físico e fixo. Observe-se que nosso objeto de estudo ingressou no campo editorial como uma livraria independente bonsai de cunho altamente combativo e crítico ao campo, mas alterações através do tempo fizeram com que passasse a ser uma livraria independente bonsai mais estabilizada até chegar ao estado atual de livraria independente girafa dentro do campo.

Ainda, considerando o termo “independente”, vemos uma flutuação desta livraria em relação a ele, sendo que na maior parte do tempo, inclusive na atualidade, mostrou-se como uma independente partidária, mas por vezes atuou como intelectual, ao participar de entrevistas e formular o conceito de independente, assim como líder, ao concentrar em sua atividade e em seu espaço físico a coletividade de outras agentes independentes do campo, principalmente através de eventos literários.

Todos estes reposicionamentos foram propiciados pelo acúmulo constante de capitais diversos, assim como pela constante integração de habitus cultivada por essa livraria a partir dos novos contextos apresentados pelas novas posições ocupadas dentro do campo editorial.

Quanto às rugosidades – produto das dinâmicas verticais e horizontais que produzem o espaço geográfico (Santos, 2023) –, concluímos que todo o campo é permeado por este elemento, sendo inclusive o que o produz, pois as novas técnicas são produzidas numa velocidade tão acelerada que suas obsolescências são quase instantâneas, inclusive para os atores dominantes do campo.

Não somente isso, mas também através da análise das técnicas engendradas pela Barsa Livros, podemos ver a constante presença de horizontalidades através da utilização de técnicas oriundas da cultura digital e do “faça você mesmo”, inclusive em relação às intencionalidades políticas aplicadas a estas, mas também a presença de verticalidades no uso indireto de capital informacional e sua inserção como uma agente reprodutora das verticalidades em rede, ainda que haja a recusa deliberada destas verticalidades ao apontar benefícios comerciais e simbólicos que aproximam esta livraria do fazer independente do campo. Assim, pela não recepção das verticalidades de forma lisa e também pela produção de horizontalidades, temos que esta livraria, através do estudo das técnicas, mostra-se como elemento rugoso no espaço banal, o espaço de todas as agentes.

Em outras palavras a hipótese inicial de a Barsa Livros funcionar como elemento rugoso no espaço banal – espaço constituído por todos os atores, em suas mais diversas peculiaridades e constituições (Santos, 2022) –, foi provada ao observarmos que várias técnicas de que esta livraria dispõe estão permeadas em graus diversos por ambas as dinâmicas, sendo que em nenhuma delas se encontra influência total nem das verticalidades e nem das horizontalidades.

A partir desta conclusão nos surgiu uma nova hipótese, que consiste na possibilidade de as rugosidades se apresentarem não somente nos sistemas de técnicas, mas também nos sistemas de objetos, ambos sistemas compondo e caracterizando o espaço geográfico como espaço de indissociabilidade entre estes dois sistemas. E com esta nova hipótese surge a noção de que tal rugosidade será neste sistema de objetos materializada.

Já no terceiro capítulo compreendemos a noção de médium, que nos foi oportuna para inclusive adotar uma nova hipótese: de que a Barsa Livros é um médium que vetoriza sensibilidades ao mesmo tempo em que aponta para matrizes de sociabilidade. Tal hipótese foi provada através da percepção de que esta livraria, através de seu acervo à pronta entrega cumpre as três características da transmissão e conecta ideologias, pensamentos e formas de agir – ou seja, cultura – de forma materializada, através do espaço e do tempo e de forma política.

Também obtivemos o resultado de que o acervo da Barsa Livros é o principal ponto que materializa as rugosidades, complementando a teoria de Milton Santos, apontando para o fato de as rugosidades estarem presentes também nos sistemas de objetos e não somente nos sistemas de

técnicas, justamente pelo caráter de médium que o objeto livro possui e sua capacidade de apontar o acervo para organizações reticulares e sensibilidades homogêneas, assim como, concomitantemente para organizações horizontais cooperadas e para sensibilidades com valores diversos, incluindo, mas para muito além, o valor lucro. Notadamente este acervo media e conecta a Barsa Livros com culturas horizontais e em prol da diversidade e da bibliodiversidade, assim como do agir coletivo em direção a recusas de verticalidades.

Por fim, provamos a hipótese de que os sistemas de objetos também são permeados de rugosidades, contudo estes não a produzem, mas as vetorizam, pois são neles que as rugosidades de fato se materializam. Isto indicia a prova de que o espaço geográfico é de fato constituído pela indissociabilidade dos sistemas de técnicas e dos sistemas de objetos, e em ambos os casos estão em causa as rugosidades; o primeiro as produzindo e o segundo as materializando.

Referências

ABREU, Márcia. Duzentos Anos: os primeiros livros brasileiros. In: ABREU, Márcia BRAGANÇA, Aníbal. (orgs). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora Unesp, 2010, pp. 41-65

Aliança Internacional dos editores independentes. **Declaração internacional dos editores e editoras independentes 2014: Para manter viva e fortalecer juntos a bibliodiversidade**. Cidade do Cabo: Alliance Editeurs, 2014. Disponível em: https://www.alliance-editeurs.org/IMG/pdf/declaracao_internacional_de_editores_e_editoras_independentes_2014_port.pdf

ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa: A nova dinâmica de marketing e vendas: como lucrar com a fragmentação dos mercados**. Trad. Afonso Celso da Cunha. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006

BARBO, Sérgio. **Como escritores, editoras e Academia Brasileira de Letras apoiaram ditadura militar**. Pública, 24 junho 2025. Opinião. Disponível em: https://apublica.org/2025/06/ditadura-e-livros-como-escritores-editoras-e-abl-apoiaram-regime/?mc_cid=1ab79aa730&mc_eid=4f95e61217&utm_source=substack&utm_medium=email. Acesso em: 30 de junho de 2025.

BARBROOK, Richard; CAMERON, Andy. **A Ideologia Californiana: Uma crítica ao livre mercado nascido no Vale do Silício**. Trad. Marcelo Trasel. União da Vitória: Editora Monstro dos Mares; Porto Alegre: Baixa Cultura, 2018

BOMPARD, Jean-Baptiste. **Livreiros do novo mundo: De Briançon ao Rio de Janeiro** – Trad. Leila V. B. Gouvea. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da Usp, : Editora da Unesp, 2021

BOURDIEU, Pierre. Uma revolução conservadora na edição. Trad. Salgado e Muniz Jr. In **Política e Sociedade**, Florianópolis, vol. 17, n.39, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2017v17n39p198/37845>

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Trad. Fábio Creder. Petrópolis, Vozes: 2019

BURKE, Peter. 1. A Grande Tradição – In: BURKE. **O que é história cultural**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges – Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Câmara Brasileira do Livro, **Panorama do Consumo de Livros: Um estudo sobre o perfil e hábitos de compradores de livros no Brasil**. Dezembro, 2023, São Paulo, Câmara Brasileira do Livro. Disponível em: <https://cbl.org.br/2023/12/brasil-tem-25-milhoes-de-compradores-de-livros-69-deles-adquiriram-ate-5-obras-nos-ultimos-12-meses/>

CHARTIER, Roger. **Escutar os mortos com os olhos**. Estudos Avançados, São Paulo, v.24, n. 69, p. 7-30, 2010. Disponível em: <https://revistas.usp.br/eav/article/view/10510/12252>

COUTINHO, S. M.. **‘Um mercado complexo’: a comercialização de livros nas grandes redes de livrarias e nas pequenas iniciativas independentes**. In: 42o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019, Belém do Pará. Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação., 2019.

DARNTON, Robert. PARTE III – A palavra impressa. In: DARNTON. **O beijo de Lamourette – mídia, cultura e revolução**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, pp. 122-201. Disponível em: <https://pesquisahistoricaurca.files.wordpress.com/2013/10/robert-darnton-o-beijo-delamourette.pdf>

DEBRAY, Régis: **Curso de midiologia geral**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1993.

DEBRAY, Régis: Capítulo primeiro: O duplo corpo do *médium*. In: **Transmitir: O segredo e a força das ideias**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2000.

EAGLETON, Terry. 1.Versões de cultura. In: **A ideia de cultura** – Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora Unesp, 2011, pp. 9-50.

EARP, Fábio Sá; KORNIS. George. **A economia da cadeia produtiva do livro**. Rio de Janeiro: BNDES, 2005.

EVEN-ZOHAR, Itamar. **O “Sistema Literário”**. Trad. Luis Fernando Marozo; Yanna Karlla Cunha. Revista *Trasnlatio*. n. 5 (2013). Porto Alegre: Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/42900/27135>

FERREIRA, Ana Elisa Sobral Caetano da Silva; DAMACENO, Livia Beatriz; SALGADO, Luciana Salazar. Mi(e)diologia? Pensando o conceito de *médium* de Régis Debray e algumas

traduções para o português brasileiro. In: SILVA, Frida; TOPAN Juliana de Souza; MARTINS, Teresa Helena Buscato (orgs). **Educação, literatura e linguagem em diálogo**. São Paulo: Gênio Criador, 2021.

FRAGALLE, Bárbara Pauletto. **O Museu Pela Exposição: O Ethos Discursivo Do Museu De São Carlos E Uma Visita À Noção De Mídium A Partir Da Produção Da Exposição Laborar: Trabalho Em São Carlos**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras) – Centro De Educação E Ciências Humanas Departamento De Letras, Universidade Federal De São Carlos, São Carlos, 2020.

MUNIZ JR., José de Souza. **Girafas e bonsais: editores “independentes” na Argentina e no Brasil (1991-2015)**. 2016. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016

_____. Edição. In: **Tarefas da edição: pequena mediapédia** / Alexandre José Amaro e Castro... [et al.]; organizado por Ana Elisa Ribeiro, Cleber Araújo Cabral. - Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2020.

_____. Edição independente. In: **Tarefas da edição: pequena mediapédia** / Alexandre José Amaro e Castro... [et al.]; organizado por Ana Elisa Ribeiro, Cleber Araújo Cabral. - Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2020.

REIS, Linda G. **Produção de monografia da teoria à prática: o método educar pela pesquisa (MEP)/ Linda G. Reis** – 5. ed. - Brasília: Senac-DF, 2015.

SALGADO, Luciana Salazar. Um quadro teórico-metodológico para o estudo dos objetos editoriais: contribuições da geografia de Milton Santos. In: **Pesquisa e diálogo sobre o Brasil contemporâneo**. TONI, F.C; ÁVILA, D. CARVALHO G. [org] São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, v. 13 2020. p. 101-112

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2023.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2022.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional**. São

Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2013.

_____. O Papel das Rugosidades In: **Por Uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2004.

SCHETTINO, Thais Sena. **Um grupo em mudança: os livreiros e o saber profissional**. Revista Sociologia & Antropologia. v.03.06: 605–619. Rio de Janeiro: Novembro, 2013. Disponível em: http://www.sociologiaeantropologia.com.br/wp-content/uploads/2015/05/ano3v03n06_completa.pdf

SILVA, Leonardo Nóbrega da. **O mercado editorial e a Nova Direita brasileira**. In: Teoria e Cultura – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFJF, v. 12, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12430>

SILVA, Sergio Eduardo Sampaio. **O jeito de ser livreiro no Brasil: notas sobre o mercado de bens simbólicos**. Dissertação (Mestrado acadêmico em Ciências Sociais – Universidade Federal De São Paulo (Escola De Filosofia, Letras E Ciências Humanas), Guarulhos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/59259/SERGIO%20EDUARDO%20SAMPAIO%20SILVA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

THOMPSON, John B. **Mercadores de cultura: o mercado editorial no século XXI**. Trad. Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2013

THOMPSON, John B. **As guerras do livro: A revolução digital no mundo editorial**. Trad. Alzira Allegro. São Paulo: Editora Unesp, 2021